UMA ESPÉCIE DE ORIENTISTA

Luís Pereira

"No silêncio da floresta…
…encontrei o meu caminho"

À companheira de longas e duras pernadas.

PREFÁCIO

Sem querer parecer presunçoso, tomei a liberdade de decidir, dispensando qualquer consulta prévia, que as modestas crónicas de **Uma Espécie de Orientista** mereciam ser compiladas e precedidas de um breve comentário, em jeito de explicação ou justificação para a sua origem tão inesperada.

Se o pomposo título de prefácio é ou não adequado ao texto que encabeça a resenha "istórica", um tanto anacrónica, que se apresenta, francamente não é pormenor que me afecte a consciência. Achei que o devia escrever e pronto.

Estes textos surgiram na sequência da minha extrema envolvência no maravilhoso mundo da Orientação Pedestre – a mais fascinante modalidade da galáxia – e após dezasseis intensos meses de provas, onde foram ocorrendo inúmeros episódios, alguns dignos de figurar num anedotário temático (mera interpretação pessoal).

Por essa altura, Fernando Costa do Grupo Desportivo dos Quatro Caminhos, elemento impulsionador da dinâmica orientista, chamou-me a atenção para um sítio da internet – O Mundo da Corrida - onde o saudoso Sálvio Nora colocava uns textos inspiradores, relacionados com as suas vivências desportivas, abordando de modo especial a sua relação com a Orientação. Num desses momentos de leitura ávida das suas doutas palavras, senti como que um apelo divino e deu-se um clic!

Nunca me passou pela ideia, que algum dia fosse escrever sobre um assunto desta natureza. Mas bem lá no fundo, algo me impelia a contrariar essa suposição. Não poderia eu igualmente escrever qualquer coisa, por mais simples que fosse, relacionada com a modalidade que tanto me estava a encantar? No entanto, disporia eu de formação intelectual suficiente, para fazer entender a minha mensagem? Qual o estilo mais indicado para me relacionar com os potenciais destinatários?

Procedendo a uma auto-análise, reconheço que sempre tive a mania que sou engraçado, considero-me um tipo com razoável sentido de humor, alguma propensão para a

interpretação exagerada de anedotas e frequentemente era eleito para o papel de protagonista das "palhaçadas" em família.

O problema encontrava-se resolvido. Escreveria sim senhor, aproveitando da melhor maneira a faceta que me é mais peculiar – o humor. Quanto à qualidade da escrita, logo se veria. Apesar de não ser oriundo da área de Letras, sempre fui um aluno desenrascado a Português e só esperava que essa característica não se tivesse desvanecido com a idade.

E no dia 2 de Abril de 2007, aproveitando o Fórum do Mundo da Corrida, gerido de forma profissional por Eduardo Santos, redigi a "brincar" o primeiro texto da saga **Uma Espécie de Orientista**, a que se seguiram mais cento e oito peças até 23 de Dezembro de 2009, data da colocação do último post no tópico, que veio a registar mais de quinze mil visitas.

A aparente aceitação dos meus textos, apanhou-me completamente desprevenido, atingindo um patamar que jamais teria imaginado, facto que considero gratificante e determinante na evolução da "istória", ao constatar que alguém lia e, sobretudo, se identificava com as "realidades" que eu descrevia. Neste aspecto, Orlando Duarte, com quem travei conhecimento algures numa prova em Sintra, tem por direito próprio, uma menção muito particular.

Entretanto, simultaneamente as crónicas iam sendo transcritas no Fórum Pista 8 da Runporto (actualmente encerrado) e, com especial relevância, na Atletismo Magazine Modalidades Amadoras, que desde o princípio as tratou com um destaque e dignidade, que porventura não mereceriam. O meu sentido reconhecimento a Carlos Viana.

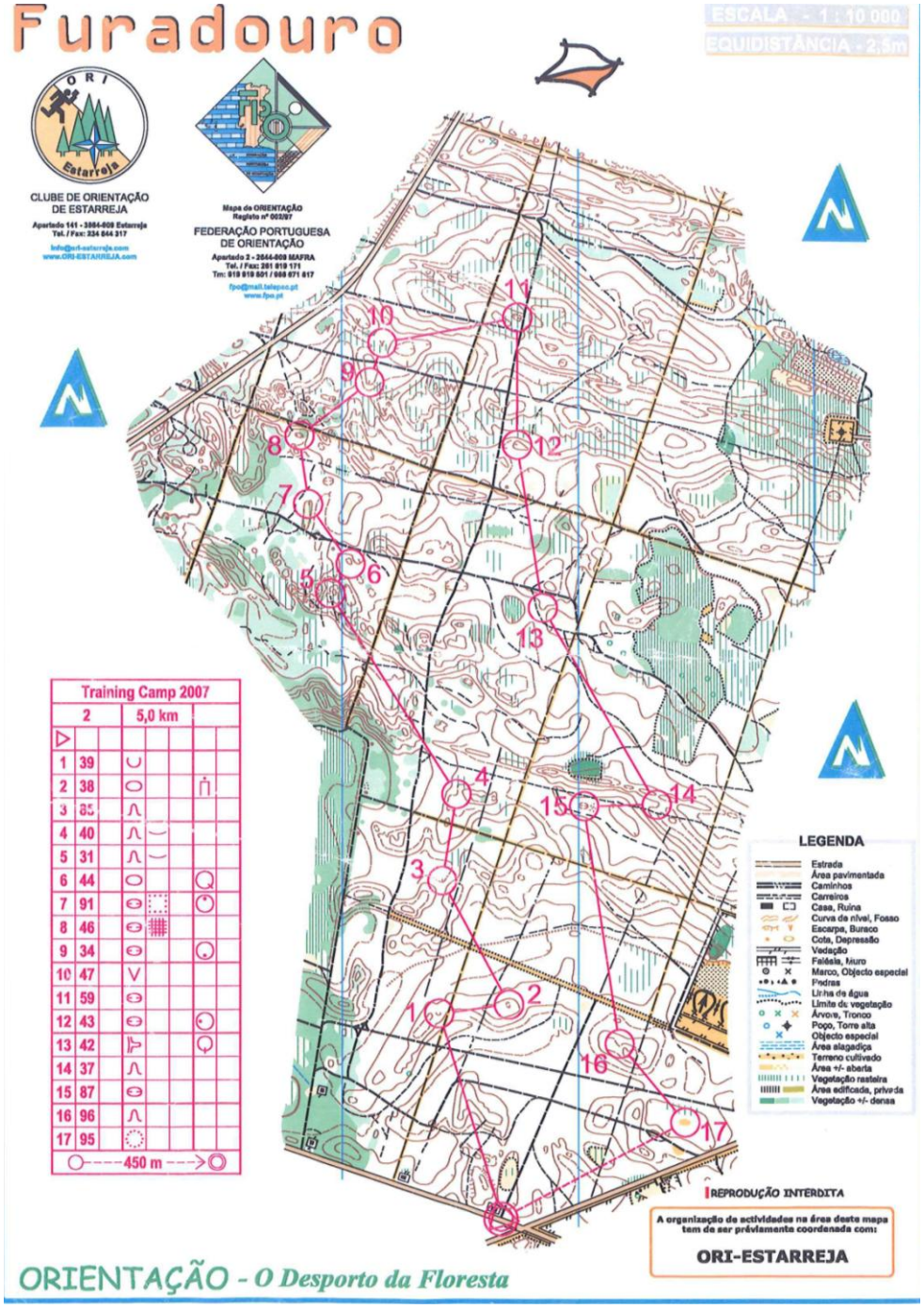
Pontualmente, um ou outro texto aparece no blogue Orientovar, que se transformou num concorrido e actualizado boletim informativo de Orientação, da autoria do meu querido amigo Joaquim Margarido, que teve a cortesia de os ir popularizando e que tanto me incentivou a continuar nesta "loucura". Também algumas revistas da especialidade foram utilizando a seu bel-prazer os relatos das minhas desventuras, numa publicidade gratuita e motivadora, que eu agradeço.

Com o decorrer do tempo, eu próprio fui tendo mais cuidado com o que escrevia e como escrevia. Já não seriam tolerados erros gramaticais básicos e muito menos quaisquer lapsos ortográficos. E quanto aos temas abordados, houve necessidade de os tratar com o máximo de sensatez. Princípios a que ainda hoje tento obedecer, só que tenho a plena consciência de que o resultado continua longe do ambicionado e minimamente exigível. No entanto, como quem dá o que tem a mais não é obrigado…

No fundo, tudo teve o seu início, quando ao terminar o primeiro texto, me assaltou a dúvida, se teria capacidade de dar continuidade à tarefa que me propusera, dado que não existia qualquer objectivo pessoal no horizonte. Como no momento não encontrei resposta às minhas interrogações, resolvi deixar a porta entreaberta, na eventualidade de continuar a sentir vontade de partilhar as peripécias do "espécie", utilizando uma frase de despedida, que pressupunha e prometia, um rápido regresso e que se transformou na verdadeira chancela do "espécie de orientista" – ***Eu vou aparecendo.***

I

EVOLUÇÃO DA “ESPÉCIE”



Furadouro – onde o orientista se diverte

1. O porquê de “espécie”

Vou começar por explicar o porquê desta “espécie” de orientista. Claro que não me passou pela cabeça ser original (como devem estar a pensar). Tem tudo a ver com a outra “espécie”, um pouco mais felina, que nos entra pela casa dentro semanalmente. Mas o que acontece é que se aplica à minha forma de estar na orientação como uma luva.

Um orientista que descobriu a modalidade numa idade “cota”. Que como desportista praticou voleibol, onde nutria um “ódio de estimação” a todos os treinos que implicassem corrida (ai aqueles testes de Cooper). Que participa nas provas com o objectivo de chegar ao fim (sem mp é um êxtase), competindo apenas com o mapa e consigo mesmo, pouco preocupado com o que os outros façam e que até há pouco tempo ainda levava uma máquina fotográfica (não é para rir ok?), para tirar uns “bonecos” durante a prova, é decididamente o tipo de orientista que caiu de pára-quedas na modalidade (mas de pé e bem firme).

Mas é também uma espécie de orientista, que desde que “aterrou” na orientação, juntamente com a mulher, já lá vai ano e meio (tanto tempo assim?), participou em mais de três dezenas de provas. Que se federou como individual (para ser mais à séria), no início desta época. Que conseguiu perder meia dúzia de quilos numa época (que saudades das minhas seis arrobas). Que começou a fazer treinos de marcha e corrida três vezes por semana (faça chuva ou sol, mas é uma canseira uff…). Que tenta conciliar, a todo o custo, as suas responsabilidades profissionais e familiares, de forma a poder estar presente no maior número de provas possível, correndo o país de lés a lés, perseguindo aqueles “prismas laranjas e brancos” e ainda por cima aguentar com todos os encargos que isso implica (mas é melhor aqui que na farmácia não é?).

Somos um casal, que não tendo qualquer passado em termos de corrida ou orientação (na tropa houve umas coisas, mas foi há taaanto tempo…), estamos completamente “vidrados “ nesta modalidade, desconhecida do grande público, e que eu vou tentar, com os meus relatos, crónicas (isto está a ficar muito pomposo), ou se calhar “ um diário de uma espécie de orientista” (parece-me melhor), fazer passar uma imagem daquilo que a orientação tem sido para nós.

Costumo dizer que a orientação é onde um homem quiser, seja uma mata, uma serra, um montado, um parque ou uma cidade (os puristas excomungam-me), só é necessário um mapa e meia dúzia dos tais pontinhos laranjas. O resto são umas horas de total descompressão, que nos faz esquecer por completo os problemas do quotidiano (uma "espécie" de mistura de Xanax com Prozac, mas para muito melhor).

Eu vou aparecendo

Vista apelativa que se desfruta da esplanada onde se decidiu o futuro do "espécie"

2. Coincidências

Numa manhã de domingo outonal, por sinal bastante solarenga, estava com a minha mulher a desfrutar duma esplanada, viradinha ao mar, com o ritual de "cimbalino" já concluído, a fazer a leitura obrigatória do "nosso" JN, quando ela me chama a atenção para um artigo da revista.

Pois é, adivinharam. A prosa era nem mais nem menos, que a apologia à modalidade, que se propõe colocar a malta dos sete aos setenta e sete (até me fez lembrar o Tintin) a competir em pé de igualdade. O verdadeiro desporto de famílias. A única que consegue congregar avós, filhos e netos, todos na mesma competição. E ainda com a mais-valia de se desenvolver ao ar livre, com todos os benefícios que daí podem advir. Uma modalidade que se pode praticar em grupo, com diferentes graus de dificuldade, se quer fazer competição séria pode fazer, se prefere dar uma bela duma caminhada, tem também essa possibilidade.

Uau!!! Era mesmo duma coisa destas que estávamos à procura. É que eu e a minha mulher andávamos a necessitar de fazer qualquer coisa em termos físicos, e isto caiu-nos assim de repente como "mosca no mel". Mas era preciso mais um empurrãozinho para nos decidirmos. No momento ficamos entusiasmados com a ideia, mas iniciada mais uma semana de labuta, o stress diário fez-nos esquecer aqueles momentos mais eufóricos. Mas não houve um filósofo que disse "a vida é feita de uma sucessão de coincidências"? Se não disse devia ter dito.

Aconteceu algo que nos fez voltar ao artigo. Passados uns dias, estava eu a praticar a minha outra modalidade preferida, "zapping de sofá", quando me salta para a tv, um resumo de provas de orientação. E esta hem? Estavam à espera? Eu também não (coincidências!). Se bem me lembro, passava uma prova em Torres Vedras, organizada pelo Académico local. Foi o clic! Num ápice estava a remexer nos jornais antigos (ainda bem que desobedeço à minha mulher, e não os ponho logo fora), em busca da célebre revista, porque tinha ideia de ter lido um endereço de internet. Ora aí está **fpo.pt!!! Yesssss.**

Aqui acontece, uma nova coincidência. O site da Federação de Orientação (o fpo.pt é isso mesmo) naquela altura era uma página apelativa, colorida, bastante simples, onde quem entrasse pela primeira vez, encontrava sem esforço toda a informação (agora infelizmente isso não se passa, mas fica para outras "guerras").

Fiquei imediatamente a saber quais os clubes da minha zona, e vai daí há que fazer uma chamadinha. Azar (ou sorte?). Esse clube já não existia, mas quem me atendeu, por coincidência, era um antigo praticante, que logo deu uma dica "porque não liga à FPO?". É isso mesmo, vou directamente à fonte.

Apareceu-me ao telefone alguém antipático, cheia de azia (tipo funcionária de repartição)? Pois não senhor, pelo contrário, fui atendido por uma "menina" (?) simpatiquérrima, com vozinha de "Marta dos seguros" (outra coincidência), que me deu a informação mais importante e definitiva, o contacto de um dirigente dum clube da minha região: "o senhor vai ligar para o GD4Caminhos".

E esta foi, porventura, a maior e decisiva coincidência.

O culpado de todas as coincidências – Fernando Costa (Sabrosa 2006)

3. Contacto imediato

Não obstante ter decorrido algum tempo, não queria deixar de partilhar a experiência do meu primeiro contacto com a modalidade. Depois daquelas coincidências, que há tempos descrevi, faço então um telefonema para Fernando Costa (o dirigente do GD4C era ele). Aparece-me ao telefone uma pessoa, que não me conhecendo de lado nenhum, me tratou como um amigo de longa data. Claro que eu queria informações sobre orientação, portanto só poderia ser uma pessoa de bem. Foi uma conversa entre dois "amigos".

O Fernando deu-me uma primeira impressão altamente positiva, ao transmitir, naqueles cerca de 15 minutos, tudo o que eu necessitava para ser mais um (ou dois) a entrar para a "grande família". A sua maneira informal, simpática, o entusiasmo contagiante ao referir-se aos aspectos positivos da "sua" orientação (nada de negativo)," alegria que emanava das suas palavras, por poder recrutar mais dois para as "fileiras", foram determinantes para a minha decisão. O importante é que nós aparecêssemos numa prova! "A partir daí vocês vão ficar apanhados!". Era uma premonição? Fiquei com a sensação de que ele falava com convicção. O tempo veio provar que ele tinha razão.

Só faltava o contacto no terreno. O sentir o pulso a uma prova a sério. E a situação proporcionou-se logo de seguida. Foi mais uma coincidência. A prova que se seguia no calendário, era o Campeonato Nacional de Distância Ultra Longa, em Ílhavo, da responsabilidade do Ori Estarreja, que por casualidade (para não ser coincidência), ficava a poucos quilómetros de casa.

Não houve hesitações. Eu e a minha mulher no "célebre" 10 de Dezembro de 2005, por sinal um dia bem bonito (bom auspício?), arrancamos para uma jornada que foi e, continua a ser, uma das melhores opções da nossa vida (esquecendo a do "juntar dos trapinhos" hehe!).

Chegados ao local da prova (bastou seguir as setas laranjas), constatamos que devíamos ser dos últimos, dado que quase não tínhamos estacionamento, falha que nunca mais cometemos (se calhar a única). Parecia um daqueles encontros de empresa. Toda a malta se conhecia, reinava a boa disposição, ultimavam-se os preparativos para as partidas e ninguém se parecia incomodar com aquele "caos organizado". Confesso que

nos sentimos um tanto deslocados. Mas por pouco tempo. Esta malta da orientação não deixa que os "maçaricos" se marginalizem. Logo nos perguntaram se era a "primeira vez" (devíamos ter algum painel na testa). "Nah!!! Primeira? Primeiríssima!!! ". Umas boas risadas e logo nos sentimos em casa.

No instante imediato já estava a cumprimentar o Fernando (ainda não nos conhecíamos pessoalmente), que logo se disponibilizou para fazer a prova connosco, como monitor, mal acabasse o seu percurso. Teria sido uma honra, mas achei que seria uma "violência" para ele, visto a sua prova rondar os quinze quilómetros e ainda teria de levar como "sobremesa" com mais quatro, a aturar principiantes. Mas ficou a intenção.

Procedemos à inscrição no escalão aberto de Fácil Curto, tendo solicitado um orientador. Aqui não posso deixar de realçar a simpatia das "meninas/senhoras" do secretariado, que mais tarde vim a conhecer, as atletas do Estarreja, Cristina Estrela e Manuela Nogueira, que logo comentaram, que este terreno (suaves dunas) era o mais indicado para quem se queria iniciar e que nos iriam arranjar um "professor" bem qualificado (promessa cumprida).

Na zona das partidas, juntaram-se a nós mais dois elementos, uma senhora de Águeda (com a minha antiguidade) e um "moço" de nove anos que por acaso se chamava Moço, o Ricardo (encontramo-lo mais tarde na Tocha). Estes dois tinham bússola (?). "Eu bem te disse que faltava alguma coisa", segreda a minha mulher, quase envergonhada com o esquecimento. Era o início da espécie de orientista.

Em cima da hora, eis que chega o nosso "profe", Altino Silva de seu nome figura bem conhecida no meio. Elemento do clube organizador e dos atletas mais antigos na modalidade. Foi mais uma feliz coincidência. Fizemos o percurso nas calmas (o Moço bem queria correr, mas para onde? calma…). O Altino fazendo uso da sua experiência, foi chamando a atenção, para os pormenores do terreno, vegetação, relevo, caminhos, deu umas dicas com a bússola sobre azimutes (na altura grande palavrão).

Reconheço agora, que naquele momento, nos foi transmitido o abc da orientação. O essencial para um primeiro contacto. Não estávamos à espera de tanto. Tenho de louvar a sua paciência, ao responder às questões disparatadas que fomos colocando (até coro só de me lembrar). E sempre com um sorriso. Num ápice (1.26.46) estávamos no finish. O passeio tinha sido tão agradável que nem demos pelo passar do tempo (mas estava com uma "fomeca", eram quase quinze horas c´os diabos!). O chá quente foi recebido com vivas!

Altino Silva é considerado por mim e pela minha mulher, como o nosso padrinho na modalidade, facto que já tivemos oportunidade de lhe transmitir. Foi o elo que faltava para o nosso contacto imediato. Fernando Costa tinha sido o "definitivo contacto ".

A partir daqui é "istória"!

Com o “profe” Altino, o nosso padrinho na Orientação – Estarreja (Jan.06)

O primeiro pódio do casal aconteceu também em Estarreja

4. Degrau a degrau (1)

A primeira experiência tinha sido tão agradável (na orientação ok?), que eu só esperava (com ataques de ansiedade) pelo dia em que a poderia repetir.

“Da próxima vez não vamos pedir monitor.” – Decretou a minha mulher. E quando elas mandam…

Seguia-se uma prova em Melres, que nós só demos conta que seria urbana, no local. Coisas de espécie de orientista. Mas não fez qualquer diferença. O plano estava traçado, Fácil Curto e vamos os dois como par. Naquele momento, sentíamos necessidade em irmos juntos, para nos apoiarmos mutuamente na “desgraça”. E já tínhamos bússolas! Acabaram por não ser necessárias neste percurso rústico-urbano (oh desilusão!). A coisa nem correu mal e deu-nos cá um moral!

De tal forma que resolvemos, na prova seguinte, participar no Fácil Longo. Asneira!!! Estes percursos em Casal dos Bernardos, não eram bem em terreno propício a principiantes (leia-se totós). Levamos uma tareia de tal ordem, que o nosso moral desceu no “barómetro” (não confundir com o das sondagens) para níveis quase negativos. Só mesmo o terminarmos sem “mp” compensou.

Ora bem, “quem não tem cão caça com gato”. Se ainda não tínhamos pedalada para Fácil Longo, voltamos ao Fácil Curto! Um pouco frustrante, mas enfim... E rumamos para Estarreja. Momentos de glória! Depois de duas etapas, uma na mata de Canelas e outra pelas artérias da cidade, conseguimos um “estrondoso” segundo lugar (e participaram mais de dois). Ficamos nas nuvens.

E fiquem a saber que fomos presenteados com dois troféus: uma regueifa doce e um guardanapo. Isto foi verdade (não é ficção), mas para nós teve um tal significado, que os guardamos religiosamente. Diz-me a minha mulher que só guardou o “paninho”, visto que a regueifa “marchou” na hora. Juro que nem me lembrava, hehe!

Nessa altura foi necessário convocar uma reunião de família (eu e ela), para discutir o passo seguinte. Depois de longas horas de desgastante debate (o tempo que levou a

“deitar abaixo” uns bons nacos de leitão), ficou decidido passar para Fácil Longo e não voltar atrás “aconteça o que acontecer”.

Com o propósito de irmos evoluindo em termos técnicos, participamos em mais de uma dúzia de provas em Fácil Longo e sempre como um verdadeiro “casal” (coisas de românticos). A intenção era a de nos ajudarmos (ou não) mutuamente, sempre que tivéssemos de tomar opções (um dizia norte, o outro sul). Simultaneamente houve um aprimorar físico (a fome que passei!) e o processo de envolvimento na “grande família” ia-se desenvolvendo.

A estreia dos fatinhos fashion em Penela

5. Degrau a degrau (2)

Neste nosso périplo pelo país, tivemos oportunidade de marcar presença numa das etapas do POM 2006, no Pego, que mau grado a intempérie, nos facultou o primeiro contacto com atletas de outras latitudes. Não conseguimos aprender nada (ainda era muita areia), mas foi fixe "conhecer" o Gueorgiou (que é como quem diz vê-lo passar duas ou três vezes, hehe!), um dos melhores orientistas a nível mundial.

Entretanto, ainda conseguimos marcar presença no pódio, em mais quatro ocasiões, que se não acrescentou nada em termos técnicos, deu para levantar os níveis de confiança e aumentar a motivação pela modalidade (se é que ainda podia subir). E o bem que fazia ao ego? Neste momento, estes prémios não teriam sido possíveis, dado que os OPT`s não têm direito a nada (uma medida míope).

De vez em quando, ao fazer o ponto de situação, vinha "à baila" o tema da "separação". Quando nos iniciamos a competir sozinhos? "Ai que medo!" "Sozinhos para quê?" "Isto assim é que está bem!" Mas sabíamos que não era verdade. A decisão teria de ser tomada.

A época aproximava-se do seu término, e o doloroso momento da definitiva decisão estava latente. Seguimos para férias um pouco mais cedo e, estando no Algarve, tivemos o nosso minuto de coragem (o vento suão deu uma ajudinha). Vamos a Sto. André (aprox.250 km, a loucura continua) à prova do COALA! Ok! Fácil Longo mas…separados.

Decisão assim tão célere (cerca de sete meses), só rivaliza mesmo com as dos nossos tribunais (hehe). Saibam os meus amigos que fomos novamente ao pódio (primeiro e terceiro)! E separados, é obra! Porventura seria o nosso último momento de sucesso! (mas não foi).

Era inevitável. Mas este novo degrau despoletou um outro dilema. Que vamos fazer para a próxima época? Continuamos nos escalões abertos, federamo-nos como individuais ou arranjamos um clube? Como não tinha conhecimento que existissem clubes para "espécie de orientistas", esta questão estava resolvida. Mas não era verdade.

Tivemos um honroso convite do GD4C, que declinámos, apenas porque não tínhamos nada (qualidade?) para dar ao clube (mais tarde quem sabe). Para mim tivemos receio de "fazer feio". No entanto, este episódio veio acelerar a nossa decisão.

Resolvemos federar-nos como individuais, por uma questão de liberdade e autonomia (razões bem fortes não é?) e abrimos assim a porta à participação nos escalões de competição (degrau bem alto, dava vertigens).

Com o início da época 2006/2007, influenciado pelo período de defeso (digo eu), a nossa coragem voltou a falhar (também nunca foi muita), e arrancamos nos escalões abertos, se bem que eu num "arrojado" acesso de adrenalina, decidi competir em OPT3 (mal sabia o que me esperava), continuando a minha mulher em OPT2. Não sendo o passo final, foi mais um saltinho.

Aqui justifica-se um parêntese. Época nova, equipamento novo. Abrimos os cordões à bolsa e vestimo-nos a rigor dos pés á cabeça. Uns fatinhos bem giros e sapatos a condizer, bem janotas, e tudo isto da "estranja". Até as bússolas eram o "último grito". Bateu-nos um complexo de orientista, mas não deixamos de ser uma espécie.

O combinado, era participar em algumas provas em OPT, e depois seguir-se-ia nova fase na "fulgurante carreira" deste espécie de orientista. Mas houve "traição". A minha mulher, à revelia, decidiu passar a competir no seu escalão de competição, logo ao fim de três provas (deve ter tomado alguma medicação especial), o que despoletou um acto de revolta da minha parte. "Se ela pode, eu, que sou o lídimo representante do sexo forte, não posso dar parte de fraco!" (macho é assim).

Então, na prova de Penela, do seu castelo altaneiro, assistiu-se ao aparecimento (ao vivo e a cores), em escalões de competição, do verdadeiro espécie de orientista. O que elas nos obrigam a fazer! Já não era sem tempo.

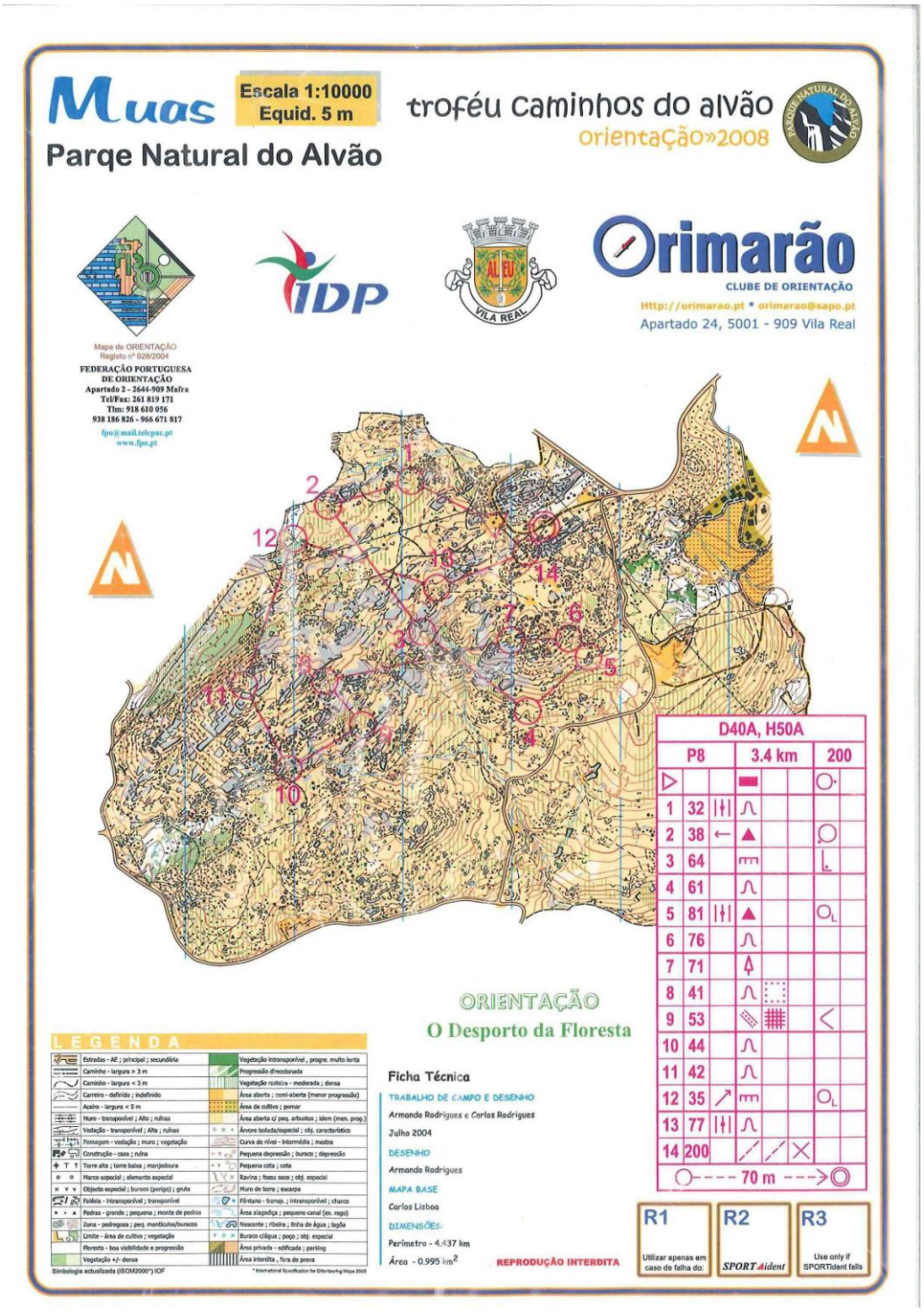
Fiquei no limiar do derradeiro degrau, a "promoção" a orientista.

Sto. André – primeira prova a solo, olhem a felicidade dele

Arez (NAOM`07) foi palco de um encontro improvável – o campeão Fernando Mamede, o pai da Orientação Nacional, o sueco Peo Bengtsson e o "espécie", como emplastro

II

A BELA “ISTÓRIA”



Muas – o mapa dos meus pesadelos

6. Pavia em dois dias (1)

Não rima, mas é verdade. E se para Roma e Pavia não chegou um dia, imaginem os trabalhos que tive para "fazer" Pavia em dois.

Claro que me estou a referir aos Campeonatos Nacionais de Orientação, na vertente de Sprint e Distância Média, que decorreram no último fim-de-semana, nessa bela região alentejana.

Aproveitando para "queimar" mais um dia de férias (eles agora são tantos!!!), saí na sexta feira, para poder desfrutar um pouco desta viagem e poder juntar o agradável ao agradável (não, não é engano). Para mim, disputar uma prova de orientação, dá-me tanto gozo, quanto uma deliciosa sopa de tomate, forrada com umas migas, um belo dum borrego assado, regado com um qualquer tinto do "esporão" e a encerrar um sericaia (ou sericá?, mas tem de ser com ameixa).

Pois é, já entenderam, isto da orientação é só um motivo para se fazer trezentos e tal quilómetros, para ir colocar os "joelhinhos debaixo da mesa". Estou a brincar. A orientação é que justifica estas "tournés" (ou é o contrário?). Ok! Estou a ficar baralhado (será que estou de ressaca?).

Foram dois dias ao mais alto nível! Esta espécie de orientista, em compita com a fina flor da modalidade (faz bem ao ego)! Não esqueçam que faço parte dos escalões dos mais antigos (eles teimam em apelidar-nos de veteranos). Mas cuidado, isto é gente que, apesar da idade, anda a ritmos diabólicos (por vezes tenho de me desviar para não ser "atropelado").

Na manhã de sábado, por sinal, bem quentinha, a organização presenteou-nos com um sprint urbano em pleno centro de Pavia. Esta pacata localidade coloriu-se com as cerca de oito centenas de concorrentes, vindos de norte a sul do país, que durante três horas calcorrearam as suas vias estreitas (alguns em nítido excesso de velocidade), procurando os já célebres prismas laranjas. Ah! E tudo isto em contra relógio! Um autêntico rodopio vertiginoso, que para os mais desatentos, dava a sensação de toda a gente andar

desorientada. “Eles andam uns para cada lado, ninguém se entende”. Puro engano. Todos terminam no mesmo ponto. Isto é um milagre!

Agora vejam aqui o rapaz a partir na força do calor (12,29), para percorrer uns desgastantes mil e oitocentos metros (hehe). E foi esse calor (26º) que me deve ter atrofiado, para logo no primeiro percurso, fazer asneira (não é que a vedação parecia um muro?).

Surpresa!!! Quando dei por mim, estava todo suadinho, a correr como um desalmado, e que ninguém me pedisse para parar (nem a BT). A coisa é para ser levada a sério, isto é um campeonato nacional, não podia fazer feio. Mas fiz (ohhhhhhh). Pudera, depressa e bem….

Mas do mal, o menos, acabei a prova, dei conta dos pontinhos todos, e ainda consegui arranjar uns quantos para ficarem com um tempo pior que o meu (isto é um “must”). Mas deu-me cá uma “secura”! E à tarde ia haver nova dose, mas em pleno montado alentejano. Que os santinhos me ajudem. Ai deles!

7. Pavia em dois dias (2)

Depois da prova "supersónica" que tinha feito de manhã, o prémio para o descanso do guerreiro, não poderia ser melhor que a verdadeira "sesta alentejana". Mas nem sempre o que merecemos acabamos por ter (é uma injustiça). Há que seguir para o local da próxima prova, que dista de Pavia, uns cinco quilómetros.

Aí, tive direito a uma sopinha (bem boa por sinal), acompanhada de "sandocha" de carne (um pitéu neste monte), regado com água (nós os profissionais somos assim). O que me fez falta foi o meu querido "cimbalino", é que nem a "bica" estava disponível. A parte logística nem sempre é fácil neste Alentejo profundo.

Bom….agora era a hora da sesta. Aqueles sobreiros davam cá uma sombra…! zzzzz…

De repente, alguém me abana: "Arranja-te, que temos de fazer o mapa de aquecimento". Parecia a voz da minha mulher. Uops!!! Isto não é sonho, aquecimento??? Com quase trinta graus? Quem inventou esta? Mas a vida duma espécie de orientista tem altos e...baixos (carradas). Se me queria identificar com o terreno, convinha dar uma volta pelo mapa que nos foi facultado. O local era a "paredes-meias" com a área da prova, portanto com características similares.

Gostei do que vi. Terreno quase plano, com um verde "prado" uniforme, com zonas um pouco pantanosas, salpicado de sobreiros (e de alguns "sólidos" de origem bovina), pouca vegetação rasteira e uma pedrita aqui e ali. Uma delícia para os nossos sprinters. A dura realidade veio depois.

17,30. Hora de partida para a minha segunda manga de sprint (uns míseros mil e setecentos metros). O que se passou nos cerca de 24 minutos seguintes, foi a constatação de que fui enganado! Então não querem lá ver que o belo do terreno se transformou por completo? Os prados e os sobreiros foram aparecendo, mas a organização reservou-nos uma surpresa.

"Semearam" (enquanto eu fazia a sesta…só pode) umas milharadas de pedras, pedrinhas, rochas, penedos e restantes familiares, e tudo isto para facilitar a vida aos

concorrentes!!! E não contentes, ainda nos arranjaram uma “agradável” vegetação quase intransponível, também para facilitar (ah malvado Tiago Aires!). Disseram os entendidos que foi para a rapaziada não se pôr para ali a correr a torto e a direito. Ai sim? Então que raio de percurso fez o Rui Antunes para gastar cerca de 12 minutos?

Cheguei completamente derreado. Mas ainda tive que fazer um esforço suplementar (para não ser castigado). Fui dar moral à minha mulher, que entretanto passava no ponto dos espectadores, que acabou por terminar ainda mais desgastada do que eu. Coitadita!

Quero dizer-vos que esta prova foi simplesmente espectacular! Adorei! O percurso foi técnico, com alguma exigência, mas isto é para os verdadeiros orientistas e não para totós (espécie de…), afinal sempre era um campeonato nacional. Parabéns ao CPOC.

Amanhã há mais e no mesmo local.

A merecida sesta alentejana no intervalo dos sprints de Pavia

8. Pavia em dois dias (3)

Quando nos deitámos, tanto eu como a minha mulher, sentíamo-nos satisfeitos, com aquela sensação do dever cumprido, porque apesar de não termos feito grandes "performances" desportivas, as provas tinham corrido dentro do esperado. E assim, cansados (um cansaço "bom"), mas felizes, atirámo-nos para os braços de "Morfeu".

Ring…ring…ring…7,00. Já?

Que remédio. Hoje também estava disponível um mapa de aquecimento e as provas iniciavam-se às 9,30. Claro que, com o orvalho da noite a temperatura estava baixa. Ia saber bem aquele passeio de desentorpecimento, quanto mais não fosse para "ligar os motores". De resto, o terreno era o mesmo, só que a uma escala diferente (de 4000 para 7500).

A azáfama era enorme, estacionar, equipar, aquecer, rever resultados do dia anterior, confirmar partidas, comer uma "bucha", comentários de circunstância, o convívio normal de pessoas que se sentem como uma única família.

Hoje ia ter pela frente um percurso de mais de quatro quilómetros. A distância não me preocupava (já levei com muito mais), mas tinha algum receio que o meu físico ficasse preguiçoso (dormi pouquinho) e como tecnicamente a coisa ia ser idêntica a sábado, tinha de ter alguma concentração. Ideias tinha eu.

O planeamento ruiu quase logo de imediato. Na primeira pernada, que até era de progressão fácil, resolvi fazer um azimute e fui ter ao monte de pedras ao lado, que é como quem diz, uns 30 metros. Só que pareceram quilómetros (vendo o tempo que demorei a dar com o ponto).

Mas a "culpa" foi da bússola, que me foi emprestada pelo José Moutinho, devia estar sabotada! São as "tonices" do verdadeiro "espécie de orientista". Um percalço destes faria cair por terra, o moral mais elevado. Mas este "espécime" verga nas não cai (onde já ouvi isto?).

Efectuei doze pontos de seguida, sem cometer grandes erros. E esta era a parte mais técnica. Mas no melhor pano cai a nódoa. O meu cavalheirismo (coisas do século passado) traiu-me. Ao sair do ponto 13 tive de socorrer uma senhora, que estava na lua (palavras dela). Fiz a minha boa acção e ala que se faz tarde, que agora eram meia dúzia de pernadas para correr, o que não é o meu forte. Que voltas dei ao mapa, que a vedação que eu ia passar, desapareceu-me da vista e de repente estava novamente no ponto 13? Sei que perceberam. Asneira e da grossa!

Os últimos pontos foram de sacrifício. Tinha de correr, mas o corpo não ajudava nadinha (a tentativa de recuperar as asneiras esgotou-me o depósito). E eu a vê-los passar! A raiva que me dá ver esta gente a correr daquela maneira. Mas já descobri a causa. São orientistas do novo milénio, que já vêm com GPS incorporado.

A certa altura passam por mim, dois "bólides", que com a deslocação de ar até temi apanhar uma pneumonia. Afastei-me e fiquei admirar o Mário Duarte e o José Fernandes numa disputa, que decididamente não é a minha (são do meu escalão, mas parecem juvenis). O Mário levou a melhor.

Lá consegui fazer menos de uma hora, que comparado com os 25 minutos do vencedor, parecem uma eternidade. Mas a minha competição estava ganha. Concluí mais uma prova sem fazer "mp" e tinha a sensação de que podia ter corrido muito pior. A coisa esteve "preta".

Entretanto começa a minha (longa) espera pelo final da prova da minha mulher. Saiu cerca de uma hora e um quarto depois de mim, mas atendendo que tinha pela frente 3700 metros, eram bem horas de chegar. Se eu cometi erros, ela abusou. De repente dei por mim, quase sozinho, junto à meta, com mais dois companheiros de infortúnio. "As nossas mulheres perderam-se ou estão a pôr a conversa em dia?"

Quando estavam para sair as "equipas de salvamento", ei-las que chegam frescas como alfaces. "Ainda anda pessoal lá dentro!" E aqui os desgraçados dos maridos a temerem o pior. Homem sofre!

A viagem de regresso é feita debaixo de um clima nostálgico, tipo fim de festa. Mas animem-se as hostes, no próximo fim-de-semana há uma "brincadeira" (para matar o vício) do GD4C no Palácio Cristal, no Porto e logo de seguida, **"Canha aí vamos nós!"**

9. Surpresa no Palácio Cristal

Se bem se lembram, estava prevista uma “brincadeira”, no dia 21, nos jardins do Palácio, responsabilidade do GD4C.

Era a prova ideal, para um treininho, num ambiente bucólico (os parzinhos que o digam), de “pessarinhos” chilreantes, de “florinhas” de todos os tons, jardins, fontes, lagos, paisagens ribeirinhas (panorama soberbo), locais bem frondosos, a convidar mais ao remanso do que ao exercício físico.

Brincadeira? Quem disse isso? Ok! Mas só no parque infantil!

Mal pus o pé na arena, notei imediatamente que tudo estava montado, como de uma prova oficial se tratasse. Pensei cá com os meus botões: “os Quatro Caminhos não brincam em serviço”.

A malta das escolas começou a chegar, gerando um ambiente de “recreio” que até me fez recuar uns trinta anos (que saudade, devo estar a ficar velho). Rapidamente se concentraram umas centenas (seis?) de concorrentes, misturando-se em sã confraternização, os escolares, as famílias (o grande ponto de referência desta modalidade) e alguns craques (Maria Sá, Joaquim Sousa, Paula Nóbrega, José Fernandes...). O cenário perfeito para mais uma jornada de divulgação.

Com cinco minutos de atraso (o que ia provocando um ataque ao Fernando Costa), iniciou-se a partida dos atletas, calhando-me a mim ser um dos primeiros a “desbravar” terreno. Bom, levei logo com uma pernada bem longa, para ir abatendo aos 2300 metros e 24 pontos. Foi uma sequência de escadas, rampas, caminhos, muros, paredes, sebes, patamares, lagos, canteiros, portões, uma diversidade de pormenores, de nos deixar a cabeça (e os olhos) em água.

Apesar da escala ser de 2000, o que facilitava um pouco, era necessário uma concentração acrescida, para se conseguir acertar nas melhores opções. Um autêntico labirinto! Então aquele ponto 13 (azar!), parecia que nem estava lá, que o diga o Cramez (meu companheiro de desdita).

No final estava todo “torcido” e completamente estupefacto (é o termo). Gostei tanto (!), que de seguida fui acompanhar as minhas filhas num OPT1, para apadrinhar o seu baptismo nestas andanças. E não é que elas adoraram! (se fossem desmancha prazeres, iam para casa a pé).

A grande e agradável surpresa estava à vista. Os percursos foram traçados com tal cuidado, que a “brincadeira” deu lugar a uma das melhores provas de sprint dos últimos tempos (dito por quem sabe). “Percurso digno de um campeonato nacional!” (citando Joaquim Sousa). A dificuldade técnica foi uma constante, que conjugada com o sobe e desce, tipo “rompe pernas”, proporcionou uma espectacular prova de orientação.

Como foi possível elaborar um mapa desta qualidade no “meu” Palácio?

Para prova de baptismo, as filhotas saíram da casca

10. Semana alucinante

Não, não é o título de um qualquer "thriller" de produção americana de terceiro escalão e também não é verdade que a semana tenha sido alucinante. Gostei do título e pronto! Mas digam lá que não vos agucei a curiosidade? Touché!

Na realidade, é que ando a ficar "enjoado" (nem tomando sais de frutos) com os meus treinos. Treinar duas a três vezes por semana, depois de um dia de labuta, faça chuva ou sol e ainda por cima sozinho, não é motivador e dá cá uma "preguicite"…(do tipo não te rales)

E tudo isto porquê? Estava eu a dar uma mirada no calendário de provas, quando constato que na semana de 23 a 28, iam decorrer, na minha zona, algumas provas abertas, que têm acontecido pouco na região norte, o que é uma pena. Plim! Num piscar de olhos saltou-me uma ideia luminosa (qual primeiro ministro). Ora aqui está a terapia ideal! A oportunidade de substituir aqueles treinos monótonos, por uns bem mais práticos. Pelo menos não iria ter problemas gástricos.

O plano resumia-se a duas etapas. Fazer uma viagem rápida no 25 de Abril, a Guimarães, onde o .COM organizava um sprint no Parque Municipal. E no sábado participar no II Open Vale do Sousa em Cabroelo (nem sabia bem onde ficava), da parte de manhã, indo descontrair á tarde ao Furadouro, no treino do Ori Estarreja. O projecto era exequível, mas não tinha nada de alucinante, apenas meio louco.

O Open da Liberdade, assim se denominava a prova do Minho, dava para um treininho, apenas com o inconveniente de começar de "madrugada" (9,30). Para quem tinha de rolar uns 70 km, num feriado (ideal para o sossego), era dose, mas quem corre por gosto… (e como não tinha de estar presente nas comemorações).

O dia estava um pouco carregado, com uma chuva miudinha, mas nada que afugentasse orientista. E dai terem comparecido mais de uma centena à chamada. Uma prova de divulgação, com inscrição gratuita, com uso de SIcard e acesso a "splits", não se encontra todos os dias (nem nas lojas dos chineses). Havia ainda a possibilidade de se fazer um rastreio á glicemia (como não gosto de "picas", passei).

Participei no OPT3, de não sei quantos metros (poucos), com 23 pontos. Um percurso bem delineado (senti a mão do Carlos Pires), atendendo a que o terreno não era muito técnico, mas meia dúzia de sebes, um curso de água e umas escarpazitas deram o mote para um treino bem agradável.

Por acaso até corri que me fartei (ando com a mania que gosto de sprints), os pontos estavam em "su sítio", mas o resultado final foi de acordo com o tempo, cinzento. Ao comparar os tempos com os da minha mulher, que só fez mais cinco minutos, fiquei convencido, que por distracção, devo ter feito o percurso "duas vezes", hehe!. Conseguem descortinar outra razão? Eu também não.

Dando continuidade ao que me tinha proposto, no sábado zarpei para Cabroelo, desta vez sozinho (a minha mulher não se pôde deslocar por afazeres profissionais), um pouco às cegas, mas a organização começou logo a pontuar, nas indicações que foi colocando na estrada.

Deparei com uma equipa de trabalho impecável, atendendo que a prova contava apenas para o Desporto Escolar, com condições logísticas excelentes, desde os balneários ao bar e estacionamento. Esperava que a qualidade continuasse, agora na vertente técnica. E as minhas expectativas não saíram goradas.

Terreno muito técnico, com bastantes pormenores, de alguma dificuldade física, mas para quem, como eu, está necessitado de treinos técnicos como de "pão para a boca", veio mesmo a calhar. O percurso tinha mais de quatro quilómetros, o que aliado ao terreno um pouco agreste, ia-me dar "água pela barba". Não me chegou à barba, mas aos tornozelos. Aquele ponto 16 parecia que se tinha "afogado". Felizmente sei nadar!

E o raio do ponto 7 que andou a brincar às escondidas comigo? Fez-me lembrar o outro "procuro mas não te encontro…". Mas estes contratempos não beliscaram em nada aquilo a que me propus. Só tenho de agradecer ao Cesário, Barbosa e Cª, realizaram uma prova a sério. E ainda tive direito a abastecimento super (a "marmita" que a minha mulher preparou com tanto "carinho" nem foi necessária).

Como sou um bom pagador de promessas, tive de me fazer ao caminho, se queria chegar a tempo ao Furadouro. Ainda deu para esperar que o Diogo Miguel colocasse alguns pontos em falta. E entretanto alguma malta ia aparecendo. Um grupo do COC (Leiria) deve ter vindo em peregrinação (às enguias da ria?). "Ainda há tipos mais apanhados do que eu". A orientação provoca estes "distúrbios" benignos.

Tinha de começar de imediato, para não ser vencido pela fadiga que começava a atacar. A manhã não tinha sido propriamente um passeio. Decidi iniciar os cinco quilómetros (outra sova) a passo, para ver se as sensações eram boas ou se, pelo contrário, iria atirar a "toalha ao tapete".

Este mapa era a antítese do da etapa matinal. O terreno era ideal para imprimir um ritmo certinho, que não é bem o meu forte (será que tenho um?). Mas a quase total ausência de relevo, piso arenoso, vegetação rasteira e pinhal e mais pinhal, empolgou-me e entrei nas minhas "sete quintas".

O treino decorreu sem grandes sobressaltos, com excepção do “eclipse” do ponto 12 (no local só restou um prego) e o aparecimento de um cão vadio, no meio da mata, com “dentes de poucos amigos”, que me fez saltar (sprintar!) do ponto 15 para o 17 (não fosse o diabo tecê-las). Acabei a arrastar os pés (com duas arreliantes bolhas). Mas quem me mandou meter nesta loucura? Volta e meia esqueço-me, que já não tenho vinte anos.

11. Canha do meu desencanto

Anda um homem a preparar-se, durante uma época, para estar ao seu melhor nível na altura do Campeonato Nacional Absoluto da sua "querida" modalidade, e quando chega à hora da verdade, pura e simplesmente declara "falência". Não fiquem admirados, o termo é mesmo este. Falha em toda a linha: técnica, física e anímica.

Toda esta tragédia foi "encenada" pelo Clube de Aventura e Orientação de Sintra e decorreu no passado fim-de-semana, em Canha, uma recôndita freguesia do Montijo.

A desilusão foi de tal ordem, que pensei meter baixa ao fim do primeiro dia (baixa psíquica está-se a ver). Fiquei quase "knockout". Então não querem lá ver que eu tinha 23 pontos para controlar, e esbarrei com mais de "50"? Isto foi uma deslealdade por parte da organização. E o mais engraçado é que encontrava sempre primeiro os dos "outros".

Bom, a falar verdade, é que nem me dei assim a grandes "pastorícias", mas um minuto aqui, dois acolá…cinco além, a multiplicar por, pelo menos, metade dos pontos, levei uma "remessa" de tal ordem, que fui atirado para pertinho do "carro vassoura". E eu que cheguei tão bem ao ponto da lagoa! Desde esse local (aquático), até ao ponto de água, foi um desenrolar de "patetices" e "atascanços", que nem necessitei de beber, com a "água" que já tinha metido.

Quanto mais tempo perdia, mais fatigado me sentia (se calhar nem estava). O lamaçal do ponto 15 parecia que tinha cola (os tipos da tv devem ter gozado á brava). Mas a psique é uma coisa dos diabos. Fazia um ponto bem, dois mal. Quando comecei a encarrilar, resolveram "esconder" o ponto 19 (o tal do buraco no cimo do fosso), e eu para "facilitar", resolvi descer à vedação e quando acertei com o fosso, olhei lá para cima, ia tendo um "fanico", que deu vontade de me sentar (estava nas lonas ou com "ouras", já nem sei). Foi um momento de verdadeiro "alpinismo" (autêntico João Garcia). Se posso complicar porque hei-de facilitar? Estive ao melhor nível da espécie de orientista.

Mas o meu desencanto tem, também, outros contornos. Reconheço, que não é uma tarefa fácil levar a "bom porto", uma prova desta envergadura. Faço a minha "vénia" a todos os clubes que metem ombros a estes trabalhos. Mas não ficaria bem com a minha consciência (bem boazinha por sinal) se não fizesse um pequeno reparo.

Até posso "fechar os olhos" ao "esquecimento" de insufláveis, do patrocinador das águas, nas partidas e chegadas (água já havia muita). O arrastar das partidas por mais de cinco horas, quando houve atletas a partir sozinhos (mais vale só?), posso considerar uma prerrogativa da organização. A não existência de "casinhas" para as nossas "urgências" (questão ecológica?), é compreensível. O atirar dos "veteranos" para o fim da prova, entendo que terá sido para os "proteger" da força do calor. O terem colocado o ponto 19 naquele local tãaao alto, posso igualmente desculpar (hehe). Agora, o que eu considero imperdoável é a falha "gastronómica". Não disponibilizarem um bar junto à arena, para o pessoal dar ao dente, poder beber umas "surbias" (ou bejecas como preferirem) ou simplesmente estar na "cavaqueira", é pecado que não tem penitência!

Imputo à organização a total responsabilidade pela minha ineficácia desportiva. A minha "fraqueza", por nítida falta de abastecimento, foi-se acentuando gradualmente (até tive miragens duns bolinhos de bacalhau!), que o resultado só poderia ser desastroso (o contrário teria de ser classificado no capítulo dos milagres). "Estava a ver que não encontrava um bode expiatório para a minha incompetência!". (sussurrem…)

Claro que compreendo a atitude da organização, ao "decidir" relegar-me para os escalões abertos, usando todos aqueles "subterfúgios". Afinal um campeonato nacional, não deve dar acesso a estas "espécies".

Sentia tamanha frustração (estava mesmo "cabeçudo"), que me recusava a participar no domingo. Então eu passei uma época, para tomar a angustiante decisão de "fugir" dos OPT´s e agora ia ter uma recaída? (nem há comprimidos para isto)

Mas a minha mulher, num acto de pura chantagem, olhou-me nos olhos (bem de frente brrrr….): "Vais participar na prova, ouviste? Senão…….". Nem consigo imaginar o que me estaria destinado (talvez me cortasse no caldo). Baixo a cabeça e "ok eu vou, contrariado mas vou!".

Como sou um rapaz de fortes decisões, assumi que esta seria uma prova para "castigar o corpinho". Os erros do dia anterior teriam de ser expiados. E se bem pensei, pior o fiz. Estou a brincar! O percurso correu bastante bem, só dei conta dos "meus" pontos, corri que me esfalfei, não poderia ter muito melhor prestação (o ponto da "natação" foi espectacular). Agora, não sou ingénuo. Este mapa era bem mais acessível que o do dia anterior. Portanto, se foi bom para mim, foi óptimo para a concorrência. E lá fui arremessado para o meio da tabela dos "perdedores". Pelo menos fiquei de consciência limpa e pronto para outra.

Chegadas do desencanto

Paisagem de encantar

12. “Tour à la mode de Matosinhôs”

Confesso que quando me apercebi da denominação desta prova, pensei cá com os meus botões “o que é isto de park tour?”. Depois fiquei a saber que íamos dar uma volta pelo concelho de Matosinhos. Ok! Compreendi, era francês (sou mais para o anglo-saxónico).

Quatro etapas em parque/urbano, no mesmo dia, era um plano arrojado, o que desde logo me fez criar alguma expectativa quanto ao resultado final desta ambiciosa viagem (ou seria voyage?). Pôr de pé toda aquela estrutura organizativa, terá sido um verdadeiro “trabalho de Hércules”, mas a “máquina” bem oleada do GD4C funcionou na perfeição.

Foi um dia de autêntico frenesim, que para mim teve um cariz de “tourné”, de tal modo pude espalhar por terras vareiras, o perfume inconfundível do espécie de orientista (atendendo ao que suei, bem…).

Estas provas que também contam para o Desporto Escolar, são uma confusão quase a roçar o caos, mas também dão uma alegria, um movimento, um ambiente de festa e transmitem uma energia, que para ser suportável basta uns pozinhos de paciência e um ou outro “tabefe”. Digo mais, prefiro uma prova de quatrocentos atletas com a algazarra dos miúdos, do que sentir aquela sensação de solidão, nas provas em que só aparecem umas dezenas de “craques” (agora é que vou ser banido).

As etapas desenrolaram-se a um ritmo vertiginoso, o que em termos pessoais me veio a ser favorável (o meu fetiche pelos sprints). Não eram necessários grandes conhecimentos técnicos, mas sim uma boa dose de concentração e “pernas para que te quero”.

Está bom de ver que para não passar vergonhas, tive de sofrer como um leão. Fui “desancado” sem dó nem piedade. Os cerca de 6400 metros que totalizavam os meus percursos, revelaram-se muito mais desgastantes, com o “pára arranca”, do que se tivessem sido percorridos duma assentada.

A prova de abertura, junto à autarquia matosinhense, deixou-me logo estarrecido ainda antes de se iniciar, quando dou conta dum ponto no meio do espelho de água. “Querem lá ver que vou ter de molhar as meias novas!”. Era um ponto de “mentirinha”. Não é que eu já não estivesse desconfiado, foi o cartão-de-visita da organização, gostei!

Depois vieram os verdadeiros pontos e aí foi um constante vira para cá, torna para lá e vem novamente, que a dado passo, o quiosque central já me parecia ter mudado de local. Ao fim dos nove minutos, estava mais transpirado do que se tivesse ido comer umas “moelinhas à angolana” na tenda da gastronomia. Para meu desgosto nem tive oportunidade de lá “pôr o pé”, eram horas de seguir para a Quinta da Conceição (deuxième étape).

Etapa em zona de parque e pinhal, com algum desnível e bastantes pormenores, foi a minha preferida, sobretudo porque me correu bem (hehe). Mentira, as outras também correram. O local é que era mais propício à prática da orientação. Um mapa muito giro e um percurso traçado superiormente.

Houve mp (ou “point oublié”) para todos os gostos, o que aqui para o rapaz, não deixou de ser um facto positivo, dado que não fui enganado pelo Élio Magalhães, o “arquitecto” daquele excelente e “armadilhado” traçado (gaba-te que na próxima já levas).

No fim da segunda etapa, que coincidiu com a força do calor, nem me atrevi a sentar, para não terem de chamar os paramédicos para me levantarem, o que seria um vexame público para o espécie de orientista, e olhem que as partidas no Parque das Varas estavam situadas em local bem agradável, a convidar a uma boa soneca.

Porventura devia ter descansado antes das voltas ao Mosteiro, porque numa etapa tão curta, o mais pequeno lapso é “a morte do artista”. Foi só um miserável pontinho que me tirou as hipóteses de conseguir um percurso limpo, mas tinha de fazer jus ao título destas minhas “lamúrias”. O “espécie” atacou novamente. E o muro estava lá, o ponto14 é que era do lado de fora! Fora do contexto, devem-se ter achado os convivas do casamento, que entretanto saiu da igreja. Eles bem queriam tirar as fotos da praxe, mas o corrupio à sua volta nunca mais parava (naquele momento, só aquela cena me faria rir).

Depois fui a remoer sozinho até ao aparcamento, que ficava onde “Judas perdeu as botas” (valeu por mais uma etapa). E a fome que me começava a atrofiar? Fui salvo pelas “americanas” que entretanto tinha comprado no “Comezainas” (o excelente ponto da organização). O intervalo para a derradeira etapa, como dava mais tempo, foi aproveitado para retemperar forças e sossegar o estômago (mas não muito).

O percurso final, sendo o mais longo, e após três etapas nas pernas, apresentava-se como o mais exigente e como sói dizer-se “o rabo é o mais difícil de esfolar”. Continuou a haver uma saudável confusão nas partidas, mas a malta da organização, com maior ou menor dificuldade, lá conseguiu “empurrar” toda a gente para a prova.

O mapa do Carriçal, um misto de parque e urbano, é efectivamente um quebra-cabeças na zona das vivendas das Sete Bicas. Obrigaram-nos a um rodopio por ruas, ruelas,

corredores, triângulos, sebes e jardinzinhos, que devemos ter feito tal alarido que os "guardas" da zona ficaram roucos de tanto ladrar.

Tive alguma dificuldade a entrar no percurso, pois só ao fim do ponto 4 é que me apercebi, que a cor "deslavada" do mapa e que me estava a atrapalhar a visão, era apenas o efeito dos óculos de sol que me tinha esquecido de retirar (isto fica só para nós, não contem a ninguém). Por muito que me esforce, os episódios rocambolescos continuam a perseguir-me.

Se a etapa da manhã, no Basílio Teles, se tinha assemelhado a um "vira", esta foi sem dúvida um valente "corridinho". Justificou o final do "tour", bem ao jeito das voltinhas aos "Champs Elysées". Tudo está bem quando acaba bem, do género bola de carne com uma bem fresca salada de frutas.

E o dia seguinte? -"Ai que me dói tudo!" – "Alguém te fez mal?" – "Bem pelo contrário".

Eu vou aparecendo (Je vais apparaître).

Forma decidida como se aborda um ponto – Parque Basílio Teles (Matosinhos)

13. E a praia ali tão perto

Vai ficar desde já bem claro, que não morro de amores por partidas de "tudo ao molho e fé em Deus", que é como quem diz partidas em "massa". Agora tenho de reconhecer, que para quem está a ver as coisas do lado de fora, deve ser espectacular. Imagine-se partirem simultaneamente umas centenas de participantes, dirigirem-se todos ao mesmo ponto e de seguida, como que obedecendo a uma voz de comando, espalharem-se para zonas diferentes, tal qual um foguete de artifício ao estourar.

Está decidido. Na próxima prova em que se optar por esta variante de partidas, vou ficar como observador. Também quero usufruir dessa imagem de cor e movimento. Mas podem ficar descansados que vou participar na mesma, só que parto a seguir e ainda vou muito a tempo (julgo eu!).

E foi mais ou menos assim, que me meti em nova carga de trabalhos, na já célebre prova do RA4, organizada pelo COC, que se desenvolveu na Praia das Paredes, Pataias, em vésperas de Camões.

Pum! "Ai Jesus credo, que foi isto? Estamos em guerra?"

Pois é. Para os mais distraídos foi de certeza um susto e peras. A tradição ainda é o que era e manda que a partida do RA4 seja dada a tiro de arma militar. A minha reacção foi a de me atirar para um "abrigo" (o bar de serviço era o ideal), mas como de nada valia, resolvi "fugir" atrás dos outros. Atrás? Claro, visto a organização estar atenta e desde logo me ter colocado no último lugar de partida do meu escalão. Os verdadeiros na frente, os "espécies" bem nos "fundos", não fossem eles atrapalhar. Não lhes parece uma injustiça?

O pinhal de Leiria é um género de terreno, onde pontificam as reentrâncias, esporões, cotas, vegetação rasteira e as minhas "adoradas" dunas. Areia e mais areia, mas para subir, de preferência, não para esparramar o corpinho ao sol. Por falar nisso, o que motiva esta gente a correr à doida, pelo meio da mata, a enterrar-se de areia até aos tornozelos, ser "atacada" pelo tojo selvagem e a praia ali tão perto? Sim, apesar dos manda chuva terem prognosticado aguinha com fartura, esteve um dia esplêndido para

irmos todos a “banhos”. A malta da orientação marca posição pela diferença, e ainda bem!

E vai daí, lá fui eu pinhal adentro, à procura das melhores opções, para poder contabilizar mais um percurso na “bela istória” do espécie de orientista. Se bem pensei, melhor o fiz. Não, não estejam a pensar “agora é que ele saiu da casca”. Não há registo de nenhum feito glorioso. É do conhecimento público que as minhas expectativas nunca têm a fasquia muito alta. Fico satisfeito por chegar ao fim sem mp e pronto!

Desta feita, o meu problema, foram os “azimutes falsos”. Continuo a ter questões insanáveis com a bússola. Numa das pernadas mais longas, quase 700 metros, fui sair ao lado mais de 200, que traduzido deu o ponto 10, quando o correcto seria o 2. Faço as coisas como mandam os cânones, mas decididamente esta bússola está avariada (hehe). Quem me manda fazer a progressão sem atender ao terreno? Assim não vou deixar a “espécie”.

Os meus níveis de concentração foram tão elevados, que a certa altura, comecei a remoer, porque carga de água, a organização não tinha colocado pontos de água numa prova tão longa (7100 metros). Só no final me apercebi, que no ponto da viragem dos loops (e foram três!), não faltavam “pipas” de água. Esta minha cabeça de vento só me causa dissabores (se em vez de água fossem notas de 500 euros, o resultado teria sido o mesmo?). “Mea culpa”, pois sou um pecador por maus pensamentos.

Bem corri atrás do prejuízo, mas neste género de provas, o que se apanha mesmo é “comboios”. Não me posso queixar dos parceiros de jornada, mas eles que me desculpem, tentei de tudo para os deixar, como eram verdadeiros orientistas, acabavam sempre por me apanhar. Se corria mais um pouco, desviava-me do ponto, se tomava opção diferente, chegavam primeiro.

Acabei por fazer, parte do último loop, neste “tranvia”. O andamento era lento, mas certinho. Os pontos estavam todos no sítio certo. É minha obrigação reconhecer, que os atletas que me acompanharam, foram uma mais-valia nesta minha “viagem”. Tenho a convicção que aprendi mais qualquer coisa com a sua experiência.

Depois de quase hora e meia de prova, para os vinte e três controlos, estava num tal estado de extenuação, que tive direito a um par de “ouras” bem aviado, mas nada que uma boa fatia de bolo não tenha atenuado (coisas dos açúcares). As sapatilhas pesavam que nem chumbo. Pudera! Quando as descalcei devo ter despejado uns bons “alqueires” de areia. Isso responde ao facto de ter tido imensas dificuldades na minha corrida.

Para acabar tudo em beleza, o RA4 mais uma vez fez questão de presentear a rapaziada com um almoço volante, para repor as energias, dado que nos esperava mais uma “dura prova”, o regresso às viaturas, dado que os ditos “1200 metros”, eram bem o dobro (hehe).

A tentação da praia

O prazer da floresta

14. Inglório

Nem sei a quantidade de adjectivos que me passaram pela cabeça, para tentar qualificar o que se passou comigo, sábado passado, no mapa da Coelheira em S. Pedro do Sul. Aconteceram uma quantidade de situações, que só por mero acaso poderiam resultar num final feliz. E essa pontinha de sorte não se verificou.

O curioso é que tudo se despoletou umas semanas antes. Precisamente, quando o Ori Estarreja, optou por trocar o local da prova, das dunas de Cantanhede, para a serra da Coelheira e Campo de Anta. Estes eram locais do POM2007, que não me tinham deixado grandes recordações. Por esse facto, hesitei bastante em me inscrever.

Mas, como sempre, o "bichinho" atacou e arranjei umas quantas razões, para dar a volta à minha mulher (e a mim próprio), no sentido de estarmos presentes em mais uma jornada. Ia tentar vingar-me da deficiente prestação que tive no POM. Como a prova era em Junho, o bom tempo desta feita iria dar uma ajuda (já começaram a perceber, não é?).

As perspectivas de um fim-de-semana molhado, cedo se começaram a desenhar. E de imediato surgiu mais uma hesitação. Valeria a pena voltarmos ao local do crime, novamente com mau tempo? Para colocar as coisas ainda mais negras, fui presenteado com uma "fava", ou seja, ofereceram-me o penúltimo tempo de partida de todos os escalões. Ora, como toda a gente sabe, isto não se deseja ao maior inimigo e muito menos a um"espécie". Num terreno agreste, com temporal e sair em último, devia ser para expiar algum pecado mais "cabeludo" que devo ter cometido e não me lembro.

Depois de todo este "vai-não-vai", decidimos comparecer. No início da viagem, parecia que tudo não passaria de uns chuviscos, mas à medida que nos aproximávamos da zona, e convém esclarecer que a Coelheira se situa quase nos mil metros, o cenário não podia ser muito pior. Então quando chegámos, tivemos como recepção, chuva intensa, nevoeiro quase cerrado e ventinho quanto baste. A receita estava no ponto.

Fomos assaltados por nova hesitação. Partimos ou regressamos? A nossa vontade de partir era tão forte, quanto o receio que aquele temporal nos transmitia. A conselho da

minha mulher, resolvemos tomar uma atitude “inqualificável”, levar telemóvel (nem no tempo dos OPT!), para nos sentirmos mais protegidos (hehe). E sem mais delongas, deixamos o aconchego do carro e metemos ombros a mais uma “aventura”.

Como partia quarenta e cinco minutos depois dela, ainda tive tempo de sobra para fazer marcha-atrás, mas qual quê, já nada me faria recuar. Lá parti rumo aos “montes rochosos”. Na primeira pernada fui logo posto à prova. Depois de pedir licença aos dois “bovídeos” que estavam de plantão, tive de trepar uma encosta quase de “gatas”, pois cada passo, cada escorregão. Não tive a sorte de ter um guarda-chuva, tipo”Mary Poppins”, como um meu colega de escalão (para quem pensa que já viu de tudo…), que talvez por isso acabou por fazer o melhor tempo (hehehe). Ah “berdadeiro”!

Demorei para cima de 11 minutos a atinar com o ponto. Se tivesse tomado a devida atenção ao mapa, teria visto um belo dum carreiro que ia desembocar mesmo no controlo, um pouco mais distante, mas de progressão bem mais acessível. Confortou-me o facto de quase toda a gente ter tomado a mesma opção (parecia um congresso de “pastores”).

No alto, o panorama apresentou-se pouco menos que tenebroso. As nuvens passavam de tal maneira baixas, que a visibilidade não ultrapassava os cinquenta metros. Estava rodeado de sombras, o que dava um aspecto fantasmagórico, ambiente adequado ao regresso do eterno “desejado”.

Nessa altura já tinha companhia, porque com aquele cenário, deixemos o orgulho de lado e mais vale acompanhado do que irremediavelmente só! Amparando-nos uns aos outros, até ao ponto 7, com maior ou menor dificuldade, conseguimos ir descortinando as balizas. O controlo seguinte veio a revelar-se um osso duro de roer, atendendo que as condições climatéricas iam piorando, mas o Costa Leite acabou por ser crucial.

A dado passo recebo um pedido de ajuda da minha mulher, que se encontrava no ponto 11 (ela tinha o mesmo percurso), “que já não conseguia sair dali, estava enregelada e mal via onde punha os pés” (quando o “tele” tocou até dei um salto). Com algum sacrifício, em virtude do temporal estar no auge, juntamo-la ao grupo, que passou a cinco e mais tarde, a seis elementos.

Ainda fizemos mais uma pernada, mas o ponto 13, fazendo jus à superstição, originou o descalabro. Ao cair pela enésima vez, rasguei o mapa, entrou água e a zona do ponto 12 ao 15 foi à vida. Nunca me tinha passado pela cabeça, que isto poderia acontecer. Se estivesse sozinho, ia ser o bom e bonito para regressar (para a próxima vou levar very-lights).

A somar à minha “primeira desgraça”, o grupo começou a “pastar”, o nevoeiro ficou ainda mais denso, não se via mais que meia dúzia de metros e se a água que por ali corria, fosse de verdadeiros ribeiros, o mapa seria todo azul (hehe). Depois de encontrarmos três pontos, que não pertenciam a nenhum de nós, e tínhamos três percursos diferentes no grupo (é preciso azar!), alguém alvitrou: “vamos desistir, que já andamos aqui a penar há tempo demais”.

Ninguém respondeu, mas todos se dirigiram para o lado que parecia ser o das chegadas, assumindo tacitamente o “naufrágio”. A frustração pesava de tal modo, que fiquei com

a cabeça a latejar (se calhar era da altitude). Tivemos de calcorrear aqueles pedregulhos, mais de vinte minutos, para dar com a arena.

Neste entretanto, e quando já se vislumbravam as fitas da chegada, para meu azar escorrego uma vez mais, faço uma entorse num pé (lá foi o escafoide) e acabo por ser transportado as últimas centenas de metros, pelo Costa Leite e pelo Luís Nunes do GCF. Um triste e inglório final: desistente e lesionado.

Primeira visita à Coelheira no POM`07

15. O poder do “Demo”

Quase a terminar o meu período de convalescença, depois da “escorregadela” em S. Pedro do Sul, recebi uma intimação, por parte da minha mulher, no sentido de lhe prestar um serviço de “chauffeur” às Terras do Demo.

Franzi o sobrolho e argumentei: “Queres que te leve aonde? Eu não me aventuro em lugares infernais.” E ela logo toda irónica: “Daah! Pois não sabes o que perdes, mas para tua informação, Terras do Demo é o título duma obra do Aquilino, sobre Moimenta da Beira (seu inculto!). E é lá que o Orimarão vai encerrar a época.”

Glup! Engoli em seco e disfarcei: “O que vou lá fazer se ainda não posso correr? Figura de corpo presente?” (sinónimo de morcão). Ela estava embalada e retorquiu: “Também aquilo que corres…”. Ui! Que dor lancinante, bateu-me no ponto certo, o orgulho do “espécie”. Ora bem, já deu para perceber que mesmo ao “pé-coxinho”, lá fui de armas e bagagens para as terras de Aquilino.

Mas esta jornada, nos “domínios” do Demo, mexeu comigo! Até me deram uns calafrios brrrr…. (cruzes canhoto). Não se deve evocar o nome “dele” em vão e muito menos “tratá-lo” pelo diminutivo. Tenho muito respeitinho pelo “senhor das trevas” e estou plenamente convencido, que o “dito cujo” andou a mexer os cordelinhos, durante todo o fim-de-semana.

A “sua” acção fez-se logo sentir, ao “amedrontar” de tal forma o pessoal, que apenas compareceram pouco mais de uma centena de participantes. No que me diz respeito, depois de algumas rezas e benzeduras (arreda Satanás), resolvi inscrever-me no OPT2, com a ideia de fazer um passeio. Tive algum receio que os percursos do meu escalão fossem fisicamente exigentes (que não foi o caso), o que poderia deitar por terra a minha recuperação.

No primeiro dia, a influência “daquele que vós sabeis”, não se fez esperar. A prova decorreu na Quinta do Ribeiro, num terreno bem acessível, com bastantes pormenores, que bastante facilita a orientação, mas como o seguro morreu de velho, iniciei o

percurso a passo. Depressa me entusiasmei e quando dei por mim, já estava a correr (ou a fugir?). A dor do pé era incomodativa, mas não impeditiva.

Dado que o traçado era fácil, rapidamente cheguei à parte final e aí o Demo "atacou". Saio do ponto 14 e digo para os meus botões: "só falta o 200". Pois…o 200 e mais algum! Ultrapasso um muro, "dou de caras" com o ponto "141", "este não é meu" e todo feliz e contente sigo para o 200.

"Você tem mp!!!" ??? "Que disse?" – "Não marcou o 141". Com o choque deixei cair o iogurte e a maçã. Não querem lá ver que me deu uma branca e pura e simplesmente, "decidi" que só tinha 15 pontos! Mas a culpa foi do Demo, não do "espécie"! Tudo resultado das influências maléficas que pairavam naquele cenário magnífico (nem levei a sinalética). Então faço um sacrifício dos "diabos" para participar, baixo o meu nível para um OPT, só para brincar e cometo um erro de palmatória? Ah Demo seu maroto! Para ficar ainda mais deprimido, o tempo realizado era dos melhores (dos piores).

Não obstante, em termos classificativos nada mais ter a dizer, ponderei se haveria de ir à nocturna (há quem diga que o "estafermo" é noctívago), até porque o pé me doía um pouco, mas este "espécie" tem umas motivações diferentes da maioria (tipo penitências) e à hora marcada, disse presente.

Fui, mas não devia. O Demo estava lá e fez novamente das suas. E que boicote! Por artes do "demónio", os códigos dos pontos desapareceram dos mapas da prova. Um mapa, que deve ter passado por meia dúzia de mãos, estava mal impresso. Ora digam, que isto não parece ter mãozinha do "diabrete".

Não se dando por satisfeito, ainda fez desaparecer uma baliza pertencente à maioria dos percursos. Mesmo assim decidi fazer a prova, tendo conseguido terminar sem mp, facto que despoletou mais uma acção "diabólica", desta vez por parte da organização, que decidiu anular os resultados desta etapa. Cá para mim estava tudo "possuído" (nem chamando o Padre Fontes).

O positivo da situação, é que fiz um sprint razoável e o pé nem me incomodou por "aí além". Senti-me capaz de fazer a etapa do dia seguinte, com pena de não estar inscrito no meu escalão, porque tinha a sensação de que não iria ter problemas de maior.

A motivação foi a mesma. Parti para o derradeiro percurso, como de uma prova a doer se tratasse. O terreno era o mesmo do dia anterior, apenas com a ligeira variante de os pontos serem um bocadito mais técnicos. À terceira foi de vez e consegui um percurso limpo e seguro (estive sempre atento, não fosse "ele" aparecer, num qualquer ponto de cota).

Decididamente, as gentes das Terras do Demo são "pecadoras", o que não admira nem deslustra, atendendo à "companhia". E fazendo jus, a gula é o seu maior defeito (ou virtude?), pelo que banquetes e "tainadas" são uma das suas especialidades. Seguindo esta tradição, a organização foi obrigada pelo "senhor do mal" a brindar-nos com dois festins. No sábado uma espectacular panóplia de enchidos e no domingo com uma churrascada à moda de Moimenta (com todos os matadores). Estou em crer, que esta foi a forma, muito sub-reptícia, que o Demo encontrou para decretar tréguas e pedir desculpas de todas as "diabruras" cometidas.

Da minha participação, posso retirar duas conclusões: que a lesão está quase debelada e não fora o "ponto demoníaco" do primeiro dia, os resultados, que tinham um interesse secundário, acabariam por ter sido excelentes. **"Também, só se for em OPT seu falhado".** Mas quem é que disse isto? Mau…estarei a ouvir vozes ou… ("está alguém aí?")

Quinta do Ribeiro, território das travessuras do Demo

Será que o Demo vinha a persegui-lo?

16. Realidades

Chegou a hora da verdade! É tempo de balanço.

Terminada mais uma época da espécie de orientista, urge analisar os desempenhos destes últimos dez meses. Tudo se passou a uma velocidade vertiginosa, que até me custa a crer, já terem decorrido dois anos, desde que decidi abraçar esta modalidade, com uma tal paixão, que chega a ser doentia, a roçar a dependência.

Foi uma época plena de competição, com início em Setembro, na prova do ATV em Óbidos, terminando nas já famosas "diabólicas" etapas das Terras do Demo, em Moimenta da Beira, no final de Junho. Dá para perceber que enchi a "barriguinha" de quilómetros, ao percorrer o país, juntamente com a minha "cara-metade", fazendo uma perseguição implacável a um vício, para o qual não encontro qualquer terapia. Ou antes, só alcanço o ponto de equilíbrio, com um mapa na mão e o norte na bússola.

Participei numas "mãos-cheias" de provas, desde as mais elitistas como o POM e Campeonatos Nacionais, até às ditas abertas, de cariz mais popular, com passagem obrigatória pelas competições do ranking norte, tendo feito inclusive, uma incursão à região sul.

Desorientei-me por entre os milhões de pedras (as ditas "parideiras") de Gestoso e Coelheira, rolei em excesso de velocidade, em centros urbanos, como Santo Tirso, Pavia e Penela, "pastei" nos montados de Vendas Novas ou Canha, extasiei-me com as paisagens do Norte Alentejano, "maravilhei-me" em Óbidos, calcorreei parques magníficos em Matosinhos e Braga, "descobri" os pinhais do Cabroelo, "invadi" as propriedades nordestinas de Torga, "atasquei-me" nas dunas (não fossem elas como divãs) de Coimbrão ou Figueira da Foz, "excursionei" (qual escuteiro) pelo coração do Gerês e acabei "perseguido" pelo Demo em terras de Moimenta.

Uma loucura, dirão alguns. Uma maravilhosa e alucinante aventura direi eu. Reconheço que foi uma época bastante sobrecarregada, mas que havia de fazer? Se perguntava à minha mulher, "vamos?", obtinha como resposta, "ainda não chegámos?". Juntou-se a "fome com a vontade de comer".

Mas não se pode fugir da realidade. É necessário proceder a uma análise, no que concerne à parte desportiva e obrigatoriamente, por muito que isso custe, ao aspecto logístico. As vertentes técnica e física, devem ser avaliadas, mas os custos logísticos têm de ser reavaliados.

Esta é a fase mais dura da época, a do balanço, só comparável a uma prova de distância ultra longa. Os transportes, o alojamento, as inscrições, a alimentação, são factores que pesaram e muito em toda esta aventura. Neste capítulo, algo vai ter de mudar na próxima época, infelizmente com nítido prejuízo para a "carreira" da espécie de orientista.

Agora, desportivamente é que a "porca torce o rabo". Estarei preparado para a tão ansiada promoção a verdadeiro orientista? Com imensa pena e muitas "carradas" de vergonha, tenho de assumir que não consegui atingir os mínimos. Nesta altura só tenho de agradecer ao "iluminado" que inventou o vocábulo "retido". A frustração seria muito maior, se ao deparar-me com o resultado da minha avaliação, o termo fosse "chumbado". Retenção é muito mais "soft", dá a sensação de que não se perdeu nada (bah…líricos!). A história, de que já fico satisfeito por terminar as provas sem mp, é treta (em termos escolares estaríamos perante um "não satisfaz"). O que tenho mesmo é de correr mais e "pastar" menos, ponto final.

Posso alegar, que alguns erros se deram por "falta de óculos", que me oriento com uma bússola "marada", que estou pesado (gordito?) e corro pouco, que sou o "rei" dos azarentos, que estava nevoeiro, ou vento, ou chuva ou…a idade não perdoa. A realidade é que sofro de índices de ansiedade, que me fazem "esquecer" a sinalética, virar a norte em vez de sul, tomar opções erradas por deficiente leitura do mapa, subir quando devo descer e vice-versa, correr de mais ou de menos, enfim…um manancial de deficiências técnicas, resultado de falta de concentração e níveis de autoconfiança a "bater no fundo" (vou ter necessidade de uma poderosa panaceia).

Não quero que sintam qualquer comiseração por mim (senão ainda choro…e muito!). Em abono da verdade, nem estive assim tão mal, a restante rapaziada é que teve desempenhos excelentes. Esta é uma análise pessoal, com uma boa dose de realismo. Os meus objectivos (fraquinhos por sinal) não foram alcançados. Qual é a admiração? O "espécie" também tem sonhos (assim pró rosa deslavado), está bem?

(Queria fazer aqui um parêntesis, porque ando com a "pulga atrás da orelha". Será que a recente "invenção" de escalões "B", nas categorias mais "entradotas", terá alguma coisa a ver com as prestações menos conseguidas do "espécie"? Não me mintam!!!)

O resultado desta auto-análise tem de ser pragmático e estar imune a hesitações. Assim, por todos os motivos evocados e mais um, decidi dar continuidade ao meu doce calvário como espécie de orientista, senão, quem vos relataria estas crónicas, hã?

Gestosinho (POM`07) e Óbidos, locais de eleição para a Orientação

17. Paixão a quanto obrigas

Parece que me deram uma sova! Tal e qual. Tenho o corpinho pronto para umas merecidas férias. O mais preocupante é que acabei de chegar das ditas. Devo padecer de um qualquer problema de esgotamento do foro "treinos a mais".

Pois é meus amigos, depois de cinco semanas do mais puro descanso "dolce fare nienti", resolvi retomar a minha actividade física e o resultado está à vista. "Que ninguém me toque!", não vá eu ter um espasmo, uma convulsão, um desfalecimento, um espirro…eu sei lá.

A nova época está à porta e o "espécie" resolveu dar uma de atleta e tem feito uns treinitos, de acordo com o esquema que um amigalhaço da Psico-Motricidade (o que eu adoro este termo) lhe facultou. Mas de amigo este "profe" tem pouco. Quem obriga os amigos a passar por estes tormentos, de certeza só tem inimigos. Vou bani-lo da minha "agenda". Vai passar a professor de ginástica e pronto! (espero que ele não conheça este fórum)

O recomeço é sempre duro e cada ano que passa a dificuldade vai sendo maior. O físico demora mais tempo a habituar-se às "tareias", pelo menos é o que eu sinto. Se isto não for regra geral, podem-me rezar pela alma, porque do corpo estou arrumado.

Os treinos físicos já os iniciei há duas semanas (com as sensações que tenho, é como se tivesse começado ontem), mas a orientação obriga que a malta tenha preocupações de índole técnica, senão as canseiras ("pastorite") vão ser redobradas mais adiante. Há uma grande dificuldade em conseguir parceiros para esse género de treinos, mas aparece sempre uma "alma caridosa" com uns mapas disponíveis e com a justificação de treino técnico, lá vamos nós com as lancheiras bem atestadas rumo a uma mata "perto de si". Neste caso, a "arena" foi o Furadouro, local do POM97.

A hora de reunir estava marcada para as 9,30 de domingo, mas no momento da alvorada, cerca das oito da "matina", estava uma trovoada de tal maneira instalada, que nem Santa Bárbara nos valia. Deduzi que o dito "piquenico-treino" estava fora de hipótese. Erro de avaliação, pois daí a pouco estava alguém a telefonar "Aonde é que vocês se encontram? Já estais atrasados. Está um tempo magnífico." Mais um vexame

para o "espécie", só nós é que hesitamos, o resto do pessoal já se tinha instalado com armas e bagagens. Não é que a chuva amedronte o "espécie", mas a trovoada é outra conversa.
Neste momento sei que devem estar a pensar "para quê fazer sacrifícios se não deixas de ser um espécie?". Concordo…em parte. Se em termos técnicos, ainda continuo numa fase imberbe, no aspecto físico tenho de tentar minorar os prejuízos, quanto mais não seja, para me defender de alguma maleita que me impeça de continuar com esta paixão. E mesmo assim, as mazelas são mais que muitas, só que já não lhes dou grande importância, é uma "sã convivência".

Os retardatários tiveram como penalização (acho que foi retaliação), efectuar o percurso sozinhos, que no nosso caso, fez-nos recuar ao tempo em que o par da espécie de orientista passeava a sua "classe" pelos escalões abertos. Ai, ai, que saudades (aqui justifica-se um "ganda" suspiro)!!!

Claro que para o casal da "espécie", o castigo traduziu-se num *passeio de mãos dadas pela floresta, sentindo o aconchego dos raios de sol que espreitavam por entre a ramagem, a escutar a passarada, a deliciar-nos com aquele aroma a terra húmida, a apanhar umas pinhas, a*…peço desculpa estava a sonhar.

Foram noventa minutos bem intensos, dado que os mapas só tinham a matriz dos pontos, o que nos obrigou a "inventar" o nosso percurso (mais de vinte pontos). E não houve qualquer poupança, foi correr até cair para o lado, que é como quem diz, para o lado da malta que nos aguardava ansiosamente para dar início à parte mais "complicada" do treino: o verdadeiro piquenique lusitano.

Bom, não havia sardinhas, nem fêveras, nem broa, nem azeitonas, nem frango assado, nem melão, nem…ah! Mas havia garrafão…só que do "luso". Se querem saber a nossa ementa, tivessem lá ido, seus curiosos, mas não se esqueçam, que para além de nós, os restantes são orientistas a sério e por conseguinte têm muito cuidado com a sua dieta (podem-me chamar de mentiroso que eu deixo).

Diz a sabedoria popular que "depois da tempestade, vem a bonança". Após uma noite de temporal, o dia esteve simplesmente espectacular. Então depois do repasto (aquele arroz de polvo…), deu cá uma moleza, que só faltou a bela rede "espreguiçadeira"e alguém que a abanasse. Dando continuidade ao plano de treino, aproveitou-se a hora do café para se discutir acaloradamente algumas questões técnicas, mas…gastronómicas. Qual orientação qual quê!

Nestes grupos existem sempre os "desmancha-prazeres", porque no auge do remanso – "são horas do treino da tarde!!!" – ouviu-se gritar. De imediato o "engraçadinho" teve de fugir perseguido por uma chuva de pinhas. Ainda tentou emendar – "é para ganharmos apetite para o lanche" – mas o mal estava feito, se bem que esta última tirada tivesse tido o condão de elevar a moral do grupo.

A sessão da tarde foi realizada em ritmo de passeio, de cariz teórico-prático, tendo nós o privilégio de termos sido acompanhados por um dos maiores conhecedores da modalidade, que nos foi dando algumas explicações sobre pormenores de relevo (do baixinho), que bem úteis irão ser no futuro.

Fizemos menos pontos, mas foram escolhidos a dedo, porque eram os mais técnicos do mapa. Enfim, mais hora e meia de aquecimento para "controlarmos" as imensas sobras do almoço. Nem queiram saber o esforço que foi desenvolvido para levarmos esta "pernada" até ao final (hehe).

Com certeza já notaram que não mencionei os meus companheiros desta bela jornada. Foi propositado. Eles não querem que se saiba que andam a treinar (regime incógnito!), não vá chegarem às provas e "atascarem" e depois seria o gozo geral. Fica a dar a cara o"espécie", que assim como assim tem as costas largas e carta-branca para cometer todas as argoladas técnicas, que ninguém vai fazer qualquer reparo.

Treino? Qual treino?

18. Mosaicos de Caminha

Desde pequenino que tenho uma atracção por mosaicos, fossem eles de chocolate, da "Lego", os dos "quadradinhos" ou simplesmente os que decoravam a cozinha da minha avó. Gosto de mosaicos do mesmo modo que aprecio cabrito assado ou cozido à portuguesa, pronto! Portanto está bom de ver, que teria de estar presente numa prova com uma denominação tão sugestiva: "Mosaicos de paisagens".

Novo clube, um mapa já conhecido, num cenário com uma nuance paisagística perfeita (floresta, duna, rio, mar), fazia a receita ideal para dar início à nova época da modalidade. Os Amigos da Montanha de Barcelos, os ex-ACARF, tiveram o cuidado de nos proporcionar uma prova em que não houvesse que fazer qualquer reparo, tanto na parte técnica como em termos organizativos.

O que não estariam à espera, era que uma outra iniciativa da modalidade, fosse adiada para esta data. Foi um revés, dado que limitou logo à partida a comparência de, pelo menos meia centena de atletas. Alguém com responsabilidades esteve desatento. Espero que isto não seja o prenúncio de situações menos agradáveis.

Assim, cerca de uma centena de atletas (os que se pôde arranjar), com o Monte de Santa Tecla no horizonte e a belíssima zona da foz do Rio Minho como terreno, deram o tiro de partida para mais um ano desportivo.

O espécie este ano está mais "antigo" e subiu de escalão…ou será que desceu? Depende da perspectiva, mas sinto que as novas alterações aos escalões só tiveram um objectivo: facilitar a vida à espécie de orientista. Arranjaram-me um percurso com menos metros e menor desnível, estes rapazes são mesmo "fixes". O que não conseguiram foi parceiros, dado que apenas participaram três no meu escalão. Mas o mal foi geral. Escalões houve que só tiveram um ou nenhum. Este cenário vai-se tornar repetitivo, infelizmente.

Foi um percurso mesmo ao meu jeito. O terreno era quase plano, uma zona de pinhal com vegetação rasteira e outra mais arenosa, com as já celebérrimas "suaves dunas". A área pantanosa é que estava mesmo à maneira, sequinha de todo, para não complicar.

Os 4.200 metros e 13 controlos foram percorridos em ritmo de início de temporada, não tendo os primeiros seis pontos causado qualquer problema. Mas na progressão para o sétimo, tive de fazer um desvio para evitar uma zona de vegetação bem densa, que por acaso nem constava do mapa (de geração espontânea?), e ao chegar a um caminho, entrei mais a norte do que inicialmente supus.

Para mal dos meus pecados, fui encontrar uma convenção da "pastoral juventude orientista", visto que andavam naquele local uma meia dúzia de "jovens" à cata do mesmo ponto. Como tenho a mania que ainda sou um mocinho, juntei-me à expedição. Péssima opção, não parei para pensar, limitei-me a andar à nora tal qual a rapaziada, à procura da clareira certa. Este convívio com a malta mais nova "rendeu-me" três bons minutos de castigo.

Seguiram-se mais quatro pontos, cujo principal obstáculo foi a quantidade de arbustos que juncavam todo o terreno e dificultavam a corrida (???), parecendo até que estavam vivos, tal a facilidade com que se emaranhavam nos pés. E dei comigo na praia. Foi o bom e o bonito para me concentrar de novo, depois de observar todo aquele "maralhal" a deleitar-se nas ondas, a espreguiçar o esqueleto ao sol ou a construir "castelos" de areia.

Os veraneantes miravam-nos com aquele olhar de compaixão, mas simultaneamente de admiração, ao repararem que toda aquela gente totalmente vestida e calçada, a suar as estopinhas, mal lhes "passava cartão", preocupando-se apenas em seguir um mapa e encontrar os seus "prismas". Devemos ter sido considerados uns heróis ou…maluquinhos.

E esta ida ao mar, comprometeu ainda mais o desfecho final do espécie. Nos dois pontos marítimos, consegui perder cerca de cinco minutos, mas oxigenei os pulmões de maresia, que gerou o combustível ideal para as duas derradeiras pernadas. O resultado acabou por ser aceitável, mas quando constato o tempo gasto pelo "supersónico" Rui Antunes, 32 minutos e "pico", fico pouco menos que siderado quando espreito para os meus lamentáveis "59,18" (quando tiver a sua idade quero ser como ele).

Mas esteve para acontecer um facto que poderia ter causado danos irreparáveis à orientação. Se eu tivesse estado presente no percurso de domingo, o mais provável é que fosse ao pódio! Não abram essa boca de espanto, pois já vos disse que só éramos três no escalão. O novo formato do regulamento de provas vai permitir, que por falta de quórum, um dia destes eu venha a ser premiado. E que modalidade se pode dar ao luxo de ter "uma espécie" no pódio?

O belo cenário envolvente dos “Mosaicos de Caminha”

19. Aconteceu em Melres

Se algumas dúvidas houvesse quanto à capacidade e formação dos orientistas, a prova deste fim-de-semana, na zona de Melres, deve-as ter dissipado. O manuseamento de mapas e bússolas, com a consequente leitura de cores, sinalética, curvas de nível, orientação por azimutes ou pelo sol (para os experts), tudo isto faz parte do dia-a-dia do atleta de orientação, mesmo dos "espécies". Mas depois destas duas etapas, deve-se acrescentar ao curriculum, informação na vertente geológica e biológica. É perante a adversidade que se destaca o verdadeiro orientista.

Sábado, no Monte Santa Luzia (frente a Entre os Rios), senti-me um autêntico explorador, quer no que toca ao estudo de rochas e "familiares", quer na área mais floral, nomeadamente o combate titânico, que tive de travar, com o denominado "tojo transgénico" e que dá pelo pomposo nome de *ulex europaeus.* Planta por nós (as vítimas) descoberta, bastante agressiva, diria até violenta, com características "carnívoras", só mesmo possível por modificação genética.

O trivial numa prova de orientação é a "luta" com o mapa e o terreno, mas aqui apareceu uma nova componente, o tojo (ulex para os amigos). E neste aspecto, a "guerra" foi desleal, as nossas armas mostraram-se pouco menos que inofensivas perante este "predador". De porte idêntico ao de um ser humano, este arbusto leguminoso, "deliciou-se" com os milhares de espinhos que distribuiu, pelos incautos atletas que por ele iam se iam roçando. Diria alguém no final da etapa – "nem me atrevo a beber água porque vou perdê-la toda, de tal maneira estou furado!".

Excepcionalmente usei perneiras, que só me protegiam até aos joelhos, o mais eficaz teria sido uma "armadura à D. Afonso". Resultou que estivesse até altas horas, de pinça na mão, a procurar minorar o meu sofrimento. Como a minha destreza não é muita, tenho de dar mais valor às nossas mulheres, na arte da depilação. Não sei se estou dorido dos picos ou dos pêlos que arranquei.

Na realidade, o tojo demasiado seco, duro e desenvolvido, foi um contratempo. Só que esta dificuldade foi de grau idêntico, para todos os participantes. O terreno já não era

muito acessível e com este factor acrescido, as pastorícias e atascanços foram comuns a muita e boa gente.

O que mais ecoava pelo monte, eram os "ais" e "uis" (e outros vocábulos não mencionáveis) da malta a ser atacada por aqueles "espinhos vorazes". Na progressão para certos pontos, a vegetação estava tão alta, que o aconselhável seria trocar a lupa por um periscópio.

Incrivelmente, apesar de todas as contrariedades, fiz um percurso digno de figurar nos anais da "istória" da espécie. Não pelas cenas caricatas ou de baixo recorte físico, mas sim porque consegui efectuá-lo, dentro de parâmetros técnicos bastante aceitáveis.

Finalmente reconciliei-me com a bússola. Apesar duma ou outra opção, não ter sido a mais indicada (os detalhes rochosos continuam a ser um sério problema para o "espécie"), os azimutes estiveram de tal modo certinhos, que cheguei a assustar-me, ao "esbarrar" com algumas das balizas.

Quando marquei o controlo final, tive uma sensação indescritível, como que um clímax e desabafei – "Yes!!! sou o herói do ulex (digo, tojo) ". Mas não pensem que foi tudo limpo, ainda não, mas que foi moralizador, lá isso… (e tornaram a atirar-me para os finais das partidas!).

A alvorada foi demasiado cedo para quem passou parte da noite na "espinhosa" tarefa, mas estava motivado e levantei-me todo fresco e pronto para me digladiar novamente com o malfadado "ulex". Talvez por ser domingo, o nosso arbusto de estimação mal apareceu. Quem pensava que ia ser uma jornada de descanso, equivocou-se.

Na segunda etapa, o tema central do mapa de Moreira, girou em torno de pinheiros, eucaliptos, carvalhos e vegetação rasteira a preceito, tudo bem circundado por imensos muros e caminhos. Para ser um percurso completo, foram adicionadas umas rampas de excelente inclinação. Tecnicamente estávamos perante um traçado perfeito (para orientistas, leia-se).

"O caldo entornou". Muitos caminhos, sinónimo de loucas correrias e para o "espécie" isto não é nada bom. Não tive tempo para a prática da pastorícia, mas as boas opções que se impunham, num traçado com este perfil, não foram as mais apropriadas. É costume dizer-se que tudo o que sobe...desce. Desculpem que contradiga, tudo o que sobe, sobe ainda mais.

As subidas que eram necessárias fazer e, as outras que fui obrigado a efectuar por azelhice, roubaram-me o fôlego Não tive dificuldade em encontrar os pontos, o problema era chegar lá. Eu bem tinha vontade de correr, mas as rampas constantes (apelidadas de "rampings" pelos mais radicais), sobretudo na parte final, deixaram-me todo roto.

Nos últimos dois pontos senti-me na obrigação de "rebocar", encosta acima, uma das mais promissoras jovens dos TST, que estando lesionada e sentindo-se desorientada (cá para mim olhou demasiadas vezes para o relógio), fez menção de desistir. Ora ninguém desiste à beira do "espécie" (só com nevoeiro). "Oh rapariga, tu não vais desistir, nem que eu tenha de te levar às cavaleiras!" – dito num tom de quem tem idade para ser seu

pai. Não me passou pela cabeça que ela pudesse desobedecer, senão lá teria eu de fazer aquela última subida com um peso a dobrar (desistíamos os dois, hehe!). Foi-me muito grato, momentos depois, vê-la a subir ao pódio. A minha prova estava ganha.

Agora preparem-se para a surpresa. Aconteceu o que eu tinha previsto como inevitável: **o "espécie de orientista" foi chamado ao pódio**. Acho que pouca gente se apercebeu do "ridículo" da situação, o campeão Costa Leite, o experiente Fernando André, juntos no pódio, com a "fina-flor" da espécie de orientista (momento devidamente registado para a posteridade).

Para cerca de cento e quarenta participantes, devem ter sido distribuídas umas setenta medalhas. Algo deve ser feito a favor da reposição da verdade desportiva ou a subida ao pódio deixa de ter qualquer significado. Deixem que lhes diga, são escalões a mais!

Quero deixar uma palavra de apreço à pequena "família" (poucos mas bons) do Luz Verde, que contra tudo e todos, conseguiu colocar de pé uma prova, que só pecou por não ter tomado em consideração o previsível ataque do "ulex tojo europaeus" e o surpreendente prémio a um "espécie" (neste aspecto estão desculpados).

Para encerramento das festas, recebi um simpático convite, para estar presente numa "etapa extra", na quinta das "melancias biológicas" (donde se desfruta um panorama soberbo), propriedade duma nossa colega da modalidade, que revelou, no seu papel de anfitriã, ter tanta qualidade, como no de orientista. O engraçado é que não ouvi, no decorrer desta "duríssima" prova, nenhuma queixa de atascanços e olhem que alguns não se mexeram um bom par de horas (hehe). Pudera!!!

Partindo ao encontro do "ulex"

Um acontecimento quase desastroso para a modalidade

20. Lá para os lados da Cabreira

Calma…muita calma! Podem estar descansados, que esta semana não houve nenhuma surpresa desagradável. Tomei as devidas providências, de modo a não subir ao pódio, decidindo participar apenas na etapa de sábado. Ora digam lá, que não sou um rapaz que se preocupa com a "credibilidade" da sua modalidade? Bem…tenho de ser sincero, só não estive presente no domingo, porque poderes mais altos se levantaram. Isto é, havia um compromisso familiar (um "tacho" de rodízio), marcado há já algum tempo.

A informação fornecida pelo .COM era sucinta: prova na Serra da Cabreira, na zona de Vieira do Minho. Eu tinha a vaga ideia, que se situava perto de uma vetusta aldeia, do tempo do volfrâmio, denominada Zebral. O que eu não contava era que a malta da organização, fizesse tudo o que estava ao seu alcance, para que o "espécie" não marcasse presença. Tentou, ao sinalizar deficientemente o trajecto, que os mais distraídos não chegassem ao local do evento. E isso esteve na iminência de acontecer.

Depois de passar Vieira do Minho, os quilómetros acumulavam-se e de setas indicadoras, nem vê-las. -"Terão roubado as placas ou será que não é por aqui?" – "Temos de perguntar a alguém". E numa "terrinha", que me pareceu ser Salamonde, ao indagarmos junto de uma anciã, com aspecto de residente, obtivemos – "Zebral? Isso fica lá para os lados da Cabreira". Ora muito obrigado "tiazinha", até aí nós já sabíamos. Mas de todo aquele amável arrazoado de palavras e gestos, não conseguimos melhor.

A hora das partidas aproximava-se, e começámos a mentalizar-nos que iríamos desistir sem participar. Valeu-nos o aparecimento do "Oriexpresso" do Estarreja. O popular autocarro era perseguido por uma meia dúzia de "perdidos". Inversão de marcha rápida e seguimos o "comboio". Esta atitude não é considerada "cola" pois não? Uns metros à frente lá apareceu uma seta salvadora a indicar Zebral.

Bom, aqui deu-se início, a meia dúzia de quilómetros de autêntico safari. Entrámos num estradão, que mais fazia lembrar as "picadas" africanas. Seguimos com o "coração nas mãos", envoltos numa poeirada sufocante, sempre na expectativa, de ao virar do caminho, pudéssemos ser surpreendidos por uma manada de elefantes ou algum grupo de gazelas saltitantes. Mas não, felizmente de "bicheza", apenas fomos confrontados

com três besouros, duas abelhas, uma sardanisca e uma prima afastada da "viúva negra", que resolveu mais tarde, durante o percurso, atirar a sua teia para atrapalhar a prova ao "espécie". Nhac!!!

A arena estava montada no coração da Serra da Cabreira, próximo do seu ponto mais alto (Talefe com 1.160 m). Paisagem magnífica, em ambiente bucólico, um autêntico "postal" de cortar a respiração e a fazer esquecer rapidamente as canseiras da viagem. É nestes momentos, perante tamanha imensidão, que tomamos consciência de quão pequenos somos. São as verdadeiras recompensas da orientação, que devemos usufruir ao máximo e colocar as minudências, definitivamente de lado.

O tempo urgia. Havia uma pré-partida de dez minutos, o que nos deixava pouco espaço de manobra. Assim, foi chegar, equipar, "trincar" qualquer coisa e pé ligeiro para as partidas. A partida real, segundo informação afixada, distava ainda uns bons 1.200 metros. Se bem sei fazer contas, tinha de correr o tempo todo, para não chegar depois da minha hora. Vim a saber mais tarde, que houve atletas, que não se precaveram e entraram na prova logo a penalizar. Pois foi uma pernada e tanto! O aquecimento estava feito, ou até diria mais, fiquei logo sobreaquecido, a modos que para o "derreado".

As partidas foram colocadas em pleno pinhal, junto a uma linha de água, o que dava uma perspectiva diferente do habitual (íamos meter "água" antes de iniciar). Não sendo o percurso muito longo, tinha um desnível razoável e veio a revelar-se bastante técnico. O mapa era excelente e o traçador demonstrou superior qualidade e bom gosto.

Nos primeiros dois pontos fui "atirado" para o meio da vegetação, o que me fez recordar males recentes (ainda tenho picos nos joelhos!). Ainda deu para assustar, mas os seguintes já se situavam em áreas de melhor progressão. Foi o bastante para ter um contratempo. No meio do mato, fiquei preso num galho, forcei um pouco e zás…rasguei o fatinho do tornozelo à virilha. Atendendo à sensibilidade da zona interveniente, vá lá que se ficou pelo tecido. Uff! (ainda tenho a pulsação acelerada pelo susto). Não obstante a falta de decoro e dado que o tempo estava quente, a "abertura" funcionou como ventilação.

Após o "incidente", fui acometido por uma fúria "propulsora", e a dezena de pernadas seguintes, com pontos colocados em pedras, fossos secos, escarpas, zonas de ribeiros lamacentas e penedos bem altaneiros, foram percorridas (de perna ao léu), com uma tal eficácia, que até eu próprio tive alguma dificuldade em acreditar, ter superado finalmente as expectativas. Inclusive questionei a minha mulher, se ela tinha colocado alguma substância (com sufixo "ina") no sumo. (hehe)

Constatei no final, que sendo este traçado comum a vários escalões, só havia dois tempos superiores ao do "espécie" (apanhei o pessoal distraído, extasiado com as "vistas"). Fiquei literalmente nas "nuvens". Será que estas últimas performances, nada condizentes com a bela "história", trazem "água no bico" ou "sol de pouca dura"?

21. Cavalos de pedra
e os parques proibidos da Pena (1)

Cada vez me dá mais gozo a minha "adorada" orientação. Funciona tal e qual uma "caixinha de surpresas", só depois do mapa bem aberto na mão é que podemos ter uma noção daquilo que nos aguarda.

Coube ao CPOC a responsabilidade da prova de abertura da nova época, na Serra de Sintra, tendo escolhido para primeira etapa, uma encosta rochosa junto à Quinta de Vale dos Cavalos, já no concelho de Cascais. Decididamente estes "equídeos" que nos saíram na rifa, obrigaram a malta a "partir muita pedra".

"Uops!!! Mas qu´é isto minha gente??? Uma rede, uma teia ou um delta de rio?". Esta poderia ser a pergunta que qualquer participante (pelo menos os "espécies"), poderia ter feito, quando analisando o mapa, junto ao triângulo e confrontado com o terreno, vislumbrava um sem número de caminhos, quase sobrepostos e que desembocavam noutros tantos pontos. Uma autêntica charada, que me fez dar uma valente gargalhada, acompanhada dum sonoro desabafo brejeiro *#%$?*/@(censurado).

Perante uma área aberta, em terreno bastante acessível, havia necessidade de colocar algum obstáculo. Valeu a imaginação do traçador, a quem faço uma vénia, foi um golpe de mestre. Definitivamente estivemos perante a maior concentração de caminhos, por metro quadrado, do sistema cartográfico da orientação nacional.

Este ínfimo problema serviu apenas como aperitivo, ao repasto rochoso que se seguiu. Dos vinte pontos do meu percurso, dezasseis estavam colocados nos amontoados de "pedrolas" (desculpem, afloramentos rochosos) ou na sua vizinhança. Foram pedras para todos os gostos. Ah! Ia-me passando. Quando se fala em rochas, temos logo uma outra característica associada, o desnível. E este era do tipo carrossel (sobe…desce…sobe…), o que para os mais sensíveis, obrigava a ingerir umas pastilhas para o enjoo (dois queques e "cimbalino" faziam o mesmo efeito, hehe).

Depois de me ter desenvencilhado da "rede" (a preferência feminina vai para "renda de bilros") do primeiro controlo, com melhor ou pior progressão, fiz uma prova certinha até ao ponto 6, o que significa que era sempre a descer. Nessa encosta bem inclinada, passou-me um companheiro de escalão, que à velocidade que se deslocava, fiquei

convencido que usava esquis. Eu, todo cuidadoso para não dar nenhum trambolhão, aquele "cota" a correr como um desalmado. Homem de coragem! Ainda me disse – "vamos lá" – "lá aonde?" – pensei eu (não posso exceder os limites de velocidade).

Arranco para o ponto 7 cheio de gás e pumba…atasco para cima de dez minutos. O erro não foi ter escalado, o primeiro monte de pedras que me apareceu pela frente (o que suei em vão!), quando a baliza se situava mais à mão (ou ao pé), no final de um caminho e a um nível bem mais baixo. O que aconteceu, é que me deparei com as filmagens de um programa televisivo ou de uma telenovela qualquer, que se desenrolavam mesmo ali pertinho e vai daí quis ficar no "boneco" (tiques de artista!). E estas "frescuras" pagam-se caro (gostaram desta justificação para a incompetência? eu também).

A partir daqui, deu-se início a uma prova de "alpinismo", que se prolongou até ao ponto 12. Nesta sequência de percursos, em termos técnicos, consegui um resultado mais airoso, mas aquelas subidas deixaram-me fisicamente nas "lonas".

Sentia-me desgastado e nem os dois pontos de água me reanimaram, bem pelo contrário. Num deles, devem-me ter colocado alguma substância alucinogénea (hehe), que me atrofiou o "miolo", e na descida que antecedia nova ascensão para o ponto 13 e seguintes, cometo uma barbaridade de "espécie" (desde quando o norte é sul?) e levo mais uma remessa de treze minutos.

Deu-me cá uma raiva, que ataquei as últimas sete pernadas com tal fulgor, que as percorri com outra qualidade (sem parar para pensar ou respirar), não obstante este último esforço, terminei com um tempo a roçar o medíocre. As minhas capacidades físicas (ou falta delas), não me deixam grande margem para os erros técnicos. Acabei quase de mão dada com a minha mulher, que entretanto tinha alcançado no derradeiro ponto (que bonito o casal da espécie de orientista a terminar em simultâneo).

No regresso ao estacionamento, enquanto a chuva começava a cair, contemplando aquele imenso cenário pedregoso, dei asas à imaginação, quase podendo jurar que os penedos se iam transformando numa bela manada de cavalos, a galopar desenfreadamente por entre as escarpas da serra (ainda estou com visões…).

Este estado de espírito, algo deprimente, depressa se foi desvanecendo, ao perspectivar para o dia seguinte, uma espectacular jornada de orientação, nos frondosos parques, "quase" proibidos, do Palácio da Pena.

No meio do rendilhado de trilhos de Vale dos Cavalos

O casal da espécie num casual e romântico final a dois, na mesma etapa

22. Cavalos de pedra
e os parques proibidos da Pena (2)

O dia acordou cinzento e chuvoso. Desde logo me convenci, que estas condições climatéricas poderiam vir a ser, um enorme contratempo no desempenho do "espécie de orientista". Tendo visitado há alguns anos, o Parque da Pena, tinha ficado com a ideia de que era um local deslumbrante em dias solarengos, mas com chuva, a situação complicava por falta de luminosidade e o ambiente tornar-se-ia sombrio. Traduzido, os "ceguetas" (nos quais me incluo) iriam ter trabalhos acrescidos, para descortinar no mapa todos os pormenores.

Mas a história esteve para ser outra. À última hora, os responsáveis do parque restringiram o acesso a uma quantidade de locais, que quase colocou em risco a efectivação da prova. Parece que a boa vontade e o bom senso prevaleceram, e para nosso privilégio, fomos protagonistas duma das mais marcantes provas de orientação realizadas em Portugal.

As proibições limitaram-se a evitar, que os mais distraídos pudessem causar qualquer dano às "araucárias" brasileiras ou "criptomérias", ou abatessem uma "sequóia" centenária (das pequeninas!) ou até quem sabe uma bela "tuia" japonesa e, porque não, pisassem inadvertidamente um pezinho de jasmim do tempo da D. Maria II.

Bom, o seguro morreu de velho, e para que os portões "reais" não se fechassem novamente a eventos deste género, a organização aceitou as condições e a Pena ganhou ainda mais vida, com o colorido proporcionado, pelas centenas de pacíficos "invasores" orientistas.

Eu não disse que ia ter problemas? A minha aversão ao oftalmologista ainda me vai arranjar uma "carga de trabalhos". Se pelo menos me tivesse lembrado de trazer a lanterna…ou um capacete de mineiro (hehe). Mas não vale a pena "chorar sobre leite derramado".

Mais uma vez o triângulo foi um ponto de encontro, onde quase toda a gente ficava em meditação. Era vê-los sair para a esquerda, voltar para seguir em frente e tornar a optar pela esquerda, ou tudo isto ao contrário. O raio do local parecia que tinha mel. Não deve ter havido ninguém, que não tenha "pastado" o seu quinhão. Claro que quando chegou a

minha vez, o mistério de toda a hesitação foi desvendado. As lupas não resolviam o problema, eram mesmo necessárias as ditas lanternas ou um mapa à escala de 1/1 (hehe).

Ainda hoje, ao analisar o mapa, só a muito custo consigo vislumbrar a maldita ponte, por onde eu pretendia seguir para o ponto 1. O curioso é que o caminho também não era muito visível. O "maroto" do traçador voltou a usar uma estratégia, que deve ser enaltecida. Desta feita, conseguiu que o traço vermelho do percurso, ficasse sobreposto aos pormenores do mapa, o que desde logo dificultava a decisão a tomar. Se havia várias hipóteses para chegar ao ponto, podem ter a certeza que tomei uma opção das menos adequadas.

O problema estava em entrar no mapa, e conseguir ter claridade suficiente para distinguir os elementos, porque quanto maior for a escala, mais informação é cartografada. A confusão estava instalada, demasiada pedra, uma quantidade enorme de caminhos (quem disse que facilitavam?), subidas por tudo quanto era opção e umas vistas muito curtas por parte do "espécie". Se este local é fantástico para se visitar, para orientação é super espectacular!

Sete longos minutos depois, com várias inversões de marcha à mistura, lá dei conta do ponto inicial. Continuava com dificuldade em destrinçar tudo o que fosse desenhado a negro (se ainda fosse encarnado ou cor de rosa). Tive de redobrar os cuidados, para não "meter muita água" nas progressões para os pontos seguintes.

Já tudo decorria dentro da normalidade, quando na companhia de um pelotão de jovens com "cola" nos sapatos, procurava entre um "ninho" de pedras o ponto 6, apanho um susto daqueles de atirar um homem ao tapete. Ao "frinchar" o prisma, por uma nesga de rochas, desço ligeiro e quando estou a marcar…Flash! Flash! O "paparazzi" estava lá! Bem escondido no "aconchego" das pedras (o malandro nem respirava), o nosso "orientista em fase de recuperação, momentaneamente a descobrir a arte da fotografia", quase me "arremessava" pela encosta abaixo com a surpresa (no dia anterior também me tinha apanhado com "as calças na mão", hehe).

Fiquei de tal modo ofuscado com o flash, que parto para um dos pontos seguintes (oito para nove), em azimute puro por uma zona rochosa (o que me custou!), só tendo dado conta no final da pernada, que fiz toda a progressão a três metros dum caminho paralelo (é preciso ser muito pitosga!).

A penumbra da mata, mais uma vez tinha causado estragos no meu desempenho. Estes equívocos de "espécie" não matam, mas chateiam "pra caraças". Respirei fundo, afasto a frustração com dois ou três palavrões bem puxados e arranco para outra, rezando a todos os santinhos para não voltar a ser traído pelas "vistinhas".

A dificuldade técnica baixou um pouco, mas o "escadório" para o ponto 11, foi um martírio (ai se as vertigens me tivessem atacado). Umas dezenas de degraus que pareciam não ter fim (nem um corrimão de ajuda). No topo havia uma recompensa, mas só para a veterania. Um belo dum banco em "pedra polida", mesmo juntinho à baliza, mas que se encontrava com taxa de ocupação a cem por cento. Três companheiros recuperavam os "bofes" e com certeza aguardavam que aparecesse mais algum para uma "sueca" (como só sei jogar ao "burro", desandei).

A minha capacidade de desbastar mato (acreditem que não pisei nenhum feto protegido) e saltitar "levemente" de penedo em penedo, ainda foi posta à prova, mas a "descer todos os santos ajudam". Ultrapassei o terreno dos "calhaus" e entrei numa zona mais aberta, em que a dificuldade não era escolher o melhor caminho, o grande óbice residia se havia ou não "cabedal", para despachar a dezena de pontos em falta, o mais rápido possível. Juro que tentei, mas a velha máxima de "quem já andou, não tem para andar", assentou-me que nem uma luva. Aquilo é que era correr, a rapaziada parecia que ia perder o comboio, mas como vim de carro…

Se esta prova tivesse sido proibida, ter-se-ia cometido um "crime" de lesa orientação e El-Rei D. Fernando Sax-Coburgo Gotha (o "criador" deste paraíso), onde quer que esteja, não teria sancionado semelhante medida. Um enorme bem-haja, aos heróis que tornaram possível, este "maravilhoso sonho".

Apanhado pelo paparazzi da Pena

23. No berço dos “jesuítas”

A Companhia de Jesus foi banida de terras lusitanas em meados do século XVIII, por ordem expressa da insigne figura da nossa história, sua excelência o Marquês de Pombal (Tiãozé na intimidade). Ninguém teria a ousadia de os fazer regressar, a não ser por autorização constitucional, o que veio a acontecer, mas isso agora não interessa nada.

Alguém os imortalizou nos finais do século XIX ao deixar um legado culinário. E que regalo! Que delícia! Hum…De comer e chorar por mais. Esta espécie de “jesuíta” é o ex-líbris da acolhedora cidade de Santo Tirso. Uns pasteis folhados com uma cobertura estaladiça, que nos deixa a sensação de podermos comer mais um e um e…

Tê-los-ia comido, se não tivesse de participar nas três etapas do IX Prémio de Orientação dos Trampolins de Santo Tirso (podia engordar 20 gramas, hehe). Mas fui devidamente recompensado com dois dias bem agradáveis. Tempo magnífico, óptimos locais para a prática da modalidade e uma organização impecável em quase todos os aspectos. Esta realidade vem contrariar um pouco a tese, de que as provas regionais são o parceiro menor do calendário.

O tiro de partida foi dado no Monte Padrão, num mapa de relevo razoável, com bastantes pormenores, uns quantos afloramentos rochosos, zonas de vegetação do tipo “parede”, mas também com “montes” de caminhos. Queixaram-se os mais exigentes, que tecnicamente os percursos eram acessíveis em demasia. Aqui para nós, também me pareceu um tudo ou nada fácil, mas como o meu escalão foi aglutinado por outros, cujo nível de dificuldade ainda era menor, deduzi que foi o percurso possível. Isto é o resultado da fraca participação em alguns escalões, que origina uma quantidade de arranjos, nem sempre a contento de toda a gente. Agradar a “gregos e troianos” é tarefa complicada.

Quase conseguia um percurso limpo. O que não estava limpa era a entrada para o caminho da minha segunda pernada, que me obrigou a um “passeio” de mais seis minutos que o recomendável. Como vêem os caminhos só servem para arreliar (hehe). Mais uma vez, fui confrontado com o meu “ódio de estimação”, as já famosas “pedrolas”, mas excepcionalmente, consegui dar-lhes a volta (na verdadeira acepção).

Abordei um dos pontos rochosos, provavelmente o mais técnico, pelo lado de baixo, como estava a ter problemas, resolvi dar a volta por cima e pimba…lá estava ele. Esta manobra custou-me uma mão cheia de arranhões, mas deu-me cá um gozo! Confrontando os splits da rapaziada, concluí que fiz uma opção e "peras". Nem parece uma progressão do "espécie". (por vezes dá-me uns acessos de orientista)

Após este alto momento técnico, o traçador, que não deve gostar de mim nem um bocadinho, aplicou-me cinco percursos seguidos, para desenvolver a minha velocidade de ponta. E se eu adoro correr... (grrr) Ainda por cima, na parte final, a "pista" era a subir.

O que começa a tornar-se um hábito (sádico por sinal!), é obrigar a malta a fazer a pernada extra. Ou seja, das chegadas até ao secretariado, mais umas centenas de metros e em "escalada". Arre! Foi o abafo total, mas fiquem descansados, que as energias foram repostas de imediato, ao "controlar" o bar, que estava devidamente apetrechado.

Da parte de tarde, em jeito de sobremesa, foi-nos oferecido o mapa do agradável parque do Mosteiro da Sª da Assunção (preferia os jesuítas mas…), para percorrermos um super-sprint de pouco mais de mil metros. Pessoalmente, este local era de má memória, pois o ano transacto consegui fazer aqui, o "mp" mais estapafúrdio (cena já relatada) que se possa imaginar.

Com a motivação extra de "vingar" as asneiras passadas, imprimi velocidades algo exageradas para o meu arcaboiço e pouco mais de dezoito minutos depois, fui o primeiro a chegar (tinha sido o primeiro a sair) debaixo duma amável e carinhosa salva de palmas (os cabelos brancos enternecem, hehe).

A assistência só não apupou, porque não tinha conhecimento da minha dislexia perante o primeiro ponto. Mas c´os diabos, se eu via três muros e o mapa só tinha dois, quem tinha razão? Um minuto para perceber que o da direita já não fazia parte do mapa. Em sprint não há margem para erros de "espécie". O pior estava para vir.

Novo dia, novo mapa, na mesma freguesia, Monte Córdova, agora no lugar de Valinhas. Se as arenas do primeiro dia, estavam bem localizadas e funcionais, esta situava-se no local ideal. Dum lado, um arborizado parque de merendas, do outro, o oásis da orientação: o bar! (vou-me esquecer da estrada no meio, mas o trânsito foi bem controlado)

A etapa iniciava-se de imediato com uma rampa. Eu, que tinha estado a gelo nos joelhos (ressaca do sprint), temi o pior, mas aguentei-me como um "leão". Tecnicamente o percurso foi idêntico ao anterior, apenas me obrigaram a correr o tempo todo, mas o cenário alterou para melhor.

A zona do ribeiro, num ambiente bucólico (onde tiraram umas belas fotos), convidava ao desfrute, mas para meu desgosto (nem pus os pezinhos de molho), foi chegar, controlar e desandar, pois nova rampa me esperava.

Estava tudo a correr demasiado bem para ser verdade. Quase a terminar, no percurso do ponto de água para uma das ruínas, com pouco mais de cem metros, comum a quase todos os escalões, deitei tudo a perder, ao conseguir cometer em tão pouco espaço, uma

inimaginável quantidade de “argoladas”. Para fazerem uma ideia do nível da asneira, só vos digo que a minha mulher fez a mesma pernada em menos sete minutos!!!

Não vou descrever o que se passou, porque seria um vexame público para o “espécie de orientista” (hehe). Mais tarde, quem sabe, encho-me de coragem e escrevo um texto abordando este frustrante episódio, que tem potencial para ser incluído num qualquer manual de orientação, no capítulo das “loucas e atípicas pernadas”.

O “espécie” caminhando não viu,
A ruína escondida parecia estar.
Pastando, em esforço o monte subiu,
E finalmente com ela se encontrar.

(poema sobre o amor-ódio entre um deprimido “espécie” e a bela duma ruína)

Depois desta triste figura, pensei que nada me faria atenuar a azia com que fiquei (nem mesmo a desprestigiante e imerecida subida ao pódio), mas valeu-me uma meia dúzia de saborosos “jesuítas”, que entretanto apareceram, para me elevar o estado de espírito.

Ó pra ele todo pronto na partida do Monte Córdova

O pódio da velhice em Santo Tirso muito mal frequentado

24. Imenso Verde

Tenho plena consciência que vou desagradar a uma meia dúzia de amigos, mas vendo a questão por outra perspectiva, devo obter o apoio de pelo menos uns seis milhões, que são os sessenta por cento de portugueses, que preferem o vinho maduro ao verde (se estavam noutra "onda", esqueçam).

O fim-de-semana foi todo ele em tons de verde. Dado que me tinha de dirigir para Alcochete, localidade onde pontifica uma exacerbada "aficion" pela festa brava e se homenageia a figura do forcado, na célebre romaria do "barrete verde", necessitei de ingerir umas pastilhas (por sinal encarnadas), para servir de antídoto ao imenso verde que se avizinhava.

Por favor não tirem conclusões precipitadas, destas minhas palavras, pois não tenho qualquer aversão ao verde (então se for fresquinho…), mas que esta cor me preencheu completamente o fim-de-semana, é verdade.

Na viagem para o Campo de Tiro de Alcochete, onde os Amigos de Mafra nos iriam receber para mais uma prova nacional, procedi a um ligeiro desvio, para colocar uma velinha em Fátima, no sentido de "Alguém" estar atenta, ao que se iria passar nos dias seguintes. No regresso, fui obrigado a comprar uma resma de círios, para pagar a benesse concedida. Terra abençoada que só me dá alegrias (hehe).

Quero esclarecer que em termos de orientação, o pedido não surtiu qualquer efeito. "Se queres resultados, não te armes em pastor e corre". Quando me apercebi da comissão de boas vindas, logo na entrada do perímetro militar, composta por umas "trezentas e vinte e quatro ovelhas" ou mais, comentei para a minha mulher: - "Isto cheira-me a agoiro". Ou então os "Amigos", com alguma dose de humor negro, quiseram deixar a mensagem "Pastores sejam bem-vindos, os rebanhos já cá estão". Eles lá sabiam o que nos tinham reservado.

A abrir as hostilidades, na margem da albufeira da barragem de Vale de Michões, fui confrontado com um percurso de distância média, com características diferentes do habitual, composto por três "loops", ou pétalas, ou borboleta, ou "vou ali e venho já" ou simplesmente voltas.

O ponto 131 foi o centro das atenções, e também resultou num grande “trinta e um “ para umas dezenas de concorrentes. O caos de “trânsito” que se gerou em cada volta, com o chegar, picar, beber água, sair e daqui a pouco tornar a vir, deixou muita gente à beira de um ataque de nervos, quando no final lhes foi apresentado um “mp” de distracção.

Apesar de ser um “cabeça no ar”, não me apanharam nessa ratoeira. O que apanhei foi um agressivo “enxame” de ouriços (picavam à brava), que se me agarraram ao “uniforme”, na travessia de uma qualquer imensa zona “verde” e para não perder mais tempo, tive de carregá-los até à chegada. Claro que o peso acrescido destes espécimes, fez atrasar a passada do “espécie”, senão nunca teria sido cronometrado com aquele tempo vergonhoso, a rondar os 58 minutos.

Bem vistas as coisas, o que me deve ter penalizado foram os dois encontros com a minha mulher, em outras tantas pernadas. Não posso passar por ela e fazer de conta, não é? Acresce ainda o facto de termos os mesmos percursos (coincidência do “arco da velha”). Mas o “matar saudades” fez-me perder a concentração e levei um “abono” de dez preciosos minutos. Já na parte final, para picar o ponto 19, junto a uma árvore (provavelmente o mais fácil do percurso, mas enganador), tive necessidade de “controlar” outras duas (nem um canídeo em hora de aflição), resultando num acréscimo de três minutos ao pecúlio das “pastorícias”.

Sonhei que no dia seguinte a prova me iria correr melhor (imperava o verde esperança). Os terrenos eram os mesmos, com a variante desta vez, de percorrermos quase todo o perímetro da albufeira, que para o meu escalão correspondia a uns 6.000 metros e que a somar aos quase cinco do dia anterior, pressupunha alguma gestão de esforço, o que em termos pessoais se traduzia em gerir as canseiras acumuladas (sonhar não custa).

Entrei no mapa com o pé esquerdo. Dei logo de caras com mais um imenso verde, isto é, uma enervante vegetação rasteira, que não sendo intransponível, tinha características de “gola alta”. O ponto situava-se nas cercanias duma árvore, que tinha tal porte, que a dita vegetação a tapava por completo. Mas ela estava lá! (pertencia à família das Bonsai, hehe) E com este percalço foram cinco minutos “à vida”.

Se em condições normais, a minha progressão se rege por níveis de velocidade, assim para o “Dona Elvira”, façam ideia do esforço que despendi para ultrapassar o listado verde do mapa. O “espécie” decidiu fazer orientação em azimute puro e duro, portanto não deveria haver arbusto que me atrapalhasse (nem os de tamanho XL). Atendendo à quase inexistência de relevo e de caminhos, e à distância longa de várias pernadas, a táctica parecia ser a mais adequada. E seria, se não estivéssemos em presença da “espécie de orientista”.

O raio dos azimutes nos pontos 3 e 6 estavam “fora de prazo”. Bem, no ponto 6, por sinal uma clareira bem pertinho do final dum caminho, pastei para cima de sete minutos. Inadmissível! Baixei o mapa (erro de maçarico), tendo conseguido encontrar (antes da minha, note-se), pelo menos umas dezassete clareiras num raio de cem metros (ainda entro para o Guinness).

Entretanto já tinha alcançado a minha mulher, que para castigo de ter atascado, deixei-a vir de boleia dois pontos (ficou nas lonas). Um beijo de despedida (virtual…não pensem

coisas) e “tchau” que a gente vê-se no final. As minhas “diabruras”, felizmente terminaram no ponto oito, que coincidiu com a diminuição da distância das pernadas, onde me adapto melhor, vindo a originar um final de prova, mais próprio de um orientista do que de um “espécie”.

Sinto uma certa relutância em abordar aspectos de ordem organizativa ou técnica, costumo deixar essas análises aos “experts”, e até já manifestei publicamente a minha admiração, por quem mete ombros a essas tarefas, mas houve dois pormenores que me deixaram com a “pedra no sapato”.

O facto do triângulo, na etapa de sábado, ao ser colocado a escassos cinco metros das partidas, ter originado uma tremenda confusão, mas por outro lado, permitir uma visibilidade à passagem dos concorrentes nos loops, que não é habitual. A ideia parece positiva, o resultado deixa-me dúvidas.

A outra situação tem a ver com os pontos de água do segundo dia. No meu escalão, o mapa assinalava dois locais, mas que distavam do trajecto ideal uma centena de metros, que obrigava quem necessitasse de se hidratar, a fazer duas pernadas extra. Como já levava nas pernas metros suficientes, resolvi não me desviar, e finalizei mais sequinho que a albufeira da barragem vizinha. Irra…que sufoco!

PS: Vou proceder a um acto de contrição. Confesso que a percentagem vinícola inicial é falsa. Era mesmo sobre aquilo que estavam a pensar (somos mesmo muitos!). Foi só um estratagema, para a malta afecta à “minoria” não terminar, logo no início, com a leitura do texto, hehehe.

Uma amostra das verduras

Barragem de Vale de Michões

25. Terapia de choque no Oeste (1)

Os sintomas geravam alguma preocupação. Começaram por se manifestar com umas simples insónias, que rapidamente deram origem a constantes cefaleias (tal qual enxaqueca feminina, hehe), irritabilidade, falta de concentração, apatia, arritmia, tremuras, astenia e outros achaques. A desmotivação instalou-se e era facilmente constatável.

Como este quadro clínico já se mantinha há uns dias, a minha mulher "arrastou-me" ao consultório de um médico amigo que de imediato diagnosticou: "estás com um estúpido e prolongado ataque de ansiedade". E lá me atirou com umas "pírulas" ansiolíticas, que pouco mais fizeram que me tornar ainda mais apático, "Yah meu, tá-se bem?".

Entretanto, a conselho da minha informada sogra "porque não experimenta um cházinho do ervanário da Areosa?" Ok! Estava por tudo. Resultado, tenho o meu aparelho urinário a cem por cento, como diurético até que nem esteve mal (com umas "surbias" seria idêntico), quanto aos males padecentes, nada se tinha modificado. Em desespero de causa, ainda pensei contactar a bruxa do "Monte Lírio", aqui da minha vizinhança, mas tive conhecimento que se tinha aposentado por estar xexé (ora que novidade!).

As semanas foram-se passando, até que numa dada altura, ao observar a minha mulher a compilar umas fotos no computador, relacionadas com as nossas provas de orientação, teci alguns comentários com "aquele" toque pessoal. Click! Algo disparou no meu subconsciente, que nas duas horas seguintes, o meu humor alterou por completo, ao recordar todos aqueles momentos, porque qualquer uma daquelas fotos está associada a uma "istória".

Qual enxaqueca, quais tremuras, arritmia ou fraqueza, parecia outro. A minha mulher que se tinha apercebido da alteração do meu comportamento, atirou - "o teu problema é falta de provas para relaxares e, mesmo que não te apeteça, vamos proceder imediatamente à nossa inscrição na prova do ATV". "Isto só vai com uma terapia de choque, e se tiver que ser à moda do oeste, tanto faz". E esta hem?

Se o remédio se resumia a pôr o espécie de orientista a funcionar, com todo o prazer arrumei a trouxa (onde não faltava o dicionário de espanhol) e imbuído de "fluidos" positivos, dei início à minha jornada rumo ao encontro das dunas do belo oeste lusitano, zona onde as provas se iriam realizar, num dos quadros paisagísticos mais espectacular do país, a Foz do Arelho.

O tratamento que o Académico de Torres Vedras me colocou à disposição, constava de uma amena dose de 3.400 metros e 22 pontos no sábado e uma "ensaboadela" de mais de 7 quilómetros e 18 controlos no domingo, em terreno arenoso, propício aos atascanços (sobretudo para a malta da "pesada").

Um primeiro dia de cariz mais técnico e um segundo, para testar os níveis de sofrimento, que é como quem diz, pernadas algo longas, a exigirem algum cuidado com as opções, mesmo ao jeito dos nossos "F1", mas para quem é um "Fiatzinho" ia ser o "bom e bonito". Ainda me tinha de haver com as "máquinas" dos nossos "hermanos", pois esta prova também contava para o campeonato espanhol. O verdadeiro espécie em contactos internacionais! (por supuesto que si!)

Na abertura das hostilidades, a motivação estava em alta, gosto de distâncias curtas, não era o último a partir (uma deferência da organização), ainda não chovia e tinha o prazer de contar como companheiro de escalão, com o regressado (depois de longa lesão) ex-repórter fotográfico Jorge "Paparazzi" Dias (a falta que vai fazer nessa área!). A minha saudação especial para o seu reaparecimento (mais um para me dar nas orelhas, hehe).

Saio todo lampeiro, o ponto 1 não me deu problemas, o segundo, perto dum caminho e numa reentrância, também não devia dar. Está bem está…Avisto o caminho e a reentrância com o respectivo ponto, acelero e…não é o meu??? Só pode haver engano! Calhou-me um mapa "estragado". E lá começa mais uma epopeia do espécie.

Em vez de voltar de imediato ao caminho para me relocalizar, não…procuro no relevo envolvente, tudo o que se assemelhasse a reentrâncias. Fiquei a saber, que o que mais há neste tipo de terreno são reentrâncias…mas não a minha. Enquanto não fiz as coisas como deve ser, ela não apareceu (bem feito!). Mal retorno ao caminho, após 11 minutos de teimosia e burrice, o ponto (facílimo) bateu-me logo nas vistas, apesar de ser numa reentrância (?) das pequeninas (com muito boa vontade).

Isto é desesperante não acham? Afinal estava em terapia de choque. Como iria reagir? Da melhor maneira possível. Com esta pastagem logo a abrir, não poderia dar-me ao luxo de cometer mais "loucuras". O restante percurso foi percorrido com uma precisão de me deixar arrepiado, mas a "desgraça" já estava contabilizada.

Nos quatro pontos finais, que se encontravam dispersos pelo meio duns arbustos emaranhados, quase intransponíveis, que davam fraca visibilidade e prejudicavam a progressão, ainda foi necessário pôr à prova as minhas capacidades como "explorador" (como brincadeira de jogo do "esconde" até que achei giro).

Para dar conta do recado tive de me socorrer das linhas de alta tensão (há quem as queira evitar), em virtude de os azimutes estarem todos aos "ésses", devido aos campos magnéticos (hehe).

Na descida que antecedia o 200, tive de fazer um esforço para não acabar a rebolar (empurrado por um apressado "andaluz", com défice de fair-play) e terminar com alguma dignidade (1.07,54). Fraquinho não é? Mas houve quem fizesse pior, com certeza só para me animar, são uns companheirões!

Um bálsamo para a alma – Foz do Arelho

26. Terapia de choque no Oeste (2)

A terapêutica aplicada estava a surtir efeito. Acordei com uma disposição excelente, preparado para "papar" os quilómetros que fossem necessários, escalar as dunas mais movediças ou transpor a vegetação mais agressiva. Desconfio que o alto astral, estava influenciado, por no dia anterior, em Peniche, ter lutado arduamente com uma saborosa caldeirada de peixe, enquanto assistia ao naufrágio do "glorioso" diante do "gipsy team" nortenho.

Mal arranquei para a segunda fase do "tratamento", caí na asneira de analisar as pernadas (coisa que nunca faço), e fiquei apreensivo. "Valha-me Deus! Estes tipos querem acabar com a espécie de orientista, seis ou sete pernadas com mais de quinhentos metros!". Engoli em seco, a pensar naquilo que tinha de correr e…sofrer. Vou desde já confessar que não doeu nada, os meus receios eram infundados. Tudo correu na paz do Senhor…ou quase.

Depressa me apercebi, que o terreno se apresentava mais limpo que no dia anterior, o que só iria facilitar a vida aos roladores e me obrigaria a andar nos limites, se não queria ter como oferta especial a tal lanterninha avermelhada (ou rosa?).

Ainda não tinha picado o terceiro ponto e já estava a ser passado por um colega de escalão que tinha partido dois minutos depois. Não liguei "pevide", porque a sua cilindrada é muito superior à minha e quando assim é, desejo-lhes boa viagem. No entanto, para me elevar o moral, acabei por controlar o ponto cinco, simultaneamente com ele. Ou o meu andamento na pernada mais longa (3/4) foi de "gritos" ou o meu camarada atascou (parece que sim). A verdade é que só o voltei a encontrar no bar das bifanas, hehe.

Os pontos foram-se sucedendo, com maior ou menor tranquilidade, até que dei de caras com uma zona pretensamente transponível, segundo o mapa (ponto 10), mas que mal se tentava penetrar, éramos confrontados com uma "selva" cerrada. O cartógrafo deve ter aversão ao verde-escuro. A solução foi fazer inversão de marcha e seguir o limite de vegetação até um aceiro. Como era uma pernada das "valentes" (cerca de setecentos metros), devem imaginar a minha consumição para me desatolar da areia.

A prova continuava a desenrolar-se dentro duma normalidade exasperante, que para o espécie não é nada bom, porque retira-lhe os níveis de concentração e fica lerdo. Eu não disse? Arranco decidido para o ponto 14, mas uns metros à frente páro como "tolo no meio da ponte". Para que lado me hei-de virar, para contornar aquela profusão de verde?

A tomada de decisão não foi tão célere como desejaria, mesmo depois de ter sido fustigado em plena face, por um ramo de silvas (seria para levantar a adrenalina?). Foram-me prestados os "primeiros socorros" em plena mata, por uma simpática "enfermeira" do CAOS, que me disponibilizou uns "kleenex", para limpar o sangue (e eu a apensar que era suor). Acho engraçado e de louvar, que as nossas "damas" estejam preparadas para estas eventualidades (hehe). Neste momento, tenho o apêndice nasal com uma autêntica pintura guerreira de índio americano (considero isto as minhas medalhas).

Ao passar no ponto de água (14), dei uma lavadela ao arranhão e parti desenfreado, para percorrer os derradeiros percursos. Não obstante ter visto passar (ou sobrevoar?) os "campeões" do meu grupo, tinha a percepção que estava a realizar uma boa prova e ainda não tido cometido nenhum deslize de espécie, o que era motivo para levantar as mãos ao céu.

Mas a minha propensão para a asneira é realmente de fazer "chorar as pedras da calçada". Atacando o ponto 16, olho de soslaio para a sinalética e interpreto "ruína". No meio deste mapa? Bem, tudo é possível em orientação. Por mais que mirasse o mapa, com ou sem lupa, não descortinava qualquer "ruína" (são o meu ódio de estimação), mas continuei a progressão até ao momento que, ao passar junto de um outro (?) ponto, notei que algo me "cheirava mal". Onde raio pára a dita cuja? O meu orgulho de espécie não me permitiu perguntar pela "ruína" (e ainda bem, seria um vexame), a toda aquela malta que ia controlando aquele ponto e que se situava no meu campo de visão.

Após quatro minutos, perdi a paciência e ao aproximar-me da baliza, reparo que se encontra entre duas pequenas cotas. Volto a olhar para a sinalética, desta vez com toda a atenção e fico petrificado de raiva. Qual "ruína" qual quê!!! O sinal era de área aberta seu…seu…seu…(não há adjectivo pois não?). São as vicissitudes da espécie de orientista em todo o seu esplendor.

Mesmo com este contratempo, finalizei em 1.24,50, que não destoa na carreira do espécie, pois foi a pontuação mais alta conseguida em provas da taça, mas deixa algum amargo de boca, porque passei ao lado de uma prova para ninguém "botar defeito". O mais importante tinha sido o tratamento de choque a que me tinha proposto e, por este prisma, os objectivos tinham sido alcançados e estou em crer que até foram ultrapassados.

Quem de certeza se pode sentir satisfeita, é a Organização. Foi brilhante a sua prestação, merecem os 100 pontos. Como diria a minha "tia" Leonor – "A-do-rei! Os "piquenos" do ATV são uns queridos!". Claro, que quando se consegue concentrar no mesmo local, a arena, as chegadas e partidas, a parte logística fica facilitada e o ambiente desportivo sai melhorado, mas a sua preocupação com o bem-estar dos participantes é de enaltecer (ainda arremessei duas setadas, mas não tenho olho de Robin dos Bosques, hehe)…e os pastelinhos do primeiro dia? Um deleite…

Trouxe uma frustração para casa. Não me deixaram adquirir um troféu, idêntico ao que foi distribuído como prémio (seus maus!). Seria colocado em cima da TV e sempre que me dessem os ataques de ansiedade, por falta de provas, bastava dar-lhe uma piscadela de olho (o rabo de cavalo é mesmo giro). Mas a ideia de criar em exclusivo este "boneco" alusivo à nossa modalidade, foi muito feliz e merece um forte aplauso. Clap…clap…clap.

E pergunta a minha mulher com um sorriso maroto – "Já te sentes melhor?". - "Melhor? Estou completamente curado!". Só que me ocorreu – "Ei pá, vamos passar mais sete semanas sem provas…irei ter alguma recaída?".

O ambicionado troféu do ATV

27. Espécies na bruma

Atendendo ao longo hiato competitivo, tive tempo de sobra para preparar a "psique", para um novo confronto com as "pedrolas" (o "naufrágio" da Coelheira continua presente), desta vez em pleno Parque Nacional do Alvão. Estava disposto a afastar definitivamente os meus fantasmas, que me aterrorizavam sempre que tinha pela frente terrenos onde imperassem as "culturas" rochosas (e se elas proliferam por estas bandas!).

A imagem de marca do mapa de Muas, zona da primeira etapa do Troféu Caminhos do Alvão, é a infinita quantidade de pedra cinzenta, "estorvada" aqui e acolá por tapetes de carqueja, assim pró durinhos (experimentem cair de costas hehe), salpicada por meia dúzia de pinheiros e uma enorme quantidade de linhas de água, que nos permite contemplar uma paisagem, que tem tanto de agreste como de bela.

Mas para todo este discurso ter algum significado, as condições climatéricas devem ser excelentes. Porque se depararmos com um nevoeiro de "cortar à faca", valha-nos "Santa Maria das Espécies", esta beleza transforma-se num cenário pouco menos que aterrador e o medo…muito medo, apodera-se completamente das mentes menos precavidas e "a tragédia, o drama, o horror", fica eminente. Não fiquem apreensivos, porque a única mente que fica verdadeiramente transtornada é a do "espécie".

Debaixo dum nevoeiro intenso, batendo o dente como castanholas (de frio, não de medo hehe), dei início a mais uma cena dum filme, para mim já bem conhecido, que dá pelo original título de "Espécies na Bruma" (qualquer semelhança com alguma realidade é a mais pura das coincidências). Para o quadro ficar completo, há que acrescentar o facto, que daqueles 400 atletas, apenas uns 20 partiriam depois de mim. – "Irra!!! Que está tudo contra o espécie!"

A minha preocupação era tanta, que me atrofiou por completo o raciocínio. Entrei logo no mapa com o pé esquerdo (como sou dextro, não funcionou). Para controlar o primeiro ponto, quase fui ao segundo. Só parei quando bati num caminho, o que me fez voltar atrás uns vinte metros... e era vê-lo (o malandro) a rir-se para mim.

Dei com o segundo nas calmas e a partir daqui, conforme se ia acentuando o nevoeiro, os meus receios iam-se avolumando. Se estava frio (cerca de 5º), nunca mais o senti, com os calores que me assaltaram, tal era a ansiedade de querer sair dali o mais depressa possível.

O ponto 3 assemelhou-se a uma miragem, dado que vi uns três pontos, antes de finalmente o encontrar, bem "recostado" na sua escarpa. E eu que já tinha estado bem por cima dele! -"Meia hora de prova e três pontos?" Comecei a "magicar" o pior e a sensação de que aquilo ia acabar mal, não me largava.

Num assomo de alguma técnica e muita sorte à mistura, consegui chegar à primeira metade dos pontos (7), ao fim de mais vinte minutos, de progressão difícil, mas sem pastorícia. Já tinha mais tempo gasto nesta altura, que dois dos meus parceiros, no final da prova (hehe).

Antes do ponto sete, fiquei com outro problema, ao alcançar a minha mulher, que tendo saído antes de mim uma hora, estava completamente atascada. Deixei-a para trás, com o coração apertadinho, a imaginar o que ela teria ainda que penar (sou um sentimentalão, que hei-de fazer?). Puro engano. Quem iria sofrer e bem, seria eu.

A pernada mais longa (7/8), resultou num acréscimo de penalização, na mais que deficiente prova que vinha a efectuar. Tentando não me afastar do azimute, fui tomando opções na progressão, que me pareceram correctas, até chegar à zona que, julgava eu, ser a do controlo. Por acaso até era, mas encontrava-me num nível abaixo do ponto uns cem metros. Dez minutos para a progressão e outros tantos para dar com a baliza.

Entretanto, fui-me apercebendo que iam rareando os atletas em prova. -"Se caio e me aleijo ou atasco, vou ficar aqui perdido". E estes pensamentos pessimistas não vinham ajudar em nada, em virtude do nevoeiro continuar a baixar, reduzindo os níveis de visibilidade para uns vinte ou trinta metros.

Todo o ser humano é dotado dum instinto de sobrevivência, que o obriga a reagir, quando confrontado com situações adversas. Mas c´um raio, onde parava o meu? Também como é que o queria encontrar no meio daquele nevoeiro, que mal dava para ver onde colocar os pés?

Tentando contrariar esta tendência para a asneira, lá arranjei motivação para continuar (seria o tal instinto?), conseguindo alcançar o ponto 12, à custa de mais vinte minutos no "cabedal". Apesar de tudo, foram quatro percursos bem orientados, sem qualquer hesitação, numa caminhada solitária pelo labirinto das "pedrolas", com cuidados extremos para não dar qualquer queda e sobretudo numa tentativa desesperada para concluir a prova.

Ao analisar o trajecto para o ponto 13 (o penúltimo), respirei fundo, ao verificar que havia pormenores que bastassem, para não me atascar novamente. Fios de alta tensão, caminhos, progressão na mesma curva de nível e ponto junto a uma árvore, que mais precisava eu para acabar aquela odisseia? –"Estou safo, vou conseguir dar conta do recado".

Se calhar foi este baixar de adrenalina que me tramou. Começo a correr (ainda tinha forças para isso), passo os fios, o afloramento rochoso, os caminhos, avisto uns pinheiros dispersos em zona de reentrâncias, tal qual a sinalética e…o 77 não estava lá (será que já tinham levantado os pontos? hehe). Na orientação, a desconcentração e os excessos de confiança são fatais.

Nem queria acreditar que ia "morrer na praia". -"Não é aqui?" Até usei a técnica do polegar e errei? Claro que mal distinguia o que me rodeava e o ponto poderia estar ali a meia dúzia de passos que eu não o veria. Ou tinha acertado à primeira ou estava perdido. E não é que estava mesmo?

Meus amigos, naquele momento a vontade de desistir passou a ser obsessiva. Sentia um desespero de arrancar cabelos e a desilusão era total. Ainda bati todas as reentrâncias que tivessem árvores, num raio bem alargado, mas quanto mais procurava, mais desorientado ficava. Os fios deixaram de ser visíveis, os caminhos "varreram-se-me" da ideia, o mapa só estorvava e aquela geringonça que tinha no polegar, já nem sabia bem qual a sua função. Bloqueei por completo e logo num ponto de baixa dificuldade.

O tempo passava e nem vivalma. –"Que faço aqui no meio destes montes, quanto toda a gente já acabou?". E para meu desgosto e grande frustração, "atirei a toalha ao tapete"; tinham passado uns inacreditáveis noventa e quatro minutos, desde o bip bip inicial.

Ainda havia outro problema a resolver. Tinha de procurar a direcção da arena, mas já não conseguia raciocinar. Deambulei durante uns minutos ao acaso, até que finalmente dei com um ponto, que não era meu (54), mas onde tinha estado no início da prova. Valeu a minha memorização. Localizei-o no mapa e ainda fiquei mais arreliado. O que eu me tinha afastado!

A estrada era perto, tinha de descer o monte quase na totalidade e com aquele nevoeiro não ia ser tarefa fácil, mas para minha fortuna, o tal instinto sempre apareceu. A hipótese que eu já equacionava, de dormir num belo colchão de carqueja, na companhia de lobos e dum ou outro rastejante, foi literalmente rejeitada.

O que não se tornou fácil, foi digerir tanta incompetência (esgotei os sais de fruto). O filme das "pedrolas" com nevoeiro repetiu-se e com o mesmo desfecho vergonhoso. O terreno era difícil…o nevoeiro estava bem denso…fui dos últimos a partir…ainda padecia duma entorse num pé…afinal sou só uma espécie de orientista…mas por mais que tentasse arranjar desculpas para o fracasso, nada me iria levantar o moral para o dia seguinte e…a minha mulher conseguiu terminar!

Praticar orientação no Alvão, é um privilégio para qualquer atleta…com nevoeiro…não, obrigado.

Antes…

…e depois

28. Renascer das cinzas em Lamas de Olo

Sob um nevoeiro intenso, que mal permitia descortinar o início da subida final, alguns elementos da organização e uns poucos de concorrentes resistentes, aguardavam junto às chegadas, com nítida ansiedade, que o último participante desse sinal de vida. A esperança era diminuta, já que passavam largas horas desde que ele partira.

De repente, alguém exclamou – "Estou a ver um vulto! É ele…o nosso homem!". E do meio daquela neblina, eis que surge, tal qual um D. Sebastião, o espécie de orientista, que toda a gente já dava como perdido. -"Que traz ele ao ombro?", – "Parece ser uma baliza…e é mesmo…o ponto 77!!!". Todos queriam abraçar o "herói de Muas", que aflito gritava –"Deixem-me respirar…deixem-me respirar!".

E se eu não acordasse naquele instante, não sei o que teria acontecido. Completamente alagado em suor e com as pulsações mais que aceleradas, dei por fim a mais um pesadelo, dos muitos que não me deixaram descansar, na noite após a célebre aventura na bruma. A situação descambava perigosamente para o foro da psicanálise.

Depois da "borrasca" da véspera, não tinha qualquer vontade em fazer a segunda etapa. Sentia-me desmotivado, doía-me o pé, mas sobretudo o que me causava maior sofrimento, era o ego todo "esfarrapado". Disse para a minha mulher – "Se hoje estiver o nevoeiro de ontem, nem me equipo". Ela limitou-se a comentar em tom jocoso –"Só se fores mariquinhas é que não partes". Mau!...mau…mau…provocações logo ao alvorecer não vinham nada a calhar, mas registei para memória futura.

À medida que íamos subindo para o local da competição em Lamas de Olo, que se situa a pouco mais de mil metros da arena do dia anterior, o meu ânimo quase ia batendo no fundo, ao constatar que o nevoeiro se apresentava muito mais denso. Mas qual milagre, numa curva da estrada, sou encandeado por uns raios solares, que sorrateiramente iam afastando a névoa incomodativa. Junto às partidas, estava um sol radioso, mas mais abaixo pairava um manto de nuvens, como de algodão se tratasse (que proporcionaram umas fotos magníficas), prontinhas para atacar a rapaziada, que ousasse pôr o pé nos seus domínios.

Fui comentando com alguns companheiros, em jeito de desabafo, as minhas desventuras da etapa anterior, colocando a hipótese de não partir para esta prova, de tal maneira fraquinho estava o meu espírito (ai ai que me dói o pé). Como resposta, logo obtive um curioso incentivo –"Tens de ultrapassar essa tua fobia das pedrolas. Vai-te a elas como um "tarzan"".

A neblina mantinha-se num sobe e desce constante. Tanto estávamos perante um sol aberto, como de seguida, baixava uma escuridão que tornava tudo meio fantasmagórico. Perante aquela incerteza, a minha vontade andava também um pouco à deriva. Num momento dava-me uma febre de competir, para logo de seguida, ao olhar para o nevoeiro desanimava e lá voltavam os medos –"Vou-me atascar novamente".

Enquanto aguardava a partida da minha mulher, ia ouvindo de minuto a minuto, aquele "piar" constante do relógio, que me martelava o subconsciente, como que um chamamento, – "Que `tás a fazer aí especado, seu medricas? Salta cá para dentro do mapa e mostra o que vales!".

Se ainda tinha alguns resquícios de coragem, só havia uma atitude a tomar. Então eu, que já tinha competido lesionado ou doente, porque carga de água me recusava a partir, apenas porque não me entendo com o cinzento? Deu-me um ataque de nervoso miudinho e num ápice estava prontinho para partir. Ou renascia das cinzas, ou era o fim do "espécie", em terrenos de "pedrolas".

O constante vaivém do nevoeiro, prejudicou-me logo na saída. Fui envolvido por uma nuvem repentina e... perdi o triângulo? Rebate falso. Um grupo de Opt`s tinha "acampado" mesmo em cima do prisma!!! Uff…levei cá um susto.

Mais uma vez, não tinha qualquer visibilidade, mas nem me passou pela cabeça voltar atrás. O primeiro ponto (dos 17) localizava-se num fosso que depressa apareceu, a baliza é que nem por isso, pois tentou "fugir-me", a marota. De seguida tinha de me deslocar para a falésia em frente às partidas, mas nesta altura nem sombra dela. Fui progredindo com ajuda da bússola (não me traiu desta vez) e o dito monte rochoso emerge do nevoeiro. E agora, em que zona da falésia me encontrava? Como o ponto se situava mesmo no início da subida, dei uma corridinha junto ao sopé e o segundo foi controlado.

A partir daqui, foi necessário praticar um pouco de alpinismo, para apanhar o ponto 3, mas a minha veia radical prevaleceu. Com uma motivação extra, dado que o sol espreitava novamente, percorri vários pontos sem problemas, o que me ia levantando o moral.

Nem as dificuldades encontradas no ponto 55 (7), bem "camuflado" no meio do mato e do 47 (10), completamente "colado" à escarpa, me fizeram baixar os braços (foi sempre a abrir!). Este mapa tinha numerosos pormenores e o cinzento, para meu contentamento, ia sendo substituído por zonas verdes e brancas, o que atenuava, na minha óptica, as dificuldades.

Um pouco mais de uma hora e tinha concluído os 3.400 metros. Consegui, apesar do susto inicial, terminar a prova e com um tempo bastante razoável em relação aos primeiros. Não sei se afastei de vez os fantasmas das "pedrolas". Sinto que o "espécie",

ao dar um ar da sua graça, nasceu novamente (qual Fénix) e ultrapassou um potencial trauma (o do pé ainda não). Nem quero imaginar a minha "telha", caso não tivesse partido. Teria mesmo que consultar um "espreme miolos" do tipo "Dr. Kabongo Ialá – ao seu dispor".

Não posso, nem devo, deixar de felicitar o decano dos orientistas nacionais, o grande Joaquim Costa, que neste dia completava a bonita idade de setenta primaveras. Foi pena, que uns míseros três minutos o impedissem de subir ao pódio, pois seria a cereja no topo do bolo. No entanto, a organização do Orimarão, demonstrando a sua eficiência, presenteou-o com um prémio especial. Num momento de emoção, Joaquim agradece, – "Vocês são a minha segunda família". Mais palavras para quê?

Desta espécie de folhetim transmontano, há que retirar as devidas ilações, que possam no futuro ser uma mais-valia, no desenvolvimento da bela "istória".

Alvorecer motivador – Lamas de Olo

29. Corridinho algarvio (I)

Nos “braços” da Sãozinha

Se fiz questão em marcar presença na prova rainha do calendário nacional, o POM 2008, fui obrigado a andar numa fona durante os quatro dias da competição. Com início em Tavira, passando duas vezes por Faro e terminando em Vila Real de Santo António, originou um autêntico frenesim para o casal da espécie de orientista.

Podíamos lá faltar ao evento, que atrai ao nosso país uma verdadeira caterva de estrangeiros (eram para cima duns quinhentos!), do melhor que existe na orientação mundial. Pelo menos ia ter o prazer de participar lado a lado (só nas partidas, hehe) com alguma da elite orientista. O tal toque internacional, para condimentar um pouco mais a carreira do “espécie”, que anda a passar por uns momentos menos felizes.

A sociedade CIMO / Fontainhas convidou-nos no primeiro dia para a propriedade da Conceição, quase nos limites da serra algarvia. Eu até nem conhecia a “senhora”, mas enfim…se ela não levava a mal…aproveitávamos a hospitalidade. Um terreno que me fez recordar um passado recente.

Então não querem saber, que esta mata estava semeada de um tipo de arbustos, ainda aparentados com o célebre “tojo ulex”? Predominavam os vários tons de verde, que mau grado o dito parentesco, mostraram-se bem mais dóceis e com alguma facilidade na transposição, mas tendo em conta o seu exuberante porte, resultou que certos pontos se apresentassem pouco menos que invisíveis (à minha “frágil” vista, claro).

Não querendo dar desculpas de mau pagador, devo salientar que a minha modesta prestação, foi influenciada pelo agradável aroma que emanava do seio da “Sãozinha”. Um perfume a rosmaninho, ou a poejos, ou seria das acácias (?), que me foi embalando no seu “regaço”, sobretudo entre os pontos 8 e 12. Trinta minutos de verdadeira interacção com a floresta. Para picar estes quatro pontos, demorei quase tanto tempo do que despendi com os restantes dezasseis.

Foi um consolo para a alma, mas uma desgraça para o resultado final. Espero que compreendam, que não devo contrariar a minha personalidade. Se sou um rapaz sensível

a estas “particularidades” da natureza, tenho é de desfrutar e pronto (estou em crer, que num destes dias me vão apanhar na floresta a apanhar borboletas, hehe).

Sinto alguma mágoa por não ter conseguido melhor performance, porque a qualidade deste mapa (penso que os mais cépticos se renderam) merecia mais empenho por parte do “espécie”. Não me posso queixar de falta de pormenores. Um relevo “soft”, caminhos q.b., uma série de lagos, vegetação com fartura, curvas de nível bem pronunciadas, apenas 4.200 metros de percurso e ausência de “pedrolas”, o que mais poderia eu desejar? –“Um pouco mais de atenção e nada de deleites”. Mas o que havia de fazer? Fiquei inebriado pelos “aconchegos” da Conceição (hehe) e só tenho uma pontinha de ciúme da mão cheia de companheiros, que ainda se deliciou mais tempo no “colo” da “Sãozinha” (mimalhos!!!).

Tentei não esmorecer, dado que a procissão ainda ia no adro. No dia seguinte, no Pontal, teria hipótese de corrigir estes erros “afectivos”, perdão…técnicos (sou um sonhador brincalhão!).

30. Corridinho algarvio (II)

Ir a banhos

Como tínhamos assentado arraiais em Tavira, neste segundo dia demos continuidade ao nosso corrupio por terras algarvias, dado que a etapa ia ter lugar no Pontal, zona próxima do aeroporto de Faro. Dose a repetir na jornada seguinte.

Para surpresa geral, ao chegarmos à arena, fomos confrontados com uma área espectacular, nomeadamente na vertente logística. Sobressaía nos comentários dos atletas mais viajados, mormente os estrangeiros, que este local de concentração era dos melhores por onde já tinham passado.

A coligação CIMO / Juventude Fontainhas continuava a amealhar pontos, para somar aos que já tinha angariado no dia anterior. A maioria estava um pouco na expectativa, sobre a capacidade desta organização, em colocar de pé uma competição desta envergadura, mas a partir daqui qualquer dúvida estava dissipada.

Pontal, por acaso até me dizia qualquer coisa. Local predilecto de dois eventos de arromba. Um ligado aos amantes de cerveja e motas e outro a um festim estival, conotado com uma determinada cor política. Bem vistas as coisas, finalmente Pontal iria ter nos seus domínios um evento sério e responsável (hehe).

Depois da chuva impiedosa da tarde anterior, a manhã apresentou-se bem airosa e a motivar a malta para uma prova a preceito. Convinha não esquecer que esta etapa iria contar para o Ranking Mundial, portanto seria de esperar um mapa a condizer com o nível dos concorrentes, que no global eram de superior qualidade.

Comecei a ter umas sensações esquisitas. Seria da responsabilidade? Estaria constrangido com a proximidade de tantos craques? Nah!!! Cá para mim, a vizinhança do mar, aliada à amena temperatura, estava a mexer comigo. Isto de vir para o Algarve, só se for para banhos. O meu bio ritmo, nestas paragens, não está preparado para outras solicitações.

Tentando abstrair-me dos fluidos de veraneio que pairavam no ar, iniciei os meus 8.100 metros, com 19 pontos para controlar e uns 200 de desnível, levando a motivação

possível para as circunstâncias. Mal olho para o mapa, apanho um susto tal, que quase me espalhava num lamaçal. Primeira pernada com quase mil metros? –"Ai mãezinha! Isto vai ser de loucos". Correrias loucas quero eu dizer, mas de preferência bem orientadas, senão é esforço em vão. Infelizmente eu sei do que estou a falar (não me confundam com o outro).

Não sei se tomei a melhor opção, mas nove minutos depois estava na zona do primeiro ponto, apenas tive uma "branca" e demorei mais onze para o picar. Eu vou tentar explicar o que aconteceu. Lembram-se da zona verde, onde se situava uma plantação de "bananeiras", de "palmeiras", "tamareiras", "coqueiros" ou que raio era aquelas árvores? Pois bem, seja o que for, era planta tropical. A tal paisagem que leva um tipo a sonhar com férias. Assim sendo, dei uma de turista e pus-me a "trabalhar para o bronze". Está bem, eu sei que não tenho desculpa, o ponto, apesar de escondido, estava na berma duma "auto-estrada"!!!

Após este contratempo, as hipóteses de uma prova razoável estavam completamente hipotecadas. Ainda teria pela frente umas três pernadas bem mais extensas do que esta. Ou continuava com a filosofia do ori-turista, ou fazia pela vida e corria atrás do prejuízo. Esforcei-me para dar da perna, mas nem sempre com o melhor proveito. A bússola, talvez influenciada pela proximidade dos radares do aeroporto, arremessava-me constantemente ao lado das balizas (hehe). E por força destes "campos magnéticos", ia acumulando minutos de atraso.

No sexto percurso, de cerca de um quilómetro, em má hora decidi seguir um caminho que passava junto a uma lagoa. Atacaram-me os calores e estive vai que não vai para dar um refrescante mergulho. Se a minha prova mais parecia um "tour do atascanço", não viria mal nenhum ao mundo, se desse umas braçadas. No entanto, como faltavam poucos metros para o ponto da verdadeira água, consegui conter os impulsos banhistas.

Oh meus amigos!!! Então andei a assinar uma petição para quê? Onde paravam as "minis" loiras, frescas e apetecíveis? Só havia água? Concordo, que a malta vinda da Escandinávia é mais de leite, chás e limonadas, mas e nós…os latinos? Daqui faço um apelo às futuras organizações de percursos mais longos. Passem a chamar de "ponto-bar" estes locais, onde se possa também beber umas "bejecas". Ou em alternativa, para não chocar os mais sensíveis, de "ponto de abastecimento líquido", combinado? Obrigado.

Depois deste relevante parêntese, primordial ao desenvolvimento da modalidade, regresso à minha luta com o mapa, mas o chocalhar que sentia na barriga, não pressagiava nada de positivo. Comecei a ficar enjoado, provavelmente por falta de alimento (ou água a mais), pois tinha partido à hora do almoço e os dois biscoitos e banana, há muito que tinham sido digeridos pelo meu acelerado metabolismo. Os roncos gástricos eram mesmo de fome. Não me faltava mais nada! Após uns momentos aerofágicos e flatulentos, fiquei pronto para seguir viagem (hehe). Desculpem a crueza da cena, mas quem já não passou por aflição semelhante? (que atire a primeira bússola)

A prova ainda nem a meio tinha chegado e eu já me encontrava na reserva, mas os sete pontos seguintes foram controlados dentro da normalidade, dando algum moral, não obstante continuar a perder um minuto aqui, dois acolá, cinco além. Nem me atrevia a

olhar o relógio para não desmotivar. E bem precisava estar concentrado, para dar conta da pernada mais longa (1.200 mts), que tinha de percorrer para a baliza 14.

O terreno era a descer, caminhos não faltavam, mas seria necessário algum cuidado nas opções a tomar. De repente avisto a "zona tropical", por onde teria de passar novamente e fiz um esforço para não cair na tentação de voltar ao "passeio turístico", até porque já tinha apanhado sol em demasia. Fechei os olhos e corri o mais que pude! –"Arreda tentação do demónio, que isto não é hora de ir a banhos!"

Uff!!! Safei-me à justa. Do que não me salvei foi de mais uma pastorícia. O ponto 15 ficava a pouco mais de 200 metros. Como devo ter achado pouco, bateu-me um último acesso de veraneante e andei à sua roda uns dez minutos (até ficar tonto). Resolvi ir a azimute, quando só tinha de escolher o melhor caminho (inventor!). Não desatinei, porque apareceu um companheiro de desgraça e tive de me controlar, mas é preciso montes de paciência para aguentar tanta inépcia.

Devem estar a imaginar o tempo escandaloso que devo ter feito, mas por favor não me peçam que o divulgue (foi mau, muito mau), basta de vexame. Tanto andei a fugir da lanterna vermelha, que hoje tinha sido apanhado (pensei eu). Tinha de me conformar com a realidade pura e dura, só que no lavar dos cestos, surgiu uma alma caridosa dum lube amigo e arrebata-me este "troféu".

No dia seguinte (se me conseguisse levantar) ia haver vingança, olá se ia!

Chegadas em área aberta

Zona da Arena no Pontal

Prémios para os vikings (WRE)

31. Corridinho algarvio (III)

Salve a face quem puder

Algumas mentes mais tortuosas, levantaram o boato, de que o terceiro dia do POM, ao ser disputado no mesmo local do dia anterior, terá sido fruto de falta de imaginação ou deficiente capacidade técnica da Organização. Efectivamente a etapa decorreu no mesmo mapa, com partidas e chegadas nos mesmos pontos da véspera e esse facto gerou uma quantidade de críticas. Ora, estes comentários foram altamente injustos e só compreensíveis, por uma menos cuidada análise da situação.

Se me permitem, eu tenho uma opinião muito particular sobre o assunto e completamente contrária à da maioria (ou minoria, nem sei bem). Considero esta atitude da Organização, uma verdadeira benesse concedida aos "perdedores", "pastores", "frustrados", "desorientados" e sobretudo à "espécie de orientistas". Digo mais, esta foi a prova de consolação, para aqueles que, por um ou outro motivo, tiveram prestações menos conseguidas na etapa do WRE. Esta prova decorreu sob o lema "Salve a face…quem puder…". Ou como eu a entendi, o dia da vingança. Estão de acordo comigo ou…nem por isso?

A Organização tinha plena consciência, que a segunda etapa, dada a sua qualidade e exigência, poderia provocar uma autêntica hecatombe nos resultados finais. Se o mapa era interessante, porque não usá-lo duas vezes? No que pessoalmente me diz respeito, só tenho que lhes agradecer o me terem proporcionado uma segunda chance, de rectificar toda a chusma de asneiras cometidas no primeiro dia "Pontalício".

Se derem uma mirada aos tempos da etapa de domingo, podem verificar que esta "dádiva" beneficiou muito mais gente do que possam imaginar. Sou até apologista que se fosse necessária uma terceira "rodada", ela devia ser facultada (hehe), tudo em defesa do estado emocional da população orientista.

Em termos pessoais, este terceiro dia, teve o efeito de um tónico. Quando me levantei, os meus "sinais vitais" estavam pró fracote e pensei bem que nem iria partir. O corpinho estava todo dorido, as pernas bamboleavam e a psique encontrava-se totalmente fragilizada. Um bom pequeno-almoço, mais um corridinho de cinquenta quilómetros, o reencontro com os amigos, a envolvência no ambiente de festa, o belo dum "cimbalino"

e à hora da partida já me sentia “fresco como uma alface” (de três dias, mas ainda viçosa, hehe).

Quanto à minha prova, aproveitei ao máximo a oportunidade que me foi dada para salvar a face. O percurso tinha apenas menos 400 metros, mais um ponto que na jornada passada e um desnível idêntico. É verdade que passei por algumas áreas já conhecidas, mas esse facto não me retirou qualquer motivação. O desafio que impus a mim mesmo, ao querer repor alguma auto-estima, foi amplamente conseguido. O orgulho do “espécie” prevaleceu. De tanto cerrar os dentes, quase deslocava o maxilar.

Em condições normais, este trajecto seria para percorrer em menos meia dúzia de minutos do que o anterior. Só que eu tinha um défice bem pesado para abater. Não tendo feito um percurso limpo (há quem diga que não existe), longe disso, andei muito mais certinho e terminei com um tempo inferior em 40 minutos! Claro que houve um ponto de “atascanço” (7), (nem outra coisa seria de esperar), num buraco em que o lixo quase “abafava” a baliza, mas mais uma vez, os caminhos aqui só complicaram (está bem está, os caminhos…e a asnice!). Com tanta gente no meu escalão (mais de sessenta), acabei por nem me portar muito mal.

O que me parece um paradoxo é o número razoável de atletas, que obteve resultados inferiores ao do segundo dia. Então o mapa não era igual? As pernadas não passavam pelos mesmos locais? Não havia a sensação do “déjà vu”? Creio que houve alguma ilusão de óptica ou simplesmente…distracções!

Aqui vai mais uma vez, o meu lamento, para um momento que poderia ter deitado por terra todo o meu suor. A desilusão que apanhei no “ponto de abastecimento líquido”, onde apenas havia água com fartura (hehe). E as minhas “minis”? Quase sufocava com o calor. Querem acabar com a carreira do “espécie”?

Num aspecto vou dar razão aos críticos. A sensaboria dos pódios, que não alterou uma vírgula, em relação à segunda etapa. As comitivas nórdicas, salvo raras e épicas excepções (louvores para Tiago Romão, Santos Sousa e Mário Duarte), continuaram a monopolizar os lugares cimeiros. Esta constatação cria-me um problema, diria quase existencial: para além do cabelo loiro, em que é que eles, os “belos” Vikings, são diferentes de nós, os gloriosos Lusitanos?

Bem me empenhei para limpar o dia anterior

32. Corridinho Algarvio (IV)

Final de festa no sotavento

Mais uma vez a Orientação foi alvo de uma atitude de deferência. Não é a primeira vez, que temos o privilégio de podermos utilizar zonas, que são consideradas verdadeiros patrimónios naturais. Agora, foi-nos franqueada a entrada na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, em pleno coração do sotavento algarvio, onde apenas têm livre-trânsito certas espécies protegidas. Senti-me de imediato como peixe na água, ou não pertença eu a uma espécie…em vias de extinção.

O teatro que nos foi posto à disposição, para o final da festa do POM 2008, não poderia ser mais bem adequado. A possibilidade de nos podermos espraiar por todo o complexo desportivo de Vila Real Santo António, tem de ser vista como uma autêntica mordomia.

Dava gosto presenciar a azáfama, uma "Babel" onde todos se pareciam entender, nem que fosse por linguagem gestual, o colorido buliçoso, a preocupação no bronzeado de última hora (era vê-las a besuntarem-se), todo um afã que se ia desenrolando naquele aprazível espaço. A Organização conseguiu atingir o clímax mesmo no final.

E se tudo estava excelente, em termos de arena, então no aspecto técnico, fomos presenteados com o melhor mapa deste evento. A unanimidade quanto à qualidade do terreno, não deixa margem para qualquer discussão (quem sou eu para questionar seja o que for?). Mas no melhor pano cai a nódoa e um arreliante pormenor veio quase manchar uma festa, que se pretendia imaculada.

Entrei na prova, convencido que ia ser canja. Dezassete pontos dispersos por 3.600 metros de percurso, para um quase inexistente desnível. Que dificuldades poderia encontrar? Toda a gente sabe, que quando não há problemas eu tenho o dom de os criar.

A primeira pernada, que não tinha trezentos metros, deu-me logo "sarna para coçar". A vegetação, não sendo intransponível, apresentava-se demasiado densa, dificultando a visibilidade para se poder avaliar o relevo. Progredi em azimute, mas o ponto "nem vê-lo" e o cume (?) onde se situava, não deu sinal de si. Bem me fartei de correr, mas o caminho que me podia ajudar, parecia estar a milhas. Começou o meu problema que se manteve toda a etapa. -"Já terei passado o ponto?" – "Corri demais?" –"Ainda não estou

na zona?”. Bem, os pontos pareciam que estavam a fugir de mim. Se calculava 200 metros, tinha de fazer 300. Se atirava para 400, não chegava mais.

Este equívoco acompanhou-me até ao final. Só mais tarde, em conversa com um dos nossos especialistas, tomei conhecimento que os mapas estavam numa escala superior a 10.000. Tal hipótese, nem me passou pela cabeça. E este problema já tinha acontecido em Muas. O tal detalhe que poderia ter estragado a festa. É verdade que a situação foi igual para todos, só que os mais informados imediatamente perceberam, os “espécies” fartaram-se de penar.

Por acaso, não pensaram que este erro pode ter sido intencional, no sentido de elevar o grau de dificuldade do que parecia ser uma tarefa fácil? (assim obrigou a rapaziada a desfrutar um pouco mais do “Sapal”) A Organização só pretendia o nosso bem-estar.

Para além deste relevante detalhe, também nunca me adaptei muito bem à vegetação, que camuflava nitidamente as balizas, transformando os pontos em quase “camaleónicos”. Passei grande parte dos percursos, a “nadar” por entre aqueles arbustos (halófilos de seu nome), pois tinha necessidade de os ir afastando com os braços, sempre na esperança de me saltar do meio deles, um pontinho para o “chip” ou um camaleão linguarudo, hehe. -“Com que então isto ia ser acessível?” – “Põe-te mas é esperto, Luís…deixa de ser marafado!”

Depois de ter sido abonado com uma dúzia de minutos no primeiro ponto, só tinha de respeitar o mapa, se pretendia um resultado com alguma dignidade. Sempre em esforço, dado que os pontos ficavam sempre mais longe do que eu supunha, fui conseguindo controlá-los, sem mais nenhuma tolice de monta, até que sou apanhado por novo “atascanço”, na progressão para o ponto 12 (reentrância com vegetação). Nem queiram saber a malta que andava à cata do “dito cujo”. Mais parecia um grupo excursionista em passeio ecológico. Ainda hoje não percebo o motivo que me fez perder mais de oito minutos naquela baliza. Ah! Descobri! Tive uma atitude solidária com a minha mulher, que também andava lá nas suas buscas (hehe).

A partir daqui, dei início ao melhor período da minha prova. Apesar de não ter atingido altas velocidades, tive o condão de ir “esbarrando” com os prismas, de tal forma os azimutes estiveram atinados. Podia até me ter aleijado, não é? (hehe). Nas imediações do ponto 14, fui interpelado por uma super-veterana, que precisava de se localizar, mas o inglês dela era pouco perceptível e o meu “finlandês” já passou por melhores dias. A sorte da senhora é que aponto bem no mapa.

Quase sem dar por isso, tinha terminado a minha participação no POM 2008. Não alcancei resultados de que me possa orgulhar, mas tive o prazer de ser mais um protagonista da maior festa da Orientação, que decorre anualmente no nosso país. Em 2006, apenas estive presente numa das etapas, no Pego. O ano transacto, em S. Pedro do Sul, o temporal ofuscou por completo o evento. Finalmente consegui usufruir do ambiente de festa que se vive nestas provas.

Por mais que me tente lembrar, não conheço nenhuma modalidade que traga tantos atletas estrangeiros ao nosso país. Custa a entender a falta de interesse da comunicação social, não sabem o que perdem.

Cinco dias antes, quando me preparava para iniciar a minha viagem para sul, alguém me perguntou – “Para onde vais?” – ao que eu respondi – “ah!ah!ah! vou para a festa”. No regresso – “Donde vens tu?” – “snif! snif! snif! venho da festa…”.

33. As belas dunas (I)

Felizmente…há sol.

Título que de imediato me veio à cabeça, quando iniciei estas linhas sobre o Troféu Internacional de Cantanhede, da responsabilidade do Ori-Estarreja, ao recordar-me de histórias passadas, mas ainda bastante frescas.

Se bem se devem lembrar, os últimos eventos organizados por este clube, foram brindados com uma chuva impiedosa, que quase pôs em causa a sua realização. Após várias insistências "celestiais", desta vez S. Pedro condescendeu, dando a possibilidade de novamente a equipa de Estarreja poder mostrar toda a sua capacidade como organizadora.

Foram dois dias de sol primaveril que ajudaram a abrilhantar mais uma prova para estrangeiro não pôr qualquer defeito, porque a maior parte dos atletas que estiveram no Algarve, rumaram a norte e "acamparam" na Tocha, tendo sido principescamente recompensados.

Parece que existe um prémio para quem apresentar a melhor arena. Depois dos espectaculares locais do POM, viemos encontrar mais duas zonas superiormente escolhidas. Então no segundo dia, com partidas e chegadas em pleno estádio, não nos podiam ser oferecidas melhores condições (se bem que os tecnicistas preferissem floresta total). Nestas circunstâncias até me faz redobrar o prazer de participar. Isto de ser orientista começa a ser um luxo, mas é aconselhável que não se levante muito a fasquia, para não se correr o risco de criar maus (ou bons?) hábitos aos humildes praticantes.

O mapa do Palheirão, onde se realizou a primeira etapa, tem como característica principal as suas belas dunas, envolvidas por zonas de franca vegetação, alternando com uma quantidade de clareiras e diversas áreas alagadiças, que nesta altura se apresentavam totalmente secas.

Ora toda a gente sabe, que a paixão que sinto pelas dunas é tão intensa quanto a aversão que nutro pelas "pedrolas". Portanto aqui estava um desafio para o "espécie", não

cometer tantas loucuras quanto as que tem protagonizado nos últimos tempos, atendendo que iria percorrer os "seus" terrenos.

E lá fui eu saltitando alegremente de duna em duna. De tão apaixonado que estava pelas "belas", que nem dei pelo passar do tempo e…toma lá uns cinco minutos! O ponto 1 era acessível, mas com a progressão que efectuei só podia dar asneira. A malandra da cota foi a última a ser visitada (nunca andei a mais de vinte metros dela). Para compensar fiz uma segunda pernada num ápice. Mas com tanta pressa, que de seguida aconteceu mais um "flirt" com as minhas adoradas.

O ponto 3 estava no local ideal para complicar a vida ao "espécie". Uma profusão de cotas, cumes, reentrâncias, tudo isto numa área restrita, com a colocação de vários pontos à mistura, que traduzido para o mapa resultava um rendilhado perfeito. Salta aqui, espreita ali, "este não é meu" e com tanta hesitação "voaram" mais cinco minutos.

Foi neste entretanto, que me cruzei pela primeira vez, em plena prova, com o "bip bip dos Cárpatos". O homem parecia motorizado e munido de sensores (mas não usa bússola), tal a maneira como se desviava com elegância dos obstáculos. Fiquei siderado com a velocidade de execução do Ionut Zinca (e a corrente de ar? a…a…atchim!). É pena só ter podido apreciá-lo uns…quinze segundos (meteórico).

Continuaram a surgir no terreno mais zonas de "rendinhas" e toneladas de areia que me iam atrofiando a passada, mas nessa altura já me tinha identificado completamente com o mapa, que se ia revelando duma exigência técnica acima da média, o que nem constituiu surpresa, dado que esta prova iria contar para o WRE.

Exceptuando a corrida, feita em ritmo de "cágado cansado", não me posso lamentar de mais nenhuma cena que me tivesse prejudicado nos 3.600 metros do percurso. Consegui um tempo abaixo da uma hora, que comparado com a concorrência, não me deixou mal na fotografia. Quem diria que o elevado nível técnico do mapa acabaria por me beneficiar, ao colocar um "travão" aos corredores? Como não atasquei demasiado, fui conseguindo equilibrar as coisas.

Para desentorpecer e em jeito de preparação do físico para o dia seguinte, foi-nos proposto que fizéssemos ao fim da tarde um "passeio" nocturno: **"Tocha by night".** Como não somos de esquisitices, para nós qualquer mapa serve. Se havia um sprint urbano noctívago destinado ao relax – "vamos a isso".

- "Elas andam aí!!!" – "Quem? Por onde?". Há quem não acredite que "elas" existem, mas que as há…há.

O casal da espécie de orientista foi vítima de uma infeliz coincidência, digna de pertencer ao mais sofisticado manual de "Bruxarias, feitiços e mala patas", por que se regem os "profissionais" de Vilar de Perdizes (Merlin e Madame Min incluídos). A brincadeira ia-nos saindo cara.

Depois de uma alegre correria, pelo meio dos tradicionais palheiros da praia da Tocha, pico o ponto 200, que se situava num parque de merendas, em zona sem grande visibilidade e parto para o finish…catrapumba!!! Bato aparatosamente com um joelho

num meco de cimento, que não deveria ali estar. Vi estrelas, cometas e o resto do firmamento incluído (devo ter proferido alguns desabafos inapropriado).

Arrastei-me até ao final, procurando avaliar imediatamente a extensão dos "estragos". O joelho já apresentava um hematoma considerável e com uns rasgões que davam um aspecto feio ao dói-doi. Estou a lamentar a minha sorte (ou azar?), a imaginar que no dia seguinte não "ia haver nada para ninguém", quando alguém me avisa – "Oh Luís vai ali à tua mulher, que ela foi mordida por um cão!" – "O quê? Não acredito. É mau demais para ser verdade." O casal da espécie encontrava-se em maus lençóis.

Mais de uma centena de participantes, acontecem dois incidentes em momentos diferentes e os "desgraçados" são marido e mulher? Por uma qualquer arte de bruxaria, tamanha coincidência tinha acontecido. Fui dar com ela, a lágrima ao canto do olho, as calças rasgadas e uma perna perfurada por três dentes de rafeiro. A minha ferida tinha pior aspecto, mas o caso dela preocupava mais, com o receio de qualquer infecção. Acabamos o resto do dia no hospital da Figueira da Foz a tratar das mazelas.

Mais tarde, já no hotel, com as pernas ao alto e carregados de gelo, um de nós pergunta – "Chegaste a acabar a prova?" – "Claro e tu?" – "Também, estavas à espera de quê?". Demos uma boa risada. Não temos emenda, adoramos mesmo isto. A preocupação estava centrada no dia seguinte. Iríamos estar em condições de participar?

Dunas do Palheirão

34. As belas dunas (II)

Ao toque de alvorada, quase simultâneo com o cantar do galo, pois tinha de aplicar mais meia hora de gelo, comecei a ter fé que a situação se iria compor. A minha mulher não se queixava da sua lesão e eu para não dar parte de fraco…também não. O joelho tinha desinchado qualquer coisa, mas doía-me "pra caraças" (ia gemendo baixinho). Abreviando…dose de antibióticos, mais analgésicos e sacos de gelo com fartura, resultaram num paliativo a meio gás. –"Vambora qu`está na hora e mainada".

Procedi a um ligeiro aquecimento com toda a cautela e apercebi-me que o joelho estava preso por arames, mas se a dor se mantivesse com aquela intensidade, ia dar para partir…só não sabia se daria para chegar. A prova no mapa de Rovisco Pais, era de distância longa (7.100 mts) o que não vinha ajudar nada, mas o meu espírito de sacrifício iria vencer (ai dele!). A verdadeira e irremediável dor iria ser outra.

Fui dos primeiros a partir, com a função de desbravar terreno, tendo todo o cuidado de deixar os carreiros bem abertos, para a rapaziada que viria a seguir não se perder. Sou de um altruísmo sem limites (hehe). Com a preocupação de me defender, a minha corrida toda desengonçada, devia ter alguma semelhança com a do Mantorras (hehe).

Galvanizado com a prova do dia anterior, fui rangendo os dentes, para ir aguentando a moídeira que me ia importunando. Com o evoluir do percurso, a dobradiça aqueceu e quase esqueci a maleita. Tinha de tentar fazer uma prova o mais limpa possível, porque estava convencido que poderia conseguir o melhor resultado da "istória" do espécie.

As belas dunas não me iriam deixar ficar mal, mas eu também tinha de cumprir a minha parte (e aqui residia o problema). As pernadas iam-se sucedendo a um ritmo que me começava a preocupar. "Isto está a correr bem demais", pensei com os meus botões. Os pontos pareciam que tinham íman, de tal forma o meu SI os ia picando.

Pernadas longas, ou técnicas, mais fáceis ou mais exigentes, todas me correram "demasiado" bem, facto que me ia deixando um tanto ou quanto desconfiado. Estava de tal maneira empolgado, que parecia correr nas nuvens, – "é um sonho, não acredito". Creiam que não tenho nenhuma peripécia para relatar. Nunca tal me tinha sucedido. Ia-me cobrir de glória! (hehe)

Com mais de três quartos da etapa percorrida, ainda não tinha sido alcançado por nenhum parceiro de escalão (o que acontece normalmente) e o único que acabou por me ultrapassar, tendo saído depois de mim uns vinte minutos, só o conseguiu nos últimos três pontos (dos 18). Refiro-me a um craque, que em condições normais, me ganharia uns quarenta e cinco minutos, – "mas hoje isso não vai acontecer" (sonhava eu).

Tinha a moral nos píncaros, que mal entro na pista para controlar o 200 e sprint final, vem-me à memória uns flashes dos sprints engraçados que fazia há uns anos atrás. Dá-me um acesso de loucura (desfiz o resto do joelho) e cá vai disto…brrrruummmm…uma curva e recta de se lhe "tirar o boné" e levantar o tartan. Os splits não deixam que vos minta (Obikwelu onde estás tu?).

Quando terminei, a falta de ar era tanta que tive a sensação de que ia cair redondo. Não é que estava tudo a "brincar" à minha volta? Não caí naquele momento, mas fui ao tapete logo de seguida...**mp?...mp?...**

Este texto podia e devia terminar aqui. É impossível transmitir por palavras o meu estado de espírito naquele momento. A água do balde que caiu por mim abaixo era mais fria que o gelo, a que me tinha sujeitado longos períodos, para poder ali estar presente. O sonho que eu julgava estar prestes a alcançar, num simples "bip", transformou-se no mais tenebroso pesadelo dos orientistas.

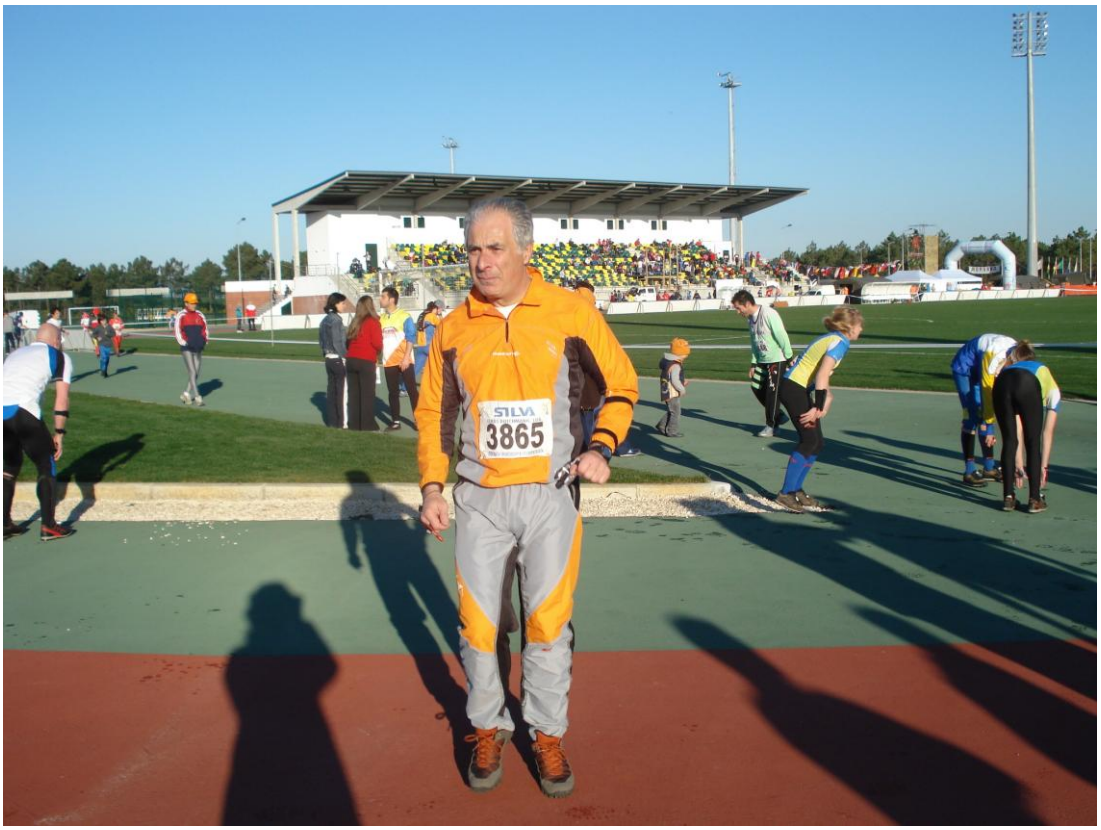
Incredulidade, desilusão, frustração, desespero, raiva, mas sobretudo um sentimento de impotência e revolta, porque não havia nada que eu pudesse fazer. A não ser voltar atrás e picar o ponto 9, tantas vezes até ele calar o pio.

A minha cor devia assustar (um cadáver teria melhor aspecto), pois de imediato vieram indagar se me sentia bem, só que eu nem conseguia falar. A minha vontade era chorar e gritar o mais alto possível, mas a malta podia ficar assustada (era melhor não). Ao olhar o joelho, que estava mais inchado que a minha "cabeça", ainda fiquei mais abatido, a pensar no sacrifício que tinha feito para nada. Isto é que tinha sido um bruxedo bem feito, hem? (hehe).

Quando recomecei a raciocinar, deu-me logo para a fantasia – "como fui dos primeiros a passar, a baliza estava adormecida e não validou, ok foi isso". O António Amador ao reparar no meu desespero ainda me confortou – "vamos ver se mais alguém se queixa, não desanimes". Entretanto chegou o jovem Sayanda, que tinha picado o mesmo ponto e a minha ténue esperança esfumou-se. Custa a engolir estes "mp`s surprise", ora se custa.

Se na altura eu quase podia jurar que tinha controlado o ponto, depois mais a frio, ao rebobinar o filme das pernadas, assumi a grande asneira que tinha cometido. A pernada para o ponto 9 tinha mais de 600 metros, com várias opções para a progressão e não tendo feito a mais indicada, saí um pouco ao lado e próximo de outro ponto, que confirmei ser o controlo seguinte (10), que nem era grave, já que distava do 9 uns 150 metros, no máximo. O que aconteceu é que, num momento fatal de desconcentração, piquei este ponto e segui para o 11, em vez de me reorientar para o 9 e regressar novamente ao 10. Confuso? Não. Espécie de orientista? Sim.

A traição de que fui alvo pelas minhas belas e adoradas dunas, fazem-me repensar o meu futuro na Orientação. Provavelmente terei de fazer um interregno nesta relação e equacionar a hipótese duma aproximação às monstruosas "pedrolas". Quem sabe se nos tempos mais próximos, não poderá germinar uma nova e profícua amizade com o "espécie de orientista", quando nos confrontarmos lá pelas bandas das paisagens alentejanas?



Ai que me dói o joelho…ou não

35. Sprint Alentejano

Sempre que tenho de me deslocar ao Alentejo, faço-o com enorme prazer. Se o objectivo da viagem for o de participar num evento de orientação, então essa satisfação redobra. Se acrescer o pormenor da prova ser organizada pelo GD4Caminhos, a expectativa de uns dias memoráveis sobe em flecha. Se a competição for o Campeonato Nacional de Sprint, ora aí temos o "espécie" todo vaidoso, por se poder imiscuir com os puros orientistas. Mas isto não fica por aqui. E se o cenário da prova for o Norte Alentejano, na região de Castelo de Vide? Bem, estaremos perante um fim-de-semana de carácter excepcional, onde posso aliar a prática desportiva a um roteiro turístico de superior qualidade.

Agora vem a parte menos agradável da questão. Segundo as informações técnicas, o terreno onde se iria disputar a primeira manga do sprint, assemelhava-se a um polvilhado de "pedrolas", e sabem o que isso significa? Grandes tormentos para o espécie de orientista…ou talvez não.

Apesar desta contrariedade, dirigi-me para a pacata localidade de Póvoa e Meadas, cheio de confiança, mas com o "coração nas mãos". Das duas uma: ou continuava a minha senda negativa pelos mapas rochosos, ou definitivamente assinava o armistício com as antipáticas "pedrolas".

A população recebeu-nos de braços abertos, permitiu-nos que "invadíssemos" as suas propriedades, demonstrando uma total confiança, que espero termos sabido respeitar. Fomos alterar por completo o sossego daquelas gentes, pouco habituadas a algazarras, que se limitaram a presenciar com a sua postura muito peculiar, as nossas "velocidades" nada usuais para aquelas bandas. A sua hospitalidade é tão genuína, que não necessitam de grandes exteriorizações, para compreendermos a sua satisfação com a nossa visita. Toleram-nos, porque nos acham divertidos e inofensivos e no fundo um pouco de festança não faz mal a ninguém. E o largo do coreto, o Rossio, estava todo engalanado, "não é Ti Miquinhas?"

"Êh compadri Xico, quê sã aqueles maganos às côris que andã a corrêre no sê monti? Andã a pastare o sê gado, home?" – "Nã…Ti Zê, atão vomecê na sabe qui ê a malta da

orientaçã? Sã os mêsmes que estiverã lá na Fadagôsa no ano qui passô!" – "Ãh…os das gaiôlas larãnjas e das busseles! Já sê!"

Uns mais bem informados, outros mais distraídos, os nossos anfitriões fizeram questão de marcar presença e estar atentos às nossas movimentações, não houvesse algum de nós mais mariola, que ultrapassasse os limites da boa vontade alentejana.

Isto de vir sprintar para o Alentejo profundo, parece um contra-senso e até pode ser catalogado como uma agressão ao ambiente, mas eu entendi esta opção como um bom prenúncio. Se calhar nem era preciso correr assim tanto para ser considerado sprint, o que para mim vinha mesmo a "talhe de foice". Ou seja, devagar…devagarinho…e parado.

Estando ainda num período pós-traumático, depois do "desastre" do Alvão, parti com toda a cautela, para não repetir erros do passado, o que um mapa na escala 4.000 iria ser uma valente ajuda. Não faltavam detalhes, só era preciso saber interpretá-los e estar precavido com o "trânsito", porque cerca de 750 atletas a deslocarem-se em correrias desenfreadas, numa área tão exígua, no meio de uma profusão de controlos, podia dar problemas ("uops! este não é meu…ai! este também não…e este…").

Manuseei o mapa como de um bebé se tratasse. Com extremo cuidado e muita atenção. Este meu bom comportamento veio a ser recompensado no final. Podia e devia ter efectuado progressões um pouco mais rápidas, mas o receio de passar as balizas sem lhes pôr a vista em cima, levou-me a um andamento mais controlado. Atitude que se revelou sensata, atendendo ao desgosto que alguns especialistas sofreram, por rolarem em excesso de velocidade.

Os percursos com escalas menores são perigosos, porque os pontos aparecem (e desaparecem, hehe) num ápice. Bastou baixar o mapa uma vez (no ponto 4) e fui imediatamente castigado com três minutos, mas os restantes quinze controlos, não me consumiram por aí além. Foram dois mil e duzentos metros, de um percurso idílico e de reconciliação, entre o espécie e as mal compreendidas "pedrolas".

Terminei com um tempo na casa dos 27 minutos, contra os cerca de 18 do líder do escalão. Não façam esse ar trocista, porque é uma diferença perfeitamente normal entre craques e espécies. A primeira abordagem aos afloramentos rochosos (no dia seguinte haveria novo encontro), nem decorreu nada mal, bem pelo contrário. No entanto, os malvados organizadores fizeram questão de me assustar, ao atribuírem-me mais um minuto no tempo final, tendo acabado por o corrigir, o que pensei ser um acto de simpatia para com o espécie, só que vim a saber mais tarde, que tiveram "gentileza" idêntica com mais de metade dos concorrentes. Tinha acontecido um "ori-bug informático" (hehe).

Depois de uma manhã de "paz e amor", o que me estaria reservado para o sprint urbano (em hora de sesta) no casco histórico de Castelo de Vide?

A segunda manga, de 2.100 metros, foi traçada em pleno centro da vila, tendo iniciado num acesso de inclinação acentuada (só o olhar para cima dava dores de pescoço), a uma das portas da muralha (S.Pedro), com passagem pelo castelo, fonte da vila, judiaria, sinagoga, parque e uma infinidade de escadinhas, num serpentear constante,

com um sobe e desce pelas vielas bem íngremes da zona histórica, terminando em apoteose na praça da igreja matriz (uff!).

O tipo de prova que exige algum esforço físico e não perdoa qualquer hesitação ou desconcentração, tem de ser tudo vertiginoso, a pensar e a executar. Eu que sou um perito neste género de acções (cabecinha no ar!), não tive o mesmo comportamento da etapa matinal, dado que troquei as voltas a uma das vielas (quatro minutos de borla), mas do mal o menos, mantive o lugar classificativo. Soube a pouco, pois nestes percursos urbanos, tenho consciência que posso almejar resultados mais airosos.

A fazer jus à hospitalidade norte alentejana e como somos todos bons rapazes (ao que parece ninguém se portou mal), no final do dia foi-nos servido um jantar volante, da responsabilidade da autarquia, dando assim continuidade à distribuição de simpatia por toda a caravana orientista.

Um curioso cartão de visita do Norte Alentejano

36. O Alentejo continua lindo

“Ena!...está nevoeiro até à janela!”- exclama a minha mulher. Dei um salto da cama. Não podia acordar mais estremunhado. Depois de um sábado com sol radioso, que deve ter influenciado positivamente as minhas provas, nasce um dia nebuloso, cinzentão e ainda por cima com chuva miudinha. Logo hoje, que tinha reencontro marcado com as “pedrolas” no Vale da Silvana.

Nevoeiro, pedras, chuva…oh diabo! Aonde é que eu já vi este filme? Medo…muito medo…

“Dói-me as costas…o joelho parece que está inchado…tenho o tornozelo com uma moedeira…torcicolo no pescoço…”. De repente entrei em estado quase comatoso. “Não volto a fazer mais nenhuma prova em terreno pedregoso se estiver nevoeiro, ponto final”. A minha mulher, deixou-me desabafar e evidenciando uma insensibilidade de profissional – “deixa de pieguices e vê lá se te equipas que está a ficar tarde”. Nem se incomodou com os meus males…e eu que estava todo tolhido. Sinto-me um incompreendido…

Completamente desanimado, arrastei-me até ao carro e o mais lento possível, fui dirigindo para o local onde se iria disputar o Campeonato Nacional de Distância Média. Enquanto ia percorrendo os dez quilómetros que distam do Vale da Silvana, fui pedindo a todos os santos que conheço, que intercedessem junto de quem manda nestas coisas dos nevoeiros.

Oh milagre dos milagres!!! As minhas preces foram ouvidas.

Ainda não tínhamos chegado, o nevoeiro já tinha levantado e quando estacionamos junto à arena, a chuva tinha-se ausentado. E o sol? Esse timidamente ia arrumando com a nebulosidade. Estou salvo!

Efectivamente, as condições climatéricas melhoraram, ficando até uma manhã agradável. O cenário era simplesmente magnífico e estimulante para grandes façanhas do “espécie”. A partir daqui, estava por minha conta para desenvolver a minha nova e promissora relação com as “pedrolas”.

Não via a hora de iniciar o meu percurso. A minha mulher, que nem foi das primeiras a partir, já tinha quase uma hora de prova e eu ainda andava a bufar de ansiedade, junto às pré-partidas. E por falar nelas. Andei a meditar no objectivo principal desta longa pré-pernada (1.300 mts), porque o marginal todos nós sabemos qual é: cansar o "povo" (hehe). O verdadeiro intuito é muito mais nobre e até denota alguma preocupação da organização com o bem-estar dos atletas, nomeadamente os que passam meteoricamente pelos terrenos da prova. Assim, enquanto se dirigem sem stress para as partidas, vão desfrutando da soberba paisagem. Não é bem visto? Claro que no meu caso, aproveitei a dobrar (hehe). Só vos digo que a "Silvana" é inefável, mesmo de cortar a respiração (será parente da "Conceição"?). Perante estes panoramas espectaculares, como é que um homem pode fazer bons tempos?

Apesar de ser um "espécie", vou tendo a percepção de um bom mapa, quando confrontado com ele. Faltava saber, se tinha a capacidade técnica para descobrir as melhores opções, para levar a prova a "bom porto" e não deixar ficar mal os amigos dos Quatro Caminhos, que tanto diligenciaram na elaboração destes percursos.
Miríades de elementos pedregosos, mas bem disseminados por extensas áreas abertas, com uma miscelânea de arbustos médios, um razoável número de muros e relevo não muito exigente, poderia ser esta a fórmula encontrada para eu fortalecer a minha recente amizade com as aterradoras "pedrolas".

Teria pela frente 4.800 metros, para decidir se esta nova relação tinha ou não pernas para andar. Dos vinte (?) "pontos de encontro", dezasseis seriam bem "íntimos" com os pormenores rochosos, fossem eles pedras, escarpas, falésias, penedos ou simplesmente calhaus (para todos os gostos e feitios).

Tive logo uma escalada para o primeiro ponto. Uma reentrância que parecia não acabar mais. Que mania de colocarem os pontos bem no lá no cimo, arre! Aquilo custou a trepar, mas o facto de apanhar um parceiro que tinha partido dois minutos antes, deu-me asas (tipo red bull). Se tinha passado um companheiro na primeira baliza, no ponto seis já estava eu a ser ultrapassado por quem saíra oito minutos (!) depois de mim. Mas este velocista, no final veio a ser medalhado, portanto nem foi muito desanimador.

Ia tendo algumas dificuldades na progressão, mais pelas incorrectas opções (fartei-me de subir penedias desnecessariamente), do que pelos desentendimentos com os pontos. O meu percurso teve alguma semelhança com uma prova de barreiras, porque e para que conste, vi-me obrigado a passar e saltar uma dúzia de muros. Os pulos constantes e algo arrojados (continuo na faceta radical), não deram nenhuma saúde às minhas "molas", já com pouca elasticidade. Cada transposição declarou-se um duro obstáculo e é bom não esquecer que sou um atleta pesadote, com pés e joelhos frágeis (de barro antigo!). Observar colegas de escalão a "sobrevoar" aquelas paredes, faz-me pensar que raio de BI é o deles ou o meu "prazo de validade" está mais apertado? (hehe)

Com o decorrer da prova, fui perdendo o respeito e o medo pelas "pedrolas"; pontos houve que tive vontade de dar uns bons yupis!, tal a aparente facilidade com que dei conta deles (excepção feita ao ponto 6, bem rodeado de rochas e vegetação). Na parte final, comecei a gerir o esforço, porque a ressaca dos sprints começou a fazer-se sentir. O meu "combustível" aproximava-se perigosamente da reserva, que fruto de um lapso de "espécie", teve de ser utilizada mesmo até à última gota.

Ao picar o ponto 19, o penúltimo (?), amachuquei o mapa com a satisfação de ter conseguido derrotar as malfadadas pedras e preparei-me para uma derradeira corrida até ao 200 e consequente sprint final. Entretanto passo por uma concorrente OPT, que me chama a atenção – "olhe que estão aí dois pontos, um de cada lado da linha de água!" – "esses já não são meus, mas obrigado" – respondo quase sem fôlego.

Quando me aprestava para controlar o 200, olho de relance o mapa e leio "21". Estaquei e de imediato me apercebo que tinha 21 e não 20 pontos para controlar (a caridosa senhora tinha razão). Voltar a ligar o motor, dar meia volta, percorrer os duzentos metros e retornar, foi o maior sacrifício de todo o NAOM.

Estive a segundos de cometer novo mp, mas desta vez as culpas tinham de ser repartidas, porque o édito oficial da prova mencionava para o meu escalão: 4.800 metros, 20 pontos com 145 de desnível (números que confirmei no final). Certamente houve algum acerto técnico à posteriori e eu deveria estar atento à sinalética, mas esta "traição" de quem eu considero meu amigo é imperdoável.

Como não sou de guardar rancores, este detalhe passou ao rol do esquecimento, quando verifiquei a honrosa classificação obtida e após ter sido "subornado" com um saboroso (e não dourado) esparguete à bolonhesa (hehe).

O Norte Alentejano vai marcar de forma indelével a "istória" do espécie de orientista, pois à pontuação mais alta obtida em provas da Taça, no sábado, veio juntar-se no domingo a melhor classificação jamais conseguida num percurso. Já vos estou a ver com uma cara de espanto – "Querem ver que ele foi campeão? Ou terá subido ao pódio? Bateu o Rui Antunes?". (hehe) Frio…muito frio, mas se sentirem uma pontinha de curiosidade, aconselho-os a visitar o site do NAOM (ou não).

Agora num aspecto estou firmemente convicto, mesmo que o nevoeiro persistisse, a chuva desabasse impiedosamente, me atascasse nos granitos de Póvoa e Meadas, ficasse zonzo nas ruelas de Castelo de Vide, ou se porventura tivesse sido atirado para os confins classificativos por um qualquer mp traiçoeiro, nenhuma destas contrariedades alteraria a opinião que o "nosso" Alentejo continua lindo.

A super pernada da pré-partida do Vale da Silvana

37. À descoberta dos parques da invicta (1)

Pasteleira vs Palácio

O que mais as abnegadas organizações ainda terão para oferecer aos estóicos participantes de provas de orientação?

A frase que ouvi algures, de que a "orientação se pratica onde um homem quiser", continua a ser uma máxima para a modalidade, contrariando no entanto, algumas ideias mais conservadoras, que defendem a orientação pura e dura nas florestas. Agora o que ninguém pode duvidar, é que a melhor forma de divulgar o "melhor desporto do mundo", passa necessariamente pelas provas em parques ou zonas urbanas.

E esta foi a fórmula escolhida para o Troféu de Orientação do Porto e O`Porto Park Race. Três etapas percorridas noutros tantos parques, congregando umas largas centenas de atletas, uns provenientes do Desporto Escolar, os digníssimos orientistas e os não menos importantes "espécies".

Uma jornada heróica, em condições diluvianas, que terá afugentado pelo menos um terço dos inscritos, mas o estoicismo da malta que marcou presença é de tal ordem, que se manteve impassível perante a falta de respeito do S. Pedro. Se julgavam que as provas "aquáticas" eram do foro exclusivo do Ori-Estarreja, esqueçam, pois o GD4C passa também a fazer parte desse grupo restrito. Podem escrever o que vos digo "chuva civil não molha orientista" (bem…ensopa um bocadinho, mas sabe tão bem).

Os locais onde se desenrolaram as provas, terão sido para a maioria uma agradável descoberta. Parque da Pasteleira, Palácio Cristal e o intocável e elitista Jardim de Serralves, constituíram o "triunvirato" em que a organização se baseou para estes memoráveis eventos.

Ninguém no Porto, poderia acreditar que alguma vez, se pudesse assistir a uma imensidade de orientistas espalhados pelos belos e bem tratados jardins de Serralves, a vasculhar tudo que fosse cor de laranja. Esta façanha só poderá ser comparável a uma futura prova nos jardins do Palácio de Belém, hehe (claro que não me esqueço da prova no Parque da Pena que foi também um feito extraordinário). Só mesmo a rapaziada da

orientação consegue a proeza de levar os seus atletas ao coração de verdadeiros santuários.

Este género de provas, com característica de sprint, são normalmente de exigência técnica acessível, mas em termos físicos o nível é bem mais elevado. E depois sobressai outra "lei" que se aplica à orientação como uma luva, "depressa e bem há pouco quem…" que traduzido dá "correr bem, mas raciocinar melhor".

O Parque da Pasteleira, com os seus relvados em sobe e desce (perigosamente escorregadios), várias zonas com equipamentos infantis, estátuas, arbustos dispersos, pontes e uma interminável rede de caminhos, complicou a vida aos menos precavidos e contrariou a tão propalada facilidade, dando origem aos aterradores "mp`s".

O espécie "nadou" o melhor que pôde, mas a falta das barbatanas fez a sua mossa. Não queiram saber a quantidade de água a que estive sujeito. Senti até alguma dificuldade em respirar (se calhar pela falta de treino, não por afogamento). Uma ou outra hesitação com o raio dos caminhos…dos baloiços…dos chafarizes…e quase patinava no lamaçal inclinado do 45, mas não faltou aqui quem praticasse o "lama-board" (velhos tempos, hehe). As constantes mudanças de direcção, quase me provocaram ouras, que me iam fazendo perder o norte no emaranhado dos pontos 15 a 19.

Encharcado e feliz da vida (não fazia uma prova há seis semanas!), não consegui melhor que uns confrangedores 19 minutos, mas nem tive tempo para pensar muito no assunto, pois tínhamos de seguir de imediato para a etapa seguinte no Palácio Cristal. Quem irradiava felicidade era uma das minhas filhotas, que tinha acabado de fazer o seu baptismo na orientação, sem a muleta paterna. Teve uma prestação muito acima do esperado (não vai sair ao progenitor).

É sempre agradável voltar a um local onde se foi particularmente feliz. Portanto, este regresso aos jardins do Palácio, constituiu para mim um enorme prazer. Não estejam a imaginar situações embaraçosas, porque a minha excitação prende-se com a recordação da surpreendente prova do ano passado (suas mentes doentias).

Novamente a prova do Palácio foi simplesmente espectacular e arrasadora no aspecto físico. Um traçado que nos obrigou a percorrer todos os recantos do parque, assemelhando-se a uma verdadeira visita guiada. Apesar de já conhecer o mapa, o percurso apresentou-se completamente diferente e deu para constatar um fenómeno, no mínimo intrigante e de difícil explicação científica: as escadas reproduziram-se!!! Aquilo é que foi subir e descer; um nunca mais acabar de degraus. Não subi alguns de gatas por vergonha (hehe).

A chuva continuava a cair com tal intensidade, que no ponto 81 junto ao torreão, formou-se um lago, que para picar a baliza tive de molhar as canelas (que por acaso é uma coisa que me chateia, porque com pés frios desconcentro-me). Quando começava a aquecer, no ponto da ilha (84), atolo-me na lama e fico com aspecto de verdadeiro orientista (bem feito, não te armasses em fino!) e na sequência, por um triz era atacado por uma pata, que furiosamente defendia os seus domínios (mania a nossa de invadir propriedade alheia).

Mal completei a prova (27 minutos muito razoáveis), a bátega de água que me perseguiu todo o percurso e me deixou como um pintainho parou, e o sol aparece a dar um arzinho da sua graça (oh S. Pedro! estas malandrices não se fazem!). Para satisfação de "pai babado", surge a minha filha toda eufórica, com um tempo superior ao da Pasteleira. Ai que a moça está a sair da casca! (vou esperar para ver)

Mentalizar a filha, que chuva civil não molha orientista

Deslizando na Pasteleira debaixo de um dilúvio

38. À descoberta dos parques da invicta (2)

Serralves, um paraíso

No dia seguinte, partimos à descoberta do reputado Parque de Serralves, que seria utilizado como cenário do O`Porto Park Race, ou seja – vamos todos deleitar-nos com o jardim mais paradisíaco da invicta cidade. E quero desde já informar que levei este conselho "à letra".

Ao entrarmos no perímetro do parque, ficamos desde logo com a sensação que teríamos pela frente um acontecimento de qualidade (ou não estivesse a cargo do GD4C). A área das partidas e chegadas era espectacular. Então a recta final num tapete verde deslumbrante, prometia sprints apoteóticos.

O ambiente era de tal forma apelativo, que por mim partiria logo a abrir, nem sei como iria aguentar pela minha hora de partida, que seria lá para os confins da manhã. Como tinha trazido uns familiares para fazerem a sua primeira experiência "a solo", fui-me entretendo a fornecer-lhes umas derradeiras dicas, de forma a não ficarem com nenhum trauma. E não é que eles passaram com distinção?

O tempo continuava a "fazer caretas", mas comparado com o dia anterior estava perfeito para mais uma viagem de descoberta. Ainda andava a fazer horas, quando chega o campeão Joaquim Sousa todo "amachucado", por força dum derrapanço mal controlado. Isto significava um sério aviso à navegação, cuidado com as zonas húmidas de piso empedrado.

Já tinha visitado este parque há alguns anos e o que me aflorava à memória era a geometria dos jardins, que proporcionaria verdadeiras pernadas labirínticas. Tudo iria depender dos locais onde os pontos fossem colocados, mas conhecendo o traçador, não tinha dúvidas quanto aquilo que me esperava. Simplesmente magnífico!

Se me convidaram para o paraíso, só tinha de o desfrutar e analisando os meus 28 minutos de prova devo ter aproveitado bem (hehe). Eu era lá capaz de passar por cima duma sebe de rododendros toda artisticamente aparada, só para picar o ponto do outro lado. Não! …Contornava os canteirinhos todos!

Acham que poderia avaliar a beleza daquelas rosas e camélias, sem usufruir do seu aroma? Conseguir abstrair-me das "gipsófilias", "gambuzinos" e "burriés", que me iam aparecendo? (hehe) Claro que não. E não é todos os dias que se pode estar "tu cá tu lá" com sequóias, liquidâmbares ou teixos, há que não desperdiçar a oportunidade.

Estão a ver-me a calcar a plantação de ervas aromáticas? E os morangueiros? Sou um tipo com princípios, c´os diabos!

Como poderia encontrar a gigante escultural "Colher de Jardineiro" sem a admirar? Quem mandou colocar um ponto mesmo ao seu lado?

Deslumbraram-se com a panorâmica dos jardins da "Casa"? Sentiram o romance no ar, nas margens do lago? Alguém reparou no colorido dos seus peixes? Auscultaram o concerto das rãs? O trinado afinadinho dos melros? Não sabem o que perderam! (façam o favor de lá voltar)

Com todo este comportamento altamente cívico (e porque não erudito-intelectual, mais um termo para o "acordo", hehe), resultou que quando ataquei o ponto de verdadeira orientação (58) em plena mata, que não tinha qualquer dificuldade e apenas sobressaía pela diferença, levei com dois minutos bem assentes. Nesse de lá para cá, passo esbaforido três vezes pelo amigo Orlando, que já cansado de me ver a deambular atira – "andas a pastar, Luís!" – como é que ele terá adivinhado? Foi o deprimente momento do "espécie".

Finalmente tive o ensejo de usar a pista verdejante das chegadas e "pernas para que vos quero". A excelência desta zona funcionou como motivação extra para todos os concorrentes, que dava gosto observar a alegria estampada nos rostos, ao terminarem os seus percursos. Ao presenciar a surpreendente chegada da minha mulher até me assustei, nunca a tinha visto sprintar com aquela vontade (força rapariga, nunca me enganaste!).

Com o esforço, fiquei a "deitar os bofes" e necessitei duns minutos para estabilizar, mas a alma, essa encontrava-se em êxtase e desanuviada para mais umas semanas de labuta.

Ah!...O fenómeno do dia: dizem-me que choveu bastante durante a minha prova…acredito…mas não senti…

Paraíso disponível

Mas não para os apressados

39. Já não há milagres (I)

Continuo com a mania (ou sonho?) de que um dia destes me tornarei um orientista de corpo inteiro. Para dar asas a essa ilusão, no intuito de aprender alguma coisa e sem ninguém dar por isso, ousei misturar-me com os "craques" no Campeonato Nacional de Distância Longa, que decorreu em Estremoz…uops!...Évoramonte…uops!... Arraiolos…para ser sincero, nem sei bem qual a localidade. Alentejo e pronto!

O programa de festas era composto por quatro dias, mas apenas marquei presença em três e acabei a participar só em duas provas (e bastaram!), para não dar muito nas vistas ou poderia correr o risco de ser impedido de concorrer (afinal ainda sou um "espécie").

Como aperitivo da "grande farra" que veio a ser a prova rainha, propuseram-nos no dia anterior o mapa de Veiros, para nos irmos ambientando à canícula alentejana e simultaneamente corrermos em busca dos habituais prismas. Correr atrás deles foi mesmo o que veio acontecer a alguns, mas isso daria para um apontamento especial (hehe).

A etapa de distância média, que consistia em quase cinco quilómetros para o meu escalão, apresentou-se demasiado dura, se atendermos aos 9.000 metros que teríamos de suportar no dia seguinte e com um desnível bem mais acentuado. Tudo isto a somar ao facto de que ando preguiçoso e me tenho baldado aos treinitos. Ora perante este quadro, milagres só mesmo no tempo da "senhora das rosas".

Contrariamente à opinião da maioria, as minhas queixas sobre o que se passou, incidem sobretudo no meu défice de preparação para provas mais exigentes, porque o restante deixo para os responsáveis analisarem. Mas gostaria que os mais afectados com as anomalias meditassem, sobre a dificuldade em colocar de pé uma prova desta envergadura. Se a malta do COA não teve melhor desempenho, foi com certeza porque cometeram algum erro de avaliação e depararam com uma tarefa bem mais complicada, do que á primeira vista poderiam imaginar e… milagres são coisas do passado.

Debaixo duns estorricantes 28º dei início à minha actividade de uma hora e vinte e sete minutos, que consistiu basicamente em adivinhar se as zonas verdes do mapa tinham passado a intransponíveis ou se tinham desaparecido; se as cercas estavam completas,

derrubadas ou retiradas; e se os pontos por acaso não se tinham "afastado" para um local mais frondoso, para fugirem à força do calor.

Calhou-me em sorte o não ter de perseguir o célebre ponto "139", que segundo rezam as crónicas mudou de lugar uma quantidade de vezes (há quem acredite que ele estava vivo). Só assim compreendo os vinte minutos que a minha "infeliz" mulher levou para o agarrar (ele corria mais que ela; só o venceu pelo cansaço, hehe).

Apesar de me ter safo daquela feroz perseguição, tive imensa dificuldade em distinguir no terreno os verdes do mapa (ainda se fossem encarnados). Depois, como apanhei muito sol na "moleirinha", o ponto 10 sempre me pareceu estar colocado antes da cerca e não depois (mas qual cerca? Estou com visões ou quê?).

Para mal dos meus pecados, enquanto andava na minha pastorícia "cercal", adivinhava a objectiva do nosso "paparazzi" bem assestada na minha nuca (só passo vergonhas). Espero que ele não publique a angústia do "espécie" na busca incessante da cerca que "estava lá…mas não devia" (hehe).

Tentei dentro das minhas limitadas capacidades técnicas, interpretar as rasteiras que o mapa me ia pregando, sentindo uma pontinha de inveja por não ter nenhum ponto "fugitivo". Pois é, os outros têm e eu não…snif…snif… – "Ai é? Também queres um? Pois procura o "108" na árvore à direita do trilho, que se tiveres sorte encontrá-lo-ás numa árvore à esquerda (como quem toca à campainha do vizinho) ". Perceberam o que aconteceu? Digamos que foi uma variante de orientação: uma "oricharada" em 18 episódios.

Viveram-se momentos diferentes, mas não deixei de tirar partido das situações menos ortodoxas, isto é, elevei os meus níveis de fair-play (ainda estou com azia), aumentei os meus conhecimentos em estevas, carrascos e afins (arranhões não faltam) e terminei sem acidentes de percurso (fugi in extremis ao "mp").

O único (?) problema foi mesmo o desgaste provocado pelo calor, que associado a uma quilometragem, se calhar demasiado extensa para quem iria ter uma intensa "guerra" na manhã seguinte, me deixou com o físico meio debilitado.

Meta de Veiros

E um espectador desatento

40. Já não há milagres (II)

Novo dia, novas peripécias, mas os mesmos "sarilhos". Tinha um pressentimento de que não estava em condições para grandes cometimentos, bem pelo contrário. Mal tenho treinado, nunca havia efectuado uma prova com semelhante distância (e já fiz mais de uma centena de percursos) e a ressaca da etapa de Veiros tinha-me atacado as "cruzes" e "artelhos".

Mentalizei-me que esta seria a jornada do sofrimento. Não sabia eu o quanto errado estava, por defeito. Nem no pior cenário imaginei tarefa tão árdua. Sendo o penúltimo do escalão, parti com a máxima cautela, e mesmo com uma ou outra opção menos correcta, alcancei o ponto 4 sem grandes perdas. A partir daqui foi sempre a descer, quase até ao abismo (andei sempre no limbo).

O terreno fazia lembrar as bossas dos camelos, para cima, para baixo e novamente… (tipo mar encapelado). Para complicar ainda mais o assunto, a vegetação "indisciplinada" de Veiros pediu transferência para Évoramonte. Ena pá! Foi um tal arrastar de pés, que parecia ter chumbo nas sapatilhas.

A progressão para o ponto 5, com pormenores de sobra para ninguém se atascar, surtiu um efeito antagónico e deu início ao meu descalabro (complicar o fácil). Tiro um azimute como mandam as regras, mas o tracejado verde do mapa, não condizia no terreno, pois estava bem mais espigadote. Os arbustos desenvolveram-se em ritmo de tal maneira acelerado, que passei o tempo em constantes desvios de rota e a dado passo, vou desembocar num caminho bem distante e lá se foi o azimute "atinadinho".

Despendi, de seguida, um esforço demasiado para tentar recuperar algum tempo perdido, mas em vão, porque o discernimento não foi o ideal e tomei um rumo completamente errado. Desgastei-me sem qualquer resultado. Quando percebi a asneira, apeteceu-me desistir de imediato (duas palermices para o mesmo ponto? É dose).

Ainda não tinha percorrido metade da prova (tinha 19 pontos), já levava uma penalização de largos minutos, as pernadas seguintes eram monumentais, estava claramente extenuado, para quê continuar? Sem grande motivação, controlo o 5, bebo

duas minis (perdão dois copos de água☺) e vou arranjar uma réstia de vontade nem sei bem aonde.

Este novo alento conseguiu que me arrastasse, com maior ou menor dificuldade até ao ponto 10 (pernada de 1 km). O atraso ia acumulando, dado que a minha progressão se resumia a mexer os pés e pouco mais. Talvez por seguir quase em "ponto morto", deixei de cometer asneiras neste período. Os pontos iam aparecendo e esse facto ia-me entusiasmando a continuar.

Nessa altura tive um assomo de orgulho de "espécie" e recomeço a dar umas corridinhas (mal sabia que queimava os últimos cartuchos). Sentia uma sede e fome insuportáveis, que me obrigavam a parar (estacionar) em todos os pontos de água.

"Realmente para se fazer uma prova com esta distância tem de se estar preparado, na próxima trago a merenda" – pensava eu com os meus botões. Já não bastava a falha clamorosa do quinto ponto e agora tinha a percepção de que o físico estava nas lonas.

Para o ponto 11 necessitei novamente de recorrer às minhas reservas anímicas, porquanto tive de trepar uma reentrância de inclinação máxima (dois passos para a frente, um à retaguarda) e de seguida andar à cata de uma "pedra camuflada", juntamente com uma mão cheia de "exploradores". Acho engraçado que se coloque um ponto junto a um elemento, que se encontra escondido sob uma tonelada de arbustos (devia ser parente do "139", hehe).

Ao controlar o ponto 14, apercebo-me que vou ter de trepar novamente e fico em transe – "sigo ou paro?" Depois de uns minutos de completo atordoamento, meio cambaleante, faço mais um sacrifício para continuar, mas o terreno não ajudava nadinha, tropeçava em tudo o que havia e passei por alguns momentos de perfeita apatia (ainda me cruzei com a minha mulher, mas não me ligou "pevide").

Meus amigos, sem qualquer sombra de dúvida, encontrava-me no limiar da falência física; se porventura caísse, não sei se teria forças para me levantar. Para colocar o cenário ainda mais negro, desoriento junto ao ponto 17. Encontro outra baliza que não me dizia respeito e peço ajuda a uma alma caridosa do Ori-Estarreja (mais uma dívida a pagar), para tentar não "morrer na praia". O meu ponto situava-se mesmo na vizinhança, mas a fraqueza era tamanha, que a "cabeça" também já funcionava ao ritmo das pernas.

Completamente grogue (comecei a ter tonturas), respirei fundo para nova subida, num pára arranca mais lento que a VCI em hora de ponta e de repente avisto as fitas das chegadas. "Consegui! Consegui! Consegui!" apetecia-me apregoar aos quatro ventos, mas a quem interessaria esta minha odisseia?

Acreditem que não fiquei desapontado perante uma prestação menos conseguida (estou pronto para outra). Foi uma nova e enriquecedora experiência, num percurso algo longo para as minhas características (9.000 metros para a "velhice" não será uma violência?), mas que me deu uma enorme satisfação por ter conseguido superar os meus limites, físicos e anímicos, já que no aspecto técnico continuo o genuíno "espécie de orientista". Actualmente, na orientação séria, já não há milagres.

41. Sentir

“É disto que o nosso povo gosta!” – exclamaria um saudoso locutor desportivo.

A denominação que a ADCabroelo adoptou para o seu Trofeu – Sentir Penafiel – bastante sugestiva por sinal, chamou-me a atenção para a hipótese de podermos estar em presença de um evento, que nos fizesse despertar sentimentos e que agradáveis sensações aflorassem à pele (qual arrepiozinho de prazer). Ou a Organização tinha expectativas muito altas, ou os participantes não iriam dar por mal empregue o seu tempo.

Senti que devia estar presente nesta prova, pois guardava boas recordações de anos anteriores e daí não ter qualquer pejo em inventar uma “ginástica” dos diabos, perante alguns compromissos familiares e de modo a não faltar ao apelo do coração. A rapaziada de Cabroelo não deixou que me arrependesse da opção que tomei.

Dois dias, um mapa novo, o de Figueira, outro nem por isso, o de Cabroelo, mas as características do terreno eram idênticas, dado que as áreas confinavam. Um tipo de terreno rico em pormenores, com alguma floresta, diversas zonas de fatídicas “pedrolas”, vários cursos de água, um bom número de caminhos, poços em quantidade apreciável e bastantes áreas abertas “forradas” com vegetação rasteira e “traiçoeira”. Rasteira que é como quem diz, da altura dos sovacos!

E sabem quem eu vim encontrar nestas paragens? Pois adivinharam, o nosso conhecido, agressivo e feroz tojo “ulex”. Só que desta feita, não me apanhou desprevenido e sempre que o avistava, tratava de sair de “fininho” do seu alcance. Não obstante esta táctica de diversão, ainda tive direito a algumas sensações desagradáveis (ai que já me picaste!), mas fui invadido por um sentimento de condescendência e relevei estas faltas de respeito do irrequieto “ulex”.

Não foi pelo mato que a prova não me correu melhor. Com tantos pormenores e alguma dificuldade na progressão, os corredores foram obrigados a travar a velocidade, o que favorece sempre os “espécies” – “devagar, devagarinho se leva a água ao moinho”. Se eles andaram menos, não sei, agora no que me toca, fartei-me de “dar à perna”, só que

por vezes essa pressa é excessiva para a minha falta de atenção. Quando dou por isso já estou atascado para um ponto qualquer (é a minha sina).

Para ser sincero, no primeiro dia (3.200 mts e 17 pontos), realizei um percurso quase limpo, o que é uma sensação deveras estranha (hehe). Não fora a abordagem ao ponto 4, no decorrer da qual tive de lutar corajosamente com o "ulex" e subir uma rampa endiabrada, de acesso a uma "pedrola" altaneira, provavelmente o resultado teria sido ainda mais favorável.

Claro que também fui afectado por problemas de "trânsito", devido ao elevado número de miúdos do Escolar (250?), que a certa altura no ponto 14 (buraco junto a um ribeiro), apanhei um grupo numeroso que andava a pastar, quando me aproximo não me "largaram mais da mão" e o sacana do buraco demorou a ser detectado (eram tantos que até o tapavam). Ao indicar-lhes o ponto (sentimento paternal e de solidariedade), fizeram tamanha algazarra que devem ter assustado a passarada (nem sei se algum não terá caído à água), hehe

Na descida final, que antecedia o 200, aproveitei a embalagem de dois jovens, que ao passarem por mim de maneira um tanto provocatória (do tipo "não empurres o cota senão ele cai"), tocaram-me no sítio errado. Como não sou de levar desaforos para casa e num acto inconsciente, "passei-me dos carretos" e decidi ir no seu encalço. Teria sido um vexame se me estatelasse ao comprido (por um triz não aconteceu), mas não os podia largar, era uma questão de orgulho do "espécie". É verdade que aquela descida foi percorrida de forma irresponsável, para um senhor de cabelos brancos (hehe), mas a sensação de terminar lado a lado com os "meninos" foi magnífica (ainda devem estar a pensar como não conseguiram deixar o "velhinho" nas covas).

Identifiquei-me melhor com o mapa de Cabroelo (3.100 mts), que até me pareceu mais acessível, mas neste segundo dia não tive o discernimento necessário, para poder manter o nível técnico da etapa anterior. Uma incorrecta opção para o terceiro ponto, uma "pedrola" escondida no meio duma zona de vegetação densa, hipotecou desde cedo, qualquer hipótese de um bom desfecho. E a dificuldade nem esteve na pedra, foi um nítido caso de incompatibilidade: demasiado arbusto para deficiente visão (quanto mais olho menos vejo).

Ultrapassado esse momento de "cegueira", atirei-me para os restantes catorze pontos, com vontade de corrigir o que ainda fosse possível e para isso teria de não cometer mais nenhuma asneira. Mas se o "meu forte" é o disparate, algo de anormal teria de acontecer novamente, para meu desespero.

Do ponto 11 para o 12 (pedra em zona branca), dois afloramentos rochosos, onde do topo de um se avistava o outro e com um caminho de permeio, tiro azimute mas o meu "branco" não coincidiu com o do mapa. Na minha óptica seria uma zona rochosa no meio de eucaliptos; o azimute indicava um afloramento em área aberta. Não obedeci à bússola, dirigi-me ao arvoredo à direita (30 mts no máximo) e bati "mil e trinta e quatro pedrolas". Baliza nem vê-la!

"Ai que me vou atascar pela enésima vez nas malvadas pedrolas" – resmungava eu com um ranger de dentes. Volto ao caminho e por descargo de consciência, direcciono-me

para a área aberta, e…bip (o terreno tem sempre razão, era uma armadilha, hehe), uma pedrita com dois arbustos encostados (não deixa de ser branco, mas enfim).

Em jeito de penitência, saio em linha recta para o ponto seguinte, sem o cuidado de me desviar do mato e o sempre atento "ulex" não perdoou (toma que é para aprenderes!). O curioso é que nesta pernada de "castigo" e a mais longa, acabei por efectuar o melhor tempo (hehe), mas não atenuou em nada a minha dor (da alma, que para a dos espinhos estou vacinado).

Seguia com um nó na garganta e a sensação de que uma vez mais, tinha passado ao lado dum percurso sem mácula. Sentia-me ainda bastante fresco e com uma reserva especial, para uma chegada, que eu tinha percebido, ser ao meu jeito. Pico o 200 e lá vou eu completamente desarvorado para o "finish". Um daqueles sprints que só servem para acelerar o ritmo cardíaco, porque o resto são "peanuts".

Ainda levei com uma "boca" em tom jocoso – "guardou-se para o final, hem?" – "não corro quando quero, corro quando posso" – retorqui de sorriso amarelo. Se as pernadas mais acessíveis são as da partida ao triângulo e do 200 à chegada, qual é a novidade? Vou correr quando estou atascado? Esta malta não compreende as dificuldades dos "espécies"?

O meu sentimento era de dever cumprido (passe o lugar comum). Sentia-me satisfeito com as provas realizadas, tendo ombreado com parceiros, que normalmente me deixam a léguas e ainda consegui chatear uns dinamarqueses (de barriguinhas proeminentes), que se preparavam para o mundial.

Renovo o meu lamento, pela fraca afluência de atletas federados a uma competição regional (não atingimos a centena). Alguém vai ter de dar um safanão nesta lenta agonia, porque corremos o risco de a breve trecho, não ser possível angariar apoios para iniciativas com esta dimensão.

Num momento de alguma controvérsia sobre a última prova da taça, cabe aqui um comentário à Organização, pois não podia deixar de salientar a forma como fomos recebidos e tratados pelos amigos do Cabroelo (a arte de bem fazer sentir). É de enaltecer a sua postura irrepreensível, altamente responsável, perante uma prova regional. O empenho, o envolvimento, a generosidade, a simpatia, as preocupações de índole técnica, a organização logística de que deram mostras, leva-me a crer que num futuro próximo, terão pela frente outras responsabilidades, quem sabe a nível nacional, pois bem o merecem…ou pelo menos concedam-lhes o benefício da dúvida.

Não digo isto por termos sido presenteados com um churrasco de superior qualidade (hehe), mas que estas mordomias ajudam, lá isso…

42. Ori praia

“A orientação pratica-se onde um homem quiser”. Uma frase que paga direitos de autor, mas que não me cansa relembrar.

Se havia a convicção de que tudo estava inventado nesta modalidade, vamos ter de reformular algumas premissas, porque o Park Matosinhos Tour de 2008 veio acrescentar mais uma variante, o denominado “Orient-Show” em praia.

Ah pois é! Agora também irá fazer parte da mochila de orientista, o protector solar 50, o inevitável guarda-sol, a colorida toalha de praia e o belo do fato de banho (ou tanga para os mais ousados). Pelo menos os “espécies” vão aderir em força a esta nova modalidade ou não sejam exímios em tudo o que diga respeito a “turismo” (hehe).

Já não será surpresa para ninguém, o arrojo demonstrado pelo GD4C, nestas provas de âmbito local. Se bem me lembro, o ano transacto conseguiram a proeza logística de realizar quatro etapas num só dia. Para não ser tão cansativo (?), este ano baixaram a fasquia para três mapas, mas em contrapartida, idealizaram o que pode ser considerado como uma autêntica “pedrada no charco”.

Tenho de tirar o chapéu (no meu caso, o boné), ao autor da genial ideia de transformar um simples areal de praia, num local mais que improvável, para a prática de orientação ou o que quer que “aquilo” se chame. Imaginação e criatividade foram a tónica dominante.

Todos os pontos estavam bem à vista, associados aos mais variados elementos, como um eficiente pára-vento, a mesa da merenda, as célebres covas da areia (buracos e depressões), os montes do tipo “castelo” (cotas), insufláveis publicitários, várias grades, uma mini-duna na chegada (sádicos), enfim, tudo serviu para elaborar diferentes percursos, que colocaram cabeça, pernas e as vistas dos concorrentes numa roda-viva.

Mas a grande mais valia desta curiosa invenção, esteve na extraordinária visibilidade proporcionada a um evento de orientação, funcionando tal qual uma operação de charme. Quantas vezes lamentamos o facto de concentrarmos umas largas centenas de

atletas num dado local, mas que só os vizinhos ou proprietários dos terrenos têm conhecimento? Passamos completamente despercebidos.

Ora, neste caso, despercebidos é que não conseguimos passar. Cerca de três centenas de praticantes, a maioria adolescentes extrovertidos, evoluindo na praia dum lado para o outro, numa estranha coreografia perfeitamente sincronizada, não podiam deixar de chamar a atenção a quem passava ou àqueles que se encontravam nas esplanadas (os gigantes insufláveis e o "speaker todo o terreno" deram uma valente ajuda). Até os surfistas se desentenderam com as ondas ao prestarem atenção às nossas corridas ziguezagueantes.

Como divulgação da modalidade, foi a melhor acção que alguma vez se realizou por estas bandas. Há quem vá mais longe e afirme, no que concerne à promoção da orientação, terá sido a ideia mais conseguida a nível nacional. Vamos aproveitar esta semente e fazê-la germinar. Claro que para isso, tem de haver alguma concertação entre os clubes e federação, mas estou em crer que este conceito tem pernas para andar, haja "vontade política".

É verdade! Quase me esquecia que se desenrolaram outras duas etapas, estas em mapas, mais condizentes com a orientação clássica. O dia começou com um aquecimento técnico (1.500 mts) na magnífica Quinta da Conceição, para de seguida irmos a banhos ao tal "show" em Leça (700 mts que valeram a dobrar, uff!!!) e finalizarmos o "tour" deste ano, no bem conhecido Parque do Carriçal mais o "labirinto" das vivendas das Sete Bicas (2.300 mts).

Sobre a Quinta e o Parque, sendo "amigos" de longa data do "espécie", pouco há a acrescentar; foram duas etapas percorridas sem sobressaltos (era só o que faltava, pedia a reforma!), tendo até feito um "bonito" na primeira. Agora, quanto ao entretenimento da beira-mar, o caso muda de figura.

Conseguem imaginar este quadro? O "espécie de orientista" calcorreando o imenso areal, desfrutando a maresia, fazendo negaças às ondas que teimosamente lhe vinham molhar as sapatilhas, procurando aqui e além conchas, búzios, pulgas da areia…ah!...e prismas laranjas? Este cenário até seria sensacional, se a busca se resumisse aos espécimes marinhos (onde param as sereias?). Mas quando toca a seguir mapas e perseguir balizas, tudo deve ser executado com velocidade e concentração. E correr na praia sem distracções, não é decididamente, tarefa fácil.

Sendo a primeira experiência em orientação "turística", não poderia deixar de colocar a minha marca, nesta original prova. O ambiente de praia, mar, esplanadas, esbeltas transeuntes e…o ponto "74" marcado a dobrar! Acabei os oito minutos e uns "trocos" completamente fanado (com a língua pela areia) e dizem-me, com a maior "cara de pau", que não piquei o "70"? Estes tipos lá porque organizam provas especiais, não têm o direito de esconder pontos aos "espécies", ou têm? Com que objectivo colocaram essas duas balizas tão próximas? Assim zango-me…não vale enganar (hehe).

Na minha modesta opinião, tudo não passou de uma estratégia para dar credibilidade ao "show" de orientação, porque nada valoriza mais uma prova, do que uns "mp`s" bem apanhados. Mas porquê eu?

Pronto, já chega de brincadeira. Confesso a trama urdida entre o "espécie" e a organização. Foi tudo combinado (espero não ser processado). Se outro atleta qualquer fizesse mp, ninguém acreditaria, agora com o "espécie de orientista" é outra conversa. O que eu não faço em benefício da minha modalidade! – "**Eu disse já chega de brincadeira!!!!!"**

Rolando em excesso de velocidade na Quinta da Conceição

Durante a maquiavélica combinação de um "mp surprise" na Praia de Leça

Susto, espanto ou simplesmente o esforço do “espécie” em plena terceira etapa do Park?

43. Pela Peneda acima, Gerês abaixo (I)

Durante as viagens que vou efectuando por esse país fora, não consigo deixar de observar a paisagem pela óptica do orientista e imaginar frequentemente, todo este "quintal lusitano" devidamente cartografado e o "espécie" deambulando, na sua procura incessante pelos "laranjinhas".

O que nunca me passou pela cabeça, mesmo nos momentos mais "ori-delirantes", foi a hipótese de poder penetrar no habitat sagrado dos garranos, águias, lobos, javalis e "ratelhos" (ratos do tamanho de coelhos, hehe, eu vi!!!) do Parque Nacional da Peneda Gerês. Mas a perspicácia dum anónimo "pensador" não levou à "genial" descoberta – "por vezes os sonhos tornam-se realidade"?

Podem ter a certeza que os 4 Dias do Minho foram bem reais; duros quanto baste para o físico e exigentes o necessário na componente técnica, tudo a preceito para um Campeonato Nacional, a que não faltou uma chuva e nevoeiro completamente incaracterísticos para o mês das giestas (os deuses devem estar loucos).

E o que foi fazer o espécie de orientista a uma prova deste calibre? Baixar o nível da competição? Obter prazer com práticas masoquistas? Dar um pouco de "salero" ao evento? Ou mais uma vez tentar o impossível?

Ora aí está! É isso mesmo. Como sou um teimoso incorrigível (ou vai ou racha), mentalizei-me que desta é que era. Se pretendo vir a ser um orientista de corpo inteiro, tenho de estar presente nestas provas dolorosas (sofrer para vencer), mas que só podem resultar numa mais valia para a carreira do "espécie". (pelo menos vou aparecendo nas fotos)

Posso levantar a ponta do véu e desde já vos confidenciar, que aconteceu mais do mesmo. Dei continuidade a uns certos disparates técnicos, mas não me vou pôr aqui a choramingar, no cômputo geral podia ter corrido bem pior (como por exemplo, estatelar-me num monte de bosta de garrano, ou rolar penedo abaixo, hehe).

Os nossos anfitriões do .COM, propuseram-nos como destino para os primeiros dois dias, a zona da Calcedónia, mais exactamente o mapa de Lamas, área já conhecida para

alguns, mas que se revelou um tremendo desafio para a maioria. Terreno bastante técnico, “decorado” com “pedrolas” graníticas para todos os gostos (calcedónia a valer), aliadas a uma vegetação indisciplinada, que complicou a progressão e se transformou no maior obstáculo. A tudo isto veio juntar-se, sobretudo na etapa inaugural, um temporal desabrido, que deixou a malta à beira da hipotermia (brrr…nem sentia os….bom…hã…dedos).

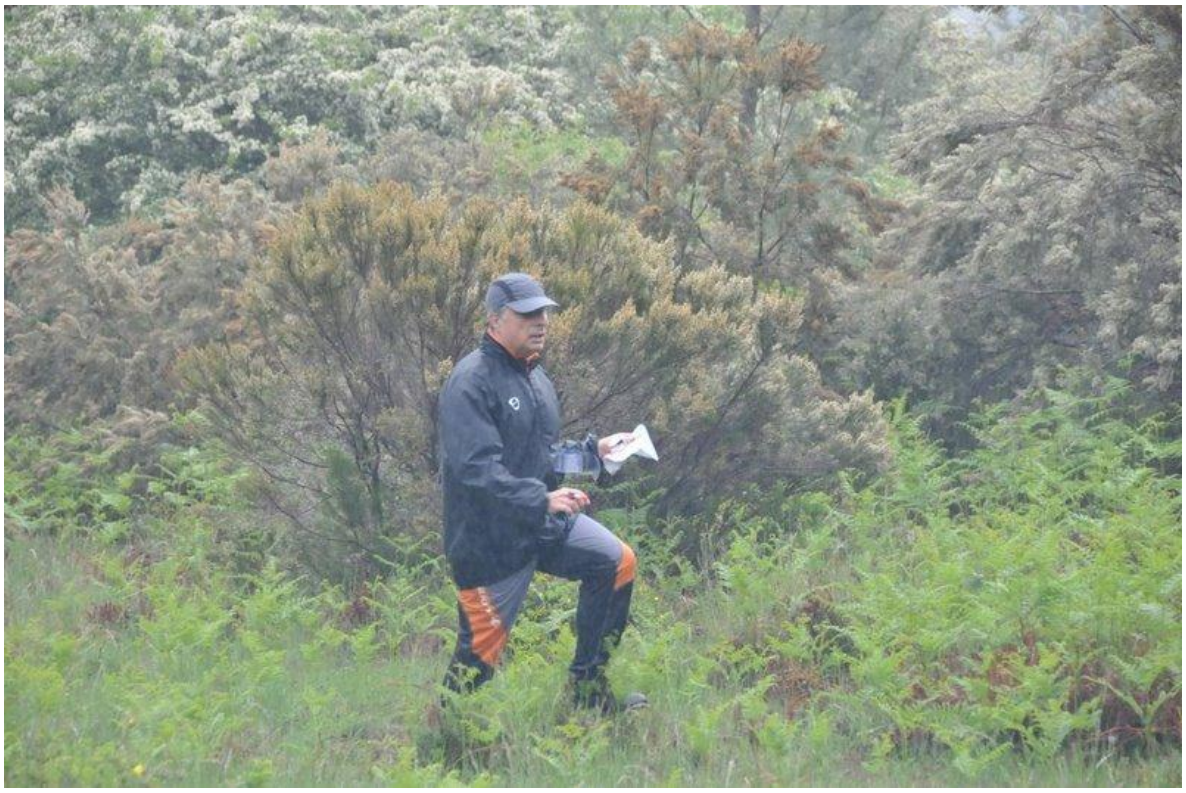
Não tive tarefa fácil nesta jornada inicial de 2.800 metros. Provavelmente, o maior culpado dos “trabalhos” a que estive sujeito, terei sido eu. Ainda estou por perceber por que razão, depois de passar o ponto 4, junto à arena, virei para um estradão, que no melhor das hipóteses me levaria aos antípodas do ponto 5 (estou em crer que tenho o “tomtom” avariado).

Para além deste mistério, lidei mal com os afloramentos rochosos (o trivial) e invadi, por deficiente navegação, zonas de arbustos que me arranhavam os queixos. Esta miscelânea de pedra e mato, adicionada à chuva desesperante, redundou num “cocktail” difícil de digerir (uma hora e trinta para fazer a digestão, hehe, esqueci-me das “rennies”).

Em dia de relaxe, puseram-nos à disposição um sprint em montanha para entreter e lá voltámos ao local do “crime”. Claramente uma prova para os mais corajosos, já que no início das partidas, caiu um pé de água de tal ordem, que originou uma quantidade de desistências de última hora (fracotes!).

A segunda etapa (1.700 mts), com os primeiros seis pontos espalhados numa área aberta quase plana, atravessada por uma ribeira e onde pontificavam reentrâncias e umas pedritas dispersas, com as restantes oito balizas colocadas em zona utilizada no dia anterior, não gerou grandes preocupações, tendo permitido que os velocistas procedessem a um treininho técnico. Em termos pessoais, não me saí muito mal, tendo cumprido os mínimos que se exigiam a um “espécie” (duas dúzias de minutos bem esgalhados).

No final do segundo dia, o corpo estava mesmo a pedir umas termas. Banhos, massagens e umas aguinhas, se calhar seriam o tratamento ideal, só que pensando melhor, água tinha eu apanhado com fartura, portanto fiquei-me pelo duche retemperador. E cá para nós, essa frescura das massagens, não se coaduna com um “espécie” macho, hehe. Limitei-me a umas “papinhas” e a um bacalhau gratinado (humm…doping do mais sofisticado).



Desfrutando da Calcedónia

44. Pela Peneda acima, Gerês abaixo (II)

“Pedra Bela”? Isto é uma provocação ou quê? Desde quando uma “pedrola” pode ser bonita? Belas, só as preciosas (hehe). Não me cheirou bem a denominação do mapa para as etapas seguintes, que iriam determinar os novos campeões nacionais. “Vamos ter um arraial de pedreira” – prognosticava eu (assim acertasse no “euromilhas”).

Como não há duas sem três, apanhei mais uma molha das antigas e o que eu temia e previa veio a acontecer: mega toneladas de granito e o desnível acentuado que lhe está inerente. Um sobe e desce imparável, do tipo carrossel, demasiado desgastante para a “velhice”, mas como os percursos tinham de ser idênticos para a totalidade dos escalões (exigências regulamentares), que remédio senão aguentar e não bufar (quem não puder que arreie).

A prova de sábado com 3.900 metros e 18 pontos, que iria escalonar a meia centena de finalistas, teve características selectivas. O traçado era de elevado índice técnico, mas o que me afligiu e deixou em “estado de choque”, foram as duas penedias em escarpa, que me obrigaram a trepar para os pontos 14 e 15. O pessoal não sabe que sofro de vertigens? Nem pude desfrutar convenientemente a paisagem, pois se olhasse para trás, seria atacado pelas “ouras” e correria sério risco de rolar Gerês abaixo.

Estas duas pernadas “alpinas” foram percorridas num “comboio” com mais de uma dúzia de elementos, o que dava um certo conforto (e grande confusão), mas sem grande interesse técnico ou competitivo. É o aspecto negativo deste género de provas, dado quase todos os escalões terem percursos comuns. Se podia apanhar este “transporte colectivo”, tinha de aproveitar, sou um “espécie” mas não ando a ver “passar comboios” (hehe).

De qualquer forma, tinha percorrido a maioria dos pontos em pernadas solitárias e nos cinco controlos iniciais bem lutei com as “pedrolas”, para ir encontrando as reentrâncias desejadas. Foi um percurso sofrido, mas de resultado aceitável e de acordo com as minhas modestas expectativas. Que mais poderia ansiar o “espécie de orientista” numa competição tão séria como a do Campeonato Nacional? Livrar-se da lanterna vermelha

e “viva o velho”! Por uns “escassos” trinta e cinco minutos não fui apurado para a final, hehe, tenho de treinar mais, estou convencido que lá para o ano 2048, podem contar comigo no H90.
Seguiu-se a prova de consolação, que apelidarei de “etapa dos perdedores”, este ano em moldes ligeiramente diferentes, pois iria pontuar para o ranking e assim tínhamos uma motivação acrescida (bah!...como se o “espécie” precisasse de qualquer incentivo).

Com um sol envergonhado a dar-me as boas vindas, entrei na derradeira etapa de 4.100 metros, com três a quatro pontos técnicos nas “belas pedras”, que antecederam uma longa pernada, numa descida vertiginosa, que nos obrigava a tomar um refrescante banho, na passagem duma providencial poça de água. Fazendo fé nas fotos que foram publicadas (obrigado Jorge), este alegre chapinhar foi o momento de maior descontracção dos quatro dias minhotos (uops…ai…ui…que fria…).

Não obstante os terrenos serem os mesmos da véspera, o percurso não foi tão exigente, se bem que para mim, nada me pareceu idêntico. Basta traçar um percurso pelo inverso, que o mapa fica logo “transformado” (é, mas não parece). Ponham-me a descer num dia o que subi no outro, que eu sei lá a quantas ando.

Tudo corria “na paz do Senhor”, com as balizas a aparecer-me sem as ter de “chamar”, quando na progressão para o ponto 15 (dos 18), embico por uma linha de água abaixo, quando deveria ter subido para o afloramento vizinho (e o Carlos Monteiro andava lá!) e esta “trapalhada” estragou-me por completo o programa.

Desci a encosta um pouco nas calmas, sempre desconfiado que algo não estava bem, mas a certa altura apercebo-me da asneira, ligo as “redutoras” e subo a toda a força a linha de água, só parando no penedo, para onde me deveria ter dirigido inicialmente (com o coração que nem um cavalo). Tenho de me poupar mais, que estes episódios deixam-me desaustinado e rebentam-me o “motor” (uff que “sufeca”).

Arremessei-me para o chão e descansei 23 minutos…desculpem o equívoco (ai esta minha cabeça!); pastei todo esse tempo na busca do “62”, queria eu dizer, hehe (eu e mais uns quantos). Nestas cenas de atascanços, o cronómetro não perdoa e o tempo final ressentiu-se de que maneira (1.38.43). Acaba por ser um resultado lisonjeiro, tendo em conta a enormidade da “pastorícia”. Ainda não foi desta, mas para a próxima será, haja fé (ou menos “tonice”).

Nas contas finais, Raquel Costa (do simpático e dinâmico Gafanhoeira) e Tiago Romão (representante do COC, o clube ganhador da época), que faziam parte do lote dos favoritos, foram os brilhantes triunfadores, mas há que destacar nos restantes lugares do pódio a presença maciça de atletas juniores e juvenis. Uma agradável realidade, donde se pode extrair a firme convicção, que esta ilustre geração dá garantias, de um futuro auspicioso para a nossa modalidade.

45. Esquecer o passado

O mapa de Rovisco Pais, na Tocha, é sem sombra de dúvida um local onde eu já fui imensamente…infeliz. A recordação da célebre etapa de distância longa, em Fevereiro passado, não me dá sossego (pesadelos à brava). Só para relembrar, nesse dia terei porventura, efectuado a prova mais equilibrada da minha ainda curta experiência na modalidade, mas um malfadado "mp" sem qualquer justificação racional, deitou por terra um sonho tão "glorioso".

Ninguém, no seu perfeito juízo, encontraria um bom motivo para lá voltar. Apenas o "espécie" conseguiria arranjar uma razão, por mais esfarrapada que fosse. Seja para esquecer o passado ou dignificar o presente, tinha de haver alguma coragem e muita inconsciência, para um regresso a estas paragens de má memória.

Diz a minha mulher e a sua filosofia "especial", que o importante é estarmos presentes em mais uma prova. Se essa participação ajudar a limpar as asneiras do passado, tanto melhor. "Quem assim fala não é gago" – digo eu!

Apresentei-me no XVI Troféu do Ori-Estarreja, com a maior vontade do mundo, para conseguir uma prestação que me permitisse exclamar no final – "estou vingado!". Dois percursos traçados sobre distância média (à volta de três quilómetros e meio), num terreno quase plano de pinhal e areia, não deveriam ser obstáculo de monta aos meus objectivos.

O "Rovisco" não mostrou argumentos, capazes de contrariar a dupla "cavalgada" empreendida pelo espécie (qual cruzada), no intuito de branquear o passado. Quarenta e quatro minutos na jornada inicial e trinta e nove na seguinte, foram suficientes para me retirar o enorme peso que carregava desde o Carnaval (que alívio, até pensei que tinha engordado).

Não julguem que foi tudo um "mar de rosas", só porque obtive uns tempos razoáveis. É certo que não há nenhuma cena rocambolesca para vos contar (ohhhhh…que pena), nem tão pouco referência a altas pastorícias, mas não me livrei de um ou outro susto (ainda vou sofrer de arritmias).

Logo ao arrancar para o primeiro ponto, na etapa de sábado, apliquei um azimute "marado", que duma linha recta originou uma parábola ou hipérbole (hehe), tal foi a curva. Tive a pontinha de sorte, que por vezes é tão necessária e "embati" noutro ponto, que por feliz acaso era o sétimo do meu percurso, desviado uns 50 metros daquele que eu pretendia. Desbaratei alguns segundos, mas nada que não pudesse ser recuperado (pois, pois…engana-te).

Há coincidências de difícil explicação. No trajecto para a sexta baliza, já no regresso, quem me aparece pela frente com um aflitivo pedido de auxílio? Claro…só podia…a minha desorientada parceira. Perseguia um ponto que, coisas do diabo, era o dito "7" de há pouco. Fiquei todo desconcentrado, que perdi o fio à meada e o meu ponto seis "fugiu-me". Para a poder ajudar tinha de dar primeiro com o meu, não é? Acabei por andar neste "namorico ocasional" uns dois ou três minutos. Vou propor um corte de relações durante as provas (se calhar vou ficar a perder, mas enfim).

Na etapa de domingo precisei de accionar os "detectores", de forma que o "38" não passasse à "istória". Optaram por colocar o ponto numa clareira, completamente cercada de vegetação bastante cerrada, que só com o apoio do mapa não chegaria lá facilmente; houve necessidade de recorrer à "alta tecnologia" (o primeiro a "detectar" avisou os restantes "exploradores", hehe, pensavam nalguma serra eléctrica, não?).

Mais adiante, na progressão para o ponto 5, ao transpor um ribeiro, fui obrigado a utilizar um tronco suspenso, perigosamente "visgoso" (continua a saga do Indiana). Um pé em falso seria a "morte do artista", tal era o aspecto pantanoso da água (nhac!...que nojo), onde algum "crocodilo" transviado ou uma qualquer esverdeada "seita" de sapos poderiam estar de atalaia (só de imaginar fico todo arrepiadinho).

Na realidade, a jornada decorreu sem grandes incidências (para variar), mas sobressaiu pela negativa e uma vez mais, a reduzida afluência de concorrentes (nem a oferta dum saboroso "caldo" incentivou). Este cenário começa a ser preocupante e tenho sérias dúvidas que alguém descubra a solução para o modificar. Analisando o perfil dos participantes, pelo menos dá para perceber, que prevaleceu a qualidade (ou não estivesse o "espécie" presente) sobre a quantidade.

46. Os longos azimutes de Pedreanes

Minuto -1. O momento em que nos ataca o nervoso miudinho, a pulsação acelera, o suor escorre e a adrenalina sobe para os níveis competitivos. Os sessenta segundos de concentração e ansiedade. O sentir a tentação de virar o mapa, ainda no cesto, antes dos cinco segundos finais.

Alto!!! O mapa já está virado! Isto é novidade. Deduzi assim a quente, que sendo uma distância longa, talvez fosse necessário um mapa de dupla face, mas mirando bem, lá estavam os meus 16 pontos para os intermináveis 8.100 metros. Comentei com a malta das partidas – "Sabem que têm os mapas com o percurso para cima?"- "É um bónus que damos aos participantes" – respondem com um sorriso maroto.

"Isto cheira a esturro" – remoía eu com apreensão. Ainda não tinha soado o bip final e…"Ahhhh! Seus malandrões!" – exclamei. "Primeira pernada com 1.500 metros? Pronto…entendido…vou ser trucidado. É hoje que dou a vaga".

O mapa de Pedreanes, na Marinha Grande, para a primeira etapa do X GP RA4, vinha mesmo a calhar, servindo às mil maravilhas para um ensaio geral, com vista à minha participação no WMOC`08, dado ser de características similares aos terrenos que vou ter de enfrentar em Pataias e Pedrógão (uops…era segredo). Pinhal, areia, vegetação rasteira de fácil progressão e dunas, umas suaves, outras nem por isso (as tais que se sobem de joelhos hehe).

Ora voltemos à super-pernada inicial. Enquanto me dirigia para o triângulo (rampa de 300 metros em areia), ia analisando as opções para o primeiro ponto, que me obrigava a "rasgar" o mapa de lés a lés. Um mapa predominantemente branco, com caminhos perpendiculares, um relevo médio demasiado uniforme que dificulta a sua observação e raros pontos de vegetação. Só havia uma opção: um longo azimute, de preferência em linha recta e muita atenção às curvas…de nível (hehe).

Com esta teoria estava no papo, o difícil seria aplicá-la na prática e simultaneamente orar à "Nª Sª das Espécies", para não ocorrer nenhuma divergência com a minha "temperamental" bússola. Do final feliz desta pernada dependeria o resto da minha prova, disso tinha a certeza.

Na aproximação ao ponto, entrei pelo trilho errado, o que me fez desviar uns 200 metros e somar dois minutos de castigo aos quinze que já levava. Valeu-me como referência um providencial limite de vegetação. Para arranque podia ter sido pior. Acontece que o primeiro do meu escalão (um escocês voador) fez menos oito minutos! (ai, ai, que tareia vou apanhar no mundial).

O que verdadeiramente me inquietava eram as consequências do desgaste físico a que iria estar sujeito, pois teria pela frente na primeira metade da prova, pelo menos mais duas pernadas duns mil metros.

Se tecnicamente tinha de estar ao melhor nível, as longas pernadas aconselhavam que se corresse depressa…e bem. Ora isso é coisa que me custa imenso, pois o físico não responde às solicitações (eu quero…ele não deixa…que vou fazer?). Fui correndo, bufando, tropeçando, ofegando, sempre com o máximo cuidado para não perder as referências do relevo e tentando "endireitar" os mais que longos azimutes.

Nalgumas progressões, julgo que tomei opções menos adequadas, mas considerando que as balizas iam surgindo como "por encanto", não sentia grande preocupação. Somente pretendia efectuar uma prova de acordo com as minhas capacidades e o facto da restante rapaziada me poder deixar a "léguas", tem sempre a simples justificação de serem uns "ases" da orientação e eu ainda não passar dum humilde "espécie" (hehe).

Até ao ponto 8, salvo a pernada inicial onde fui acometido dum ligeiro equívoco, tenho consciência de que fiz uma prova quase irrepreensível (para os meus parâmetros, entenda-se), com progressões muito razoáveis, a que não será alheio o cuidado constante com o relevo e o facto de ter andado isolado mais de meia hora (mais vale só…).

Só que para tudo funcionar "sobre rodas", o mapa deve estar actualizado, porque basta aparecer uma reduzida área, alvo de um recente corte de pinheiros, para me atrofiar por completo o raciocínio. Para mal dos meus pecados, o ponto 9 situava-se bem no meio duma área desbastada, ainda por limpar. A clareira seria aquela ou não? A árvore derrubada não foi considerada ou era das abatidas? Faltava um trilho ou eram marcas de tractor? Para a maioria, não passam de pormenores de fácil resolução, para o "espécie de orientista" resultam em extrema desorientação.

Após uns instantes arreliadores, decidi ir ao caminho seguinte, localizar um ponto de referência e voltar em puro azimute. Nestas circunstâncias, tinha de esbarrar com o prisma (ai dele!), mas lá voaram mais de três preciosos minutos. Foi uma pena, mas também não esperava efectuar um percurso limpo, senão perdia a graça e ficava uma pasmaceira (hehe) ou ainda seria promovido a orientista.

Na parte final, estive tecnicamente perfeito (desculpem a imodéstia, mas é tão raro), apenas me ia atascando cada vez mais na areia, provocado pelo repetitivo sobe e desce e a corrida ressentia-se, decaindo de ritmo, para uma velocidade a roçar a câmara lenta o que veio a resultar no tempo realista de 1.31.17.

A decisão pelos azimutes, revelou-se acertada, e tenho fé que para a semana, a bússola continue a me dar tréguas, para no mínimo realizar umas provas semelhantes a esta,

mesmo tendo em conta que o companheiro da Escócia fez menos trinta e tal minutos. Realidades!!!

Quanto aos aspectos organizativos, tenho um ligeiríssimo reparo a fazer. Este ano não houve partidas ao som de “G3”. Foi um desconsolo, logo agora que já me tinha habituado e feito a promessa de não fugir quando soasse o tiro (desmancha-prazeres).

47. O “espécie” no Mundial (I)

Breve fantasia

Num glorioso momento de insanidade mental, tomei a irresponsável decisão de me inscrever no World Masters Orienteering Championships, que é como quem diz, o “mundial de experts da orientação em idade madura”. No instante seguinte já sentia uma pontinha de arrependimento (logo após o simular de um orçamento, hehe), ao imaginar a carga de trabalhos em que me tinha metido. No entanto, essa loucura “benigna” tinha vindo para ficar.

Afinal que motivações ou justificações apresenta o “espécie de orientista”, para ter a desfaçatez de se misturar com a nata da orientação mundial? Assim numa primeira análise, só mesmo um tipo desatento ou com alguma impossibilidade do foro pessoal (e se eu posso enumerar umas quantas!) é que não esgotaria as hipóteses de estar presente, numa das maiores festas da orientação a nível mundial, que por alto privilégio foi atribuído a Portugal a sua organização, mais concretamente à região da Marinha Grande.

Este campeonato insere também uma característica especial. Dado o seu cariz popular, existe total abertura a quem quiser participar, o que não deixa de ser um dos aspectos mais positivos deste belo desporto. Se houvesse necessidade de mínimos, o “espécie” jamais teria hipótese de se imiscuir com os “profissionais”, assim, tiveram de levar comigo.

Acresce ainda o relevante pormenor, impensável em qualquer outra modalidade, da Organização ser constituída por elementos de quase todos os clubes federados na FPO. Alguns destes atletas, caso optassem por competir, podiam até ter uma palavra a dizer no aspecto desportivo, mas prevaleceu o sentido patriótico, com o objectivo de conseguirem levar a efeito uma semana inesquecível. O interesse colectivo sobrepôs-se ao pessoal. Perante este cenário, as expectativas organizativas subiram para patamares bem elevados.

No fundo, esta poderia ser, a única oportunidade de estar presente num evento com esta dimensão. Cerca de três mil e seiscentos participantes, oriundos de trinta e nove países e representando os cinco continentes! Acontecimento desportivo, que no nosso país

apenas a Gimno-Estrada superou em número de atletas, quase foi ostracizado pela comunicação social (atitude inqualificável, dum "saloiismo" exasperante).

Ignoremos os comportamentos deprimentes e avancemos para a festa. Alguma vez passaria pela cabeça de alguém, vislumbrar o "espécie" a desfilar atrás da bandeira das quinas, pelas artérias da "capital vidreira", encerrando o desfile dos milhares de atletas estrangeiros, onde pontificava o porta-estandarte da Finlândia, esse dinossauro da Orientação (94 anos!), Erkki Luntamo? Pois deixem que vos diga, pessoalmente foi um momento ímpar de emoção e orgulho, que me fez esquecer os tormentos da soalheira a que estivemos sujeitos.

A partir daqui, quaisquer que fossem os resultados desportivos, nada mais poderia suplantar a honra que senti, por ter participado nesta "original" e improvável representação nacional, ao lado de figuras como Joaquim Sousa, Albano João, José Fernandes, Paula Nóbrega, Manuel Dias, Anabela Vieito (os restantes perdoem a omissão), "prémio" que o "espécie" nada fez por merecer. Obrigado pela oportunidade proporcionada, de por breves momentos, ter vivido a fantasia de pertencer ao mundo dos verdadeiros orientistas.

O desfile

48. O “espécie” no Mundial (II)

Excessos de velocidade

Está tudo louco! Então estes forasteiros desconhecem que não podem andar em excesso de velocidade, em pleno centro histórico de Leiria? D. Diniz teria dado voltas na tumba, se assistisse à maciça invasão do seu castelo, por vikings, saxões, cossacos e uma famigerada plebe nacional, liderada pelo Duque de Barcelos “D. Quim de Souza”, que entravam e saíam do seu reduto, quase no tempo de um suspiro. Ora estas deslocações de ar, até podem ter alguma influência na erosão das muralhas, não estão de acordo?

Os milhares de atletas que arribaram a Leiria, para a qualificação da prova de sprint, “iam num pé e vinham no outro”, tal os tempos vertiginosos que a maioria conseguiu, para percorrer o castelo e as vielas estreitas e íngremes que o circundam. Convém não esquecer que estamos a falar de participantes, cujas idades medeiam entre os 35 e 94 anos! Perante tamanha concentração de avozinhos (só octogenários eram para cima de setenta), mentalizei-me que ainda posso arrastar-me por aqui uns cinquenta anos…ou mais, hehe.

A zona envolvente ao estádio leiriense foi transformada numa espectacular arena, onde havia de tudo um pouco. Instalou-se uma autêntica feira, onde não faltava rigorosamente nada, para aperaltar um orientista: bússolas de Moscovo, equipamentos da Suécia, sapatilhas da Grã-Bretanha e um variado “merchandising” da Organização (com um “Porto” excelente para gáudio da malta de Leste).

Torna-se quase indescritível o ambiente que se viveu nesta pequena metrópole. Uma miscelânea de cores, onde sobressaíam os vistosos trajes desportivos e as diversas bandeiras nacionais, os mais diferentes idiomas (a língua oficial era o “orientelês”), mas tudo sob o denominador comum: a paixão pela Orientação.

Um “amor” tão fiel, que motivou umas dezenas de concorrentes a deslocarem-se dos antípodas. É verdade, que as comitivas australiana e neozelandesa trouxeram um cunho especial à competição, mas foram os efusivos brasileiros que rivalizavam com os extrovertidos espanhóis, quem mais momentos de alegria proporcionavam, fazendo contraponto aos silenciosos e sempre gentis japoneses que primavam pela sobriedade. No entanto, as grandes delegações provinham da Escandinávia (cerca de 1.800), com

atletas que ultrapassaram mais de metade dos inscritos, que vieram para competir e…vencer. Por aquelas paragens, esta modalidade é considerada uma religião.

Com todo este fervilhar a girar à minha volta, sentia-me de tal forma excitado, quase me esquecendo que estava ali também para participar. Às 9:22 seria a minha hora para a pré-partida, que me levaria a subir uns 400 metros, para aí sim, quinze minutos depois, dar início ao meu primeiro sprint, e se ele teria de ser rápido! Força nas "canetas" e juízo nas "vistinhas" – aconselhou a minha mulher (ela sabe quem tem).

O problema nestas provas, é que a celeridade tem de ser fundamental, tanto a pensar como a agir. E aqui é "que a porca torce o rabo", pois se corro demais, passo as vielas e lá se vão os pontos, se me desloco com mais cuidado, aparecem os pontos e penalizo no cronómetro. Tive de encontrar um meio-termo, para não sair muito maltratado do meu baptismo num mundial.

Afinal que tinha o "espécie" a perder? Resolvi imitar os infractores de velocidade, correr o mais que pudesse e a cabeça que acompanhasse o ritmo. A primeira pernada era das mais longas, cerca de 400 metros de descida acentuada, quase até ao centro da cidade. Enorme confusão de ruas estreitas, com um esquerda-direita e direita-esquerda, que continuou nos trajectos seguintes.

A concentração revelou-se fundamental, assim como descortinar correctamente no mapa todos os becos e vielinhas. Logo no segundo percurso, errei na aritmética, contei mal as ruas e zás…atascanço de dois minutos. Fiquei cá com uma raiva, que só não espumei porque tenho as vacinas em dia (hehe). Com maior ou menor azia, consegui ultrapassar essa contrariedade, o que deu para confirmar que os pontos estavam todos "lá".

Ainda fui posto à prova, em nova pernada a roçar o meio quilómetro (a oitava), que tinha o óbice de nos obrigar a subir até ao início das muralhas, mas os meus níveis de sofrimento responderam em conformidade (trepando…gemendo e suando). O regresso ao centro, com mais sete pontos para completar os 2.100 metros, foi realizado em pouco mais de sete minutos (a descer todos os santos ajudam), para um registo de 23:42!

O "espécie de orientista" estreava-se num mundial, com um tempo, que não sendo famoso, não me deixava envergonhado, pois contra factos não há argumentos. Provavelmente, se tivesse efectuado uma prova limpa (dizem ser uma utopia), poderia baixar, no máximo uns três minutos, o que continuaria a ser um fraco resultado, quando comparado com os 13 minutos dos primeiros. Claro que os "bólides" nórdicos não respeitaram os limites de velocidade, enquanto eu, num modesto "piaggio", tentei civicamente não infringir a lei.

Confraternização

49. O “espécie” no Mundial (III)

O fatídico “44”

Não sou propriamente um indivíduo que aprecie o jogo. Tão pouco sou grande apostador dos números do totoloto ou euromilhões e nunca me entusiasmou o clandestino “sobe e desce”. Jamais dei importância aos números das cartas e basicamente sou um descrente com números de sorte ou azar. Convicções que mantive até ao dia da final de sprint na Praia da Vieira.

Depois do sprint esforçado, mas manifestamente insuficiente, em Leiria, tive de me contentar com a final “C”, que tanto pode significar “consolação” como “caracol”(hehe). Na minha perspectiva era mais uma prova para realizar tão rápido quanto possível, sem me preocupar demasiado com a concorrência, pois o meu verdadeiro adversário sou eu.

A informação prévia sobre o mapa, realçava o pormenor técnico de ser constituído por três zonas distintas: uma parte urbana, outra em floresta e duna, para finalmente terminar na área antiga do bairro piscatório. Um traçado interessante, com consecutivas mudanças de terreno, que obrigava a alterações na forma de orientar a progressão e poderiam ser uma fonte de complicações para os concorrentes.

Não tive qualquer problema com as transições. Pessoalmente tanto me faz “carne como peixe”, urbano ou floresta é igual, o que descobri é que não atino com pontos que tenham um código com algarismos a dobrar, como a capicua “44”. A etapa arrancou com dois pontos na zona urbana mais recente, passando de imediato para a floresta. Aqui tinha quatro pontos técnicos, despachei um trio de vegetações com facilidade, para logo de imediato começar o “ponto negro” do meu percurso. O aziago e fatal “44”.

Não era do meu conhecimento que tivesse qualquer anti-corpo a este número, mas o tempo que perdi para o controlar, só se justifica por incompatibilidade “astral” com o raio da capicua. Bem, pelo menos foi a explicação que encontrei no âmbito do paranormal, porque o que efectivamente ocorreu foi mais um episódio do “espécie de orientista” no seu melhor (ou pior).

A pernada para este sexto ponto era a mais longa, com opção de azimute directo ou em alternativa, percorrer uma série de caminhos, que no mapa estavam cartografados de um modo esbatido. Atendendo à minha deficiente visão, os trilhos não seriam o mais indicado, vai daí, resolvi em má hora progredir em azimute (não, desta vez a bússola não me traiu).

Acontece é que esbarrei com um verde dos "escurinhos" e por mais que tentasse furar, não arranjei nenhuma passagem transponível, de acordo com o que lia no mapa. Ou não estava a traduzir correctamente a sinalética ou o caminho em que me encontrava não seria o pretendido. Por acaso até era, mas as forças maléficas do "44" repeliam-me para bem longe. Devo ter efectuado umas quantas orbitas em torno dele, mas aproximação para um perfeito controlo, só uns dez minutos depois. Leram bem! Asneira primária e inadmissível, mas recorrente na cartilha do "espécie". "E logo hoje numa prova com esta importância" – rezingava eu, completamente desesperado.

Para poder picá-lo, tive de escalar uma duna sobranceira ao campo de futebol, relocalizar-me e então abordá-lo pelas costas em momento de distracção (não foi à traição, mas quase, hehe). As alunagens das "Apolos" não demoraram tanto tempo.

Não obstante ter o "44" entalado na laringe e que me dificultava a respiração, recomecei o sprint (em hiper-ventilação), para limpar nos nove pontos ainda em falta, alguma da porcaria que tinha feito. Duna acima e abaixo, controlo três balizas carregadas de areia e penetro no labirinto, do anárquico casario dos pescadores, em busca dos seis prismas finais, no meio duma profusão de corredores, becos, escadas, largos, patamares e imensa gente a correr desvairada de um lado para o outro. Achei verdadeiramente espectacular este desfecho do sprint, mesmo tendo perdido mais algum tempo numa viragem para a ruela errada (troquei a viela da Sra. dos "Aflitos" pela da Sra. dos "Naufragados").

Acabei num sprint de raiva, apenas para me cansar e suar um bocadinho, já que tinha desfrutado daquele fatídico descanso de dez minutos e assim, com o arfar ofegante, conseguir "cuspir" o "44", que continuava teimosamente agarrado à minha garganta.

Uops! Mas o ponto 4, o "55", também pertence ao grupo das capicuas e não me deu nenhuma consumição. Afinal não tenho qualquer alergia a estes números. Ora bolas! Lá caiu a minha teoria por terra.

Preparado para o sprint de Vieira, de luto carregado por antecipação

Esvoaçando sobre o alcatrão

50. O “espécie” no Mundial (IV)

Tentativa de extinção

O que estou aqui a fazer? O “espécie” deveria estar “morto” e enterrado, ou pelo menos extinto, pois essa foi a intenção do traçador de percursos, da primeira eliminatória de distância longa, que se desenrolou nos pinhais de Pataias. Mas não, continuo “vivinho da silva” (por agora) e com a mesma vontade de vos confidenciar as minhas desventuras.

A etapa tinha tudo para dar certo. Os 7.200 metros não eram distância que me assustasse (ui! se fosse nas “pedrolas”), o desnível enquadrava-se nos parâmetros razoáveis (para os “greatest 50`s”), identificava-me com o género de terreno (as belas dunas), a temperatura estava amena (o calor abafa-me), não era o último a partir (detesto a solidão) e o mais importante, já tinha calcorreado estas florestas em duas ou três ocasiões, com resultados satisfatórios, portanto sentia-me confiante, talvez em excesso. Pelos vistos, nenhuma destas “vantajosas” coincidências teve qualquer influência no meu desempenho.

A festa neste dia ainda se apresentava mais efervescente. As excelentes condições da arena, que foi escolhida a dedo, numa zona de pinhal extremamente limpa, junto ao aparcamento, facilitava toda a logística do evento e proporcionavam naturalmente a boa disposição. Com as chegadas localizadas bem no centro da área da concentração, tive oportunidade de presenciar alguns atletas mais emblemáticos a terminarem as suas provas.

Vivi um momento particularmente emocionante (deixei cair uma lágrima no ombro da minha mulher), com a chegada dos nonagenários Elizabeth Brown e Erkki Luntamo (um sprint final de fazer inveja a muito jovem), que com a sua perseverança, força de vontade e uma invejável longevidade, continuam a participar nestes eventos e a conseguir resultados positivos, mau grado algumas limitações físicas que vão surgindo com a idade. Considero-os, a par de uma restrita meia dúzia, os super-herois da nossa modalidade.

Não via a hora de me embrenhar na mata. A minha motivação era imensa e auto-confiança não faltava. Apenas um pormenor me estava a escapar, o de tomar em atenção

que a prova se referia a um campeonato do mundo e com certeza os traçados dos percursos iriam ter um grau de exigência de acordo com a grandeza da competição. Tarde demais para o "espécie", quando confrontado com os problemas técnicos e físicos, que o traçador meticulosamente preparara.

À medida que ia percorrendo as pernadas iniciais, comecei a perceber que algo não batia certo. Mesmo sem grandes pastorícias, todos os pontos pareciam demasiado complicados, o que me obrigava a um desgaste físico extra. Quando alcancei o ponto 7, já levava mais de trinta minutos de prova (ainda faltavam dez balizas), mas se tecnicamente tentava não cometer erros irreparáveis, fisicamente as coisas não estavam a correr bem.

Definitivamente o traçador não gostou de ver o "espécie de orientista" inscrito na sua prova. "Ai queres meter-te com os craques? Ora toma que é para aprenderes!". Terá sido mais ou menos esta a estratégia do senhor traçador. O trajecto foi superiormente esquematizado, mas sem permitir grandes veleidades a quem tem limitações. A ideia era a extinção total da espécie logo no primeiro dia, olá se era!

Naturalmente, que eu fui dando uma ajuda aqui e acolá, para que isso viesse a acontecer. As opções que ia tomando nas progressões mais extensas, vinham ao encontro das intenções de quem traçou os percursos, sempre pela óptica mais difícil. Quem me mandou trepar a duna do ponto 3, pelo lado mais íngreme? Se tinha um caminho mesmo à mão para o ponto 6, porque raio decidi ir a azimute, apanhando um carrossel de pequenas colinas? Sou masoquista, suicida ou cúmplice do traçador?

Se até ao já referido ponto 7, sofri o meu quinhão a valer, a partir daqui encetei um processo de orientação, que ia degenerando em "vias de extinção" do "espécie". Durante a pernada mais longa (8/9), efectuei uma quantidade de barbaridades com limites de vegetação e curvas de nível, e não fora uma "mãozinha" misericordiosa duma compatriota do Orimarão, a esta hora estariam a ler um testamento.

Depois desta "viagem" atribulada (20 minutos), ainda sonhei que poderia compor alguma coisa, nos percursos que faltavam. Puro engano. O traçador tinha ainda reservado mais uma tentativa, de acabar de uma vez por todas com a raça. O espectacular ponto "103". Confesso que toda a progressão para este ponto me deu um gozo extraordinário, mas tudo foi realizado demasiado lento, perante a luta titânica do "espécie" e traçador.

Imaginem um monte em duna, com vegetação densa numa das encostas, na outra, uma rampa íngreme semeada de arbustos rasteiros e muita, muita areia. E o ponto? Não adivinham? Colocado bem lá no alto, numa clareira, que se assemelhava em tudo à cratera dum vulcão. Escalei quase de gatas, agarrando-me a tudo o que encontrava (ai…uma silva), debaixo duma torreira asfixiante (saudade das minhas "minis"), tentando evitar a extinção, a que alguém se propusera. Lá no alto só me faltou espetar a bandeira.

Nesta altura, com mais de uma hora de prova, só pensava como haveria de a concluir, mas o cansaço começava a pesar e ainda faltavam seis pontos, que representavam pouco menos de dois mil metros. Haveria mais alguma surpresa para evitar? Pelo que tinha passado já nada me iria surpreender, mas o traçador já dera a sua tarefa por concluída,

aguardava pacientemente que o “espécie” tombasse por exaustão. Bem podia esperar sentado.

Ainda demorei uns intermináveis trinta minutos para terminar, mas a tentativa de extinção do “espécie” não tinha surtido efeito. No final, ao analisar as classificações, constatei um facto, no mínimo surpreendente, existem por esse mundo fora outras raças da espécie de orientação, para além da autóctone “Lusytanus Orientatis”.

Partida em Pataias

Junta-te aos eternos e serás como eles – Erkki Luntamo (na altura com 94 anos)

51. O “espécie” no Mundial (V)

Melhor era impossível

Decorriam os dias e eu ainda não havia tido a oportunidade de cumprir um dos objectivos a que me tinha proposto: uma foto de “família” com a lenda viva da orientação, o finlandês Luntamo.

Para a segunda jornada de distância longa, fiz questão de chegar mais cedo, no intuito de dar uma volta pelo recinto e conseguir apanhá-lo disponível, dado que ele seria dos primeiros a partir e provavelmente já estaria no aquecimento (sentadinho ao sol, hehe). Duma simpatia extrema e denotando um certo à vontade (de quem já passou “n” vezes pela situação), prontamente se dispôs a sorrir para o boneco, desejando-me amavelmente “a good race!”. Não podia ansiar melhor “padrinho” para a prova de “tira teimas” que iria realizar de seguida.

Depois do desastre da pretérita eliminatória, não tinha nada a perder e o pequeno gesto de Luntamo poderia funcionar como uma “bênção” para a prestação do “espécie”. Não custava nada acreditar, não acham? E para reforçar a cadeia de fluidos positivos, dou de caras com outro dinossauro dos “90`s”, o sueco Rune Haraldsson e…flash, mais uma para a colecção. Psicologicamente sentia-me recuperado, o resto íamos ver.

Novamente uma etapa de 7.200 metros, no mesmo mapa, com um desnível ligeiramente inferior à anterior e duas dezenas de pontos para controlar, o que dava a ideia de um percurso idêntico, mas cada prova tem a sua história e esta não iria fugir à regra.

Fiz de conta que nunca tinha passado por aquelas paragens, para não cair no mesmo erro de menosprezar o mapa, mesmo tendo em conta que desta vez tinha sido “abençoado” e nada de maléfico me poder acontecer. As características do terreno não se alteraram, mas a área a percorrer, localizada a sul da do dia transacto, apresentava zonas muito mais limpas e com elevações menos pronunciadas (dispensaram as belas e altaneiras dunas), dando origem a aceleradas provas de corta mato, que nem uns prismas laranjas pelo meio vieram atrapalhar (excessos de velocidade, parte dois).

Tecnicamente tive um comportamento bastante positivo, embora tendo optado, numa ou noutra ocasião, por progressões seguras (sinónimo de perda de tempo), de modo a evitar

atascanços recentes. Não desatinei com nenhum ponto, mas o desgaste a que fui sujeito no primeiro dia e as toneladas de areia que me atafulharam as sapatilhas, limitaram-me o andamento e ao finalizar em 1:18:32 (que eu supunha ser um tempo mediano), sou confrontado com uma desagradável surpresa (e nem estava distraído, hehe).

Apesar de realizar um percurso satisfatório, constato que a rapaziada da minha manga andou muitíssimo mais rápida (a maior parte abaixo da uma hora), relegando-me para um lugar a roçar a "lanterninha". Realidades que me deixam completamente estarrecido (de boca aberta), pois posso-vos afirmar com toda a convicção de "espécie", que melhor era impossível. Se não consegui correr mais, não encontrei problemas técnicos pelo caminho e ainda estava sob o efeito da bênção do nosso guru, que raio de combustível é que os tipos utilizaram para me deixarem a "milhas"? (bem os vi a enfardar "jarros" de cerveja, hehe)

É caso para dizer que não percebo mesmo nada disto (verdade nua e crua). Então hoje que não pastei nadinha, dei com os pontos logo à primeira, desenrasquei umas corriditas, faço um tempo bem superior ao dia anterior e atiram-me para um lugar que ninguém quer? Na primeira jornada, fartei-me de cometer "asnices", atasquei forte e feio, apanho com quase duas horas de castigo e obtenho uma classificação bem melhor?

Mau…mau, mau…temos aqui mistério ou hoje sonhei que corri e na realidade limitei-me a passear? - "Os insondáveis enigmas da Orientação!".

Estiloso, mas ineficaz - Pataias

52. O “espécie” no Mundial (VI)

Reentrâncias…e ponto final

Eis-nos chegados ao dia de encerramento da romaria em que se transformou este “Master” de nível mundial (o “espécie” misturado com os “mestres” é de rir). Ainda não tinha corrido o pano e já me invadia uma saudade nostálgica, que nem esbocei reacção quando me mandaram para os confins do Pedrógão para estacionar o carro, tal era o meu estado deprimente – “Ok! Tudo numa boa!” – nada a reclamar.

Então, começou a romaria dos atletas em trânsito do parque para a arena, daqui para o start 1 ou 2, do start para o parque, do parque para o start, da arena para...uff! Uma “overdose” de quilómetros, que para alguns deve ter ultrapassado a distância da prova. O constante corrupio dos participantes dum lado para o outro criou um ambiente de festa popular (só faltava o martelinho de S. João, plim!), num bulício colorido e manifestamente desportivo, que no fundo são a essência destes eventos. Ah! Mais um facto positivo a acrescentar a esta situação, a malta enquanto se deslocava, aproveitava para ir fazendo o seu “warm-up” no alcatrão e pronto (que remédio!). Os mais corajosos (onde me incluo) ainda foram experimentar o disponibilizado pela Organização.

De acordo com as minhas incompetentes performances nas eliminatórias, colocaram-me na Final “C”, a dos cansados, cujas partidas faziam parte do Start 2 (o Start 1 estava reservado para a elite), mais próximo dos estacionamentos, de forma a este grupo, que demonstrou variadas insuficiências, não se fatigar demasiado com as deslocações (coitados). E para não terem que ir buscar nenhum à mata, arranjaram um percurso “soft” de 5.900 metros e 17 controlos, num desnível bem “maneirinho”.

Não fazia ideia de como o meu físico iria responder às necessidades, depois de uma semana de provas, com alvoreceres madrugadores e constantes viagens, dado que também estive presente nos “Opens” de Vieira e Pataias a acompanhar a minha mulher. Foi um fartote de orientação, mas tudo devidamente digerido, para não causar “enjoos” futuros (senão nas férias troco a praia por termas, hehe).

Se de algum cansaço sofria, juro que não dei por nada. Inconscientemente, o meu corpo geriu a coisa a preceito e não me permitiu grandes ritmos (a fazer fé nos tempos finais), apesar de ter arrancado com vontade e motivado para feitos gloriosos (hehe), as três

pernadas iniciais (cerca de 1.500 mts em terreno para "aceleras") deitaram-me abaixo o vigor que ainda restava. Pelo menos fui lendo o mapa com algum acerto até ao ponto 4.

Na progressão para o quinto ponto, havia uma passagem (ou paragem?) obrigatória pela "avenida dos bares". Espantados? Só para quem não esteve lá. A Organização teve o cuidado de instalar sete pontos de água, distribuídos por um quilómetro duma estrada que toda a gente teria de passar mais que uma vez. Ora como os meus amigos bem sabem, estes locais deixam-me sempre desolado, pois "esquecem-se" sistematicamente das "minis" (será propositado?).

Depois como querem que eu tenha excelentes desempenhos? O ponto 5 nem foi complicado, o seguinte é que me atascou uns minutos. Atascar é mesmo o termo. Tomei a pior opção para atacar o desgraçado e levei com umas subidas bem arenosas, que me obrigavam a atolar até aos tornozelos. Claro que ter tracção suficiente para puxar este cabedal, só com água não chega, hehe.

Mas o grande equívoco estava para acontecer. Após me desenvencilhar do ponto 8, passo por mais um local onde servem copos de água (coincidência?) e subo para o controlo seguinte, a escassos cinquenta metros, ao encontro duma reentrância. Mais uma vez sou penalizado por uma "pastorícia", porque todas as reentrâncias que bati, não tinham qualquer ponto colocado. Ando para ali uns seis, sete minutos à procura, daquilo que na minha óptica não existia. Acabei por picar o ponto num local, que eu não interpreto como reentrância, mas sim um esporão. Bem, admito que possa ser considerada uma reentrância, mas…das pequenininhas!!! Não é a primeira situação do género que me acontece.

Para evitar novas confusões, proponho uma discussão pública (até pode ser no "Prós e Contras"), sob o tema "O porquê da denominação de reentrância, a pormenores de relevo que os "espécies" consideram esporão". Na minha humilde interpretação, reentrância será sempre um local passível de escorrer água, seja uma linha, um fio, um regato, um ribeiro, um rio ou…o Amazonas. Agora um local, onde qualquer líquido que caia (mesmo cerveja) irá ficar depositado, será? Espero sinceramente que me ajudem neste imbróglio (linha disponível SOS REENTRÂNCIA 999 000 999).

Nada mais haveria para comentar, se o ponto 15 não fosse considerado na sinalética como esporão. – "Ai este é esporão e o 9 que é semelhante não é?". Ainda fiquei mais arreliado, porque se calhar só mesmo eu tive esta "crise existencial". Crise a sério ia tendo, mas era de asma (se por acaso sofresse, hehe), com o pó levantado pelo numeroso pelotão de atletas, que se juntaram nos pontos finais.

A zona junto às chegadas, com quantidades de areia que davam para "duas praias", estava pejada de balizas para todos os escalões, proporcionando um aglomerado de povo a correr em todos os sentidos (interessante para quem observava), mas provocando uma neblina de poeira que aliada ao calor que se fazia sentir, se não mandou nenhum velhinho para o ventilador, foi por milagre e também porque a Organização não merecia semelhante castigo.

Ainda consegui ter ânimo para um sprint à "master" (o que eu adoro este termo!), mas o relógio fez-me regressar à terra. 1:33:35? Oh que pena! Lá vou ser arremessado para os fundos classificativos. Mentira! Mesmo realizando um tempo deste calibre, a prova terá

sido mais complicada do que à primeira vista me pareceu e consegui mais de uma dúzia de “espécies” para me tapar as costas. Vá lá!

O “espécie” acaba de escrever uma boa fatia da sua “história”, mas o momento é o de colocar um ponto final. Semana intensa e espectacular que de certeza irei recordar com saudade. Tentei participar com dignidade, abstraindo-me do peso que uma prova desta envergadura provoca e não dando importância ao fosso que me separava dos restantes companheiros. Objectivo que nem sempre consegui, sobretudo quando confrontado com as duras realidades. Enfim, competi de acordo com as minhas possibilidades e mais não era obrigado.

O resto da “armada lusitana” teve um comportamento meritório, com várias presenças nas finais “A”, tendo inclusive proporcionado uns momentos de algum sonho, com as belíssimas prestações do Joaquim Sousa, que a par da Paula Nóbrega foram os que mais se destacaram. Continuo com imensa pena, de não ver o que Mário Duarte, Santos Sousa, Manuel Luís ou Rui Antunes, poderiam ter alcançado para as cores nacionais. No entanto, estiveram do outro lado da barricada e também com resultados excepcionais.

Sobre a Organização já se disse quase tudo e devo deixar essas análises para os especialistas. As expectativas criadas não saíram goradas e apenas consigo formular um “simplesmente irrepreensível”. Os “Tugas” são os maiores e ponto final!

Sprint pró fotógrafo - Pedrógão

A porta de entrada do WMOC`08

A azáfama dos veteranos orientistas

53. Terminar como começou

Dez meses depois do seu início, a época 2007/2008 teve o seu epílogo no II Troféu Mondego, da responsabilidade dum dos mais noveis clubes na modalidade, o Ginásio Figueirense. Prova que pretensamente deveria pontuar para o Ranking Norte, mas dado o estado actual das classificações regionais, apetece-me questionar – "Qual ranking?".

Se estão à espera que eu enverede por um qualquer comentário controverso, para suscitar a discussão sobre o assunto, tirem o "cavalinho da chuva", porque ninguém tem melhor conhecimento dos problemas surgidos este ano, do que os próprios responsáveis nacionais. Portanto, é deixá-los trabalhar e aguardar serenamente que a próxima época nos traga novidades para as iniciativas regionais. Não sou propriamente um optimista sobre esta temática (até pareço um membro do governo a divagar, hehe), mas vou ter confiança e esperar que melhores dias virão…ou não.

Vou mudar o tom do discurso, senão ainda corro o risco de ser apelidado de "profeta da desgraça". E logo eu, que tinha prometido à minha mulher, imediatamente após o WMOC, que este "ano" não escrevia nem mais uma letra. É certo que também não tinha pensado estar presente em mais alguma prova, mas o vício está de tal maneira impregnado que não resisti e cá estou.

A etapa de sábado disputada no mapa da praia de S. Pedro-Gala, pessoalmente não me cativava por aí além, pois já tinha competido por duas vezes neste terreno. Mas não sou eu que digo, que nenhuma prova é igual, pois basta alterar a direcção dos traçados e tudo se torna diferente? Então de que me queixo? No fundo, o único facto que me entristece, é que o último evento se assemelha ao que deu início à época, num pormenor comum a muitos outros, o número de participantes. E neste aspecto posso afirmar que a época termina como começou – cerca de uma centena de inscritos – que têm de ser considerados uns heróicos resistentes.

Para quem não conhece S. Pedro, só vos digo que em termos de local de concentração é simplesmente magnífico. Um parque de merendas frondoso, onde não falta nenhum equipamento logístico, apenas se aconselhando o uso maciço de repelente para combater as "melgas sanguinolentas" (a minha mulher mais parece um "ET").

Com toda esta lengalenga, quase me esqueci ao que vim. Então e a prova? Claro que devem ter percebido que não há grandes acontecimentos a relatar. No entanto, apesar do facto negativo de sermos poucos e ir percorrer uma área conhecida, mal soou o meu "bip zero", tudo se transformou e penetrei num mundo "desconhecido". A minha motivação foi a mesma de sempre. Onde estão os "laranjinhas"? Nesse momento só isso importava.

Sob uma temperatura a convidar a praia (ali mesmo ao lado), entrei duna adentro, mas o traçado para o ponto inicial sofreu uma inflexão e tive de me direccionar para a floresta. Pelo menos estaria mais protegido da canícula. Não sei se foi pelo pelos efeitos do calor ou má digestão, o certo é que passei pela baliza três vezes (ceguinho!), antes de finalmente a controlar. Ponto facílimo, situado em frente ao abastecimento de água (eu não digo?), que me fez perder mais de três minutos, por excesso de confiança…ou água a mais.

Para desgosto dalguma gente (eles sabem de quem estou a falar, hehe), não tive mais nenhum contratempo de ordem técnica, dado que interpretei convenientemente as reentrâncias, zonas de vegetação intransponíveis e o relevo que me foi aparecendo, tudo bem debruado com imensos trilhos e caminhos. O maior obstáculo foi a areia. Um tipo está bem orientado, pretende fazer um bom tempo, mas para isso tem de correr. Na areia? Pois…pois…está bem está! A pernada ao longo da duna (8/9) penalizou-me imenso, por deficiente acção das "redutoras". Bem me esforcei, mas o meu "motor" já fez demasiados quilómetros. 5.000 metros e treze controlos em menos de uma hora, foi o melhor que se pôde arranjar, mas os "velhos" do meu escalão ao realizarem tempos "supersónicos", deixaram-me envergonhado.

Para a jornada dominical, mudamos as trouxas da Figueira da Foz para Montemor-o-Velho, percorrendo as margens do Mondego até ao monte escarpado defronte ao bem conservado castelo montemorense (Sec. X) e aí sim, podermos dar por concluída mais uma época desportiva.

Ao deparar com uns parcos 2.500 metros distribuídos por 12 pontos, fiquei desconfiado com a "esmola". E tinha razões para isso. A área do mapa apresentava-se predominantemente verde, contrapondo amplas zonas abertas, mas com uma quantidade enorme de escarpas e falésias, que obrigavam a uma cuidadosa interpretação, pois ou se tomava a melhor e "única" opção ou em caso de asneira, só havia a solução de voltar atrás.

Não me recordo se alguma vez competi numa zona com estas características e olhem que no meu "portfólio" já constam para cima de uma centena de mapas diferentes. Terreno bastante técnico, com extrema dificuldade de progressão, onde a concentração seria essencial a um bom desempenho (o que contraria a personalidade do "espécie").

Invariavelmente sinto problemas a entrar nos mapas e desta vez não fugi à regra (sofro de "ansiedite aguda"). O ponto de abertura, junto a um poço, podia ter sido o meu "fim", pois quase caía nele. Conseguia ver todos os pormenores, menos o "sacana" do poço. A partir daqui, seguiram-se alguns pontos disseminados por aquelas escarpas e vegetação densa, onde não tínhamos mais que uma hipótese de progressão.

Quando controlo o ponto 7, deu-me uma aflição, pois não vislumbrava meio de me deslocar para o seguinte. Decidi, em desespero de causa, "furar" uns dez a quinze metros de "silvas" e arbustos (tal qual a "micas" dos túneis), para apanhar um caminho salvador. Se eu descortinava o pessoal a correr do outro lado, não seriam uns "picozitos" que me iriam inibir e ficar do lado de cá. Foi o bom e bonito (meto-me em cada uma), parecia que as danadas estavam vivas.

Quando me encontrava a dois metros de sair daquele emaranhado "infernal" – "Oh diabo! Perdi o boné!". Qualquer um, com o mínimo de juízo, continuaria, mas este boné é de estimação (tipo mascote, hehe) e não tive outro remédio senão voltar atrás e recuperá-lo das garras dos malditos espinhos.

A opção que tomei revelou-se acertada (mau grado uns arranhões), pois este trilho, que mais à frente atravessava uma zona de verde-escuro, era a única forma de acesso aos pontos 8 e 9. Só que este último situava-se, no topo duma encosta de inclinação máxima. Ainda me abalancei a correr os metros iniciais, mas a subida parecia infinita e quando finalmente cheguei à área aberta, por pouco não me ia abaixo dos joelhos com o "abafo". Creio que todo o desnível da etapa (155) se esgotou naquela pernada.

Na descida vertiginosa para o ponto 11, talvez por excesso de velocidade (hehe) só parei no ponto 12 (200). Não posso acelerar um pouquinho, que "eles" fogem-me logo. E assim, com a marcha-atrás que necessitei de fazer, voaram mais dois minutos. Concluí num tempo a rondar os 39 minutos, que acaba por nem ser mau, pois o que dava aspecto de ser uma tarefa acessível, revelou-se em algo complicado para todos os participantes.

Agora é tempo de descanso, vamos recarregar baterias, de modo a regressarmos em Setembro, de cabeças limpas, frescos e motivados para nova época de "aventuras".

54. “Eu avisei!”

Eureka!!! Alguém desenvolveu uma fórmula mágica, que originou a descoberta da solução possível para os rankings regionais. Fosse com a ajuda duma qualquer demonstração matemática, resolução de equações, cálculo de probabilidades, estudo de funções, recurso aos princípios geométricos de Fermat ou elaboração de testes de paciências, finalmente fez-se luz nos mais que esquecidos escalonamentos por região.

Para não suscitar nenhum devaneio nas “cabecinhas” mais pensadoras, afirmo desde já, que não movi nenhum tipo de influência (até porque não trabalho em ouro), não tenho qualquer parentesco com os autores deste trabalho de “hércules” e nem sequer conheço quem se deu à árdua tarefa de elaborar essas listagens, mas de certeza vou passar a considerá-los meus “amigos do peito”, isso posso afirmar convictamente.

Não digam que eu não avisei! Ninguém me deu ouvidos e agora não vale a pena “chorar sobre o leite derramado”. Se derem ao cuidado de analisar os mais variados escalões (quase tantos como o número de atletas), podem constatar algumas surpresas. Não vou questionar os regulamentos, pois já foram por demais debatidos e, francamente, desconheço a sua “paternidade”. No entanto, alguns resultados acabam por ser um tanto ou quanto inesperados e de certa maneira insólitos.

Parece-vos que estas classificações espelham a qualidade dos orientistas em cada escalão? Claro que não. A assiduidade e dedicação saem premiadas em detrimento do nível técnico dos intervenientes. O que não deixa de ser verdade, é o facto das regras do jogo serem do conhecimento de todos e portanto não haver razão para queixas. Quem não participa não pontua – tão claro quanto isto. E assim, aparecem como vencedores de escalão as figuras mais improváveis mas de indefectível presença – os “gloriosos loucos” da orientação.

Ora aí está onde eu queria chegar! Provavelmente irão surgir reclamações, recursos, impugnações, eu sei lá mais o quê, relativos a um determinado escalão, cujo líder é nem mais nem menos, que o representante da espécie de orientista??? Admirados? Não precisam de fazer essas caras de espanto. Eu avisei!!!

Se bem me lembro, logo no início do ano, após a inédita chamada ao pódio (aconteceu em Melres), abordei a hipótese da modalidade poder vir a sair prejudicada, ao permitir que o "espécie" fosse premiado, mas estava longe de imaginar que no final da época a "catástrofe" iria tomar estas proporções. Já repararam, que pela primeira vez numa classificação, o "espécie" aparece à frente do imbatível Rui Antunes? Mais um sonho realizado graças ao poder das matemáticas (obrigado "amigos" estatísticos, não sei como agradecer tamanha consideração!) hehe.

Ah! Ah! Ah! Deixem-me continuar a rir. O espécie de orientista em primeiro lugar no seu escalão de "cotas notáveis"? Agora sempre quero ver como vão "descalçar esta bota". Aconselho que não deixem chegar estas "hilariantes" notícias à IOF, senão ainda podemos ser penalizados e atribuírem-nos o desprestigiante WOSWC * (Prova Mundial para Espécies de Orientista Laureados), onde eu, infelizmente, teria de competir sozinho.

Mas nem tudo é negativo nesta situação, pois vou proceder a duas promessas públicas. Primeira: tentar não participar em tantas provas na próxima época, para não correr o risco de voltar a ser apanhado nesta incómoda e inadequada posição. Segunda: o valor do prémio (estou em crer que deve andar à volta duns milhares de euros, livres de impostos! hehe), irá ser integralmente aplicado num fundo, destinado a desenvolver ideias (contratando mentes brilhantes) de forma a "inventar" um motivante e mais realista ranking. Escusam de me agradecer, eu sei que tenho um coração de manteiga.

Uops!!! Acabaram de me enviar um e-mail (entre os "milhares" que tenho recebido de felicitações) a informar-me que este ano os rankigs não podem ser homologados, devido à enorme quantidade de reclamações que foram formalizadas. Ohhhh! Que pena! Sendo assim, fica sem efeito a segunda promessa (para não me apelidarem de mentiroso) e teremos de nos contentar com as regras em vigor (quem dá o que tem, a mais não é obrigado).

*__W__orld __O__rienteering`s __S__pecies __W__inners __C__hampionships (só para os curiosos de inglês da Jamaica)

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ORIENTAÇÃO

DIPLOMA

Conferido a ***ANTÓNIO LUÍS FERREIRA PEREIRA****, Individual, filiado na FPO com a licença n.º 3865, por se ter classificado em* ***1.º lugar*** *no escalão H50A no* ***Ranking Taça FPO Norte de Orientação Pedestre****, na época 2007/2008.*

Sede da FPO em Mafra, 08 de Novembro de 2008

O Presidente,

Augusto da Silva de Almeida

Para que não restem dúvidas

55. Nova época, velhos equívocos

Andava mortinho por poder descarregar o meu SI, surripiar um mapa, desorientar a bússola e enfiar as solas por uma floresta adentro. Tudo bem contado, foram cinquenta e quatro dias de sofrimento (há quem lhe chame defeso), desde a última prova em…em…já nem me lembro.

A oportunidade de dar início à nova época apareceu com a prova aberta de Pedreanes e um Ori-Show no parque da Marinha Grande, etapas que compunham o Relay Event, competição de estafetas a realizar no dia seguinte em Vieira de Leiria, numa iniciativa do COC.

Há umas semanas atrás, tinha começado a fazer umas corridas para tentar compor o físico, em jeito de preparação para as competições que se avizinham, por isso estava convencido que iria reagir bem melhor às pesadas sensações da "rentrée". Pensava eu que só tinha de pôr a técnica em dia, porque a parte física já estaria mais equilibrada.

Puro engano e eis-me perante o primeiro equívoco da nova época. Escolhi participar no percurso Longo/Difícil, que só apresentava 6.300 metros e uns fraquinhos 120 de desnível. "E os 29 controlos? Não contam?" – chamada de atenção que a minha "consciência" deixou passar em claro.

Tinha percorrido aquele mapa pouco antes do WMOC, com resultado satisfatório, portanto agora seria o treino ideal para sacudir as teias de aranha da vertente técnica. Com tanta quantidade de pontos não seria de esperar grandes facilidades técnicas, até porque este terreno, rico em pormenores de relevo, vinha mesmo a calhar para o pessoal da Elite rolar, mas não raciocinei assim e aguentei com um valente "treino".

Os níveis de ansiedade estavam de tal maneira elevados, que entrei no mapa com demasiada voluntariedade e quase sem dar por isso, a primeira baliza "escondeu-se" na sua reentrância. Ou seja, corri e saltei pela floresta todo excitado, qual adolescente (como uma primeira vez se tratasse), "esquecendo" por completo que a escala 10.000 representa por cada centímetro cem metros e não "mil", tamanha foi a impetuosidade da arrancada inicial. "Deixai-o correr que ele está tão feliz!" – desabafo dos meus neurónios "espécies" para os "orientistas".

Julgo não ser necessário acrescentar mais detalhes. Enquanto tive forças, corri demais e pontos de menos, que me obrigou a um desgaste completamente gratuito. A máxima do "depressa e bem há pouco quem", assentou-me na perfeição, apesar de este equívoco ser recorrente nas minhas prestações.

Tenho de levantar as mãos ao céu por apenas me ter atascado uns breves momentos, porque ai de mim se me tivesse perdido! Agora como é "expressamente proibido" confraternizar na mata (chiu! nem um ligeiro sussurro), não poderia solicitar ajuda a nenhum companheiro, teria mesmo de desistir ou aguardar que me viessem resgatar ao meio da floresta (seria uma emoção).

Ando a matutar se a linguagem gestual também será penalizada. Perdoem-me os "irredutíveis" defensores dos regulamentos, mas parecem-me tiques de orientista nórdico, não nos roubem a nossa "latinidade". Somos "palradores" por excelência e adoramos agir em equipa…pronto! Claro que todos conhecemos as normas, mas se elas se fizeram para infringir, qual o problema? (os "colas" dar-me-ão razão com certeza, hehe). Desculpem a franqueza, não resisti a meter uma "colherada" neste assunto, mas juro que vou "progredir" caladinho que nem rato – palavra de "espécie".

Após o "estouro", por volta dos pontos 18/19, senti uma "faniqueira" física (fome e sede angustiantes), que não me coibiu de continuar, mas obrigou a que as restantes pernadas fossem realizadas em câmara lenta. O interessante é que neste ritmo de "berdadeiro beteráno" (soue um home do nuorte c…! hehe), os prismas não me deram mais consumições, mesmo tendo em conta que o ponto verde do mapa relativo ao"127", no terreno não passava dum arbusto isolado do tamanho dum vaso (deve ter sido aparado, hehe). Querem ver que tenho de efectuar as provas a passo?

Não obstante ter lidado de forma deficiente com os velhos equívocos do "espécie", a prova resultou num treino e peras! A intensidade e aplicação foram de tal ordem, que consegui arranjar uma quantidade de bolhas (ou terei apertado mal as sapatilhas?), mas o tempo final, esse… foi a modos que para o vergonhoso.

Com os pés doridos e uma fadiga exasperante, tive algum receio de não estar em condições de participar na etapa da tarde: o agradável e sempre vertiginoso Micro-Sprint. Se tinha esgotado as minhas corridas de manhã, como poderia sprintar à tarde? Já ouviram dizer que "querer é poder"? Pois se assim é, ingeri duas pastilhas de férrea vontade e lá marquei presença na brincadeira.

Esta variante da orientação, que congrega para além da competição, um aspecto promocional da modalidade, origina invariavelmente uma certa efervescência nos atletas que participam e sobretudo cria curiosidade a todos os que assistem àqueles sprints espectaculares. Pena é, que o público em geral não perceba, que não somos uns tolinhos que andamos ali a correr sem qualquer nexo, mas sim que estão perante uma espécie rara de pombos-correio (irrequietos quanto baste, nunca se perdem, raramente se cansam, odeiam "comboios" e não perguntam nada a ninguém).

A prova consistiu em duas mangas de um quilómetro, que nos levou a calcorrear o parque em aceleração máxima (4 minutos para os primeiros), controlando cerca de trinta pontos sem código, em percursos ziguezagueantes, se possível sem falhas, dado que cada erro penalizava 30 segundos. Os menos velozes e os mais desconcentrados foram

sendo eliminados. No final pontuaram os craques, mas quem esteve ao melhor nível foram as "comadres" do Gafanhoeira, que nos ofereceram um autêntico show. Muito me engano ou este clube alentejano vai ser a afirmação da nova temporada.

Para primeiro treino técnico da época, nem estive mal…nem bem, digamos que foi um comportamento do género "vira o disco e toca o mesmo".

Lagoa da Vela, Arena do mapa do Bom Sucesso

56. Algum (Bom) Sucesso

A pernada de saída oficial da época, que decorreu no Bom Sucesso, arredores da Figueira da Foz, fazendo jus ao nome, não poderia ser mais auspiciosa. O privilégio de desfrutar a beleza natural da Lagoa da Vela, condições climatéricas excelentes, arenas superiormente escolhidas, mapas novos em terrenos de floresta e duna, características bem ao gosto da maioria e a ausência (ou quase) de factos geradores da trivial crítica mordaz.

À oferta de qualidade que os companheiros do Ginásio Figueirense nos propuseram, através do seu Troféu Natura, respondeu a rapaziada de forma condigna, marcando forte presença na competição, tendo comparecido mais de quinhentas almas, desejosas de reactivar os SI`s, limpar o pó das agulhas magnéticas, dar "corda às sapatilhas", partirem à desfilada em busca dos "laranjinhas" e suar, suar em bica.

O percurso de sábado, traçado sobre distância (não muito) longa, que no meu caso rondava os 5.400 metros, com um ligeiro desnível e dezasseis pontos colocados de modo a não criar grandes problemas (para início de época foi uma benesse), teve o seu maior obstáculo nas surpreendentes temperaturas que se fizeram sentir (parti debaixo duns sufocantes 30º) e um terreno predominantemente arenoso. Eu até adoro dunas e estas nem eram muito empinadas, mas a areia infiltra-se na engrenagem e o meu motor fraqueja de imediato (velharias!).

Mal coloquei os pés na areia, fiquei com a impressão de que iria ter uma etapa de padecimento, tal era o bafo escaldante que se fazia sentir. Os primeiros pontos revelaram-se os mais complicados em termos físicos, dado que tínhamos de percorrer uma larga zona aberta, de abundante vegetação rasteira algo "quezilenta", que se fartou de implicar com as minhas pernas, sem qualquer "sombrinha" para nos proteger da inclemência da soalheira.

A extensa pernada para o ponto 4, cuja opção nos obrigava a utilizar um aceiro cerca de 700 metros, resultou terrivelmente desgastante e se não houvesse um providencial ponto de água (já estou por tudo) à saída do quinto ponto, não sei se teria capacidade para enfrentar os restantes controlos com suficiente discernimento. Nem consigo imaginar o

que sofreu o pessoal, que partiu mais tarde e foi atingido pelo "corte de água" (um dos tais motivos a merecer reparo).

Ao penetrar numa área mais arborizada, as sensações melhoraram, os prismas foram aparecendo paulatinamente, já tudo rolava dentro da normalidade, quando entrei para a progressão de pontos situados em fossos (nono e décimo). Fossos ou linhas de água secas? Instalou-se a confusão no "departamento de análise cartográfica", que o aparecimento de traços azuis ainda veio complicar mais. Se o "9" ainda o apanhei à primeira, pois seguia em azimute e "esbarrei-me" com o dito, o seguinte fez-me perder uns preciosos quatro minutos (grrrr…e eu que vinha a realizar uma prova limpa). A profusão de sinalética a evidenciar os fossos, eu a cair num e a saltar outro, para me aparecer mais um pela frente e dois de lado, deixou-me à beira dum ataque de nervos (irra!...estou cercado, quem andou aqui a cavar tantas valas?).

Se pudesse anular o efeito destas armadilhas arreliadoras (felicito o traçador pela argúcia), estaria agora a brindar ao bom sucesso da prova do "espécie". Assim, consegui um tempo sofrível, ligeiramente acima da uma hora, que me deixou com amargo de boca (às tantas foi do pó), após constatar que alguns companheiros (dos que não me dão hipóteses) acabaram bem pior. No entusiasmo do momento e denotando certa dose de inconsciência, exclamo: – "Um dia destes, surpreendo toda a gente e ainda faço um bonito!" – promessa que decididamente não seria cumprida no dia seguinte.

Juro a pés juntos que li bem o programa. Uma segunda etapa de distância **média (?)** e onze pontos para controlar em 3.200 metros. Ai é? Pois fui enganado! A maior parte dos meus parceiros imprimiu uns alucinantes ritmos de sprint, deixando que os meus esforçados quarenta minutos se assemelhassem a uma soneca, quando comparados com as suas meias horas esfuziantes. Ora isto é considerado jogo baixo (senão mesmo anti-regulamentar), eles combinam dar uma de velocistas e eu, mais uns três ou quatro desconcentrados, resolvemos fazer uma "marchinha" matinal (fia-te na Virgem e não corras).

Bem vistas as coisas, ninguém me mandou derreter mais de três minutos logo no primeiro ponto, uma simples reentrância no desembocar dum trilho – tão fácil que até complica. Depois, na procura do "114" (ponto 3, que por acaso parecia o mais exigente), andei ao longo da duna a passear e tropeçar nuns milhares de ramos e galhos mais uns dois minutos de borla. Quando assim é, temos o castigo merecido, mas continuo a afirmar, que me podiam ter avisado que de média, a etapa só tinha o nome (ena pá!..que falta de solidariedade).

Como vêem (ou não), estive tão perto do (meu) sucesso que quase lhe podia tocar. Na falta de melhor recompensa, contentei-me com um "Bom Sucesso" mais realista, usufruindo o melhor que pude da zona envolvente à sua aprazível lagoa, que é como quem diz, pondo os pés de molho nas águas cálidas, enquanto arrefecia uma deliciosa sopa de pedra.

57. Há duas sem três

À primeira toda a gente cai; segunda cai quem quer…na terceira só um burro cai. A sabedoria popular deixa-me sempre estupefacto com a sua filosofia tão pouco abstracta.

Calma aí! Até sou capaz de vos ler o pensamento. Não tirem conclusões precipitadas porque se enganam redondamente, pois nesta saga, na realidade houve duas…mas não três "catástrofes".

Não me lembro se já vos disse que sou um teimoso incorrigível, assim para o genético do avô paterno e decidi novamente voltar ao cenário do POM07, onde as minhas memórias são duma tristeza confrangedora. Os tipos do Ori-Estarreja dominam um tipo de sadismo (não será know-how?), que nós, os masoquistas militantes não estamos habilitados a contrariar. Se o seu XVII Troféu se iria disputar em Gestoso e Campo de Anta (o reino das "pedrolas"), que mais o "espécie " poderia fazer senão inscrever-se? À terceira seria de vez? Finalmente teria um comportamento decente? A minha casmurrice asinina segredava-me que sim.

Entrei em estágio no sábado, para me preparar psicologicamente para o "embate" de Campo de Anta, fazendo falta de comparência na etapa de Gestoso, mas não deixei de enviar a minha mulher, para me ir controlando a nebulosidade local. Porque, como estão cansados de saber, nunca mais me apanham a "navegar" em etapa de nevoeiro (jamé!), pelo menos enquanto não adquirir uns "radares" mais eficazes.

"Olha, esteve um dia espectacular, uma paisagem de morrer! As "pedrinhas" até adquiriram uma tonalidade mais agradável." – Comentário da minha mulher, no final da prova de sábado. Bom, ou ela me estava a enganar, ou no dia seguinte já teria um aspecto a meu favor – sol! As duas anteriores visitas foram efectuadas sob um nevoeiro intenso, que nem me recordava do aspecto do terreno, apesar de ter por lá pastado bastante tempo – um indivíduo tende a esquecer acontecimentos que o levem à depressão.

Li algures, uma opinião do maior orientista da actualidade, que considera este mapa como um dos melhores por onde passou. Se Gueorgiou o afirma, eu devo acreditar, mas

sou o S. Tomé da Orientação – ver para crer – e até à data, ainda não havia descortinado a cor da carqueja.

Decidi começar o mais lento possível, no intuito de entrar no mapa mais rápido. Parece uma contradição, mas na prática funciona. O primeiro ponto, dos dezassete a que tive direito espalhados por 3.100 metros, encarrapitado na sua escarpa, apareceu cedo demais, o que me preocupou, dado que ainda não parecia ser aquela a altura própria. Engano meu. "Mau, isto começa mal" – já ia a discutir sozinho. De repente, "clic" – acende-se uma luz – "A escala é de 7.500 e não 10.000, seu artolas!". Valeu-me este relâmpago, senão as "istórias" anteriores iam-se repetir.

Como sou um autodidacta, vou aprendendo com os erros passados e com alguma experiência acumulada (um empirismo desarrumado), resolvi dar mais importância ao relevo, concentrando a atenção nas célebres reentrâncias e curvas de nível e à vegetação diversa, tendo cuidado na análise das sucessivas transições dos verdes, amarelo e branco, desprezando, até onde fosse tecnicamente possível, as preocupantes "pedrolas".

No ponto três, confronto-me com o primeiro contratempo. A reentrância foi identificada, a vegetação batia certa, mas a quantidade de pedra, ofuscou-me durante uns quatro minutos o encontro com a baliza, que por pouco não me atrofiei. O raio do mapa tem sempre razão!

Usando a táctica "caseira" a que me tinha proposto, fui progredindo lentamente (também não tinha outra hipótese, senão espalhava-me pela falésia abaixo), conseguindo dessa maneira que as balizas, obedientemente fossem respondendo à chamada, pelo menos até ao décimo ponto (este deu bem que fazer ao pessoal, mas não ao "espécie", bem feita!).

Logo de enfiada, cometo dois erros tecnicamente semelhantes. Nos controlos onze e doze (verdadeiros clones), avalio deficientemente o centro do círculo no mapa e procuro os "desgraçados" (deu-me cá uns nervos) no limite do branco para o amarelo em pleno afloramento rochoso e, no total das ditas pernadas, desbarato para cima de oito minutos (era de desconfiar tanto acerto).

Na Orientação, sendo uma modalidade de precisão, não basta encontrarmo-nos na vizinhança do ponto, é necessário ir ao local e dar-lhe uma "chipada". Como tal, subi, desci e rebusquei as "pedrolas" uma imensidade de vezes, nunca me afastando mais de uns vinte metros. Mas num metro quadrado de cinzento pedregoso, podem esconder-se uma meia dúzia de prismas (mesmo sendo laranjinhas) e para mal dos meus pecados, este duo estava localizado na zona aberta, ao contrário da minha interpretação (ou visão?), que teimava em procurá-los na área arborizada.

Não obstante estes reveses, a prova decorria às mil maravilhas (para os meus objectivos… não sou o Albano), quando comparada com as paupérrimas prestações do ano transacto. O certo é que os pontos finais não geraram mais nenhuma complicação, para além do engarrafamento provocado por um grupo de vacas "pascácias", que fez questão de me obstruir a passagem para o ponto 14, obrigando-me a uma gincana para evitar pisar os resíduos da ruminação do dia anterior (nhac!) e a fintar as pontas dos seus "chavelhos" (olé!).

Uma bela jornada do “espécie”, tecnicamente aceitável, no entanto algo solitária e desconsolada, pois quase não me cruzei com ninguém (não seríamos mais de noventa resistentes). Quanto ao tempo realizado, não podendo ser considerado no capítulo das grandes proezas, julgo que foi equilibrado, tendo em conta a exigência do traçado e deixou-me plenamente satisfeito, em virtude de ter alcançado o meu propósito, o de efectuar um percurso decente no mapa de Campo de Anta (o top da cartografia nacional). Não há duas sem três, mas à terceira foi de vez!

O manancial de “pedrolas” de Campo de Anta

58. Silêncio, que me estou a orientar

Provavelmente, após estas linhas serem do conhecimento geral, irei ser alvo de críticas acérrimas, provenientes da facção fundamentalista e radical da nossa modalidade ou seja, os defensores da Orientação pura e dura, tal qual consta nos regulamentos, mas como quem não se sente não é filho de boa gente, cá estou eu a defender a "minha dama".

Quero começar por recordar, que a nossa querida Orientação nasceu lá no norte da Europa, zona de terras gélidas, climas agrestes e de gentes com elevado grau de sobriedade, pouco dadas a grandes manifestações sociais, o que choca de forma abrupta com o nosso espírito latino altamente extrovertido e exuberante, alicerçado em intensa e emotiva comunicação.

Somos uns brilhantes oradores, apaixonados por confusões, conversa da treta, "corte e costura", usamos o calão preferencialmente, para dar ênfase a qualquer frase, consideram-nos peritos em "cunhas" e tráfico de influências, sofremos com a solidão e acima de tudo, sentimos uma atracção fatal por "confraternizações" em montes e florestas. Adoramos "dar à língua" – está-nos no sangue!

"Oh Micas! Essa baliza aí no afloramento é o 77?" – berra o Zé, a plenos pulmões, do alto do monte, empoleirado numa "pedrola", para a sua colega de equipa, que progride mais abaixo, numa zona aberta – "Não, é o 22, mas acho que passei por esse, ora deixa cá ver…há dois pontos atrás, numa cota, não é isso?" – grita a moça carregada de instinto solidário, ela que até sofre duma paixoneta antiga pelo rapaz, pouco preocupada em perder uns segundos a auxiliá-lo ou a julgar que estaria a cometer uma injustiça, para com outros adversários do seu "Zé" (que não tiveram direito a "Micas").

Este intercâmbio informativo, podia ter acontecido numa prova qualquer, algures no nosso "cantinho ibérico", mas nunca se teria passado em países de "cultura orientista tão desenvolvida", como os escandinavos…. Não sei se faça aqui uma afirmação ou uma interrogação. E sabem porquê? Porque tenho sérias dúvidas, que cenas destas não aconteçam um pouco por todo o universo orientista.

Vamos lá proceder novamente a um reavivar de memória. Salvo raras excepções, a maioria dos actuais atletas deu os primeiros passos na modalidade, participando nos escalões abertos e com certeza devidamente acompanhados (oh memórias curtas!). Ora, essa aprendizagem em "família" deixa algumas sequelas; ficamos eternamente dependentes de, uma vez por outra, trocar opiniões técnicas com alguém em plena prova (a síndrome do cordão umbilical). Se a situação for aflitiva (atascanços irreparáveis), então "exige-se" ajuda a quem passar, nem que seja ao Gueorgiou, arriscamo-nos é não obter resposta. Ok! Tudo bem, com negas destas, aprende-se a ser selectivo e não pedir colaboração a qualquer um.

Com o tempo, todos nós vamos percebendo que as "conversas" devem ser restringidas ao mínimo, quanto mais não seja por orgulho de orientista (um "tique" que com o tempo vai evoluindo de forma exacerbada), simultaneamente adquirimos níveis de bom senso, que nos aconselham ser mais comedidos nestas atitudes "ilegais", mas jamais "batoteiras" (o uso desta terminologia é chocante). È que **a verdadeira batota não fala…corre!!!**

Uma das características da Orientação, mais apelativa e valorizada por quem se dispõe a fazer a primeira abordagem, é indiscutivelmente a possibilidade de participação com "muleta", pois devemos ser realistas, a modalidade analisada assim a frio, afugenta as pessoas de imediato – "Aquilo é só para radicais!" – "Temos de trepar aquele monte?" – "E se a gente se perder no meio do mato? Eu nem em casa me oriento!" – "Ena pá, a agulha da bússola não fica quieta!" – "Não podemos ter alguma queda nos confins das pedrolas?" – "Se não é permitido pedir auxílio, mais vale desistir".

Passe o "humor negro", parecem-me questões pertinentes, pois se numa fase de iniciação, um principiante é confrontado com um problema desta natureza, nunca mais aparece para prova nenhuma – simplesmente desmotivador, para ele e para a modalidade. Vou confessar-vos um segredo, se porventura, na época de namoro à modalidade, tivesse sido protagonista de duas ou três cenas de atirar a "toalha ao tapete", podem ter a certeza que esta "burra velha" não vos estava aqui a chagar com estes comentários subversivos – acompanhava as provas do sofá!

Aceito pacificamente (era o que faltava!), que a Orientação configura uma actividade estritamente individual, no entanto, se nos aparece um tipo em apuros com a "rosa dos ventos", qual o problema em lhe dar um empurrãozinho para o relocalizar? Na minha perspectiva, não consigo encontrar nenhuma razão válida (ah! é verdade, o regulamento) para negar um pedido de ajuda seja a quem for (saiba eu onde estou!), é uma questão de solidariedade, desportivismo e fair-play, mas sobretudo de personalidade. A minha maneira de estar vai continuar a sobrepor-se, a regulamentos castradores de liberdade, algo desajustados para a nossa realidade e essa posição é inegociável, porquanto, quando (ou se) me sentir deslocado, salto fora (para não ser empurrado!).

Em momentos de desespero (e se eu passei por alguns!), já tenho enviado um ou outro "SOS", mas nunca a um "elite" e muito menos aos craques do meu escalão, mas prefiro cometer uma "ilegalidade" do que desistir, não obstante ficar com o orgulho do "espécie" totalmente esfrangalhado. Todos concordamos que é bem mais gratificante concluirmos uma prova sem qualquer auxílio, o contrário até nos deixa alguma frustração, mas infelizmente " a necessidade faz o ladrão".

A malta mais intransigente deve entender, que a Orientação não é encarada da mesma maneira por todos os praticantes, uns competem só com o intuito de ganhar (desportivite aguda), a maioria participa por paixão e apenas compete consigo mesmo. Aqui reside o ponto fulcral das diferenças de mentalidade e atitude nos mais variados escalões, em que necessariamente um atleta de formação não terá o comportamento equilibrado de um veterano e este por sua vez, já não patenteia o espírito competitivo dum elite. Os jovens têm "amigos" na Orientação, na óptica dos veteranos somos um grupo de "companheiros", mas nas elites apenas se vêem "adversários".

Quando alguém solicita uma ajuda, de certeza não lhe passa pela cabeça, que vai beneficiar duma mais valia que o faça suplantar o atleta "A" ou "Y". Naquele momento só tem em mente, encontrar o próximo ponto para poder concluir sem "mp", a verdadeira filosofia do desenrascanço, tão ao gosto do "tuga". Pela mesma ordem de ideias, quem se propõe fornecer uma "dica", também não se sentirá incomodado com as consequências, sejam no aspecto desportivo ou no contorno ilegal do seu comportamento, porque normalmente, estes actos de "bom samaritano" funcionam como autêntico bálsamo ao ego do orientista (até ajudei o "Fulano" ou a "Beltrana", sou o(a) maior!).

Agora, podem fixar o seguinte, não sou tão ingénuo ao ponto de acreditar que não aconteçam algumas excepções de cariz oportunista, só que estou perfeitamente convicto que são circunstanciais e quase inócuas, não tendo por isso qualquer impacto na verdade desportiva.

Sinceramente, espero que compreendam esta argumentação de índole pessoal, que não se identificando com a "minoria silenciosa", tem na sua essência, o facto de que me considerarei sempre uma espécie de orientista e a essa raça ninguém terá coragem de "atirar pedras", até porque nem fazemos sombra a ninguém, não estão de acordo?

Quem ousaria gritar aqui? – Model event do NAOM`07 (Monte Clérigo)

59. Corre, corre, orientista…corre

Desta vez não. Não aceito, nem consigo entender que alguém faça qualquer crítica acintosa à Organização do Troféu de Coruche, da responsabilidade do Clube de Orientação e Aventura.

Foi por demais evidente, que os elementos do COA envidaram todos os esforços para nos proporcionarem um fim-de-semana fantástico. Não adoraram o magnífico cenário da praia fluvial do Açude da Agolada? As condições da arena, com estacionamentos, secretariado, chegadas e partidas, tudo concentrado, não se apresentaram impecáveis? Os terrenos não foram do agrado geral? A canja e as bifanas não se encontravam bem condimentadas? Então façam o favor de lhes endereçarem o vosso agradecimento. È certo que um ou outro pormenor teve tratamento menos cuidado, mas não causou grande impacto no normal desenrolar da competição. Permitam-me utilizar uma terminologia tão em voga – a "avaliação do desempenho" da Organização foi excelente (hehe).

Iniciei o texto desta maneira, no intuito de salvaguardar a minha posição, pois se porventura alguém teria razões para se queixar, só poderia ser mesmo o "espécie de orientista". E já vão saber porquê.

A etapa de sábado, traçada sobre distância longa, em terreno com características de montado alentejano, previa para o meu escalão cerca de 7.000 metros, com um desnível a rondar os 200. Ora, toda a gente sabe, que este género de terreno é de fácil progressão, e se juntarmos o facto de ser uma área completamente rasgada de caminhos e trilhos, o resultado estava à vista: verdadeiro corta mato para velocistas!

Julgo que começam a perceber o meu problema – era necessário correr, correr…e muito. E nem por sombras, sonhar com atascanços! As decisões teriam de ser rápidas e correctas. Como ainda continuo numa fase de aprendizagem à corrida, isto é, ando a tentar aprender a correr, porque jamais irei conseguir aprender a gostar de correr (não nesta idade), as perspectivas não se apresentavam muito animadoras. Desconfio que alguém cometeu uma inconfidência junto do traçador, no sentido de que o "espécie" anda a fazer umas corridas e vai daí…pimba…toma lá com um sprint encapotado de distância longa, que é para treinares (que mania de me perseguirem).

A abrir as hostilidades (cerca de mil metros, em linha recta!), opto por um azimute, galgo toda aquela área aberta o melhor que pude e acerto no ponto sem dificuldade. Mas, ainda não o tinha picado, sinto um restolhar nos calcanhares e quase sou atropelado pelo companheiro Antunes, que tinha saído dois minutos depois. - "Já estás aí?" – Que raio de progressão foi a minha? Seria motivo para desmoralizar, se um não fosse um dos ases do escalão e o outro, um simples "espécie".

No final, fiquei a saber que o Rui escolheu seguir pelos caminhos, percorrendo mais uns metros, mas que se revelaram compensadores (mais uma lição). São as tais opções que me dão cabo da cabeça. Se tivesse optado pelos caminhos, tenho a certeza que a decisão correcta seria o azimute. Sou sempre "preso por ter cão e por não ter". Os minutos perdidos neste trajecto não tinham grande relevância, dado que ainda haveria de perder para ele mais dezoito! Pertencemos ao mesmo escalão, mas não ao mesmo "campeonato" (hehe).

Este episódio teve o condão de me colocar em alerta máximo. Tinha de correr no limite das minhas capacidades, apelar ao meu espírito de sacrifício, porque o contrário significaria uma catástrofe classificativa. Quando me meto em andamentos mais ligeiros, surgem de imediato os comportamentos algo atabalhoados. Na progressão para a baliza 4, ao desviar-me repetidas vezes da incómoda vegetação rasteira, fui fugindo do azimute (e do mapa), afastando-me irremediavelmente do ponto. Acabei por apanhar um caminho, para percorrer os 200 metros em falta, que não foi o suficiente para me impedir de perder mais de cinco minutos para a maioria da rapaziada. Mas continuava a correr…mal, mas corria…que remédio tinha eu. Senão como poderia transpor os extensos 1.100 metros para o ponto 6 sem grandes perdas?

Nesta pernada, a progressão ideal aconselhava a atravessar uma quantidade enorme de caminhos, só que com a preocupação da corrida e o aparecimento de vários trilhos de tractores, perdi o fio à meada e a dada altura, fiquei sem saber em que caminho me encontrava. Onde parava o meu anjo da guarda?...Apareceu a minha mulher que é a mesma coisa, hehe.

Uops!!! Havia um obstáculo, não poderíamos comunicar – o "silêncio é sagrado". Qual a atitude a tomar? O nosso curso intensivo por correspondência, de linguagem gestual, está atrasado. Que volta poderíamos dar à situação, sem infringirmos a lei? Arranjamos a solução possível. Como somos um casal, ninguém levaria a mal, que eu lhe sussurrasse ao ouvido a minha "aflição" e ela por sua vez, me confortasse com o segredo "apropriado". Afinal de contas até estava bem orientado, mas estes "mimos" sempre elevam o moral.

De seguida, controlei meia dúzia de pontos de baixa dificuldade técnica, porque por mais complicada que fosse a sua localização, os caminhos que por ali abundavam, facilitavam imenso a nossa tarefa. Depois de tanta corrida e quando já seguia em ritmo mais moderado, sou surpreendido com uma super-pernada para o ponto 14 (1.200 metros bem medidos), com a infeliz particularidade de se poder efectuar por caminhos (uma violência para o "espécie").

Foi a loucura geral! Era vê-los sprintar todos satisfeitos em dura passada, fazendo levantar o pó do estradão, pois a passagem pelo açude (500 metros) sendo comum a todos os escalões, gerou um caótico engarrafamento. Respirei fundo e segui naquela

enorme coluna, fazendo das tripas coração, incentivado pela vozinha da minha consciência, que me gritava incessantemente – "corre, corre, Luís…corre".

Ao penetrarmos na zona sul da represa, onde se localizavam os pontos finais da totalidade dos percursos, fomos confrontados com um terreno completamente diferente e de outro nível técnico, mas apenas controlámos duas balizas na vizinhança da arena. No dia seguinte, teríamos oportunidade de explorar e usufruir da restante área.

Apesar de ter a percepção de que efectuei uma prova, quase isenta de erros técnicos, não esperava grandes resultados, atendendo à rapidez com que a etapa foi percorrida, mesmo tendo em conta que 67 minutos para os 6.900 metros não serem de deitar fora! Qual não foi o meu espanto, quando me apercebo que esse tempo me atirou para uma das melhores classificações da já célebre carreira do "espécie". Assim, retiro o que disse, porque ainda me arrisco a aprender a gostar de correr.

Com o atleta, o cartógrafo ou o campeão? (Rui Antunes)

60. Corre, corre, orientista…corre – parte 2

Passei uma noite péssima. Fui acometido por um sentimento de remorso, que me provocou longas horas de insónia. Tenho a deprimente sensação, que fui o causador da desilusão, que se apoderou duma grande parte dos convidados presentes no jantar de entrega de diplomas pela FPO, na Quinta da Várzea do Sorraia.

O facto dos vencedores dos escalões regionais não terem sido publicamente distinguidos, apenas se deve a um acto de bom senso e não a uma qualquer falta de respeito ou consideração. Imaginem a situação embaraçosa e constrangedora, por parte dos responsáveis federativos, quando tivessem de chamar um "espécie de orientista" para o premiar. Seria um momento de descrédito para a modalidade, o que compreendo sem qualquer melindre.

Portanto meus amigos, desculpem lá qualquer coisinha, o culpado da vossa mágoa sou eu. Mas sejam positivos e pensem que para o ano há mais e eu prometo não estar presente, para não atrapalhar a vossa consagração (palavra de "espécie").

Depois deste momento de penitência, mas francamente terapêutico (o desabafo alivia a alma), avancemos para o essencial e esqueçamos o marginal. Nada melhor para espairecer de uma noite horrível, do que calcorrear um bom mapa, 3.900 metros de percurso e 17 balizas para procurar. Ah!...e novamente correr, correr…muito.

Tinha dado para perceber no dia anterior, que o terreno onde se iria disputar a prova de distância média, seria tecnicamente mais exigente. No entanto, o desnível acumulado revelava-se inexistente, o que se traduzia em más notícias para as cores da "espécie de orientação". Iríamos ter necessidade de proceder a loucas e constantes correrias e eu provavelmente já não teria combustível suficiente para as voltar a efectuar.

Não tenho dúvidas, que o percurso foi traçado de modo a tentar complicar a vida aos concorrentes, mas das duas uma: ou os actuais atletas estão na sua maioria, bem preparados para este género de provas, ou o baixo relevo e a profusão de caminhos deram hipótese à execução de vertiginosas provas.

Dando continuidade à panorâmica de sábado, a velocidade foi a tónica dominante desta segunda jornada. Não obstante, os pontos estarem colocados de forma mais aglomerada, o que podia facilitar a vida aos que se orientam melhor em detrimento dos sprinters (sonhei que me podia incluir no grupo dos primeiros), na prática não foi isso que aconteceu. No cômputo geral, assistimos à realização de tempos excepcionais, não dando qualquer chance àqueles que se mostraram menos expeditos. O terreno era técnico, sim senhor, mas não chegou para complicar.

Parti apenas com uma preocupação, pastar o mínimo para correr o máximo. Por acaso até nem se poderia considerar uma ideia descabida, mas para o "espécie" as coisas mudam de figura num estalar de dedos. Cedo me apercebi (ponto 2), que em certas zonas, a táctica do traçador se baseou na colocação de pontos demasiado concentrados, referentes a escalões diferentes, que perturbou os menos atentos, gerando alguma confusão e pastorícia pontual. O malandro só me apanhou dessa vez, obrigando-me a perder dois "enraivados" minutos, porque tinha estado a comentar nas partidas com a minha mulher, precisamente essa possibilidade (irra, mereço ser fustigado!).

Após uma parte inicial em área aberta, com a progressão a ser dificultada por reduzidos elementos característicos, onde me desenvencilhei dum razoável número de reentrâncias, passámos para a zona mais arborizada, contendo aqui e acolá alguma vegetação densa, para controlarmos os seis derradeiros pontos.

A prova decorria-me dentro de parâmetros aceitáveis, dado que, se em termos técnicos me estava a sair a contento, na parte física era a surpresa completa – não me recordo de correr com tanto acerto. Motivado e sentindo ainda alguma frescura, corria como um desalmado no encalço do ponto 14 (localizado nuns arbustos), quando esbarro com um prisma que deveria ser meu e não era. Caiu-me ao chão toda a adrenalina (…e mais qualquer coisa, hehe). Fiquei atónito e completamente bloqueado. Analisava o mapa, mas nem o via e apesar de andar por ali muita malta, vou ser sincero, naquele momento recusava-me a perturbar o "silêncio" – depois duma prova a roçar o irrepreensível, não seria o comportamento mais adequado (schiu!).

Depreendi, que com tanta velocidade (de veterano!), devia ter passado a minha baliza sem a ver (ori-miopia), portanto só me restava voltar para trás e tentar de novo. De tão repetitiva, esta é uma situação que me deixa com os nervos em pé, mas era a única solução. Mal me virei, ao fim duns escassos cinquenta metros, lá descortino o desgraçado "138" – tão perto…e tão longe. Sou penalizado de forma inglória com mais dois minutos. Acho que não merecia semelhante castigo, mas enfim…na Orientação é assim mesmo, a desconcentração paga-se cara.

Terminei num sprint de raiva, que vim a verificar nos "splits" estar impresso a azul (hehe), para um tempo a rondar os 42 minutos. Com este registo apenas pude confirmar o que eu já desconfiava, os treinitos que tenho vindo a efectuar estão a dar algum resultado. Pelo menos já vou dando resposta mais condigna, quando me obrigam a correr…correr muito.

Só queria tomar mais um minuto do vosso tempo, para abordar um tema a que já me referi por alto, na primeira parte. Ouvi uns "zunzuns" a criticar a pretensa facilidade dos percursos, nomeadamente os da distância longa. A ausência de relevo muito pronunciado ("pedrolas" nem vê-las), extensas áreas abertas e a existência de um

autêntico rendilhado de caminhos, deixou poucas hipóteses ao responsável pelos traçados, que não podendo fazer milagres, “desenhou” os trajectos possíveis.

Agora corrijam-me se estiver errado. Tenho conhecimento que a maioria dos orientistas é oriunda do Atletismo ou pelo menos tem um “fraquinho” por corridas (a bússola é uma chatice, não é?). Sendo assim, não descortino motivo para tanto comentário, estando até convencido que a dupla jornada “caiu que nem ginjas”, no seio dos “atletas”. Pior esteve o “espécie”, que nutre um ódio de estimação pelas “cavalgadas” florestais (e não me queixo!...só em privado, hehe). Já agora, deixem de ser “enganadores” e reconheçam que adoraram estas loucas correrias da Agolada.

61. Nevoeiro Ibérico

Se fizermos fé nos relatos da nossa história "sebastianina", há séculos que o nosso país sofre de um distúrbio atmosférico, que nos impossibilita de enxergar a realidade tal qual ela é (não confundir com o problema do nosso PM). Portanto, não foi motivo para grande admiração, quando nos confrontámos no primeiro dia do Campeonato Ibérico de Orientação, em terras beirãs da Idanha, com um espesso manto de nevoeiro, onde uma boa faca não surtiria qualquer efeito.

Segundo o comentário dum "nuestro hermano" – "se parece la niebla de Alicante!" – fiquei convencido que este género de tempo não é de exclusividade lusitana e como de Espanha nem bom vento, nem bom casamento, de certeza que a espécie de nevoeiro ibérico também não é de confiança.

São condições climatéricas, que me deixam o moral deveras fragilizado, pois se sinto alguma dificuldade em me orientar com dias radiosos, façam uma ideia dos obstáculos que tive de superar, perante uma visibilidade a roçar a dezena de metros. E para o cenário se tornar mais aterrador, a prova iria decorrer num terreno onde as "pedrolas" ditam leis.

Devo confessar, nevoeiro e pedras é uma receita explosiva que não me cai bem, provoca-me náuseas, amedronta-me as meninges, desorienta-me os neurónios e obriga-me a cometer a mais diversificada panóplia de idiotices que alguém possa imaginar.

A partida para a etapa de distância média, onde teria de me desenvencilhar de dezanove pontos em 4.000 metros, foi colocada de modo a aumentar a apreensão do pessoal, que ainda aguardava a entrada em competição. Mal saíam, os atletas tinham de descer uma escarpa, sendo imediatamente engolidos pelo nevoeiro, assemelhando-se a uma escada de acesso ao "mundo das trevas". Não acredito que esta opção tenha sido propositada, de forma a amedrontar-nos, mas que surtiu um efeito surpreendente, disso não tenham quaisquer dúvidas.

Tentei não me deixar influenciar pelo ambiente, mas custou-me bastante a entrar no mapa, pois mal meti o pé em prova, dei logo início a uma quantidade de equívocos e hesitações, que não descortinava maneira de progredir para atacar a primeira baliza, que

distava do triângulo uns “enganadores” 400 metros. Seguindo por azimute, embati numa falésia de inclinação perigosa e envolta num mato intransponível. Sondo outra reentrância vizinha e o resultado foi idêntico. Como não via a “ponta dum penedo”, perdi uns preciosos minutos neste vaivém de desce e sobe, escorrega e não cai.

Então de repente tive uma ideia peregrina – e se analisasse o mapa para encontrar uma solução? (ah!...o mapa, parece que tenho um, algures na mão esquerda). Apesar da carta geográfica estar carregada de detalhes (demasiados para meu gosto), havia a necessidade de os confirmar no terreno, mas com aquele nevoeiro tão denso, não se apresentava tarefa fácil.

O ponto situava-se a uma centena de metros dum caminho ladeado de muros que cortava o mapa, o que na pior das hipóteses, seria uma óptima referência para me relocalizar, se esbarrasse nele. Táctica rudimentar, ao melhor estilo do “espécie”, mas que na prática resultou em pleno e nem tive de bater com o nariz nos muros. Quinze minutos a fugir de vegetação chata e a contornar “pedrolas” que me iam surgindo, como por magia, do meio da neblina, período durante o qual fui assolado diversas vezes pela deprimente ideia – “por este andar, cheira-me que não vou conseguir terminar”.

Depois dum início desastroso e algo comprometedor para um final feliz, os problemas foram atenuando, por força de uma leitura mais exaustiva do mapa, em detrimento de progressões mais ágeis. No entanto, o que veio marcar pela positiva a segunda metade do percurso, foi o afastamento do nevoeiro, que assim me deu hipóteses de lutar em pé de igualdade com as malfadadas “pedrolas”.

A partir do ponto 5, onde tive de transpor (ou destruir?) um sem número de muros para o alcançar, tive oportunidade de me aperceber do enxame de orientistas ibéricos que palmilhavam aquelas penedias (seriam mais de um milhar). Assim, o colorido é mais nítido e transmite outra alegria ao praticante, mesmo que estejamos a falar de terrenos acidentados e pedregosos.

Outro facto de que me apercebi, é que os companheiros espanhóis fazem tábua rasa do regulamento, no que concerne à...nem sei como dizer...à...à...à “permuta de informações técnicas em pleno momento de pura orientação” (para bom entendedor, termos complicados bastam, hehe).

Galvanizado com o desaparecimento do nevoeiro, numa zona menos agreste e uma bem conseguida sequência de pernadas, elevam-se-me os níveis de confiança e quando “regresso à terra”, já me encontro a correr por entre as “pedrolas”, convencido que consigo interpretar os pormenores em andamento (lírico!). Uma vez mais, esqueço dolorosas experiências anteriores e o ponto 11 só foi picado, depois de bater “estrondosamente” no 12 – só não me aleijei porque a baliza estava colocada num elemento com água (hehe).

Ainda não me habituei à recente novidade, que agora me desloco um pouco mais rápido, o que me obriga a ter alguma cautela, neste género de progressões pretensamente menos complicadas. Os treinos estão a dar resultado, mas infelizmente, apenas em termos físicos, porque tecnicamente...esqueçam! vou dando liberdade à minha inspiração de “espécie”.

Para a “istória” fica 1.12,47, um humilde registo que não me provocou qualquer tipo de constrangimento, dado que houve malta que se atascou bem mais do que eu. Contudo, comparando com os tempos realizados pelos primeiros, precisei de fazer um esforço suplementar para engolir tamanha disparidade.

Não posso deixar de fazer uma referência ao embate entre as selecções ibéricas, que se realizou simultaneamente. Nos doze títulos em disputa, nas diversas categorias, Portugal venceu sete. Pelos vistos este nevoeiro não tinha nenhuma costela andaluza.

Entretanto, um episódio insólito ensombrou a nossa comitiva. O “estranho desaparecimento” do equipamento nacional duma atleta, “obrigou-a” a competir com vestuário neutro, o que diga-se em abono da verdade, foi uma situação desagradável que poderia (e deveria) ter sido evitada.

Da parte de tarde, debaixo de uma chuva impiedosa, disputou-se a prova de sprint pelas artérias de Idanha-a-Nova, onde só os craques das selecções tiveram acesso, tendo a representação lusa voltado a vencer a sua congénere espanhola, arrecadando oito vitórias. No final do primeiro dia o “score” de 15 a 9 apresentava contornos de goleada.

Com tanta chuva e nevoeiro, Portugal só podia ser primeiro (o que eu adoro estas rimas “naif”, hehehehehe).

Fantasmagórico

2. Muros e vedações

Quando em jeito de desabafo, me lamentei pela péssima prova de distância longa que acabara de efectuar, houve logo um amigo da onça que ironizou – "não vejo porquê, nem esteve nevoeiro, nem as pedras eram assim tantas". Ao que eu retorqui de dentuça arreganhada e puxando a brasa à minha sardinha – "mas alguém faz a mais pequena ideia, da quantidade de pedras que foram necessárias, para construir as dezenas de muros que fomos obrigados a ultrapassar?" – "E já agora" – tentando eu arranjar um novo ódio de estimação – "adivinhem os quilómetros de arame farpado gastos naquelas torturantes vedações". Ah pois é! Tenho as mãos cravejadas de pequenos golpes, resultado da minha luta inglória com o belo do arame ferrugento, que teimava em me "aprisionar".

Ora bem, a prova era de orientação, mas o enorme problema que tive de enfrentar, foi a imensidade de muros e vedações que me iam aparecendo pela frente…por detrás…e de lado, um suplício para o pesado "espécie". Seria de rir a bandeiras despregadas, se os nossos "paparazzis" me tivessem apanhado encarrapitado num desses muros, em plena pose de equilibrista, ou a proceder a um ridículo número de contorcionismo, para me ver livre das garras aramaicas. As figuras circenses que um "cota" tem de passar, para levar de vencida a sua paixão – a minha agilidade já "foi chão que deu uvas".

Mas as culpas pela "tragédia" de Oledo, da segunda jornada do Campeonato Ibérico, que se desenvolveu em 16 "actos" durante 6.300 metros, não podem ser assacadas na totalidade aos embaraçosos limites das propriedades ou aos traçadores "brincalhões" (mas competentes) do ADFA. O "espécie" fez questão de também dar o seu valioso contributo…e de que maneira!

Inventei logo na primeira pernada. Eu que até nutro uma certa predilecção pelos azimutes, que seria a escolha mais acertada, decidi por uma opção mais elaborada, julgando que iria ganhar tempo. O que ganhei foi mais experiência como pastor de afloramentos. Andei uns sete a oito minutos a visitar as "pedrolas" erradas, pois o ponto situava-se numa família rochosa que morava ao lado, uns escassos metros.

Mais desaustinado fiquei, quando sou apanhado por dois parceiros do "meu" campeonato, que tinham partido depois. Mal os avistei, "pernas para que vos quero",

para evitar um possível e desinteressante "comboio". A longa pernada para o terceiro ponto poderia dar uma ajuda nesse sentido. Realmente deixei de os ver, mas também não pus as vistas em cima da baliza, à primeira tentativa.

O surgir constante de muros e vedações, algumas completamente tapadas por silvados intransponíveis, foram-me desviando da rota, que a dada altura, quando me consegui relocalizar (salvo pela ruína do ponto 6), encontrava-me algo afastado da baliza e lá fui apanhado novamente pelos companheiros (andei a correr para aquecer).

Continuando a saltar e furar muros e vedações, umas atrás das outras, sempre em busca da melhor opção de transposição, comecei a temer que me encontrasse na prova errada. Afinal estava num evento de orientação ou numa competição de obstáculos? Claro que tantos pulos e repetidas fintas ao "farpado", não me estavam a dar grande saúde, sobretudo ao meu processo de orientação, pois as consecutivas paragens a que era obrigado, sempre que esbarrava nos muros, desconcentravam-me por completo.

Ao atacar o ponto 9, passa-me um "ventoinha" de escalão todo piadético – "estás a andar bem, estás!". O "humorista" tinha partido depois de mim uns 26 minutos! Podia perfeitamente ter aproveitado a boleia para aquele ponto (o tipo até é dos bons), mas não me dá gozo nenhum esse género de situação. Gozo levei eu quando ele me diz – "anda que eu levo-te ao ponto". O nervo sensor do orgulho de "espécie" tocou o alarme. O quê? Sarcasmo para cima de mim? Sou fraquinho, mas não um coitadinho. E resolvi parar uns segundos para lhe perder o rasto. Em má hora tomei uma opção de alto desportivismo (n…a…b…o…nabo com todas as letras). Ainda distingo uma vozinha a balbuciar qualquer coisa como… – "otário"!

Este episódio avariou de vez o meu "núcleo" central de navegação. Perdi a noção onde me encontrava e comecei a bater todas as pedrolas em redor, à cata do "144". E é então que encaro com a minha mulher, que eu julgava já estar a almoçar, toda atascadinha na procura do mesmo controlo (mais uma vez os nossos escalões tinham o mesmo percurso). Se eu estava a efectuar uma prova insuficiente, ela encontrava-se à beira do "naufrágio" (tinha saído muito antes).

Pela primeira vez tomei uma "familiar" decisão altruísta, de que espero tirar alguns dividendos no futuro (hehe) – não a deixar para trás e realizar o resto do percurso atento aos "retrovisores", para não a perder de vista. Assim como assim, a prova estava-me a correr mal, o resultado já era secundário e ainda nos poderíamos ajudar na passagem das aborrecidas vedações (as tão proclamadas sinergias de grupo). Mas o ponto 9 não apareceu logo, não senhor! As voltas que demos para encontrar a dita pedra, que estava simbolizada no mapa com um grande ponto negro, quando no terreno não passava de um "calhau", mais pequeno que os arbustos que a rodeavam. Interpretações subjectivas de cartografia que só servem para tramar os "espécies" (isto vai ter de acabar, ai vai vai!).

A quantidade de muros e vedações que tínhamos de transpor, não diminuiu com o aproximar da parte final da prova. Após mais uma variada pernada de sobe, empoleira e desce, misturada com puxar de arames para cima e para baixo, que me deixou o equipamento mais esburacado que um campo de golfe, desatinamos com a contagem dos muros e o ponto 11 nunca mais dava sinal de si. Como haveria de aparecer se ainda

nos faltava mais um derradeiro saltinho? E depois o malandro escondeu-se bem num buraco camuflado, pelo menos uns doze minutos! Iamos de mal a pior.

Demos por concluída a fase das asneiras neste controlo. O que ainda não havia terminado eram as sebes farpadas. Irra! Comecei a ficar chateado com tanto obstáculo, desnecessário a um excelente percurso de orientação. A minha veia de cavalheiro não me permitia abandonar a minha mulher ao sabor dos arames, tive sempre o cuidado de a auxiliar, de maneira que não sofresse nenhum dói-dói. Espero que ela se lembre da máxima – "amor com amor se paga", hehe. (não pode ser tudo prejuízo)

Está provado que o atascanço e o descanso são directamente proporcionais, daí não sentir qualquer ponta de fadiga e como o meu corpo necessitava urgentemente de uma valente "suadela", à saída do ponto 13 para mais um extenso trajecto (850 metros, onde "só" tínhamos de passar por duas vedações e quatro muros"!) perdi a paciência, arremessei um destemido "até já" à minha parceira e deixei-a ao "Deus dará". Eu tinha consciência que ela estava perfeitamente orientada, senão não me tinha exposto a uma posterior "penalização" (hehe), mas já bastava de idílica caminhada.

As pernadas que progredimos juntos levaram-me a recordar velhos tempos, época em que o casal da espécie de orientista pavoneava a sua "classe" pelos escalões abertos (ai que saudade). Mas não façam conjecturas precipitadas sobre o nosso comportamento, pois ninguém andou na "cola" e portanto não houve lugar a atitudes batoteiras. A nossa interacção limitou-se ao apoio na desgraça – tudo em silêncio como mandam os cânones (hehe) – "vai enganar outro!" (grrr…tenho de calar esta vozinha). Aceitem que existem tipos bem-intencionados e considerem esta aliança do casal, como um natural e tocante acto sentimental…e pronto!

Se este texto não fosse publicado em locais com alguma dignidade, o seu título teria sido qualquer coisa como – "Amor entre muros e vedações" – mas como não estamos na "Maria", haja algum decoro e esqueçamos o "amor". Definitivamente para o rol do esquecimento deveria ser esta prova, mas há quem afirme que os momentos de glória e as grandes broncas devem ser evocados, pois sempre existem ilações a retirar (ainda não sei o que vou aproveitar daquela "saltitona" uma hora e cinquenta, mas haja fé).

No tocante às selecções, congratulo-me com o desvendar do mistério do "equipamento fugitivo", já que a atleta em causa apareceu elegantemente vestida com as cores nacionais, que devo dizer lhe ficavam "a matar" (tudo está bem, quando bem acaba).

Em termos de resultados, os nossos meninos e meninas repetiram na distância longa, as excelentes performances do dia anterior, elevando o nosso pecúlio para vinte e três títulos, contra os treze alcançados pelos adversários ibéricos. Nem a nossa heróica "padeira" teria feito melhor.

Algures entre os muros e as vedações de Oledo

63. Quiaios dá as boas vindas a 2009 (I)

Cemitério de acácias

Nada mais adequado a uma eficiente desintoxicação ao excesso de calorias natalícias, do que uma provazinha de Orientação a abrir o novo ano. Se para isso, tivermos de nos deslocar a Quiaios, que remédio senão meter os pés à estrada, porque quem corre por prazer jamais cansa (não sei se é bem assim…mas o ditado manda).

Já nem me recordava de ver tanta gente numa competição regional. A alegria na arena é diferente e pessoalmente sinto uma motivação extra (como sabem sou um tipo sociável). É certo que a localização ajudou, pois alguns companheiros do sul (provavelmente os mais lambareiros), acharam necessidade de vir tratar o físico um pouco mais a norte e acabaram por dar uma excelente ajuda nas estatísticas. Espero que seja um bom augúrio para as próximas iniciativas.

Seja como for, mais de duzentos atletas com fome de mapa e bússola, propuseram-se experimentar o novo mapa de Quiaios, que apenas tinha sido utilizado no último Campeonato Militar, há uns meses atrás. E com este factor de antiguidade a pairar, começou a desenhar-se um pequeno problema, que para o "espécie" se revelou quase fatal no primeiro dia.

Teria havido actualização do mapa? Os anfitriões do Ginásio Figueirense, com muita pena, tiveram de confessar que não houve oportunidade. Ora aí está! Que surpresa a natureza nos iria proporcionar? Os verdinhos continuavam na mesma, ou pelo contrário, teria havido um desenvolvimento selvagem da vegetação? E os célebres desbastes, por diploma legal (com a consequente proliferação de trilhos), foram efectuados ou nem por isso? A resposta ser-me-ia dada, ao longo dos 6.200 metros e 16 controlos do percurso de sábado.

Durante a progressão para os dois primeiros pontos, comecei a desconfiar que havia lixo a mais no terreno, mas tratando-se de trajectos curtos, não tiveram grande influência, apesar dos constantes tropeções a que fui sujeito. Na deslocação para a terceira baliza, optei por uma zona de verde clarinho, mas apanhei com restos de centenas de acácias abatidas, que "alguém" se esqueceu de limpar. Eu bem queria alcançar o caminho, que me levaria directamente à baliza, mas só o consegui após uma verdadeira gincana por

entre galhos, que me iam emperrando a corrida. A partir daqui, salvo uma ou outra movimentação por caminhos, o cenário recorrente fez-me imaginar um verdadeiro cemitério de acácias.

Um terreno de tapete tão instável, só poderia acarretar sérias dificuldades para o "espécie". Ando com a mania que corro mais qualquer coisa, mas não é tarefa fácil arrastar as minhas quase "seis arrobas", pelo meio de milhares de ramos cortados e simultaneamente ler o mapa e não despegar o olho do relevo. Se me distraio com o mapa, estatelo-me nos troncos das acácias abatidas (ainda me dói uma perna), se dou uma espiadela ao terreno, perco a capacidade de correr. Assumo a minha inoperância neste género de condições – demasiada "areia"…

Por falar nela. Sempre que aproveitava um caminho para fugir ao emaranhado da vegetação, lá apareciam as imponentes dunas que se sobem de joelhos. "Ou levas com o lixo nas botas ou sofres como um leão na areia". A decisão foi de orientista! Se o mapa indica branco é porque se pode passar, se na prática assim não for, vou amargurar o meu bocado.

Na verdade e a acreditar nos "splits", até ao ponto 10, nem me estava a portar muito mal. A prova estava a ser dura, mas pelos vistos o sentimento era geral. Os verdinhos sofreram uma metamorfose e tinham-se transformado em verdões, outros haviam desaparecido pela fúria da moto serra, dando origem a zonas brancas e vice-versa. Trilhos que se tinham esbatido por força das acácias fossilizadas, para dar nascimento a autênticas auto estradas de tractor.

Ao sair da décima baliza, analisando as opções para o controlo seguinte (650 metros) e tendo em conta a sujidade do terreno, o bom senso aconselhava a utilização dos caminhos em detrimento do tecnicista azimute. Obrigava a percorrer uma distância maior, mas significava uma progressão segura. E inicialmente foi o que resolvi fazer.

No entanto, antes de virar para o último carreiro que me faria chegar em sossego ao ponto 11, um "passarinho" segredou-me – "Estás a fazer uma progressão mesmo ao teu nível de espécie. Olha-me para esse mapa! Atira-te em azimute para essa zona branca seu incompetente! Vais poupar uma enormidade de tempo e é uma atitude de verdadeiro."

Se apanho aquele "pássaro" enganador arranco-lhe as penas uma por uma! Qual branco qual quê! Enfiei-me numa zona juncada de toneladas de arbustos tombados e de árdua transposição. Andei aos esses o tempo todo, engalfinhando-me sistematicamente com a caótica vegetação. Devo ter entortado completamente o azimute, que o dito caminho demorou uma infinidade a aparecer. Encarei a contrariedade na desportiva, do mal, o menos, só faltava picar o ponto. Curva para a direita com verde-escuro, segue-se curva para a esquerda e lá está a cota. O ponto? Onde raio é que ele se meteu? Enganaram-se na colocação ou roubaram o prisma?

Deambulei de um lado para o outro naquele carreiro de acácias, uma dúzia de minutos (!), tal qual um robot (nada de raciocínio), em busca da baliza que supostamente deveria estar colocada mesmo junto a ele. Algo estava errado. Teria entrado no caminho mais à frente? "O melhor será voltar atrás, ao aceiro principal" – equacionava eu. "Isso é perda

de tempo, o ponto tem de estar aí, abre os olhos!" – voltava teimosamente o "passarinho".

A falta de confiança é uma coisa tramada para quem anda nestas lides. - "Vou atrás, não vou…se calhar mais valia…ou não…tem de ser aqui…mas falta mais verde…vou mesmo!" Desobedeci à minha "ave agoirenta" e regresso ao caminho, quando me apercebo que o dito trilho tinha um irmão gémeo, localizado poucos metros mais abaixo. Miro o mapa e não havia que enganar, os trilhos eram paralelos e com idêntica configuração. Pastei o tempo todo no local errado, mas quase poderia jurar, que os pormenores que eu via, eram os mesmos que pretendia – sonhei acordado? (hehe)

Demasiadas hesitações e confusões incompreensíveis, para um ponto perfeitamente acessível, numa prova em que me desenvencilhei razoavelmente no restante percurso. Quem me mandou a mim inventar? Ou como diria a minha avó – "Quem te manda a ti sapateiro, tocar rabecão?"

64. Quiaios dá as boas vindas a 2009 (II)

A mascote

A quem contar isto, ninguém acredita. Não obstante a prestação menos conseguida da primeira jornada do Troféu Mondego, com o lastimável tempo a rondar a uma hora e quarenta e todo o peso do meu trágico "istorial", ainda houve gente que na etapa seguinte, confiou o seu destino nas mãos do "espécie de orientista".

Mal chego ao triângulo, quase morro de susto, ao ser "atacado" de rompante por uma senhora, que tinha partido uns largos minutos antes, "exigindo-me" que lhe orientasse o mapa, dado que se tinha esquecido da bússola. Mau grado o sobressalto e a rudeza da abordagem, até aqui tudo bem, não recuso ajuda seja a quem for e muito menos a uma dama (hehe).

Dei o assunto por encerrado e tratei de acelerar o passo, pois teria pela frente 14 pontos para encontrar, numa distância de 5.800 metros. Ao sair do controlo inicial, camuflado na vegetação das dunas da praia, quase esbarro com a dita concorrente. Coincidências! (pensei eu). Contudo, ao atacar o ponto seguinte, decido pelo caminho errado e uns metros à frente, ao detectar a asneira inverto a marcha e uops! Choco com a mesma senhora, que me seguia nos calcanhares. Mau! – "Ela também se enganou com certeza". Mas comecei a desconfiar destes encontros imediatos!

Entretanto, encetei uma das progressões mais esquisitas de que me recordo. Para acedermos ao controlo quatro (900 metros), fomos obrigados a mergulhar numa área de vegetação excessivamente densa, atravessada por dois carreiros muito ténues, separados por umas dezenas de passos, que nos davam a única possibilidade de passagem. Seiscentos metros pelo coração de uma verdadeira "selva", onde se perdia o trilho com facilidade, tantos eram os obstáculos e tão baixa a luminosidade.

O ambiente não era de todo agradável e metia algum respeito, mas não convinha matutar muito no assunto. Seguir o azimute e tentar sair daquele labirinto o mais rápido possível, seria a ideia base. Perante condições tão adversas, não me admirei que a tal concorrente continuasse no "meu pé". Devia sentir-se mais confortável com a minha presença, não fosse o "abominável monstro da floresta" aparecer e eu com o meu "super cabedal" podê-la-ia proteger. He! He! - "Arranjei uma bela duma mascote! Era só o que

me faltava! Deve ter o mesmo percurso. Muito me engano, ou vou levar com ela até ao último centímetro".

Finalmente fez-se luz. O trajecto de "explorador africano" tinha terminado e regressávamos aos terrenos do dia anterior, em zona menos claustrofóbica e de melhor visibilidade (e a minha mascote não me perdeu o rasto). Ouvi algumas críticas relativas a esta pernada, mas francamente adorei a "aventura", marcou pela diferença ao melhor estilo "Indiana Jones" (hehe).

Aproveitando os excelentes detalhes do relevo, deu-se início a uma série de meia dúzia de pontos técnicos. Alguns declararam-se mesmo um autêntico "quebra-cabeças", tal o rigor demonstrado pelo traçador, ao colocá-los no centro de um rendilhado de cotas, reentrâncias e esporões. À dificuldade técnica, acrescia o desgaste nas progressões, ora em zonas de vegetação indisciplinada, ora na transposição das massacrantes dunas, quando se optava pela segurança dos caminhos.

Pontualmente ia espreitando por cima do ombro, para confirmar o inevitável – a minha mascote perseguia-me religiosamente como uma sombra. Ela não fazia a mínima ideia, que em qualquer momento, o "espécie" poderia entrar num longo período de pastorícia e a sua prova (ou a minha?) estaria irremediavelmente comprometida. A fé que ela depositava nas minhas capacidades era inabalável, atitude que desde já quero louvar.

Uma coisa devo reconhecer. A senhora não me incomodou rigorosamente nada. Após a interpelação inicial, algo turbulenta, nunca mais me dirigiu a palavra, fosse para questionar ou…colaborar (hehe). Seguiu-me sempre à vista, deixando um espaço considerável, com certeza para não me prejudicar, o que eu lhe agradeço do coração (no fundo é uma boa alma). Apesar de ela ser mais jovem, entristece-me verificar o aparente à vontade com que me acompanhou. Não tenho a certeza se é a senhora que corre bem, se fui eu que mantive o tal ritmo de "cavalo cansado" (o mais provável).

Além disso, demonstrou ser uma pessoa educada e respeitadora, pois nunca me contrariou. Se vacilava…ela hesitava…se sentia cansaço e abrandava…ela parava…se cometia alguma azelhice nas opções…ela solidariamente imitava…uma moça p`ra ninguém "botar" defeito.

Na derradeira fase da etapa, comecei a temer que iria sofrer um vexame. Os últimos quatro pontos, pressupunham deslocações por caminhos, que iriam propiciar grandes alegrias aos corredores. Ora, eu naquela altura já não tinha qualquer dúvida, que a minha "assistente" me deixaria nas covas, quando lhe desse na gana (ou quando encontrasse o mapa, que entretanto deitou fora, hehe). Para que tal não acontecesse, tentei imprimir um ritmo que a pudesse desmobilizar da ideia. Despendi um esforço suplementar, que noutras condições não o teria feito, pois o cansaço acumulado dos dois dias pesava como chumbo. Bem vistas as coisas, estas pernadas de "apanha-me se puderes", até me beneficiou alguns segundos no tempo de prova (hehe, mais um momento de gratidão).

Continuo perplexo e frustrado com os resultados. Julgo que fiz uma segunda etapa meritória, apesar de ter contado com um amuleto(a), em contraste com a jornada de sábado (bem mais dura), onde efectuei uma quantidade de atropelos à arte de bem orientar, no entanto, esse comportamento não é espelhado em termos classificativos –

funcionou tudo ao contrário. Assim, ainda me convenço que sou um tipo talhado para percursos de maior grau de exigência (hehe).

No tocante ao meu "anjo da guarda", o que eu a aconselhava era ir a "Fátima" a pé (caso seja devota), agradecer a benesse concedida. Creio que ela não teve noção que foi bafejada pela sorte. Se eventualmente me tivesse atascado como no dia anterior, com as voltas que dei, a senhora cairia redonda, completamente zonza. Dê graças pelo "espécie de orientista" ter realizado uma prova certinha (o que raras vezes sucede), senão nem sei o "malzinho" que lhe teria acontecido. Perante análise tão minuciosa dos acontecimentos, tenho sérias dúvidas quem de facto vestiu a pele de mascote.

65. Pelo Norte Alentejano (I)

Aventureiro duma figa

Uma vez mais orientei o "tomtom" para terras de além Tejo, assestando as coordenadas para a histórica vila de Alter do Chão, para dar cumprimento à terceira edição do Norte Alentejano O`Meeting. Mesmo correndo o risco de me tornar repetitivo, não me canso de afirmar, que estas são as viagens que me dão maior prazer efectuar.

De tal modo tenho um fraquinho especial por aquelas paragens, que até esqueço o "sacrifício" das centenas de quilómetros que sou obrigado a percorrer para poder "picar o ponto" (pernada longa mas de agradável progressão). Às tantas tenho uma costela alentejana e ainda vou ser o último a saber.

O arranque do evento seria nos terrenos da Herdade da Lameira, um verdadeiro oásis nas cercanias de Alter. Ora, perante denominação tão sugestiva e com tempo previsivelmente chuvoso, imaginei que a grande contrariedade deste dia, deveria ser os montes de lama, daquela que se pega até aos cabelos. Mas não foi bem assim, na verdade a lama atacou a comitiva, só que no local mais improvável – a arena. Aqui, junto ao Hotel Rural, efectivamente a herdade fez jus ao nome, oferecendo-nos um lamaçal completo. Na zona de competição, nem por isso, os obstáculos foram de natureza diferente, a proporcionar extraordinárias progressões, ao melhor estilo de provas de aventura (no que à prestação do "espécie" diz respeito, `tá-se mesmo a ver, não é? hehe).

Catorze controlos dispersos por 3.600 metros, subindo e descendo (e de que maneira!) colinas carregadas de…imaginem…pois é…das mais carrancudas e altaneiras "pedrolas" que o Alentejo tem para apresentar, contrapondo aqui e ali com a árvore tradicional da região – o belo do sobreiro – só faltando para completar o quadro, o anafado porco preto (acabei por apanhá-lo à mesa do "Páteo Real", bem feita!).

Para mim continua a ser um enigma, a forma como a malta dos Quatro Caminhos consegue desencantar cenários tão espantosos e soberbos para a prática da Orientação. As partidas e chegadas encontravam-se localizadas no limite de duas reentrâncias vizinhas, nas margens duma bucólica ribeira, que por força da chuvada nocturna, aumentou consideravelmente o seu caudal, obrigando à construção em contra-relógio

duma ponte provisória, para permitir a sua travessia a diversos escalões (as imponderáveis "engenharias" das organizações).

É do conhecimento público, que qualquer reentrância, pelo seu declive, pode obrigar a uma desgastante ascensão, como pelo contrário, propiciar um vertiginoso "slalom". Perante duas hipóteses tão redutoras, o traçador optou por nos fazer escalar a reentrância da partida, como forma de estimular o físico (um rapaz com bom coração) e para "variar", nas chegadas convidou-nos a trepar novamente a encosta (sádicos!), porque isto não é para "meninos de leite", se querem sprints, dediquem-se ao atletismo de pista. A coisa prometia.

Provavelmente, exagerei no tempo de contemplação da subida inicial para o triângulo, pois só esse facto pode explicar a fadiga que me atrofiou os primeiros andamentos. Ufa! Parecia que estava a terminar a prova. Mas não há melhor tónico do que encontrar um ponto, sem qualquer hesitação. Dá cá uma "pica"! Qual cansaço qual quê! Libertei-me das "frescuras" psíquicas e ataquei todo lampeiro, o segundo ponto.

Pronto! Euforia rima com miopia…e zás…embico pelo carreiro errado. Um ponto simples, apenas para ir tomando contacto com as "pedrolas", mas que me fez desperdiçar uns bons três minutos. Os bombeiros de serviço bem se aperceberam da minha aflição, mas nem por isso mexeram uma palheira para me "socorrer", limitaram-se a observar pachorrentamente o sufoco do "espécie", como quem diz – "este tem a bússola desatinada" – para eles o meu esgar de desprezo, bah!

Arreliado com um começo algo desastroso, rumo ao ponto seguinte com poderosa determinação, perseguindo a curva de nível, a escassos metros da ribeira, por entre vegetação quase densa – afirmando quem viu – até árvores "derrubei" nessa empenhada progressão aventureira. Não queria acreditar que isso de facto tivesse acontecido, pois nem me lembrava do episódio, mas a testemunha é altamente credível. Ainda vou dar em espécie de lenhador ou ser acusado de exterminador de espécies protegidas (cá para nós, não passava dum arbusto…e podre, hehe).

Após três controlos mais calmos, desço para a linha de água, para atacar o ponto 7 e deparo com um sério problema – não trouxe o equipamento aquático! A célebre ribeira deslizava tumultuosa, com um caudal apreciável, não dando para fazer a mínima ideia da sua profundidade. Gritava o "Bininho" – "lembrem-se que há uma ponte a Este do mapa!" – aflito, ao perceber que o "espécie" estava a fazer contas de cabeça – "dá para atravessar ou necessito de escafandro?" – Se o meu objectivo estava mesmo no alto da escarpa da outra margem, porque carga de água iria fazer um desvio? Mas aquela mão cheia de metros a transpor, incutia algum respeito (podia ser atacado por algum achigã carnívoro).

Foram chegando outros concorrentes, mas todos equacionavam a melhor hipótese, de maneira a não serem obrigados a arrefecer os pés. O défice de coragem predominava (a prova de natação não constava do mapa). Subitamente, surge um companheiro dos mais antigos, em grande velocidade e sem qualquer hesitação, entra nas águas qual "zebro dos fuzos" e num ápice estava do outro lado. Nem pestanejei – "se ele passa, eu também passo" – afinal tínhamos envergadura idêntica e pelos vistos, a mesma falta de juízo.

Tchap! Tchap! Tchap! Água pelo peitoral e no segundo seguinte já corria atrás do meu pontinho. - “Ah aventureiro duma figa!” – ouvi alguém exclamar, mas logo notei que tinha sido a minha chata “vozinha”, que tanto me desestabiliza como recrimina. Momento de pura adrenalina, que ficou registado para a posteridade pelo dedo ágil do “FotoBino”. - “E a água da ribeira estava fria?” – “Eh pá! Nem sei!”.

Com os níveis competitivos no máximo, a prova só podia sair beneficiada. Na verdade, sentia-me extremamente motivado, a aventura pelas comadres “pedrolas” estava a decorrer muito acima das minhas expectativas. Convenci-me que já nada me faria atrasar, apesar de transportar peso em excesso, pois fiquei completamente encharcado e as sapatilhas chiavam constantemente (assustando a passarada), com a água que levavam. Valeu-me a ajuda do tempo, com um belo solzinho retemperador.

Agora, a lírica ideia de não atrasar mais, é treta. Quase a picar o ponto 11, aparece-me pela frente uma das mais bem construídas vedações de que tenho memória. Não vislumbrava nenhuma passagem, os arames recentes estavam bem esticadinhos e afiados, a altura era considerável…que raio podia fazer? Andei demasiado tempo de um lado para o outro a tentar furar (como fera enjaulada), repentinamente deu-me uns azeites, ferveu-me o sangue de aventureiro…e decidido, atirei-me a “ela” sem medos.

Quando se reage com o coração, inevitavelmente sofrem-se dissabores. Fiquei completamente preso e pendurado no meio dos arames, nem para dentro nem para fora, qual espantalho ao vento. Ou rasgava-me todo ou tentava com cuidado, soltar-me da “aramadilha”. Fui salvo pelo aparecimento dum numeroso grupo de participantes, que foram surpreendidos com o mesmo problema. Uns breves instantes de solidariedade e todos ultrapassaram o farpado, não sem antes ter angariado mais umas “medalhas” no fatinho (não ganhando das outras…hehe).

O acerto dos últimos pontos, veio confirmar o meu secreto pressentimento – uma magnífica aventura do “espécie” – não fora o momentâneo distúrbio na zona “bombeiral” e quase estaria perante a “minha” prova perfeita, a tal que não existe.

Apesar da falta de nitidez, não podia deixar de partilhar a sequência radical do aventureiro

66. Pelo Norte Alentejano (II)

De noite todos os prismas são pardos

Assumo publicamente que sou um homem desobediente. Não fiquem escandalizados por mais um defeito, o "espécie" também tem uma quantidade de virtudes, apenas são inconfessáveis. Sempre que a minha mulher me solicita – "ajuda-me aqui com a louça" – escuso-me polidamente – "agora não posso, estou a ver o glorioso" – se a colaboração variar para – "dá uma limpadela ao pó" – tenho sempre na manga – "esqueceste as minhas alergias?".

Perante tamanha série de atitudes de indisciplina, volta e meia tenho de condescender. Se ela faz questão que participemos nos sprints urbanos nocturnos, o género de percursos que adora, que remédio tenho senão marcar presença, é que desobediência conjugal tem limites.

Apesar de não me dar grande gozo correr, sinto alguma afeição por uma variante da corrida – o sprint puro e duro. Simplesmente, não morro de amores por andar nas voltinhas dos quarteirões (desestabilizam-me os neurónios) e então se a prova for nocturna…por amor de Deus!

Pois bem, contrariado ou complacente, compareci na quarentena do Palácio do Álamo, em pleno centro de Alter do Chão, devidamente preparado para a sessão da noite do NAOM. Para minorar os prejuízos oftalmológicos, muni-me dum duvidoso frontal da loja dos chineses, que eu esperava que não me deixasse às escuras (só pedia meia hora de autonomia), mas o risco era elevado. Afinal é mais uma prova de orientação e essa paixão já não posso negar e vai daí, todo o cuidado é pouco. – "Venham os "laranjinhas" que estou a ficar com nervoso miudinho!".

A correria de dois mil metros, composta por duas partes distintas, apresentava dum lado o mapa da zona histórica, com escala de 5.000 (10 prismas) e do outro, o mapa do Jardim do Álamo (com mais 11 pontos), aumentando a escala para 1.000 (o ideal para ceguetas como eu). A fórmula parecia engraçada e desafiadora, assim eu tivesse um comportamento condizente.

Na realidade, nem me dou mal com sprints urbanos, mas a minha ansiedade diminui-me o raciocínio e cometo normalmente uns disparates, que são de todo injustificáveis. Vá-se lá saber porquê? No entanto, o maior problema que me aflige neste tipo de prova, é mesmo a minha deficiente visão. E nesta célere viagem por Alter confirmei os meus receios.

Para mim, à noite, o laranja dos prismas não passa duma cor pardacenta. Se acrescermos o vermelho dos números, sobreposto ao cinzento e verde dos edifícios, mais o reflexo do plástico do mapa, fico tal e qual gato encandeado. Como é que um tipo consegue correr com desenvoltura, se nem vê por onde e para onde?

Não obstante as minhas limitações, aprestei-me para realizar a melhor prova possível, mas duas enervantes "brancas", ainda na zona histórica, prejudicaram qualquer resultado aceitável. Ao picar o terceiro controlo, que por infeliz coincidência se situava no átrio exterior do hotel onde me encontrava hospedado, sofri uma "atracção fatal" proveniente do aconchego das suas salas, que me vi em palpos de aranha para decidir que opção tomar – entro para uma bebida reconfortante ou continuo a jornada noctívaga? (hehe, não acreditem, são desculpas de mau pagador, o castelo é que parecia ter mudado de praça)

Na progressão para a sexta baliza, sofri um ataque de vertigens com tanta hesitação – "pela direita ou pela esquerda?..não…pela direita…é melhor pela esquerda". – "Pára com a idiotice, segue uma direcção…mas corre!". Obedeci à consciência, mas já tinha perdido mais de dois minutos e acabei a "sprintar" como um desalmado pela viela acima, que até me deu o abafa (corrida à Zé Tolas).

Ao entrar para a zona do Jardim, fui envolvido por uma escuridão completa, atenuada pelos "pirilampos" das dezenas de atletas que enxameavam o espaço. Com tão fraca visibilidade, temi que me fosse estatelar nos canteiros ou espetar com os joelhos nalgum prisma, pois não me convinha esquecer, que de noite eles são pardos. Arrepiei-me todo (talvez fosse do frio), só de pensar que tinha de encontrar onze pontos no meio daquele breu. A tarefa ia ser complicada, mas com toda a certeza entusiasmante. Que jeito me daria uns sonares de morcego, hehe.

Ora pernadas longas (mas pouco), seguindo-se outras mais curtas (micro-pernadas), com trajectórias cruzadas e retorno aos mesmos locais, tendo pelo meio um jardim labiríntico, num vaivém alucinante, com constantes desvios para evitar potenciais choques na rapaziada, redundou numa charada espectacular, a deixar-nos completamente os olhos em bico.

Importa realçar, que toda esta intensa e emocionante azáfama desenrolou-se numa área exígua, com excesso de detalhes, que obrigou a extrema perícia e algum desembaraço – o "trânsito" revelou-se pouco menos que caótico, neste verdadeiro ori-show.

Contrariamente ao que seria de esperar, atendendo à baixa luminosidade do local, a segunda parte correu-me bastante melhor. Para fazerem uma ideia da influência das asneiras iniciais, se o meu desempenho nas quelhas tivesse sido idêntico, subiria meia dúzia de lugares na classificação (mas o que é que isso interessa?). Contudo, o objectivo primordial tinha sido alcançado – não contrariar a vontade da minha mulher.

Duas áreas do sprint nocturno

67. Pelo Norte Alentejano (III)

Corrida de cavalo cansado

Inicialmente, achei que a singular ideia de realizar uma prova de orientação na Coudelaria Alter Real, residência oficial da equídea raça "Lusitano", pressupunha uma falta de respeito pela classe orientista. Onde já se viu, misturar atletas dum desporto de fino trato, com cavalos, éguas, potros, burros e afins?

Depois de meditar e bem analisar a situação, concluí precisamente o contrário. Seria um novo momento histórico e um privilégio para a família da Orientação ter uma nova oportunidade de livre acesso a mais um "santuário". Simultaneamente, poderíamos provar que os nossos "puro-sangue" são de tanta qualidade, quanto os ditos "lusitanos". Ainda não me habituei às constantes surpresas que o GD4Caminhos nos reserva.

Ao penetrar na propriedade, tive a agradável sensação de que seríamos uns hóspedes com tratamento vip. Secretariado num pólo do museu, estacionamentos em redor dos picadeiros e cavalariças (donde se fez ouvir uns resfolegares de boas vindas), partidas junto à enfermaria cavalar, chegadas em pleno centro hípico. Enfim, as instalações da coudelaria encontravam-se por nossa conta. Mas estas mordomias obrigavam-nos a dar uma resposta condigna. Com condições logísticas excelentes, só nos restava tomar contacto com o teatro de operações e ter um comportamento desportivo à altura.

Por respeito aos nossos nobres anfitriões, a prova deveria ser efectuada com garbo e altivez, em ritmo veloz e gracioso de corcel. Não poderíamos passar vergonhas. Acontece que, no que me diz respeito, o desgaste da dupla jornada do dia anterior deixou algumas mossas musculares. O "espécie" já puxou demasiada carroça, portanto o máximo que eu poderia oferecer, seria uma humilde, mas corajosa corrida de cavalo cansado.

A etapa traçada sobre distância longa, com reduzido desnível, não configurava grandes dificuldades, o que vinha mesmo a calhar para a tal cavalgada desenfreada, que a maioria dos participantes tinha capacidade para efectuar. Os seis quilómetros e dezoito controlos, pareceram-me que iam ser um verdadeiro festim para os meus companheiros de escalão.

Tinha de me cuidar para não ser trucidado pelos acontecimentos – sei bem quem tenho! Se os meus craques tomassem o freio nos dentes, eram meninos para galopar em 6/7 minutos ao quilómetro. Que feitas as contas, me deixavam com uma margem de erro reduzidíssima. E eu que me sentia tão estafado…

Apontei para uma média de quatro minutos por ponto, o que resultaria num trote de 10/11 ao quilómetro…o que nem deslustrava, para uma velha pileca carregada de mazelas! Como sou um desmancha-prazeres e um saco roto, que não consegue guardar as notícias agradáveis, conto já que acertei na muche. Sessenta e dois minutos de grande sacrifício, mas que me souberam pela vida. De matemática entendo eu, apenas não encontro a fórmula ajustada na maioria das vezes, hehehe!

Quando arranquei para a prova, começou de imediato a chuviscar e ainda não tinha chegado ao segundo ponto, sou apanhado em plena área aberta por uma pesada bátega de água, que até me entupiu um ouvido, mas o que entra por um sai pelo outro e lá dizia um saudoso atleta – "chuva civil não molha orientista".

Não queiram saber como fui fustigado, chuva tocada a vento e a bater-me de lado, quase me atirava para as ervas (safei-me por ser um moço com lastro). Transportava a firme ideia que teria de correr o máximo e sendo assim, não eram uns simples aguaceiros que me iriam importunar a passada. É verdade que tive de apelar a elevado espírito de sacrifício, o que só veio dar mais valor à minha progressão, para ultrapassar o estado calamitoso do terreno, completamente ensopado, que o tornava pouco consistente e me obrigava a enterrar na lama até às canelas.

Eu bem queria pisar suavemente de charco em charco, mas não consegui melhor que um arrastar de arado. Apesar de sentir dificuldade na minha corrida de cavalo cansado, nem tudo era negativo, pois os pontos iam aparecendo sem qualquer problema técnico. Reentrância aqui, "pedrola" acolá, irritante vedação além, realizei uma sequência de pontos muito razoável, que, perdoem-me o absurdo, quase poderia afirmar que os fui picando em "pezinhos de lã". Pelo menos até ao ponto 10 foi exactamente como descrevi – lento e atinado.

Entretanto, no trajecto para a décima primeira baliza, que dava início a um trio de pernadas mais exigentes, surge-me um obstáculo de monta. Uma linha de água, ladeada por duas íngremes escarpas, forradas de vegetação espinhosa. Ou dava uma grande volta, ou optava por descer os penedos.

Nestes momentos de indecisão, o "espécie" não tem problemas, se pode complicar, para quê facilitar? E zás, tal qual um cavalo selvagem (o distinto garrano do Gerês), proponho-me descer acrobaticamente as "pedrolas", mas pelo lado mais inclinado, que é para dar mais emoção à prova. A "Santa Maria das Espécies" estava atenta, não me deixando escorregar e ainda me orientou para um providencial carreiro, fruto da passagem de anteriores companheiros. A sorte protege os audazes, diria eu – "ou os nabos!" – "cala-te ó vozinha arreliadora!".

Ao controlar o ponto das telecomunicações (125) – "alô base, acaba de passar o espécie com 41,41, um formidável tempo…uops! Esqueçam…este não conta para nada!". Havia uma certa confusão na zona, por ser o ponto de controlo da passagem dos elites e onde "acampavam" os nossos "paparazzis". Aproximo-me novamente da linha de água, que

neste local parecia mais um traço bem grosso e vejo a correr o “enviado especial”, mortinho por me apanhar outra vez com os pés de molho.

Ele foca a objectiva, eu faço uma artística pose de modelo, mas para contrariar, em vez de uma prova de mergulho, prefiro efectuar um atlético salto à Nelson Évora, de margem a margem, estragando o retrato ao repórter (e as minhas costas). – “Desculpa Bino, para a próxima mergulho de cabeça, palavra do espécie, hehe”.

Aquela desmiolada atitude radical (não há maneira de eu perceber que já sou um cota), desconjuntou-me as dobradiças e veio prejudicar ainda mais, a minha já desgastada corrida de cavalicoque. Esta contrariedade apareceu em má altura, porque a partir do ponto 13, a ordem era para galopar a toda a sela.

Cerrei os dentes, fiz das tripas coração, deitei para trás das costas a dor incomodativa e trotei aquelas pernadas o melhor que podia. Podem ter a certeza que corri como se nada fosse, não dou desculpas esfarrapadas. Se mais não andei, foi porque as “ferraduras” me pesaram e ponto final.

Para meu pesar, não consegui pôr a vista em cima da bela manada de éguas que por lá pastava e quase sem dar por isso, acabei por realizar uma etapa sem qualquer pastorícia, não tendo evitado os atascanços naturais, em virtude da quantidade de atoleiros que tivemos de percorrer.

Atrevo-me a afirmar, que foi a prova mais limpa que jamais terei efectuado (no meio de tanta lama e bosta é um milagre, hehe). Sinto-me de tal maneira satisfeito, que tendo nós utilizado domínios, onde a actividade equestre é rainha, não me coíbo a dar um sonoro relinchar de garanhão, hihihihi!

Coudelaria de Alter

Finish em pleno picadeiro

68. Pelo Norte Alentejano (IV)

Crónicas e crónicas

Ai já tinham respirado fundo, pensando que os relatos do NAOM haviam terminado? Pois enganaram-se! Vá lá, encham novamente o peito de ar e aturem-me mais uns parágrafos. E sabem porquê? Tenho de partilhar uns desabafos e vocês foram os felizes contemplados. Que sorte, hem?

O mais provável é que o Norte Alentejano deste ano, vá marcar de forma indelével os anais da "bela istória". E, contrariando o passado, por meritórias razões.

Jamais me vou esquecer do borrego assado com arroz de açafrão ou os secretos de porco preto na brasa, ou o doce sericaia com a deliciosa ameixa de Elvas…e a sopa de cação? Um manjar dos deuses… Até sinto água na boca. – "Psst…psst!" – "Que foi? Que asneira disse agora?" – "Essa conversa gastronómica não é para aqui chamada, seu glutão. Ias falar do livro…da surpresa do cavalinho…lembras-te?" – "Ah! Tens razão…mais uma vez…hehe…". A minha "vozinha" só não me ajuda nas provas, no resto é um providencial anjo da guarda. –"Obrigadinho ó amiga da onça!".

Vamos então falar do essencial e deixemos o marginal (por agora). Aconteceram várias situações, que me vão obrigar a recordar este evento para todo o sempre. Senão vejamos. Desportivamente, no cômputo das três etapas, o "espécie de orientista" alcançou uma performance muito acima das expectativas. Então aquela corrida "cansada", mas tão atinada, pelos pastos da coudelaria, vai ficar inesquecível. Tenho sérias dúvidas, que nos tempos mais próximos, milagroso facto volte a acontecer. Nunca se sabe…sonhemos...

No sábado, após a etapa da Lameira, tive o privilégio de estar presente no lançamento do livro "Crónicas do NAOM", da autoria do meu estimado amigo Joaquim Margarido, com o patrocínio do GD4C. Mais uma extraordinária pedrada no charco da nossa modalidade. Felizmente ainda há quem acredite em sonhos (eu sou o melhor exemplo, um dia destes ainda bato o Albano, hehe).

Uma obra globalmente perfeita. As maravilhosas crónicas de Nisa e Castelo de Vide, rodeadas de excelentes fotografias, numa encadernação de qualidade e com uma

cuidada composição, resultou num produto sério e apelativo, que poderá servir no futuro, como instrumento de promoção e divulgação da Orientação. Manifestamente um trabalho de eleição, que deve ser louvado.

Mas…há sempre um mas…no melhor pano cai a nódoa. A credibilidade do livro seria francamente superior, se numa qualquer foto aparecesse o "espécie de orientista". Nem que fosse como figurante, tipo na sombra do Sousa ou da Hermínia, tal qual o "emplastro". Apenas perdoo este lapso, pois nem toda a gente pode ser bafejada com o bom gosto. Para provar que não sou um tipo rancoroso, vou permitir que no próximo volume me coloquem na capa, não cobrando quaisquer direitos de imagem. Quem é amigo?

Claro, que quem assistiu à entrega de prémios do evento, devia estar desconfiado que houve algum "mexer de cordelinhos" nos bastidores, pois só assim se torna compreensível, a heróica e corajosa decisão tomada pelo GD4C, ao galardoar as crónicas da espécie de orientista. Terá sido para me compensar, por não ter sido contemplado com um merecido retrato? (os remorsos, não é?) Eu até sou senhor dum belo perfil fotogénico!

Não encontro palavras para vos transmitir o que senti, quando Fernando Costa chamou o "Espécie de Orientista", para conjuntamente com o "Orientovar" do Margarido e o "Enviado Especial" do Albino e Diana, nos distinguirem pelas nossas crónicas na Internet (o "espécie" sendo tão palrador, bloqueou e perdeu o pio). Fiquei estupefacto e sensibilizado com a surpresa e só não chorei baba e ranho de emoção, porque não tinha lenços e seria inapropriado limpar-me às mangas.

Creiam, que foi uma atitude que me tocou profundamente, sobretudo porque nem em sonhos me passou pela mente, que os meus modestos relatos pudessem alguma vez atingir este patamar. O que me dá calafrios, é o facto deste vosso humilde escriba ter sido colocado ao lado de um verdadeiro escritor (sou fã incondicional das suas crónicas). Um, corre-lhe nas veias o dom da escrita, abordando temas sérios de forma igualmente séria e sentida. O outro escrevinha a brincar, de modo quase leviano e ingénuo, coisas também sérias, mas que lhe vão transbordando da alma.

A minha sincera gratidão ao GD4C pelo gesto, suponho não ser merecedor de tamanho reconhecimento público, mas estas atitudes funcionam como motivação para continuar por mais uns tempos, a massacrar-vos com as minhas lamúrias. Este glorioso momento vai ficar gravado no meu coração e, se mo permitirem…com uma pontinha de orgulho.

Apenas devo alertar para um pormenor. Não estejam à espera que vos diga, que este facto vem acarretar maior responsabilidade nas crónicas da espécie de orientista, porque isso é completamente impossível – "O "espécie" responsável? Não brinquem comigo! Se ele tivesse um pingo de vergonha, não se tinha levantado da cadeira".

No entanto, surgiram umas más-línguas que me tentaram desestabilizar, ao minimizarem o significado do troféu. – "Já que não ganhas prémios nas provas, levas este para não desanimares". Esta gente insensível não tem noção, que com afirmações venenosas desta natureza, me pode levar à depressão? Invejosos, eles queriam era um cavalinho igual ao meu, hehe.

Não nego que a distinção foi gratificante, só que a partir daquele momento, perdi o meu "anonimato". Apesar de nunca ter usado um pseudónimo (quem conhecia o Luís Pereira?...poucos…mas bons, hehe), sempre julguei passar despercebido pelo facto de não pertencer a nenhum clube, o que me conferia um certo grau de isenção e até algum à vontade para proclamar umas atoardas, agora…

Na falta de prémios desportivos…

69. É preciso ter galo

Para que não surjam dúvidas quanto à realidade das peripécias em que o "espécie" tem sido protagonista, quero informar os meus amigos, que noventa e nove por cento dos meus relatos (recentemente promovidos a crónicas, hehe), são fruto de litros de transpiração e apenas um por cento poderão ser rotulados de ficção (um pouco de cosmética para embelezar, não faz mal a ninguém).

Há criaturas que nasceram com o "traseiro virado para a lua" e ao longo da vida são bafejados por inúmeros prémios de jogos de fortuna ou azar. Outros há, que passam o tempo a maldizer a sua sorte e as injustiças do quotidiano, ao bom estilo "calimero". Mas existe uma espécie de gente, que tem o condão de atrair ocorrências de tal maneira singulares, que à primeira vista até parecem mentira. – "Mas por que raio isso só lhe acontece a ele?".

Se eu tivesse permanecido em casa, refastelado no sofá, a beber umas surbias e a ver a "bola", em vez de me deslocar ao "Reino do Galo", para participar no II Open dos Amigos da Montanha, não teria assunto para mais um episódio da espécie de orientista. As coisas só acontecem a quem lá anda e mais a mais, o meu destino está traçado na linha da vida da palma da mão (assim me confidenciou a trigueira cigana "Sarita", há muitos anos atrás).

Já me tinham falado, que a mata de Palme nos arredores de Barcelos, não era propriamente terreno do agrado dos orientistas mais exigentes, mas eu, como vou conhecendo estas mentalidades, que se queixam por "dá cá aquela palha", não dei grande importância ao facto – "mas devias ter dado!"

Na verdade, havia um pormenor que me preocupava, a possibilidade de ser atacado pelo "galo". Com os machões da capoeira posso eu bem (sobretudo num arroz "pica no chão"). Os celebérrimos e coloridos galináceos artesanais, ex-libris da cidade minhota, sendo de puro barro ou da mais fina porcelana, também não me faziam perder o sono. No entanto, não teria qualquer hipótese contra o indesejável – "Ganda galo, meu!".

Um mapa predominantemente verde, de numerosos detalhes, com desnível acentuado e ainda para cúmulo nuns pesados 5.500 metros, configurava o tipo de percurso, onde

poderíamos tropeçar num “galo do caraças”, não obstante existirem caminhos para todos os gostos e feitios, realidade que até veio complicar, pois obrigava sempre a equacionar uma segunda opção – “Ena tanto mato...vou pelo caminho”.

Estas preferências devem ter empolado, quase em cinquenta por cento, a quilometragem da maioria. Uma pretensa prova de distância média, que se transformou numa desgastante longa, com as famigeradas rampas a fazerem alguma mossa (para quem não vem munido de redutoras é uma consumição, hehe).

Apesar do elevado número de controlos (21), a maioria não deu azo a grandes problemas técnicos, mas o mesmo não posso afirmar, no que à vertente física diz respeito. A “istória” resume-se a duas ou três pernadas. Na progressão para a décima baliza, que em linha recta não atingia os 600 metros, para fugir a uma zona de vegetação bem cerrada, optei pelos tentadores caminhos, que me fizeram percorrer quase o dobro, deixando-me à beira da exaustão (e a procissão ainda ia no adro).

Este ponto (115 por coincidência), localizado numa linha de água, entre dois socalcos de pequenas poças, encontrava-se cercado de silvados que não permitiam distinguir com clareza, por onde descia o leito do riacho. Depois de o picar e enquanto recupero os bofes, analiso o mapa para me orientar, contornando a água em busca dum carreiro do outro lado e quando o vislumbro, decido atravessar negligentemente por uma ponte natural (o que eu julgava ser umas pedras revestidas de silvas).

Ao colocar o pé e pela fraca consistência do terreno, imediatamente ouço o aviso de perigo – “cuidado que é oco” – mas a minha “vozinha” não foi suficientemente lesta. E no instante seguinte enfio num buraco, escorregando até bater com os pés no chão, que pelo chapinhar me pareceu ser o riacho. Aqueles segundos que mediaram entre a sensação de que vou cair e o momento que encontro terra firme, não deram para pensar em nada (ia como um passarinho). A partir daí é que o drama se inicia.

Fiquei apenas com os ombros e cabeça de fora, com água pelos tornozelos, rodeado de silvas e mal podendo movimentar os braços. Tentei puxar as mãos para cima para conseguir trepar, mas não tinha espaço para me erguer e corria o risco de me picar valentemente. Não se via ninguém, o que era natural, pois fui dos últimos a partir e já tinha perdido imenso tempo. Comecei a temer o pior – “vou ter de aguardar pelo pessoal que vem levantar os pontos”, já que me encontrava a escassos metros da baliza. Pelo menos não me tinha magoado seriamente, para além dum tornozelo que sentia a latejar, pela pancada da queda.

Passei uns angustiantes minutos (dois ou três?...nem sei bem), a empurrar silvas para poder retirar as mãos, o que vim a conseguir, quando surge um atleta (que não vou identificar), ao qual grito por ajuda…Gostaria de passar por cima deste momento, deveras deprimente, mas acho que não devo…Olhou para mim, ou seja, para a minha cabeça, pois não devia descortinar mais nada, como se eu ali não estivesse e continuou como se nada fosse, sem me dirigir qualquer palavra, apesar de eu ter berrado novamente.

Fiquei perplexo, quase em estado de choque, com a insensibilidade demonstrada e nem queria acreditar que ele não me iria auxiliar, mas a triste realidade é que “saiu de fininho”. Julgaria ele, que aquela cabeça com o patusco boné pertenceria a algum

duende da floresta e amedrontou-se? Haja alguém que o informe, que o "espécie" pode até não existir, mas o Luís é de carne e osso, c`os diabos!

Porventura, esta atitude terá acordado os meus instintos de sobrevivência, que abstraí-me das silvas, indo buscar forças ao fundo do buraco e aos meus frágeis bíceps, esgadanhando as paredes, consegui soerguer-me um pouco, fincando os joelhos e upa!...o "espécie" emergiu da tumba qual "zombie", mas o ranger estranho que eu ouvia eram os meus dentes, hehe.

Continuei de imediato a prova, para não meditar demasiado no assunto, mas uns poucos de metros mais à frente, ouço alguém a interpelar-me – "não se magoou pois não?". Ao reparar no mesmo personagem de há pouco, nem lhe respondi, de furibundo que estava, preferindo pensar que ele não se apercebeu da gravidade da situação. Se eu seguia ali a correr pelo monte acima, que raio de pergunta foi aquela? Vou gravar este episódio num pedaço de gelo, para não me incomodar. Mas é preciso ter muito galo, para se calhar, ter caído no único buraco existente na área e aparecer o atleta detentor do mais baixo nível de fair play da orientação nacional.

Após esta cena, a roçar o surreal, o cenário só podia melhorar. Os pontos seguintes obrigaram-me a um esforço físico suplementar, pois aqueles minutos de alta adrenalina, sufoco e algum pânico tinham quebrado as minhas parcas energias. O que eu necessitava era de encontrar os prismas, o resto passava a ser secundário. Por cada ponto que controlava, o ânimo ia aumentando, gerando forças renovadas para continuar a luta contra a adversidade do terreno, dado que os problemas de progressão se mantiveram quase até ao final.

No ataque à penúltima baliza, para evitar efectuar mais uma pernada de excessiva metragem, decidi invadir uma zona de quintais em patamares sucessivos (cuidado com os Bobis), para aceder rapidamente ao ribeiro e de seguida subir a derradeira encosta das chegadas. O que me custou descer até à água...senta...salta...ai os meus joelhos...botas no riacho…e finalmente trepar para o caminho, pelo meio de silvas. Arre! Isto é que é uma "galinha"!

Quase duas horas depois, extenuado, melindrado, aflito com o nó que não me desatava da garganta, mas satisfeito por ter superado as contrariedades e acima de tudo, são e salvo (rijo como um pêro), termino uma prova para mais tarde recordar...ou não.

Uns momentos antes de me enfiar pelo buraco

70. Fugindo aos galináceos

Na segunda jornada do seu Open, os "Amigos" decidiram demonstrar alguma amizade para com os participantes. Depois de nos proporcionarem uma carga de trabalhos no dia anterior, baixaram os níveis de exigência, para a malta não sair de novo maltratada e presentearam-nos com um mimo – sprint urbano no centro de Barcelos.

Uma prova em pleno reduto dos mais famosos galináceos nacionais. Eu só rezava para que eles não andassem à solta, senão arriscava-me novamente a ser colhido de surpresa por um "grande galo" ou em alternativa teria de fugir deles a sete pés, evitando potenciais "alergias".

Um percurso de 2.600 metros, com partida do interior duma escola, levando-nos a uma original passagem por um centro comercial, desfrutar o parque público, campo da feira, centro histórico e as suas estreitas artérias, Paços dos Condes e margem do Cávado, com regresso pelo jardim e uma chegada triunfal no Largo da Porta Nova, entre a Torre e o Templo. Agradável roteiro turístico, num trajecto simples, mas muito bem engendrado, a colocar à prova a capacidade de rápido raciocínio dos concorrentes.

Pronto! Escusam de me cortar na casaca. Lembro-me perfeitamente de afirmar, que não sou um grande amante de provas urbanas, mas também é verdade que já confessei a minha simpatia pelos sprints. Portanto, houve que proceder a uma análise custo-benefício e, para gáudio da minha mulher, lá me envolvi em mais uma corrida vertiginosa. A paixão pela Orientação sobrepõe-se com naturalidade, a estes gostos mais mesquinhos (ou requintados?).

Sentia os joelhos massacrados, resultado das descidas "bué" de loucas que tinha realizado em Palme, mas ao fim de meia dúzia de minutos de aquecimento, recuperei dos achaques. Arranquei disposto a imprimir um andamento que não me envergonhasse o sprint (basta de vexames). Só precisava de concentração, alguma agilidade mental e sobretudo não ser apanhado pelos "galos", que surgiam em cada canto e esquina.

Ia tendo problemas logo no segundo ponto, pois este encontrava-se localizado no pátio dum centro comercial e quando lá cheguei, deparei com a entrada "fechada", onde já se encontravam outros atletas a "admirar" a fachada (hehe). Foi necessário recorrer à senha

“abre-te sésamo”, para accionarmos a célula da porta (aproximem-se seus totós!). Cena caricata, que só deu para rir no final, porque na altura apenas eram audíveis os “raios e coriscos”, “carvalhos e sobreiros”. – “Então os gajos esqueceram-se de mandar abrir o centro?”. Pois…

Deambulei por vários pontos dispersos pelo centro da cidade, sempre com o olho de lado, de modo a não levar com algum galispo em cima. O primeiro confronto com os “bicos”, no parque da cidade, junto ao terceiro prisma, não gerou confusão, pois estavam todos circunscritos à capoeira. Já no ponto 5, tive alguma precaução – “olha ali um a lavar a crista no chafariz!” – aproximei-me pé ante pé, controlei e desviei-me de mansinho, ufa! A baliza seguinte apresentava uma guarda de honra de um rico par de galináceos (adoro aqueles “duvidosos” corações, hehe!), mas aguardei que estivessem de costas e…bip! E ala que se faz tarde!

Só que no sétimo controlo (137), o prisma estava colocado exactamente entre as patas dum soberbo espécime de “galo capão”. O verdadeiro, o autêntico e legítimo Galo de Barcelos (esse mesmo…o de penas pretas, crista encarnada e madeixas amarelas). Aqui não havia escapatória possível, fui obrigado a usar de diplomacia – “Vossa Excelência, ilustríssimo Galo Galarós, dar-me-á licença que pique no meio das suas pernas?” – E se ele tivesse respondido que não? Hehehe!

A meio do percurso, na procura do 129, penetrei numa área acastelada e deparei com o prisma em sentida vigília ao túmulo dum remoto conde barcelense (o chamado ponto-fúnebre). Como não sou do tipo místico, marquei e andei, mas gente houve que se “recusou” a controlá-lo, por questões de extrema sensibilidade espiritual (digo eu! ou por mp? hehe)

Para picar o ponto 9 teria de fazer uma passagem fugaz pela zona ribeirinha, local tão do agrado dos mais pequenitos, tendo por isso o máximo cuidado em não chocar com algum “garnizé”, que me saltasse de entre a vegetação. Bem tentei passar despercebido, mas não me salvei dum encontro imediato com um experiente “frango de aviário”, que me apanhou nas suas “garras” fotográficas.

Quantos mais galináceos aparecessem, mais o “espécie” dava da perna. A minha fuga estava a ser efectuada a um ritmo suficiente para os manter afastados, apesar de nos últimos pontos não ter enxergado nenhum, o que me levou a relaxar um pouco e quase perder de vista o ponto da estátua, já nas cercanias da meta.

Ao picar o 200, olho de relance por cima do ombro – “ai que vem aí novo garnizé!” – e “dou de frosques” atingindo uma velocidade de ponta anormal, com certeza infringindo alguma lei, dado que as chegadas situavam-se em zona pedonal, para obter um resultado, completamente de outra “galáxia”.

Depois de tanto porfiar, o “espécie” realizou um percurso de que se pode e deve ufanar (já estou de babete), inscrevendo a sua arrancada final a “azul” e conseguindo um honroso, quanto “monstruoso”, lugar classificativo. Será que a restante rapaziada foi apanhada pelos “galináceos”? Só pode.

Perseguido pelos galináceos

71. A festa do POM (I)

Em jeito de aquecimento

Até que enfim começou a festa anual da Orientação, para acabar de vez com as minhas noites mal dormidas, já me sentia cansado de tanta insónia. Não via o momento de pegar nas mochilas e abalar, ao encontro de quatro dias de alta competição, onde eu depositava forte esperança de se virem a tornar em mais um sólido marco na "bela história" da espécie de orientista. Para o melhor ou para o pior, mas sempre inesquecíveis.

No dia inaugural, o destino dos 1.350 atletas provenientes de duas dezenas de países, estava marcado para os arredores de Mora, na Mata do Cabeção, localidade que não poderia ter denominação mais sugestiva, que encaixa como uma luva na nossa modalidade. Não é verdade que todos nós vamos conhecendo os cabeços orográficos, que não raras vezes nos põem a cabeça à roda, deixando no final das provas muita gente cabeçuda? (na minha terra é mais pró melão) Ora aí está!

E dizem vocês – "lá vem o espécie com as suas analogias rebuscadas". Concordo plenamente, mas pelo sim pelo não, tomei o devido cuidado de não me transformar em mais um cabeçudo, no reino dos "cabeças grandes" ou dos "enormes cabeços", tanto faz, o resultado é o mesmo. Sobressaiu o lema "correr até não poder".

Tenho o pressentimento, que o mapa apresentado foi de molde a não estragar a abertura da festa a ninguém, ou seja, em jeito de aquecimento, num terreno uniforme, a fazer lembrar as suaves dunas do litoral, sem obstáculos de maior, a proporcionar um grande gozo aos corredores e a deixar toda a gente satisfeita com a sua prestação (com excepção dos cabeçudos, hehe). Um simpático cartão de boas vindas do CPOC, a quem coube a organização do evento.

Claro, que se estou com toda esta conversa fiada, é porque a jornada não me terá corrido mal, senão já tinha descrito um relambório de queixas e lamentos. De vez em quando e para não tornar estes relatos enfadonhos, o "espécie" transcende-se e comete umas proezas gloriosas (infelizmente sem continuidade).

Também não embandeiremos em arco, não foi assim um "graaaaande" feito. Atendendo ao que é usual na distinta carreira do "espécie", digamos que consegui um resultado moralizador, que desanuvia um pouco, o ambiente gerado por consecutivos comportamentos frustrantes.

- "Afinal vais ou não dizer em que lugar ficaste? Ainda pensam que bateste o Albano! " – "Chiu! Caluda! Sua "vozinha" maçadora. Eles que fiquem na dúvida".

Posso vos adiantar, que foram os 4.200 metros mais rápidos que alguma vez realizei em provas da Taça. Após dezoito controlos, numa média de progressão bastante aceitável e competindo com seis dezenas de companheiros, mais de metade estrangeiros, constatar que superei a fasquia a que me tinha proposto, só poderia ficar de peito feito.

Efectivamente, o não aparecimento de qualquer cabeção e a quase ausência de vegetação rasteira, tornou o percurso deveras acessível, de fácil navegação, com grande percentagem de pontos colocados em reentrâncias e excepcionalmente visíveis para os atletas.

Por acaso, este facto foi uma surpresa, que me beneficiou imenso e poupou-me às aborrecidas pastorícias. Apesar de as indicações técnicas da modalidade, irem no sentido de não se ocultarem demasiado as balizas, em Portugal cultiva-se o vício de "quanto mais escondido" melhor. Quero acreditar que possa ser uma medida didáctica – dificultar agora para melhorar mais tarde (não vislumbro bem o quê, mas enfim).

Não pretendo entrar em polémicas desnecessárias, porque nem estou habilitado para o fazer e francamente, até gosto de jogar às "escondidas", mas neste percurso os prismas encontravam-se todos "à mão de semear". O importante é que a prova me correu lindamente, não tendo atascado em nenhum ponto e o único tempo que perdi, resumiu-se a uma "traçadela" traiçoeira duns galhos secos, que me obrigaram a um pesado trambolhão (uff…o que me custou levantar).

Nesta etapa de aquecimento, os concorrentes do meu escalão oriundos de outras latitudes, não deram qualquer chance em termos classificativos. Dominam uma apurada técnica de base (em bebés brincam com bússolas em vez de guizos), que lhes confere uma superioridade difícil de atingir, não obstante o esforço desenvolvido pelo Albano (e por mim, hehe) para contrariar essa realidade. O nosso craque empenhou-se a fundo para entrar no top-ten, tendo-o conseguido in-extremis; o "espécie" batalhou arduamente para fugir à última dezena, ultrapassando esse humilde objectivo por larga margem (saiu-me do corpinho, mas valeu a pena).

Perante este quadro, não tenho direito a regozijar-me? Passe a imodéstia e baixa ambição, eu acho que sim, que devo desfrutar de momento tão raro. Mas por pouco tempo, pois veio logo alguém segredar-me – "Baixa a crista! Arrefece o teu ânimo! Lembra-te que o primeiro milho é dos pardais." Sábias e proféticas palavras.

Cabeção a começar…

…e a terminar

72. A festa do POM (II)

Estouro "espécial"

Não façam confusões, pois não estamos perante nenhum título de novela brasileira. É apenas a forma que encontrei, para traduzir o ponto forte (ou fraco?) do dia do "espécie". Na etapa mais relevante do POM, que pontuava para o ranking mundial (WRE), não estive tão bem quanto desejaria, mas tenho a sensação que podia ter sido bastante pior.

A área de competição, continuou na zona de Mora, mas desta vez, transferiu-se para a espectacular Serra de Briços, numa paisagem que nos leva a perceber o significado do termo "Alentejo profundo". Houve necessidade de penetrarmos uns quilómetros em estradão, para acedermos à Arena, mas o sacrifício mereceu recompensa.

A Organização entendeu, que a comitiva devia usufruir ao máximo daquele cenário natural tão aprazível e elaborou uns sub-reptícios "passeios turísticos". Ao colocar as partidas a cerca de 2.000 metros da Arena, "convidou" a malta a uma pernada extra, sob a forma encapotada de um saudável trajecto pelas margens de uma linha de água.

Não satisfeitos com a delicadeza, arranjaram maneira de nos oferecer nova prova de pedestrianismo, desta vez com "apenas" 1.500 metros, a distância das chegadas à Arena. Mas com um ligeiro inconveniente (ou dois), o percurso era o mesmo e alguns escalões percorreram nestas deslocações uma distância superior à das suas provas. Se tivermos em conta que a etapa era de distância longa e que a temperatura subiu anormalmente, alguém poderia ter sofrido uma "overdose" de quilometragem.

Comecei por ter um problema do foro logístico. A minha mulher partia logo a abrir e o desgraçado do "espécie", tinha de aguentar umas intermináveis quatro horas, para entrar em competição, prevista para a hora do almoço, que para cúmulo veio a coincidir com a altura mais quente do dia. Que diabo poderia eu fazer para matar o tempo, já que não fui admitido no baby-sitting? (hehe)

Assumi o meu papel de marido dedicado e acompanhei a minha mulher às partidas, num atencioso gesto de solidariedade. Só que este acto irreflectido (o tal bater do coração), veio a revelar-se uma asneira e da grossa. Dois quilómetros para lá, outros tantos de

regresso e mais tarde voltar para a minha partida, acumulei nas pernas meia dúzia de milhares de metros, perfeitamente de borla. E se estes passeios não matam, podem ter a certeza que moem. Esqueci por completo, que ainda teria de percorrer 7.300 metros e perseguir 20 "laranjinhas" em ritmo competitivo e este desgaste desnecessário não veio beneficiar em nada, a minha periclitante condição física

E à hora que devia estar a controlar um apetitoso ensopado de borrego, arranco para a segunda jornada, apenas com uma digestiva banana e um naco de bolo no "depósito". Decididamente, foi combustível insuficiente para dar resposta capaz à exigência do percurso.

A táctica baseava-se em tentar realizar uma progressão, que não fugisse muito aos dez minutos por quilómetro (nada de gozo ok?), que para as capacidades do "espécie", seria uma meta perfeitamente alcançável. E durante algum tempo julguei que iria conseguir.

As provas nacionais inseridas no calendário internacional, criam-me sempre certa apreensão. Normalmente, os nossos responsáveis tentam aprimorar um pouco mais os percursos e colocação de pontos, elevando o nível técnico e físico, para complicar a vida aos ases estrangeiros e como resultado, o "espécie" estampa-se por completo. Para contrariar essa propensão para o disparate, este ano resolvi entrar no mapa com todas as cautelas.

As balizas iniciais causaram alguma preocupação, mas com um ou outro zig-zag, fui levando a água ao moinho. A concentração era tal, que nem reparei que o sexto ponto estava encostado a uma anta, do tempo do homem das cavernas (para mim não passava de mais uma "pedrola" com chapéu, hehe).

Apanhei com facilidade o complicado trilho que me ajudaria a descer até ao açude, mas após transpor, qual cabrito do monte, uma barreira (tipo parede radical) junto à margem, aparece-me pela frente uma profusão de caminhos e começo a desatinar. O mais difícil tinha eu ultrapassado e agora não encontrava uma reles reentrância entre dois carreiros?

Pois não. Desci e subi várias vezes, esfalfando o cabedal em vão. Quando raciocinei convenientemente, volto à barragem, relocalizo-me e pimba! Lá estava o chato do 149. Entretanto foram cinco minutos para o "galheiro" e um consumo extra de energias, que tanta falta me haveriam de fazer mais adiante.

Como vinha a efectuar uma prova equilibrada, fiquei pior que uma barata, com este percalço e numa tentativa desesperada para recuperar a média de progressão, que entretanto tinha perdido, acelero o ritmo inconscientemente. Durante as oito pernadas seguintes, até ao décimo quinto ponto, realizei uma prova sem nenhum contratempo, conseguindo novamente baixar a média, mas quase sem dar por isso, o gás ia-se esfumando.

- "Água…água…preciso urgentemente de beber." Para mal dos meus pecados, não havia qualquer ponto de água nas redondezas e quando na pernada dos controlos 14/15, me apercebo que o único "bar" existente, me obrigava a um desvio para cima de 400 metros em relação à minha rota ideal, tomei a decisão de continuar. Erro de avaliação monumental.

Na progressão para o fosso do ponto 15, comecei a sentir problemas respiratórios e mal inicio a subida da reentrância rumo à baliza seguinte…Bum!!! Estouro retumbante! Dei o berro pura e simplesmente. O estrondo foi de tal ordem, que até podia ser considerado poluição sonora. Fiquei paralisado a arfar, sem conseguir andar nem para a frente nem para trás.

- "A barra...come a barra...tás surdo ou quê?" – "Barra?...Ahhh!...a barrinha de cereais que tenho no bolso". Quando se está no limiar da exaustão, o cérebro recusa-se a trabalhar. Com muito sacrifício (a seco é terrível), fui mastigando a barra energética, que costumo levar em provas mais longas e aos poucos ganhei algum alento. Pelo menos recomecei a andar.

Fui-me arrastando até à vedação que antecedia o ponto16 e quando já me encontrava empoleirado, reparo num portão aberto uns vinte metros à frente. Continuava bloqueado, sem raciocinar.

Não sei se pela influência dos cereais, se por ter deixado de correr, recobrei alguma energia, que me permitiu terminar com dignidade. Cerrei os dentes e ainda esbocei uma penosa corridita final, para evitar que os "mirones" das chegadas se apercebessem da minha debilidade, hehe. Orgulho de "espécie" é assim mesmo.

Acabei por exceder em nove minutos o que inicialmente tinha programado, que nem devo considerar um grande desastre, tendo em conta o sofrimento das derradeiras pernadas.

Uma sequência de atitudes irreflectidas deu neste resultado. "Passeios" dispensáveis, deficiente alimentação, corrida descontrolada em várias pernadas, aliadas a temperatura alta e ausência de pontos de água acessíveis ao meu percurso, podiam-me ter provocado uma situação extremamente complicada. Quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que paga.

Serra de Briços

73. A festa do POM (III)

Reviver o passado em Pavia

E foi aqui que tudo começou!

Passaram quase dois anos, desde que participei num campeonato de sprint e distância média, precisamente em Pavia e Caeira. Duas provas que foram o culminar de um entusiasmo gradual, que me motivou a iniciar os absurdos textos da espécie de orientista, com a crónica "Pavia em dois dias", já considerada como uma antiguidade. E nada poderia ser mais adequado para a comemoração da efeméride, do que a suprema festa dum Portugal O`Meeting.

Portanto, desculpem a lamechice, foi com uma pontinha de emoção que regressei ao local do "crime". Não que tivesse cometido grandes proezas naquela altura, mas não deixa de ser um momento importante, na minha ainda breve passagem pela modalidade, o nascimento do "espécie". Esta decisão envolveu-me por completo no fenómeno orientação, tendo simultaneamente fornecido no aspecto competitivo, uma preciosa ajuda na minha evolução como pretenso orientista (devagar…devagarinho, já esteve bem pior).

Depois de dois dias a calcorrear montados, com resultados minimamente aceitáveis, as características dos terrenos iriam sofrer alteração, passando as "pedrolas" a ditar leis. Neste contexto, o "espécie" tinha de se apresentar ao melhor nível, senão seria positivamente trucidado pela concorrência.

O mapa de Remendo, com 4.400 metros, 16 controlos e um desnível irrelevante, recheado de zonas abertas, mesclado com áreas pedregosas, que davam um toque técnico à etapa, iria ser percorrido a velocidades assustadoras, disso tinha eu a certeza, dado que o "batalhão nórdico" não me inspirava confiança. Apresentavam-se de "chip" afiado para nos estraçalhar o cronómetro. Bárbaros!

Para confirmar as minhas suspeitas, mal analiso a sinalética, conto doze pontos de "mão dada" com as pedrolas. Acontece é que neste género de terreno, as pedras aparecem como detalhe, não como uma imensidão de cinzento, o que atenua a confusão, mas claro

que nem tudo o que é pedra pode ser cartografado e aqui reside o meu maior "bico-de-obra".

Até ao ponto oito foi um fartote de pedrolas. Penedos, pedras e pedrinhas, associadas a algumas escarpas, obrigaram-me a uma concentração permanente, mas não impediu que o parceiro de escalão que me perseguia (um E.T. finlandês), me tivesse alcançado logo na terceira baliza. A preocupação em andar rápido teve como consequência, ultrapassar o ponto em mais de cem metros e isto numa área limpa, com meia dúzia de rochas dispersas. A ansiedade num destes dias mata-me.

Quando começasse a "reunião" de pedrolas ia ser o bom e bonito. Mas, por mais incrível que possa parecer e contrariando todos os prognósticos, que vaticinavam um "espécie" cilindrado, não tive mais nenhuma pastorícia até ao penúltimo controlo. "Desbundei" toda a pedraria na paz do Senhor. A diferença far-se-ia nos andamentos e nesse capítulo, por melhor que me encontre, não consigo ter pernas para a rapaziada voadora.

No entanto, seguia com a moral elevada, pois tinha a percepção da boa prova que estava a realizar e acabava de ultrapassar no ponto 13, um companheiro "acelera", que me havia deixado nas covas, na progressão para o ponto seis – "Tchau! A gente vê-se na meta!" – ironizara ele. Mas não se passou assim, hehe. Demasiada à vontade é má conselheira.

Com as chegadas à vista, que funcionam como autêntica tortura quando um tipo se atasca nas imediações (morrer na praia…ouviram falar?), procuro o prisma numa escarpa dum pontinho preto do mapa, só que a dita pedra era do tamanho da baliza (mania de cartografarem os seixos!). Perdi mais de minuto nesta brincadeira, porque para além do meu ponto, ainda haviam mais dois naquela zona, só para me atazanar o miolo. Para não variar, esses apareceram primeiro…dá-me cá uma azia (grrr).

Em jornada revivalista e de modo a não deixar ficar mal o "espécie" em dia de aniversário, vi-me obrigado a puxar dos galões para ultrapassar a contrariedade das "pedrolas", apenas necessitando de quarenta e dois minutos para esse efeito. Acham insuficiente? Mas foram com muita boa vontade.

74. A festa do POM (IV)

Rebolando sobre pedras

O POM`09 foi estruturado, no que a percursos diz respeito, com uma exigência gradativa. Um Cabeção pouco complicado a abrir, apenas para aquecer as dobradiças e motivar o "people", seguido da prova longa do WRE, que implicava níveis físicos mais elevados (eu que o diga!), mas tecnicamente acessível. Dois terrenos de características diferentes, um de floresta e duna, outro em típico montado alentejano, mas que não acarretaram grandes problemas à maioria dos atletas.

A segunda parte do evento mudou completamente de tom. O mapa do Remendo, utilizado nas últimas jornadas, elevou o nível técnico da competição logo no terceiro dia, para terminar em apoteose com uma etapa espectacular, no derradeiro percurso da Caeira. Podemos afirmar, que o nível das provas foi directamente proporcional ao aparecimento das "pedrolas".

A partir do momento em que tive acesso às informações técnicas, que a etapa de encerramento no Remendo/Caeira não me caiu no goto. Dava a ideia de um percurso demasiado extenso para a exigência técnica que se previa, se tomarmos em consideração o desgaste sofrido por três etapas consecutivas. Uma distância superior a sete mil metros, com vinte e cinco balizas, num terreno com predominância de "pedrolas", fazia temer o pior para as cores do "espécie". O percurso do dia anterior, já tinha funcionado como aperitivo para o que se iria seguir.

A Organização, dando a ideia de ser adepta fervorosa do maior vício orientista da actualidade – a "colice aguda" – alinhou à partida dois elementos de cada escalão, com a indicação de que haveriam "loops". Em que ponto se efectuaria, isso era mistério.

Calhou em sorte (ou azar?) ao "espécie", como oponente na largada, um "rapaz" algo calvo, usando uns óculos de massa (tipo Elvis Costello), calça de pijama (?) esburacada e t-shirt que já viu melhores dias. Mira-me de cima (media mais 10 cm), invejando o meu fatinho laranja com certeza, com um sorriso enigmático sob um farfalhudo bigode e atira-me um despreocupado – "Hello". Respondi-lhe com um "good morning" nervoso, pois aquela cara não me era de todo estranha.

Ao minuto zero…pum! O homem sai disparado que nem uma bala, não hesita um segundo no triângulo e desaparece no horizonte. Mas que é isto? O tipo já conhecia o mapa, é um extra terrestre ou julga que estamos numa prova de sprint? Quando chego à linha de água, escassos metros mais a baixo, ele não passava de uma fugaz sombra no meio da vegetação.

Parei uns breves instantes para me orientar e aí entendi o seu comportamento. Por respeito ao "espécie" e demonstrando um desportivismo de louvar, fugiu de mim a sete pés, para evitar cair na tentação de me seguir na cola. Atitude que não tive ocasião de lhe agradecer. Mas a verdade nua e crua, é que se ele podia gastar sete minutos naquela pernada, porque carga de água iria demorar onze! Hehehe! Ah grande Per-Olof! Só para informação, esta alma do outro mundo, oriundo da Suécia, foi o vencedor do POM, no meu escalão.

A navegação para o primeiro ponto, estava facilitada, pois bastava seguir a ribeira e o rasto destruidor do Per (hehe), mas havia necessidade de contar as linhas de água afluentes (e contar não é meu forte). Ao transpor a primeira, teimei que era a única e pastei uns três minutos dum lado para o outro, à procura de um ponto inexistente. Só depois de muito vaivém, estudo o mapa com atenção e…outro curso de água? Bem podia lá estar até hoje (ceguinho!). Este meu lapso não é para admirar, ainda me encontrava traumatizado pelo "furacão da Escandinávia".

Não foi um começo auspicioso, sobretudo porque ainda estávamos numa fase em que o terreno não dificultava. As primeiras quatro pernadas limitavam-se a fazer a transição da área aberta, para o mundo tenebroso das "pedrolas". Antes de penetrar a fundo na zona da pedraria, controlo dois pontos periféricos com eficácia e então surge finalmente a progressão para o início dos "loops" (segredo bem guardado). O "196" funcionaria como sexto, nono e décimo terceiro controlos.

Não sei a que propósito me convenci, que este ponto estaria bem visível, porventura porque iria funcionar como central de rotação? Talvez. Saio da baliza 5 com demasiada ligeireza, utilizando o azimute, mas baixo inexplicavelmente o mapa e quando me apercebo da asneira era tarde demais.

Encontrava-me no meio duma confusão de pedras, com gente a correr em todas as direcções, aparecendo prismas em tudo quanto era "pedrolas". Desorientei-me, não identificava nenhum pormenor no mapa e só me restou aguardar por uma pontinha de sorte, que bem necessária é nestes momentos. E ponto de grilo!

O caos estava instalado, com muita gente à "procura da rolha" numa área tão restrita, que originou uma balbúrdia aflitiva. Pontos não faltavam, mas infelizmente eram sempre dos outros. Após uns minutos de forte atascanço, com pedra acima, penedo abaixo e uma zona pantanosa de permeio a complicar, encontro a bendita baliza. A pedra tinha uma configuração invulgar, fazendo lembrar ironicamente um ponto de interrogação, detalhe que me iria ajudar nas próximas passagens.

Com umas pernadas mais desembaraçadas, outras mais atabalhoadas, rebolei cerca de meia hora nos amontoados de pedras, para picar oito pontos (uma infinidade, que me ia provocando uma monumental "pedrada"). Parecia que estava destinado a não sair mais daquele labirinto.

Quando por fim controlei o ponto 14, o último desta série de "pedrolas", respirei fundo de alívio e quase me apeteceu gritar – "Estou livre!" Tinha sido uma experiência intensa e desafiante, mas sentia-me uma vítima da criatividade do traçador. Um ori-show em plena etapa de distância longa, é dose. O "espécie" ainda não adquiriu camioneta para tanta pedra. (hehe)

Apesar de ainda faltarem onze pontos e mais de três quilómetros, uma parte em lamaçal pegajoso, a "viagem" de regresso foi percorrida em vertiginosos 26 minutos, que para as capacidades do "espécie" deve ser incluída no capítulo das proezas. Mas dificilmente poderia remendar os estragos dos períodos de desorientção a que estive sujeito.

Sendo esta a etapa rainha, senti uma certa tristeza e alguma frustração, por não ter alcançado um desempenho na bitola das anteriores. Gostaria de terminar a festa em beleza, mas este percurso penalizou-me bastante. No entanto, se analisar os resultados pelo lado positivo, claro que tenho de considerar este POM como o melhor de sempre e provavelmente nem estaria a contar com tanto acerto. É uma questão de ambição – deram-me uma mão e eu já ansiava pelo braço.

Parafraseando um companheiro bem mais desalentado – "Para o ano há mais!" Concordo, assino por baixo e acrescento – "Adeus Mora! Até breve Figueira da Foz!"

O género de pernadas onde o "espécie" é imbatível (Caeira)

75. O “espécie” volta a atacar

- “Não vou escrever uma linha sobre a prova. Isto foi mau de mais, para ser partilhado. Basta de exposição e vexame. Se burrice fosse doença, nesta altura entrava de baixa.” – “Deixa-te de peneiras, pois sei que vais comentar qualquer coisa. É mais forte que tu”.

Este diálogo aceso entre o casal da espécie de orientista, passou-se poucos momentos após ter concluído a primeira etapa do XI Meeting de Orientação do Centro, que decorreu em Pataias.

Dá para perceber pelo meu estado de espírito, que passei um dia funesto, que me deixou à beira dum ataque de desespero. Comecei por elevar a fasquia, o sonho sobe em demasia e depois falta-me poder de encaixe para aguentar tanta incompetência.

A vontade para vos relatar o que se passou é francamente nula, mas como diz a minha mulher, não consigo resistir a uma “fofoquice” orientista, mesmo que o visado seja eu (hehe).

O perfil da etapa assentava-me na perfeição. Um traçado sobre distância média (4.100 mts), em terreno de floresta limpa, decorado de suaves dunas e um micro-relevo substancialmente técnico. Mapa que tinha sido utilizado no recente mundial de veteranos, onde eu tinha marcado presença, facto que me deveria beneficiar (a realidade provou o contrário).

Para tornar a prova mais aliciante, os craques do COC não poderiam competir, pois faziam parte da Organização, deixando o nosso escalão completamente aberto. Uma oportunidade única de alguém conseguir um “bonito” (coube essa consolação ao José Pires) e proporcionar aos restantes, pontuações acima da média. Perante cenário tão “cor-de-rosa”, o objectivo do “espécie” passava por alcançar a melhor classificação de sempre.

Desloquei-me para as partidas a irradiar optimismo, o que nem está muito de acordo com a minha personalidade e juro que nem tomo Prozac, nem aprecio Redbull. Sentia-me confiante e pronto!

Foi sol de pouca dura. Tenho um início demasiado rápido e no ponto 3 já estava a fazer inversão de marcha, pois passei-o sem o ver. Esmoreci de imediato. A pernada seguinte levou-me a revisitar a célebre e imponente duna "lunar" do WMOC (a tal que se sobe de joelhos), só que desta vez abordei-a pela encosta menos íngreme, mas não deixou de me causar um ligeiro sufoco.

Estando este ponto colocado num topo, pode ter acontecido um fenómeno atmosférico, em que o ar se tornasse mais rarefeito, tenha baixado os níveis de oxigenação e o meu cérebro ter-se ressentido desse efeito, toldando-me o raciocínio e as "vistinhas". Só uma explicação rebuscada e altamente científica como esta, pode justificar a inqualificável atrapalhação que se seguiu, hehe.

A quinta baliza situava-se numa reentrância, a pouco mais de cem metros da duna, sendo necessário descer uma zona de verde quase intransponível. Ultrapassar a vegetação foi rápido, descobri um trilho dos parceiros anteriores, mas inesperadamente surge-me um caminho que "não constava" do mapa. Como era possível acontecer semelhante falha numa prova do WRE? O mapa não tinha sido actualizado? Com falhas e desactualizações estava eu.

Comecei a desorientar, espreitei um ponto que não me interessava (por descargo de consciência) e nem queria acreditar, quando me apercebi que me encontrava atascado no mesmo local onde tinha passado as "passas do Algarve" no WMOC. Inacreditável que a cena se tenha repetido, mas não havia dúvidas, o "espécie" voltara a atacar. Uma área sobrecarregada de caminhos e eu não conseguia distingui-los no mapa. A Dona Célia tem de me arranjar urgentemente um daqueles óculos futuristas.

Miro e remiro, ponho a lupa, oriento-me pela duna, dirijo-me a um caminho, assalta-me uma dúvida e sprinto para outro, bato duas reentrâncias em redor (cumprimento os tipos da TV, hehe), hesito para uma terceira (a dita cuja) e finalmente decido posicionar-me no carreiro que eu não descortinava na carta. – "Os traços finos e longos junto ao verde-escuro, não te parecem um trilho?" – "E só agora dizes? Ando aqui há oito ou nove minutos! Caramba!" – Fiquei desaustinado, pois mantive-me sempre a escassos metros da baliza.

Mal refeito da palermice, continuo ao melhor nível do "espécie", saio mal do controlo em azimute todo torto e embico para o caminho errado, que definitivamente só me iria causar mais problemas. Reequaciono a opção, salto para outro caminho, corro como um desalmado, mas cada vez me sentia mais perdido (e o amigo Margarido a apreciar o meu desatino, hehe).

Afinal eu só pretendia um ponto numa clareira, é assim tão difícil? Efectivamente não era, mas continuo com a arrepiante capacidade de tornar complicado o que é simplesmente básico. Com mais esta pasmaceira, adiciono ao pecúlio das pastorícias uns injustificáveis quatro minutos. O sonho esfumou-se. Bastaram dois pontos para me colocar no meu lugar.

Não valia a pena desmoralizar, estes episódios são por demais recorrentes, portanto havia que levantar a cabeça e tentar que os restantes doze pontos me corressem melhor (pior seria impossível). E na verdade foi uma limpeza, nem o "Omo" seria tão eficiente,

hehe. Então os controlos na área mais técnica, após o ponto de espectadores, até davam ideia de que chamavam por mim.

Apenas mais um dado, para me levantar o moral e não ficarem com tão má impressão do "espécie". Até ao malfadado ponto seis, só um companheiro estava a ter uma prestação mais negativa do que a minha. Daí em diante, consegui uns parciais de qualidade, que dariam para colocar uma dúzia de parceiros para trás das costas.

Depois de constatar que não estava a sonhar em vão, o desapontamento ainda tomou maiores proporções. – "Posso eliminar o quinto e sexto ponto, posso?"

76. Jornada de vingança

Desde que me tinha levantado, uma ideia me martelava a mente de modo incessante – vingança! A segunda jornada do Meeting do Centro, que repetiria o mapa de Pataias, estava destinada a ser o instrumento capaz de me proporcionar esse doce sentimento. A infeliz prova do dia anterior exigia superior desforra. A tarefa não se antevia fácil, pois 7.100 metros, com apenas 13 controlos, indicavam que teria de haver corrida desenfreada e ajuizadas opções, senão estaria perante novo descalabro.

Quanto às correrias, estamos conversados. Já me vou mexendo qualquer coisa, mas ainda estou longe do nível médio dos meus "compinchas" de escalão. Estas provas longas, geralmente compõem-se de duas ou três pernadas bastante extensas, associadas a várias hipóteses de progressão, que acabam por fazer a diferença no final. No entanto, existe sempre uma componente técnica, que pode ter uma palavra a dizer.

Se o busílis da minha vingança assentava nas longas deslocações, então haveria que focar toda a raiva, concentração e espírito de sacrifício, nesses breves momentos decisivos, em que as escolhas teriam de ser feitas rápida e eficazmente, mas de cabeça fria, o que pessoalmente torna tudo mais complicado. Venha a hora de partida, para se repor a verdade dos factos!

11.01,00 – A vingança tem o seu início!

Não tive qualquer dificuldade a entrar no mapa, mas como eu conjecturava, os seus traços vermelhos eram enormes, pois cada pernada apresentava-se mais comprida do que a anterior, pressupondo mais que uma opção, dada a boa rede de caminhos e o terreno se encontrar bastante limpo. Esse facto poder-me-ia vir a causar dissabores. Julgava eu estar a comportar-me à altura dos acontecimentos, quando me apresto para atacar a reentrância do ponto 3, após uma pernada de mil metros...

11.23,16 – Grande safanão no meu objectivo.

Pico o ponto, mas reparo que mais à frente já seguia em velocidade de cruzeiro, o meu "nórdico" de estimação. Donde raio surgiu ele, que nem o vi passar? Pois é, o "amigo" Per-Olof acabava de me ganhar dez minutos ao fim de três pontos e dois quilómetros.

Nesta altura podia ter abandonado a vingança, por danos morais, mas "alguém" me segreda – "Esquece o tipo, ele é de outro campeonato. Preocupa-te simplesmente com a tua prova". Conselhos conscienciosos devem ser acatados.

O ataque à quarta baliza veio acalmar as hostes, pois obrigava-nos a escalar uma colina altaneira, o que exigia algum esforço e um consequente ritmo mais condizente com as minhas capacidades. E digo isto, porque subo relativamente bem e foi sem grande esforço que mantive o "super-Per" em linha de vista. A subir não me ganhou ele um metro, mas após o topo, ligou o turbo e deixou-me na poeira do seu rasto. Também não pretendia seguir na sua "cola", já que ele não o tinha feito comigo na Caeira, lembram-se? (hehe) Cortesia com cortesia se paga.

Seguia-se um respeitoso trio de pernadas, que nos levaria ao ponto de espectadores. Mais tarde vim a confirmar que uma delas (6/7), com uns intermináveis 1.800 metros em linha recta, foi o trajecto parcial mais extenso, que eu jamais tinha efectuado (ainda vou batendo recordes).

Como atrás referi, havia que estar atento às opções a tomar neste género de pernadas. Valia sempre a pena perder uns segundos a escolher o melhor percurso, pois caminhos e áreas abertas não faltavam. E se a primeira das três super-pernadas, não resultou em termos de cronómetro (parei para auxiliar um "perdido"), o parcial para o sexto ponto, veio demonstrar que fiz uma das melhores opções da etapa. Mas logo de seguida podia ter deitado tudo por terra.

11.45,11 – Momento em que a decisão para a pernada mais longa, coloca a vingança em risco.

Percorrer quase dois quilómetros dum só fôlego, depois de já carregar quatro nas pernas, tem que se lhe diga. Para facilitar a tarefa, convinha escolher a opção que menor esforço impusesse. Logo me saltou a hipótese de ir pisar o alcatrão. A estrada que passava a escassos metros desta baliza, podia ser a solução mais rápida, para me fazer chegar ao tal ponto junto à Arena, mas optei por uma sequência de caminhos, que igualmente me levariam ao mesmo destino, tendo de percorrer uma menor distância.

Não tenho dúvidas que era a escolha correcta. Só que para tudo batesse certo, tinha de sair do ponto convenientemente, de modo a apanhar o trilho à primeira. Como me desviei um pouco para a direita, entrei num outro caminho, perpendicular ao pretendido, que durante uns metros me encaminhou na direcção errada. Quando olho para a bússola e noto que o norte havia "mudado" de lugar, vi que era uma perda de tempo voltar atrás e decido navegar à verdadeiro orientista, num azimute puro e duro (chamem-me louco que eu não levo a mal).

Se o mapa não me enganasse, encontrava-me na vizinhança de uma extensa área aberta, que me serviria de óptima referência. A partir daqui e devidamente relocalizado, realizei uma pernada irrepreensível, em termos de progressão e orientação. Clareiras, limites de vegetação, atravessamento de caminhos, zonas de floresta limpa e alguns verdes intransponíveis, foram o meu guia para realizar um trajecto espectacular, pelo menos do ponto de vista técnico.

Acabei por chegar ao ponto de espectadores, contabilizando algumas perdas com certeza, mas não irreparáveis. Vingança nenhuma me poderia roubar o prazer desta pernada. Qual estrada, quais caminhos, isto sim, é orientação!

12.01,19 – Ponto de espectadores, onde os contornos da vingança começam a sobressair.

Não me posso queixar da primeira fase da etapa, em que tive de despachar sete controlos em cerca de meia dúzia de quilómetros, mas efectivamente a ponta final, com os derradeiros prismas colocados numa área de micro-relevo, que me podia beneficiar os intentos, veio a revelar-se decisiva no tocante à minha imperativa desforra.

Zonas com excesso de detalhes, normalmente geram confusão, acabando por tirar proveito, quem as consegue ultrapassar sem grandes lapsos. Depressa e bem há pouco quem, mas contrariando a popular sabedoria, eu dificilmente poderia fazer melhor nestas últimas pernadas (só roubando as "asas" do Per, hehe). Motivado com a excelente prestação, que sabia estar a realizar, terminei em força, conseguindo recuperar uns preciosos minutos, à maioria dos parceiros nacionais, catapultando-me para um digno lugar classificativo.

12.12,55 – Estou vingado!

Vingado de quem e do quê? Perdoem estes meus instintos mais primitivos, sei que a vingança não é um sentimento muito nobre, apesar de inteiramente justo, só que desta vez não resisti e tive de proceder a um ajuste de contas com um amigo de longa data, que ultimamente me tem deixado ficar mal em público – o espécie de orientista.

77. O dia da sintonia

Se a memória não me atraiçoa, tenho uma vaga ideia de alguns dias nacionais surrealistas, em que se comemora de tudo um pouco. Ele é o dia do "churro queimado", a festança em defesa das "pulgas da areia", a evocação anual dos "fósforos de cabeça azul" ou a mediática jornada de solidariedade para com os "sofredores de calos".

Bom, já era tempo de alguém sonhar com um dia nacional a preceito (felicitações ao dinâmico Orientovar), elegendo uma actividade que abordasse algo com seriedade e simultaneamente chamasse a atenção para a prática do exercício físico em família, de um ponto de vista diferente, onde se privilegia um ambiente de verdadeira festa de interacção com a natureza – o "Dia Nacional da Orientação" comemorado a 14 de Março – que vai perdurar como um marco histórico no desenvolvimento da modalidade. Um dia em que cerca de duas mil pessoas se envolveram na mesma actividade, sintonizadas com o mesmo espírito orientista, em dezenas de localidades por esse país fora. Um capítulo, que se espera venha a ser o primeiro de muitos.

Mas para o vosso amigo não ter falta de comparência neste dia memorável, não imaginam pelo que tive de passar. Os últimos quinze dias foram de uma aflição sem limites. O sacrifício que fui obrigado a fazer para me poder apresentar a um nível aceitável, dever-me-ia proporcionar um prémio de abnegação e teimosia.

Após a prova de Pataias, fui acometido por uma daquelas gripes perseverantes, que me impediram de treinar um segundo, um centímetro que fosse. Febre, tosse, congestão nasal e dores corporais (vá lá que não perdi o apetite, hehe), declararam-se sintomas demasiado complicados, para quem pretendia a toda a força estar presente no Parque de S. Roque, para participar no V Troféu de Orientação do Porto, prova englobada no dia especial da Orientação.

Se não podia treinar, ia tentando remendar o físico o mais eficientemente possível. Então, emborquei umas doses maciças de antibióticos, xaropes, "paracetamois", rebuçadinhos de S. Brás e afins, de modo a não faltar a evento tão significativo. Podem crer que levei uns treinos medicamentosos de respeito, mas a Nª Srª das Espécies também ajudou.

Precisava apenas de uma opinião avalizada que me permitisse dizer "presente". O inquestionável e definitivo veredicto médico. "Eh pá, tu não estás em condições de correr. Vais abafar." – "Deixa lá, também corro pouco. Só quero mesmo é estar lá." – "Ok, se te der a "faniqueira" não me venhas chatear. Boa prova."

Com mais ou menos falta de ar, com muita ou pouca expectoração, o certo é que não ia faltar, nem que fosse a passo, pois nesta altura dos acontecimentos o resultado da prova era questão de menor importância. Acresce ainda o facto, de que os médicos sempre me transmitiram a ideia, que qualquer exercício físico só tem alguma validade se demorar pelo menos meia hora e eu nem estava com essa disposição.

Os meus 2.300 metros e vinte e seis controlos, em condições normais seriam para gastar bem menos, mas conselho médico é para ser respeitado e estando eu em convalescença, o melhor seria demorar mais um pouco. E por escassos três minutos não o ia conseguindo (hehe), sou um moço bem mandado. Mentira! Durante a prova nem me lembrei de qualquer indicação médica, o problema foi de outro calibre.

Decididamente, não me sentia muito bem, a tosse não me largava e a "gapeira" dos brônquios quase me abafava, mas parti como se estivesse são como um pêro. Sendo um percurso de parque, a escala do mapa foi aumentada para 2.000 e mal dou a primeira corrida (a descer), fiquei de imediato com a sensação de que tinha "deslizado" em excesso. Até encontrei um patamar, mas de certeza não era o que pretendia. Esse situava-se mais acima, o que desde logo me obrigou a despender um esforço extra, para subir o que não devia ter descido.

Mal tinha começado e por força daquela subida desnecessária, a tosse atacou em força e passei um mau bocado entre o primeiro e segundo ponto, a tentar expelir as excrescências que me entupiam. Cof…cof…cof…Meninos…foi cá uma limpeza! (hehe).

O percurso composto por dois loops nos primeiros dez controlos, com dezassete pontos no parque e os restantes nove no complexo desportivo Monte Aventino, teve uma fase inicial em constante sobe e desce, demasiado exigente para a minha confrangedora condição física, que me deixou completamente nas lonas. E as "ouras" a que fui sujeito em pleno jardim labiríntico? Ai que fraqueza a minha!

Não foi só a tosse e as vertigens que me incomodaram, a falta de genica nas pernas é que me fez lembrar a minha real debilidade. Os pontos ali tão perto e eu incapaz de lhes chegar como desejaria. Frustrante não lhes parece? No entanto, arrastei-me o melhor que pude, fazendo alguns intervalos para umas inalações de ar puro e outros para o cof…cof…arreliador. Ainda não tinha passado por uma situação semelhante, mas o importante é que eu estava lá! (a recompensa pela teimosia estava ganha)

A passagem do mapa de S. Roque para o do Monte Aventino proporcionava a pernada mais longa, que todos os concorrentes tinham de efectuar durante 150 metros, transpondo um trecho de uma estrada secundária, que finalmente permitia pôr os motores a carburar a todo o vapor. Mau grado a minha força de vontade, limitei-me a deslocar com todo o cuidado, para ver se conseguia terminar sem nenhum dissabor. Se eu apanho quem andou a colocar "cola" na estrada, nem sei o que lhe faço! (hehe)

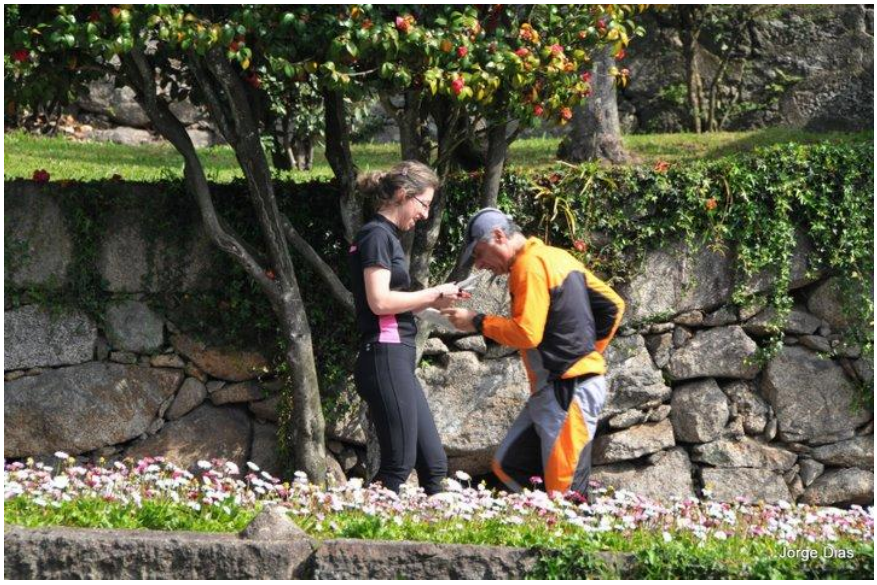
Alguns instantes depois concluía uma prova, que dois dias antes eu julgaria não ser possível participar. Consegui tornar-me num protagonista, das largas centenas que estiveram presentes neste belo momento de Orientação. O tal dia, que uns "senhores" criativos da imagem e propaganda basearam no lema – " o país vai andar em sintonia!"

– Enganadores! Os publicitários são sempre uns exagerados. Sintonia? Mas que sintonia é esta que o Mário Santos me deixou "dessintonizado" em mais de oito minutos? Está certo que ele não se encontrava doente e eu não possuo o seu "comprimento de onda", mas caramba, isto não era para brincar? Hoje em dia já não se pode acreditar em tudo o que se lê.

Os ares de S. Roque surtiram efeito terapêutico. Purificaram-me de tal modo, que no dia seguinte estava rejuvenescido para mais uma sessão de tratamento orientista, no maravilhoso Parque de Serralves, onde iria decorrer o Justlog Park Race, evento que dava continuidade à dupla jornada do GD4C.

A "tossiqueira" continuou a consumir-me, mas no meio do paraíso quem se preocupa com minudências terrenas? Ia ter o privilégio de desfrutar dum soberbo passeio turístico "guiado", de 2.800 metros e 24 paragens obrigatórias, pelo interior do mais emblemático parque da cidade, que de certeza não seria um reles catarro que me inibiria.

Sendo a segunda vez que percorro este mapa, não me surgiu qualquer problema técnico de difícil resolução, alcançando um crono na casa dos 27 minutos, bem mais perto dos melhores que na etapa anterior, mas as diferenças continuam a ser substanciais. No entanto, considerem a atenuante de que o "espécie" estava doentinho. Cof…cof…cof…



Parece montagem, mas não é…pura concentração (Parque de S. Roque)
(um momento único, obrigado Jorge)

O aspecto viçoso do “espécie” apesar de doentinho, na partida do Monte Aventino

78. Longa e dura distância

Longa e dura é a distância,
Que me obriga a penar.
Frustrando a minha ânsia,
As pernas recusaram andar.

Na simplicidade destas quatro linhas, ao melhor estilo de "Tóno Rimas", traduzo fielmente o sentimento da minha modesta (mas "mui" digna) participação no Campeonato Nacional de Distância Longa, que se desenrolou no coração da Serra da Cabreira, da responsabilidade dos exigentes minhotos .COM.

O dia nem começou sob os melhores auspícios, pois ao chegarmos à zona da Arena, constatamos que o incêndio, que já vínhamos a observar quilómetros atrás, lavrava com alguma intensidade, mesmo na vizinhança da área de competição. Valeu o forte vento que se fazia sentir não ter alterado de quadrante e uns refrescantes 5º de temperatura, terem fornecido uma óptima ajuda aos bombeiros, não sem antes terem assustado as hostes orientistas, que vigiavam com alguma preocupação a evolução das chamas. Durante uns momentos pairou a hipótese duma rápida evacuação; quinhentas pessoas no meio de nenhures, não pressupunha tarefa logística fácil de realizar.

Para bem do evento, lá se esfumou o meu sonho de "bombeiro por um dia", dando azo a outro objectivo pessoal, o de orientista durante 1.53,46! (hehe). Acham uma infinidade de tempo? Também me pareceu, mas só até analisar o comportamento dos restantes companheiros.

Nestas alturas sinto que necessitava de outra capacidade física, para poder ombrear um pouco melhor com a adversidade do terreno. Não é que não tivesse cometido alguns atropelos técnicos (deixaria de ser o verdadeiro "espécie"), mas perante prova de especial dureza, não são um ou dois minutos em cada ponto, que me farão diferença. O grande problema são as super-pernadas, onde o pessoal voa literalmente e eu não passo de um "arrastador de solas".

A etapa apresentava 7.000 metros e 17 controlos, o que à primeira vista nem configurava grande obstáculo, mas se tomarmos em devida conta os quase 300 metros

de desnível e as condições agrestes do terreno, os trabalhos que me esperavam iriam ser bem árduos. Os amigos do .COM ainda não satisfeitos, conceberam uma pré-partida a 1.250 metros (já se tornou um hábito), no intuito da malta ir aquecendo os "motores". Com temperatura tão baixa até seria aconselhável, mas para o "espécie" não passou duma pernada para desgastar o corpinho. Uff! Ainda não tinha partido e já estava a bufar por quantas tinha.

O desnível deu logo um ar da sua graça para o primeiro ponto. Uma rampa com inclinação suficiente para me derreter as energias, mas que não foi capaz de me baixar os níveis de ansiedade, que teimosamente me acompanham. Pela enésima vez entro no mapa com o pé esquerdo (eu que até sou dextro).

Oriento-me para o ponto 1, mas na sinalética li o código e o elemento característico do 2. Ora, um situava-se numa pacífica reentrância (o primeiro), o outro seria uma escarpa danada. Se eu queria umas pedras, nem passei cartão ao prisma que me dizia respeito, apesar de ter passado por ele, quando procurava a tal escarpa "fantasma". Com este ataque de palermice devo ter esbanjado três preciosos minutos (uma vergonha!).

O segundo ponto situava-se no outro lado do mapa. Isto é, uma longuíssima pernada de quilómetro e meio, mas cujas opções nos levavam a percorrer mais umas centenas de metros. Escolhi a que me pareceu melhor solução, mas deparei com uma progressão de "montanhista", dado que metade do percurso era a subir…subir…subir.

Do mal, o menos, noventa por cento do desnível acumulado estava cumprido. Sem qualquer pastanço ou hesitação, demorei uns intermináveis vinte minutos, que surpreendentemente me vim a aperceber no final, ter sido uma prestação mediana. Julguei que ninguém faria pior mas felizmente enganei-me (continuo com uma falta de confiança que até dói). Claro que os meus craques deram-me uma sova mestra, mas isso são contas de outro rosário. O que eu vou chorando para correr mais um bocadinho, mas o "mister" anda a fornecer-me uns treinos demasiado puxados, hehehe!

De modo a não me acontecer as debilidades de situações anteriores, fui ingerindo água em todos os pontos que fui encontrando (uma data deles), mas apesar de não me sentir mal, o ritmo que ia imprimindo nas progressões mais rápidas, não era de modo nenhum a me deixar satisfeito. Tinha a percepção que necessitava de mais gás, mas o meu depósito não dava para mais e a água definitivamente não era gaseificada.

Efectuei umas três ou quatro pernadas, por zonas espectaculares de floresta limpa, com variados limites de vegetação, linhas de água e bastantes pormenores de relevo, sem faltar umas "pedrolas" dispersas, colocando à prova os nossos conhecimentos técnicos, o que me deu um gozo dos diabos, pois fui batendo nas balizas à primeira (é um êxtase!).

Entretanto surge mais uma daquelas pernadas malucas (6/7), para papar quilómetros, que me obrigou a análise aprofundada do mapa, de modo a evitar alguma progressão menos ortodoxa. Decidi seguir pelo estradão e segundo os splits, parece que acertei. Embora tivesse de correr largo período contra o vento, em zona desabrigada, a minha envergadura anafada, que tantas vezes me prejudica, neste percurso deu um certo jeito e cortei os revoltos ares, qual espécie de "Bip-Bip" (bom…mais ou menos, hehe).

O ponto 7, na escarpa de um ribeiro, deu início a um quarteto de balizas colocadas na encosta de uma colina, basicamente na mesma curva de nível, obrigando a uma progressão lenta, com constantes desvios motivados por vegetação densa e uns quantos montículos rochosos. Se a prova, pela sua dureza, já me estava a pesar, nesta zona arranjei mais sarna para me coçar. Um grupo de pontos de cariz mais técnico, num cenário que não me é nada favorável – "pedrolas" embrulhadas em vegetação.

Tentei seguir a curva de nível o melhor possível, mas desvio por cima, contorno por baixo, motivados pelo aparecimento de pontos alheios (uma maldade do traçador que eu já não esperava) fez-me delapidar uma boa mão cheia de minutos e desgastando-me seriamente para a parte final.

Quando emergi da zona florestal, reanimado por uma providencial "barrinha", ainda tinha pela frente mais cinco prismas para controlar, mas depois das agruras anteriores, esta área aberta apesar de carregada de montes graníticos e batida por vento arrepiante, pareceu-me um autêntico doce. O que não se revelou pêra doce, foi o facto de ter enterrado as canelas na "armadilha" lamacenta do ponto 14 (com bois tão perto, não sei se seria só lama, nhac!), que me deixou de tal forma desconfortável e pesado, que me forçou a "mergulhar" no riacho para uma lavagem que me tornasse mais levezinho e higiénico (se mais alguém tiver atascado neste "pântano" que levante o braço, hehe!).

Não obstante a dificuldade da prova, estou convicto que foi uma jornada do agrado da maioria, pois não tenho dúvidas que este género de terreno é o éden dos verdadeiros orientistas – altamente técnico e duro quanto baste – opinião que Maria Sá e Diogo Miguel podem corroborar, ou não sejam eles os novos campeões nacionais da distância.

79. Navegando (I)

Os longos interregnos nos calendários de provas deixam-me sistematicamente à beira de ataques de ansiedade. Claro que tenho a noção que os meses não são elásticos, só contam com uns limitados trinta dias, onde é necessário encaixar uma quantidade de competições, sejam elas pedestres, de BTT ou representações internacionais. O facto, é que gerir todo este tempo sem qualquer evento oficial (no que à pedestre diz respeito), não se torna tarefa muito fácil de gerir.

Não nos podemos circunscrever aos fastidiosos treinos físicos, há uma necessidade premente de manusearmos mapa e bússola e rumarmos ao sabor dos nossos cartógrafos e traçadores. Uma bela floresta será o ideal, mas há falta de melhor, um qualquer percurso urbano ou de parque serve na perfeição, pois nestes momentos de avidez, o que vier à rede é peixe! O que faz falta é navegar…para animar a malta! (lá diz o poeta)

Com base neste princípio do "oridependente", procurei acalmar os meus níveis ansiolíticos junto da soberba paisagem da foz do Rio Minho, revisitando a vizinha Mata do Camarido, onde se iria disputar uma prova do Desporto Escolar, da responsabilidade dos Amigos da Montanha.

Alguns de vós até sentiram arrepios ao mencionar o desporto escolar. Estou certo? Mas como já devem saber, a mim não me perturba rigorosamente nada a confusão provocada pelos miúdos…e estou a falar-vos dumas três centenas deles! De qualquer forma, é sempre aconselhável munirmo-nos de umas elevadas doses de paciência (uns tampões auriculares surtem o mesmo efeito, hehe).

Mal me apanhei em plena navegação, o mundo ficou resumido ao traço vermelho do mapa e aos pormenores circundantes, tudo o resto era de menor importância…seria?

- "Oh stôr! Stôr! Vai para o 44?" – Pronto, ainda não cheguei ao primeiro ponto e já tenho uma alma perdida à perna e…nem sou "stôr" do moço. Preparava-me para fazer ouvidos de mercador, mas o meu coração de manteiga não me permitiu. Concordo que a rapaziada se sinta mais confortável com um adulto por perto, dado que os "verdes" se encontravam bastante desactualizados e causavam certa confusão, mas havia necessidade de me chatearem logo a arrancar?...Porquê eu? …Porquê eu?

Bateu-me uma sensação de “déjà vu” e deduzi o inevitável – “este vai ser a minha sombra”. Erro crasso. O jovem não passou dum primeiro vagão, do “comboio” que se foi formando, onde desgraçadamente fui obrigado a servir de locomotiva. Quando me apercebi que rebocava uma mão cheia de “cábulas” barulhentos, tentei impor uma regra ditatorial – “Não me importo que me sigam, mas de bico calado, ok?”. Mesmo para um defensor dos “direitos da liberdade de comunicação orientista” existem limites de razoabilidade, hehe.

Os reduzidos 3.600 metros e 15 controlos que me proporcionaram, tinham de ser bem aproveitados, para não dar por mal empregue a deslocação ao Alto Minho e daí as exigências para com a minha “prole” serem um pouco rígidas. O objectivo pessoal era realizar um tempo na ordem dos 35/40 minutos, não queria desconcentrar-me com conversa fiada. – “Olhem para o mapa e ponto final!” – A partir deste desabafo (em desespero de causa) mantive-me surdo e mudo, limitando-me a fazer o meu “treino”, evitando cometer os erros de navegação de que sou perito e simultaneamente alhear-me dos meus incomodativos pupilos de circunstância.

Não obstante já ter percorrido esta floresta, apenas tinha uma vaga ideia das suas características, não me recordando dos pormenores, o que transforma o mapa num novo desafio. Para complicar, em virtude de falta de actualização, a vegetação apresentava-se caótica e uma grande parte dos trilhos mais ténues mal se vislumbravam no terreno. Obstáculos naturais que acarretaram alguma dificuldade, pois obrigavam a uma constante análise do relevo (mas qual relevo se nem às dunas fomos?).

Se por falta de pernas, progressões menos conseguidas ou por dar demasiada atenção aos meus “passageiros”, acabei por efectuar um tempo na casa dos 41 minutos. Não sendo nenhum feito notável, também não posso considerar um desastre. Catastrófico seria o tempo atribuído pela informática (58 minutos?), que não tendo feito convenientemente os TPC`s, se esqueceu de considerar na minha hora de saída, o atraso de 17 minutos com que se iniciaram as partidas. Que mania de me perseguirem!

80. Navegando (II)

Novo dia, nova jornada de navegação. Continuando pelo litoral nortenho, desci até Matosinhos para marcar presença no seu III Park Tour. Em jeito de preparação para os nacionais da distância a realizar em Santarém, no próximo mês, o GD4C oferecia à comunidade dois vigorosos sprints.

E oferta é a palavra certa, pois os 4 Caminhos deram o seu modesto contributo para atenuar a crise (hehe), ao concederem uma borla colectiva nas inscrições. Aproveitaram esta benesse cerca de duas centenas de "carentes", onde pontificavam umas dezenas de atletas de vários clubes da região.

Uma manhã dominical extremamente vertiginosa. - "Para ir à missa não corrias tu…" – "Já cá faltava esta com as suas inconsciências. Vou fazer de conta que não ouvi, bah!".

Logo a abrir, às nove da "madrugada", um primeiro raid relâmpago de 1.900 metros, na impecável Quinta da Conceição, cenário perfeito para os debutantes da modalidade e o local ideal para quem desejar fazer um treino técnico bem suadinho.

Agora imaginem 24 pontos colocados num exíguo meio quilómetro quadrado arborizado, numa sucessão de patamares, com uma imensidão de escadas e sebes, lagos, fontes, jardins e vários edifícios. Um manancial de pormenores de nos pôr a cabeça à roda e as pernas bambas.

O maior problema neste género de mapas é a profusão de informação, que aliada a uma escala de 3.000, quase não deixa espaço para os códigos dos pontos e traçado dos percursos. Aquilo a que usualmente se apelida de um "senhor berbicacho". Mas atenção, não é nada que não se resolva de "olho vivo e pé ligeiro" e acima de tudo com enormíssimo prazer.

Perdia mais tempo no mapa a encontrar a baliza seguinte, do que a percorrer a respectiva distância. O ponto 15 é o exemplo paradigmático do que acabo de afirmar. Ao controlar o ponto 14, por falta de espaço, não existia traço vermelho a ligar ao controlo imediato – "Onde estás tu, que te não vejo?" – mas o prisma situava-se mesmo

ali ao lado, a escassos metros. Agora é motivo de risota, na altura foi um stress (até os craques vacilaram).

Andei quase vinte e um minutos numa fona, ultrapassando um louco e desgastante sobe e desce, sempre em busca do "39", que sendo o ponto de loop, obrigava a picá-lo três vezes. Prova curta mas intensa, exigindo níveis de adrenalina no máximo e onde a velocidade de execução se revelou factor decisivo.

O segundo "round" do tour matosinhense teve o seu início duas horas depois e uma vez mais, no mapa do Parque do Carriçal e das Sete Bicas, zona sobejamente conhecida da malta mais assídua nestas andanças. A verdade é que sempre me dá a sensação de estar a percorrer um local desconhecido. O labirinto das vivendas é um verdadeiro desafio de orientação, tantas são as opções que se nos deparam.

O percurso de 3.100 metros e 28 controlos, com cinco loops em dois pontos diferentes, era mesmo à medida dos famigerados "voadores" do nosso pelotão, pena é que poucos tenham estado presentes. Realce para a participação de Joaquim Sousa e Paula Nóbrega, dois dos melhores elites da actualidade, que forneceram mais um toque de classe ao evento.

Considerei um privilégio poder realizar o mesmo percurso que estes craques. Uma das características das provas abertas é permitirem confrontos improváveis. O "espécie" a comparar splits com o Sousa é giro, se não fosse quase insultuoso, hehe! Atendendo ao fosso existente, até nem me portei muito mal. – "Se fosse em distância média ou longa, ele corria duas etapas enquanto te esfalfavas numa" – é um desgosto ter uma consciência desbocada, não acham?

Num aspecto a "vozinha" tem razão: rebentei-me todo para cronometrar pouco menos de 25 minutos. Naveguei o melhor que sei e posso, mas é vapor manifestamente deficitário para acompanhar a maioria dos atletas que se movem com motores a jacto, hehe. Estas provas rápidas, com mudanças bruscas de direcção, põem os neurónios da "veterania" em pé de guerra (ainda vou ter um esgotamento).

A despeito de uma ou outra opção não ser a mais atinada, tenho consciência que pouco melhor poderia ter feito e ainda assim vou ter de ingerir um "estabilizador de equilíbrio", porque os excessos de velocidade deixam-me "vertiginoso". Podem acusar o "espécie" de falta de categoria, mas nunca o acusarão de falta de aplicação ou motivação. Qualquer prova é sempre encarada como de um campeonato do mundo se tratasse – garra e ranger de dentes (ah valente!).

Um episódio me alterou o estado emocional. O aparecimento de meia dúzia de concorrentes em cadeira de rodas para participar no Trail-O. Não encontro palavras para vos transmitir o que senti, ao presenciar o empenho que estas pessoas colocaram na sua tarefa, apesar de limitadas fisicamente. Um exemplo que nos faz meditar o quão a vida nos pode ser risonha ou suficientemente madrasta.

81. Duplamente Gótico

Evoluindo ao longo dos tempos, a velha "Scallabis" Romana foi-se transformando no ex-libris nacional da Arte Gótica. Ora, como o Campeonato Nacional de Sprint se iria realizar no coração do centro histórico de Santarém, o "espécie" teve a ideia peregrina de pretender equipar-se a rigor, usando o seu fato completamente negro, num gesto algo místico mas singelo, de homenagem à capital ribatejana – um "gótico" a percorrer o Gótico.

Mal transmiti este desejo à minha mulher, levei com um contundente – "não senhor, não vais fazer figura de parvo, isso é uma atitude sinistra" – "mas o preto até me beneficia a silhueta" – argumento em desespero sem qualquer resultado. Utilizei um conjuntinho cinzento, que foi o mais escuro que ela me permitiu. Como Deus não dorme, haveria de castigá-la mais tarde, com um "demorado passeio" pelos monumentos (hehe).

Na verdade, se não sou rapaz de usar botas pretas de cabedal, não aplico batôn ou rímel escuro, não ostento orelhas carregadas de piercings, muito menos transporto pesadas correntes presas aos bolsos e nem sou fã dos "Within Temptation", porque me haveria de vestir de negro? Gótico por "gótico" fiquemos apenas pela vertente arquitectónica.

A prova constava de duas mangas de cerca de dois mil metros, com um exíguo número de controlos, uma dezena de manhã e nove ao início da tarde. Ao apresentar este género de percursos, o staff técnico do 20 Kms de Almeirim, clube anfitrião, parecia ter alguma carta na manga, mas afinal não passou de rebate falso.

Uma competição de sprint urbano, com tão poucas pernadas, sem nenhuma surpresa associada, iria colocar os amantes da velocidade em festivo delírio. Podiam e deviam ter-nos complicado a tarefa e "ratoeiras" não faltavam no casco histórico, mas preferiram dar-nos a hipótese de termos tempo para visitar os diversos monumentos de estilo Gótico, que abundam na cidade escalabitana.

Acontece, que a realidade veio confirmar os deficientes níveis de cultura de que sofre a família orientista. Salvo raras excepções, a maioria dos atletas desatou a correr que nem desalmados, não dando qualquer importância aos dignos representantes do Gótico.

Então não é que apareceram uns “incultos” que realizaram cada etapa em menos de dez minutos! Demonstraram uma falta de sensibilidade artística de fazer chorar as pedras da calçada!

E a calçada foi mesmo um dos maiores problemas da prova, sobretudo para os azarentos, nos quais me incluo, que apanharam umas valentes bátegas de água durante o trajecto. Apesar da temperatura amena, os últimos a partir na manga matinal, foram presenteados com uma chuva certinha, que deixou o basalto e o paralelo extremamente viscoso.

Contudo, apenas me apercebi da pluviosidade (ai que distraído!), quando ao descer atabalhoadamente uns lanços de escada, tentando não deixar fugir uma expedita atleta veterana que teve o desplante de me ultrapassar (coisas de macho), escorrego perigosamente e só não cheguei primeiro que ela ao fundo da escadaria (em posição horizontal provavelmente, hehe!) porque o ABS dos travões “adidas” funcionaram na perfeição. Não fora este derrapante percalço e em vez dos meus “acelerados” 13,33 teria efectuado para aí uns surpreendentes 13,32!!!

Esqueçam as minhas estafadas justificações de mau pagador, há que assumir que a concorrência corre mais e hesita menos. Só para o primeiro ponto, uma pernada demasiado extensa para as minhas características ronceiras, quase perdi um minuto para a grande parte dos companheiros…e sem qualquer contratempo. Oh dura realidade! Que hei-de eu fazer? Estarei no limiar duma crise existencial?

Na segunda manga, com mais trezentos metros, menos uma baliza para picar e um par de pernadas longas a penalizar o “espécie”, consegui um desempenho idêntico ao da jornada inicial, calcorreando o “roteiro gótico” em pouco mais de catorze minutos. Estava cumprida a minha obrigação, despachei-me o melhor que pude e apenas lamento que o meu motor seja de baixa cilindrada. E vá lá que desta vez não apanhei o piso molhado. Para ser franco, julgo que o “Gótico” me caiu no goto.

Se me perguntarem – “Visitaste o túmulo de Pedro Álvares Cabral na Igreja da Graça? Transpuseste as Portas do Sol? Espreitaste os Claustros de S. Francisco? Foste pelo menos a Santa Clara?” – respondo com outra questão – “Acham que tive tempo?” – Vinte e oito minutos na soma das duas mangas é tempo insuficiente para tanta cultura.

Para atenuar a minha falta, efectuei uma visita de médico à Igreja do Seminário, que seria vergonhoso não o fazer, pois localizava-se no largo das chegadas. “Mas é um monumento Barroco, não Gótico, seu ignorante!”. - “Ai é? E os divinos queijinhos do céu do Convento das Donas são de que estilo?”.

Ansiosos pela visita ao Gótico

82. A gaguejar, a gente não se entende

Não é a primeira vez (e com certeza não será a última), que a designação da área utilizada numa qualquer prova de Orientação, me inspira a fazer analogias (algumas bem parvas) com o que efectivamente se passou no terreno. Existem denominações que parecem ter sido escolhidas a dedo.

O que vos se afigura, ser a Herdade dos Gagos em Almeirim, o palco do Campeonato Nacional de Distância Média? À primeira vista não encaixa com nada, não é assim? "Po…po…pois a mm…mim, dá…dá-me i…i…ideia que si…si…sim."

Um dia sombrio, que hesitava entre nos fustigar com uma forte tromba de água ou permitir que os raios solares nos fornecessem algum conforto, não augurava grandes cometimentos por parte do "espécie de orientista", que não aprecia este ambiente ambíguo de faz que chove, mas brilha o sol, acaba por chover e o sol sem se ver – enfim, um dia gaguejante. Começaram a perceber aonde eu queria chegar? Não? Consideram demasiado rebuscado? Ok! Eu explico.

As coisas continuavam titubeantes. Inicialmente as partidas estavam aprazadas para as dez horas, foram antecipadas meia hora, mas no momento das pré-partidas de quinze minutos, voltaram à primeira forma, para mais tarde, já na zona da partida real, sofrerem novo atraso de dez minutos. Este "vai que não vai e acaba por ficar" – tipo partida gaga – influenciou negativamente o meu bio-ritmo, que começou também a vacilar – "Dói-me o joelho ou não? Se calhar é a cabeça…ou será mesmo o joelho?".

Devo realçar um pormenor que se manteve inalterado: 5.300 metros de distância a percorrer e 24 balizas para picar, para trezentos e muitos metros de desnível. O último parâmetro provocou-me alguma apreensão. Sendo um terreno de montado, onde não se vislumbram grandes elevações, seguramente iríamos ter pela frente, o célebre "carrossel" do sobe e desce constante, de pequenas colinas.

A constância ondular do terreno, na prática significa precisamente o contrário. Se tão depressa temos de trepar um pequeno monte, logo de seguida descemos desarvorados pela encosta abaixo. Esta característica do relevo, de uniforme não tem rigorosamente

nada – em que é que ficamos? Corremos e pulamos felizes como faunos da floresta ou sofremos como duros alpinistas? Cá estão as tais hesitações, que eu tomarei a liberdade de designar por "gaguez" orográfica.

É neste cenário de indecisão que o "espécie" se envolveu – reentrâncias ou esporões; escarpas ou buracos; floresta ou montado – raios! Decidam-se! – Pois muito bem, já que ninguém responde, decido eu. – "Azi…azi…azimu…mu…mu…te ou cu…cu…curva de ní…ní…vel?". Uops! Isto pega-se, hehehe!

A minha apreensão tinha o seu fundamento. O mapa da Herdade dos Gagos não iria poupar quem não dominasse a técnica de progressão pelas curvas de nível e muito menos quem se apresentasse em deficiente condição física ou "gaguejasse" em demasia. Terreno a preceito para um campeonato nacional e com potencial de sobra, para criar sérias dificuldades ao espécie de orientista…e não só!

Não obstante ainda sentir aos saltos, a pedra da sopa deliciosa da noite anterior, não me inibi com estes pormenores de reduzida importância e entrei na prova com vontade de contrariar os fluidos hesitantes que pairavam. No entanto e como não poderia deixar de ser, iniciei a prova bastante indeciso, denotando uma falta de confiança inexplicável, para quem já tem no seu currículo, número de percursos suficientes para dar e vender.

Os primeiros pontos, situados em reentrâncias e esporões, causaram-me algum "frisson", mas não originaram penalização de maior, apesar das opções tomadas me terem cheirado a esturro, pois cedo me apercebi, que as pernadas apresentavam várias hipóteses de progressão. Seguia a curva de nível, aproveitava a boa rede de caminhos ou tirava o perfeito azimute? Lá continuávamos nós com as ditas indecisões.

Aproveito este momento de meditação, para reconhecer o excelente trabalho do traçador de percursos. Facilitou-nos a vida no sprint do dia anterior, para nos colocar uma chusma de aflições na distância média. Atitude que se pode apelidar de perspicácia táctica.

O facto, é que até ao oitavo controlo estava a desenrascar uma prestação razoável, dentro do que me tinha proposto (média 3´/ponto), mas uma palermice de "espécie" roubou-me quatro minutos para o ponto seguinte. Vou a um caminho, oriento-me por um trilho vindo da esquerda e saio para apanhar a "minha" escarpa. Curiosamente apanhei de imediato o "ponto", apenas com um ligeiro revés, não era o meu, nem o elemento tinha "cara" de escarpa.

A azelhice foi não ter verificado que havia um segundo trilho a desembocar no caminho. Perante tamanha desconcentração a raiar a dislexia, nem sei se deva chorar, gritar ou arrancar os cabelos. Acho que me vou ficar pelo ranger de dentes e um chorrilho de palavrões para aliviar a alma.

Após um curto período de tréguas, que durou as cinco pernadas subsequentes, volto a ser acometido por um ataque de incompetência, pela minha teimosia em tirar uns azimutes marados, quando o bom senso aconselhava a percorrer um simples carreiro. Desta vez contabilizei perdas mais consideráveis, tendo derretido para cima de seis minutos na busca do ponto 15, uma acessível reentrância a escassos metros dum dos

principais caminhos do mapa. Um desconsolo, mas nada mais havia a fazer do que atacar com unhas e dentes os controlos em falta.

Nestes períodos de desespero, convém não perder o sangue frio para manter o discernimento, caso contrário as asneiras transformam-se em bola de neve. Antes de partir, tinha me apercebido que existiam três prismas no outro lado do açude, bem visíveis da Arena, que iriam funcionar como pontos de espectadores, conforme estava previsto, situando-se um deles junto a um elemento humano.

Ao controlar o ponto 16, informado pela sinalética que o seguinte seria o tal "humano", baixo o mapa, parto à desfilada pela encosta abaixo, saio da floresta como uma seta em direcção ao ponto e quando estava a escassos metros, quase gaguejo com o susto – "N...n…na...não é o...o...m…m…m...meu?". Pensei que ia fazer um bonito e "dei com os burros na água".

Mais uma vez houve um volte face e fui apanhado numa "armadilha" para papalvos (leia-se "espécies"). Definiram o controlo 17 como ponto de espectadores, mas colocaram-no num local que os únicos que o podiam presenciar seriam os passarinhos, porque da Arena nem pó! O meu pretenso "espectacular" ponto distava mais umas passadas, escondido pelo mato e por umas condutas gigantes, mas se tivesse olhado para o mapa batia nele de queixos. Estas "gagueiras" deixam-me possesso – o ponto era ou não de espectadores? Devia ser, mas não podia!

A parte final, totalizando 1.500 metros e sete balizas de índice técnico mais elevado, obrigou-nos a percorrer a margem do açude, de piso pouco consistente e desgastante, para nos embrenharmos novamente na floresta e dar de caras com uma autêntica "parede", tal era a inclinação da escarpa. Uff!!! Subi de "gatas", agarrando-me a tudo o que a natureza me oferecia como auxílio (galhos, troncos, raízes, terra, cobras…), mas depois de um super esforço (não esquecer que já levava cerca de uma hora no cabedal), chegar ao topo e encontrar o prisma "136" a dar-nos as boas-vindas é recompensa gratificante (cada vez me identifico mais com o João Garcia, hehe).

Ainda dispunha de uma reserva especial para consumir e como me sentia furioso com os acontecimentos, forcei o andamento quase até à exaustão, tendo conseguido despender nestes últimos troços após o "espectáculo", uns "profissionais" 16 minutos (grrr…até os comemos!).

Sinto no ar uma pontinha de curiosidade, em saberem se desta feita é que o "espécie" empunhou a lanterna vermelha. Para desgosto de muito amigo da onça, o atino demonstrado na derradeira fase da etapa, contrapondo ao desnorte de um punhado de parceiros, pouparam-me a esse dispensável protagonismo (salvo ao soar do gongo).

Creio que terão finalmente entendido a filosofia do tartamudo orientista. Ou não?

Eu…eu vvv…vou apa…apa…apa…apare…aparecendo.

83. No reino de Torga

Há quem diga que os orientistas, sobretudo aqueles que têm pretensão de o vir a ser, quando toca a raciocinar em termos de presença nas provas, demonstram claramente falta de discernimento. O "bichinho" rói-nos as entranhas, não permitindo qualquer decisão consciente e é nessa altura que a nossa veia "ori-dependente" sobressai – "Qual a prova que se segue? O II Troféu Orimarão em Sabrosa? Porque esperamos?".

Mesmo levando em linha de conta, que este evento se iria realizar no "Reino Maravilhoso de Miguel Torga", na aldeia de S. Martinho de Anta, no exigente quanto espectacular mapa de Garganta, deveríamos ter equacionado que uma competição regional, entalada entre dois campeonatos nacionais e no mesmo mês, seria dose excessiva para qualquer um.

Todavia, o espécie de orientista, da primeira vez que por lá "pastou", perdeu-se de amores por aquelas paisagens e perante nova oportunidade, nem hesitou – "Orientar-me pelos trilhos de Torga? Vamos a isso que se faz tarde!". E se vos confidenciar que o terreno é uma autêntica reserva natural de "pedrolas", compreendo que façam um comentário do género – "o tipo só pode estar louco".

Infelizmente é uma loucura de estirpe benigna, porquanto a pandemia que se pretendia que alastrasse a umas centenas de "viciados", resumiu-se a umas dezenas de alucinados incuráveis (72?), procurando tratamento paliativo num cenário de eleição. Agora dum facto tenho a firme certeza, desencantem rapidamente solução para travar a lenta e inexorável agonia das provas regionais, senão a curto prazo seremos confrontados com o seu desaparecimento.

Se bem me recordava da minha anterior passagem por estas bandas, num Campeonato Ibérico, desta vez o percurso seria mais extenso (4.900 metros), haveria mais umas quantas balizas para procurar (23 no total) e o desnível rondava uns idênticos 200 metros. Torci o nariz, pois está bom de ver, que quanto mais "pedrolas" tivesse de identificar, maior seria a probabilidade de me atascar.

Ao admirar das partidas, o monte rochoso que se erguia imponentemente à minha frente, percorreu-me um friozinho pela "espinhela", que não consegui identificar se era

sinal de frio ou de medo…perdão…respeito pela magnitude da paisagem. Como o sol até estava simpático, apesar da brisa desagradável que soprava da serra, julgo que me sentia ligeiramente, digamos…cismático. Afinal de contas, sempre tive uma relação conflituosa com as "pedrolas".

- "Então que vieste cá fazer, seu medricas?" – mau já cá faltava a minha metediça consciência. Nunca ouviram dizer que "quanto mais me bates…blá…blá…blá…"? Não é uma questão de masoquismo, mas tantas vezes hei-de tentar contrariar o destino, que chegará o dia, que as malfadadas pedras deixarão de ter segredos para o "espécie" – "Tens tanto de ingénuo como de sonhador" – nem vou responder a provocações, mas esta "vozinha" quase sempre tem razão.

A uniformidade da sinalética assemelhava-se à do terreno, pedras e mais pedras, só dois "laranjinhas" não teriam a companhia do cinzento. Por acaso nem iniciei mal a minha prova, mas quando aguardava problemas provindos das rochas, ao progredir para o ponto 3, situado lá no topo dum afloramento, entro numa zona de verde traçado no mapa, que por deficiente actualização cartográfica, no terreno estava transformada num imenso mar de giestas de dificílima penetração.

Apercebi-me demasiado tarde da teia em que me tinha envolvido, apenas me restando "nadar" o melhor que pudesse e não deixar que o altaneiro ponto de referência fugisse do meu campo de visão. Sem qualquer desorientação, apanhei uma bordoada de seis ou sete inglórios minutos. Por esta não esperava eu!

Rumei apressado para a baliza seguinte, uma pedra especial localizada a curta distância, numa área onde um dos raros trilhos do mapa e um muro bem visível podiam fornecer ajuda preciosa, convencido que o ponto estava no papo. Descortino uma "pedrola" que se salientava do conjunto, dirijo-me para ela cheio de moral, dou-lhe uma espreitadela, só que o prisma tinha "sumido".

De imediato fiquei com a "bússola" zonza, esgravatando tudo o que fosse granito, nunca me afastando do dito muro que me servia de elemento orientador. Passados largos minutos (oito ou nove), vejo alguém a sair de detrás da "pedrola" inicial, com cara de "ponto picado" e pelo sim pelo não fui novamente ao local do crime – "seu pitosga, não viste que o mato podia tapar a baliza?" – como foi possível não ter reparado? Mistério que vai ficar por desvendar.

Terrenos pedregosos nunca são de progressão fácil, daí e não obstante uma sequência de pontos relativamente bem orientados, fui desbaratando algum tempo, ora por não ter resposta física capaz ou por dar largas à minha queda para as invenções de técnicas de orientação (similar ao projecto Novas Oportunidades, alteram-se princípios para não chegar a lado nenhum, hehe!).

A certa altura, na pernada que antecedia a descida (15/16), parei momentâneamente para me localizar, olho em redor e naquele preciso instante percebi o motivo porque Torga baptizou estas terras de seu "reino maravilhoso". O amarelo das giestas, mesclado com o cinzento granítico das penedias, polvilhado por áreas verdes de cultivo e raras zonas arborizadas, proporcionavam uma nuance de cores a perder de vista – um soberbo quadro transmontano.

Está bem que o panorama é agradável, mas também não nos excedamos com o desfrute, pois o "passeio" já ia longo, com uns pouco abonatórios 75 minutos e era importante lembrar que participava numa prova desportiva, onde o cronómetro não pára.

Depois de sair da zona pedregosa, regressando à civilização, surgindo alguns caminhos, áreas lavradas e umas resistentes "pedrolas", julgando ter terminados os meus problemas, ao atacar o antepenúltimo controlo, facilmente localizável junto a uma horta, mergulho de cabeça novamente numa zona de vegetação cerrada, quando o mapa apenas marcava uns ligeiros riscos verdes.

Se no terceiro ponto a dificuldade foi flagrante, aqui tomou proporções aflitivas, dado que as giestas ultrapassavam largamente a minha altura, provocando-me uma sensação claustrofóbica. Para complicar, as silvas fizeram também o seu aparecimento. Com as giestas posso eu bem, mas com estes arbustos de dolorosos espinhos nem pensar.

Para mal dos meus pecados, no trajecto para o ponto seguinte (400 metros) repetiu-se a cena, com a agravante de os meus trabalhos de "perfuração" terem sido mais demorados. Perdi mais de dez minutos nestas duas progressões completamente anormais, em que a dado passo me senti uma verdadeira toupeira e um certo receio que me saltasse para o colo algum dos "bichos" do Torga.

Não nego que estive perante um percurso deslumbrante, tecnicamente complicado, onde tive de ultrapassar a fobia das "pedrolas" e desenvencilhar-me do "mato-surpresa", mas quase duas horas de "recreio" é definitivamente um abuso da minha parte.

Embrenhado na paisagem agreste de S. Martinho de Anta

Não as vences, junta-te a elas

As “pedrolas” de Torga em todo o seu esplendor

84. Manobras na Fraga

No sentido de conseguir dar a volta ao texto, vou passar uma esponja num episódio da bela "istória" e eliminar das minhas pretéritas experiências, a jornada duma prova em 2006, em que estive presente na Almotolia. Alinhem comigo e façam de conta que nunca lá pus as botas.

A Orientação continua a surpreender-me. E enquanto assim for, motivação não faltará ao "espécie de orientista". No segundo dia de prova, o Orimarão convidou-nos para uma área de floresta às portas de Vila Real, onde normalmente se efectuam manobras militares. Um campo de treino, que por força da construção de diversas infra-estruturas de índole estratégico-militar, transformou-se num local perfeito para a prática da modalidade.

Uma fraga totalmente esventrada pela retroescavadora, onde pontificam trincheiras, nichos de metralhadora, buracos de camuflagem ou de defecação (a ancestral latrina da semana de campo, hehe), proporcionando um fantástico micro relevo artificial, que aliado aos elementos do terreno originais, resultou num mapa semelhante a um artístico desenho de rendilhado. Completa o aspecto técnico, uma razoável quantidade de pedras, num desnível médio, zonas de alguma vegetação rasteira e uma excelente rede de caminhos.

Atendendo que a área é bastante reduzida, o género de prova que aqui melhor se enquadra é o sprint puro e duro. De modo a malta não ficar defraudada pela distância demasiado curta, a Organização elaborou uma etapa com duas mangas. A olho nu, dava ideia que as corridas seriam uma brincadeira de "jogos de guerra", mas na prática, o mapa da Fraga da Almotolia revelou-se um manancial de armadilhas, atirando um elevado número de concorrentes para a lista das "baixas", após frustrante desempenho.

A missão que me destinaram, englobava percursos de 1.800 e 1.600 metros, com o mesmo número de pontos a controlar (15), apresentando partidas e chegadas em locais distintos. Como eu costumo dizer – até pode ser o mesmo mapa, mas virem-no ao contrário e tudo passa a ter uma abordagem diferente.

Normalmente assumo como objectivo em provas de sprint, realizar tempos abaixo dos 10´/Km, mas as características deste mapa aconselhavam colocar a fasquia num patamar inferior. A realidade é que com excepção de uma mão cheia de craques, os restantes atletas obtiveram resultados com médias bem superiores. Para confirmar o que acabei de comentar, alguns participantes com vasta experiência chegaram a ultrapassar largamente a hora de prova. Surpresa? Apenas para quem não conhece a Almotolia.

Como não sou um corredor, alicercei a minha prestação num ritmo lento mas uniforme (qual batedor em reconhecimento), usando e abusando da elementar técnica do polegar, de forma a que os imensos buracos, escarpas e depressões, não me passassem despercebidos e evitar alguma queda…"na máscara", hehe. Táctica rigorosa, que se veio a demonstrar adequada às minhas limitadas capacidades.

Realizei uma primeira manga em 23,22, marca que não me deixa nada envergonhado, bem pelo contrário, tendo complicado o meu comportamento na ronda seguinte com uns menos animadores 27,38, fruto de um descuido isolado, o suficiente para me limpar três minutos. Qualquer manobra menos conseguida, em zona de pedras e buracos, era paga com língua de palmo.

Na progressão para o sexto ponto, avistava uma confluência de caminhos pela direita, que no mapa estava representada à esquerda. A falta de confiança de "espécie" veio ao de cima, duvidei da minha orientação e só instantes mais tarde compreendi que a zona da direita já não constava do mapa, movimento ao melhor estilo de manobras de diversão. Eu encontrava-me no sítio certo, a cabeça é que "vagueava" duas curvas de nível mais abaixo (hehe).

Este mapa é duma riqueza de pormenores, que chega a dar azo a discussões académicas sobre interpretações de simbologia e sinalética. A comissão técnica da prova considerou como elementos humanos, como tal sinalizados com uma cruz preta, uma série de buracos (os tais nichos de metralhadora), que criaram uma confusão dos diabos à maioria, resultando nalguns casos em perdas irrecuperáveis.

É verdade que os ditos buracos foram da responsabilidade do homem (não o terão sido todos?), mas no terreno não fazem qualquer diferença com outros de origem natural. Elucida quem domina a cartilha, que basta esses "nichos" serem forrados com tijolo, para estarmos perante uma construção humana, o que é rigorosamente correcto, por muito que me custe a aceitar. O dilema persiste – um elemento humano dentro de um buraco ou um buraco com uma construção humana?

Vou ser honesto, pessoalmente o problema não me causou qualquer mossa, pois fui esbarrando nas "buraqueiras" à primeira tentativa e no fundo a divergência em causa até me parece mínima – "V"ou "X" eis a questão! (se vos parece código, apelem a ajuda de um "cripto", hehe)

Manter a concentração é um factor primordial em provas de grande intensidade como esta, o que não deixa de ser desgastante para o "espécie", que prima pela sua "cabeça no ar". Para compensar este aspecto pouco recomendável, consegui manter altos níveis de adrenalina (que nem sempre me beneficiam), que acabaram por ditar um par de percursos bastante equilibrados e me colocaram no grupo dos "graduados sobreviventes".

PS: Alguém pode informar a minha mulher (não se deslocou a Vila Real para participar numa corrida "feminista" pelo centro do Porto), que a medalhita de "bronze" que levei para casa não foi encontrada no chão e que no meu escalão não participaram só três "recrutas"? Que foi fruto de muito sangue, suor e….bem…esqueçam o sangue e o facto de apenas sermos quatro, ok? Agradecido.

85. Canícula absoluta (I)

Se notarem alguma falta de nexo nestas linhas, não dêem grande importância, pois ainda me encontro meio grogue, sob o efeito do sol abrasador que apanhei na "moleirinha", na dupla jornada de Vendas Novas, onde decorreu o Campeonato Nacional Absoluto.

Nem vos digo, nem vos conto! Sinto-me enjoado de tanta água que ingeri, que receio ter os níveis aquíferos saturados. No entanto, a minha mulher diz que é precisamente o contrário, que ainda estou um pouco desidratado. Mas aqui para nós, julgo que com um tratamento intensivo à base de concentrados de cevada oriundos da "Unicer", me ponho fino em dois tempos (sou um ás em auto-medicação, hehe).

Foi debaixo duns sufocantes e esturricadores trinta e três graus, que o espécie de orientista penetrou no mapa da Herdade do Vale, na Landeira, para realizar a prova de apuramento que dava acesso à final. – "Para quê o sacrifício se vais ficar de fora? Tens de comer muita papa maizena!" – nem com esta canícula infernal a "vozinha" me dá sossego.

O Clube de Praças da Armada, ao oferecer-nos um agradável mapa de montado alentejano, tinham com certeza a ideia de não complicar demasiado a situação e resguardar-nos para a prova da verdade no segundo dia. O problema é que neste género de terreno, as sombras não proliferam (há défice de chaparros), o que não ajuda nada em dia de temperaturas anormalmente altas.

Ainda não tinha passado o triângulo e o bafo escaldante já me estava a atrofiar a respiração. Igualmente, o pensamento nos 6.000 metros e 17 controlos que tinha pela frente, não favorecia o meu mal-estar (naquelas condições, nem que fossem cem metros).

Desde cedo comecei a sentir necessidade imperiosa de beber e nem me passava pela cabeça, a contrariedade que haveria de suportar. No mapa não figurava qualquer ponto de água (o regulamento não prevê para estas distâncias), mas a Organização decidiu instalar um, numa passagem obrigatória para todos os participantes (com tanto calor, foi uma atitude de bom senso).

Ao examinar o mapa deduzi que esse local coincidiria com o meu ponto 12, o que traduzido daria mais de quatro mil metros a "morrer de sede". Ia ser o bom e bonito – andamentos céleres, encontrar os pontos, arfando como um cão (com "pedigree", ok?) – esboçava-se empreitada complicada.

Demorei quase cinco minutos a chegar ao primeiro ponto (600 metros?), sem nenhum contratempo técnico, o que desde logo fazia prever que o meu ritmo se aproximaria do "passo de caracol ao sol". Ora, isto é coisinha ruim, porquanto mais tempo lá andasse, maior seria o perigo de queimar as peles ou apanhar uma demolidora insolação (o meu boné "amuleto" foi atenuando o desconforto). E a sede? Ai Jesus! Ainda faltava muito para o ponto 12?

A nossa modalidade tem aspectos "sui generis", de tal forma que um tipo "moribundo" nem se apercebe do seu estado. Entretido que estive com o aparecimento pacífico das balizas, tendo de fugir a diversas zonas de silvados (um bom auxílio à orientação), durante uma dezena de pontos abstraí-me do tormento da canícula, cumprindo as pernadas dentro de parâmetros aceitáveis para a espécie (abaixo dos 10´/km).

As complicações começam quando entramos numa de "guardador de porco preto", que foi mais ou menos o que me aconteceu, quando perdi de vista um tufo de vegetação densa que escondia o ponto 11. Bastaram três minutos de "espantalho" a tentar localizar o dito cujo, para a torreira inclemente me deixar num estado letárgico a necessitar urgentemente de repouso ou de água…muita água (baldes e baldes). Salivei um pouco para enganar a secura, mentalizei-me que a "fonte da vida" apareceria de imediato, que até deu para correr em bom ritmo, aproveitando um providencial carreiro, em direcção ao tão ansiado "oásis" (o meu melhor parcial), mas a fadiga estava à espreita.

Nas imediações do local, os malandros dos "praças" ainda nos obrigaram a transpor uma sempre irritante vedação de arame, para dar mais valor ao prémio da água (e acrescentar dois rasgões na farpela), só que aconteceu um imponderável. Alguém tinha "assaltado" o ponto de abastecimento e não deixou uma gota do líquido milagroso (se fossem "minis" era compreensível, assim…não lhes gabo o gosto, hehe).

O responsável da logística não levou em conta a sofreguidão da rapaziada e ao fim de uma hora, o stock entrou em ruptura, gerando uma quantidade de desfalecimentos, enquanto não houve reposição. Situação que também provocou algum azedume, como aquele "elite" menos atento, que chegado ao "bar", não vendo os copos cheios, interpelou o moço em jeito de raspanete – "onde pára a água, meu?" – isso queria eu saber!

Para mal dos meus pecados, passei na altura crítica, tendo de seguir viagem, mais sedento que lacrau do deserto. Ainda equacionei a hipótese de aguardar pelo reabastecimento, mas caramba, estava a efectuar um percurso engraçado e afinal para que me serve o tal elevado espírito de sacrifício que ando constantemente a apregoar?

– "Não quererás dizer inconsciência?" – "Desculpa, mas a tua irmã não é para aqui chamada".

Efectivamente, não tinha a noção de que me encontrava a roçar os limites da exaustão. Moralizado com o acerto técnico, decidi não perder tempo ("só falta um bocadinho") e

ataquei os três prismas seguintes, qual deles o mais difícil de trepar (quando estamos esgotados, um montículo de terra assemelha-se aos "Himalaias"), que acabaram por esgotar as minhas parcas energias.

Tentei gerir o difícil momento, mas só com muito sofrimento o ultrapassei. Restou-me continuar a passo e aproveitar a embalagem da descida vertiginosa que antecedia o penúltimo controlo, engatando uma tímida corridita, para conseguir terminar sem mais nenhum percalço de ordem física.

Infelizmente ainda apanhei um valente susto, quando já depois do "200", a escassos metros do "finish", deparo com um concorrente inanimado a ser assistido por outros companheiros. O nosso atleta menos jovem tinha tombado por desidratação. Mas o "Grande Costa" é feito duma cepa das antigas, umas horas a soro recompuseram-no e no dia seguinte já estava pronto para outra – o verdadeiro espírito de orientista – torce mas não quebra.

Para evitar cair no ridículo, não me vou vangloriar dos meus modestos sessenta e nove minutos, mas atendendo às condições adversas em que os realizei, poderia estar aqui a carpir umas mágoas. Por outro lado, analisando os acontecimentos pela positiva, afinal só uns "míseros" vinte e quatro minutos me separaram do apuramento (hehe), quando no ano transacto me tinha quedado a trinta e cinco. Espectacular evolução da espécie! (apenas Darwin a poderia explicar)

A minha mulher a terminar a Final A Feminina – dor lancinante no cotovelo do "espécie"

86. Canícula absoluta (II)

Por obra e graça do destino, não sou moçoilo de me assustar com facilidade, porque se o fosse, a esta hora estaria a recuperar de um enfarte ou numa sessão de terapia para correcção da gaguez. Cerca da meia-noite tinha consultado as partidas e verificado que a minha hora de entrada em cena estava aprazada para as 11:10, facto que nem me agradava, pois a minha mulher partiria duas horas antes. Seria uma seca que me provocaria um stress total.

Foi precisamente o pormenor de dar boleia à minha mulher, que me salvou duma situação embaraçosa, irremediável e difícil de engolir. Por descargo de consciência, ao confirmar a lista de partidas (completamente alterada), sou surpreendido pela antecipação do meu escalão, que começava a partir logo às nove horas, sendo eu o terceiro (glup…engoli em seco).

Estão a compreender a potencial "tragédia"? Tinha quinze minutos para me equipar e sprintar umas centenas de metros até à zona das partidas, para evitar penalizar – um aquecimento à pressão. Não querem lá ver que os "fuzos" me queriam eliminar!

Arranquei todo acelerado, com a firme disposição de me vingar no terreno do Açude das Bicas (novamente na Landeira), das trocas e baldrocas de que fui alvo. Sinceramente, o partir pela frescura (uns mornos 21º), até me poderia beneficiar e toda a gente sabe que eu adoro abrir os trilhos para os companheiros seguintes. O problema é que eles não respeitam as minhas pistas (hehe).

Se bem idealizei, melhor o pratiquei (pelo menos durante algum tempo). O percurso de 6.700 metros, com duas dezenas de pontos para picar, estava traçado em redor da aprazível lagoa, o que de certa maneira poderia servir de calmante à minha fúria, visto que estes cenários paisagísticos me deixam sempre mais relaxado. Assim eu me comportasse convenientemente.

A fase inicial, tecnicamente idêntica à do dia anterior, com abundância de escarpas e extensas áreas de silvados, foi percorrida em andamento de "cruzeiro", nem grandes corridas, nem actividades pastorais. Quando passo o ponto de água, com mais de

metade da prova e dez pontos controlados, verifico que estava a realizar um tempo excepcional (38,35), que mais tarde constatei, me colocava na primeira metade da tabela (um luxo de prova!).

A mudança de margem do açude, coincidiu com alteração significativa das características do terreno. As pequenas colinas fizeram o seu aparecimento, o desnível aumentou, a vegetação rasteira começou a emperrar as progressões e o desgaste da primeira jornada não deixou de provocar a sua mossa.

Enquanto não cometi asneiras, estes pormenores quase não influenciaram a minha prestação. O caso mudou de figura, quando uma decisão precipitada na saída do ponto 12, me atira para um atascanço monumental. Não consigo encontrar explicação para este género de enrascanços, nomeadamente em controlos de reduzida exigência, como foi mais uma vez o caso, um completo absurdo.

O décimo terceiro ponto (nem sou supersticioso), colocado numa escarpa a uma vintena de metros dum "estradão", não configurava qualquer problema, dado que grande parte da progressão poderia ser percorrida por um caminho. Inventei, faço azimute para um trilho, que eu supus ser mais rápido e quando o apanho, não me consigo localizar. A curva parecia ser "aquela", mas os verdes não coincidiam com a cartografia. O norte se calhar era a nordeste e o desembocar dos caminhos onde eu estacionara, tinha "cara" de que me preparava um longo período de desorientação.

Não obstante a desconfiança, teimo em subir um carreiro que mal se descortinava, quando o mapa representava um caminho razoável, para instantes mais tarde regressar a todo o gás, pois nada batia certo. Novamente no cruzamento, hesito em descer mais um pouco e quando finalmente resolvo seguir a primeira opção, dou de caras com uma vedação que eu nem distingui no mapa. E sabem porquê?

Desviei-me de tal maneira para a esquerda, que me encontrava a mais de 500 metros do local que eu inicialmente pretendia. Enfim, uma diarreia mental em todo o seu esplendor (13/14 minutos de aflição), só compreensível pelo calor a que estive sujeito.

Se até aqui, fui ultrapassando uma ou outra debilidade física, a partir deste funesto momento, desanimei por completo e apesar de ainda ter feito a pernada seguinte em corrida ligeira, limitei-me a deslizar até à lagoa, não mais consegui encontrar um ritmo de progressão adequado, ora corria, como de seguida passeava nas calmas – um "espécie" triste e fatigado.

Enquanto a minha motivação caía a pique, o terreno empinava e a canícula reaparecia (29º). Na derradeira meia dúzia de pontos, havia necessidade de controlar duas cotas altaneiras e uma árvore alcandorada no topo duma íngreme escarpa, obstáculos que rapidamente me deixaram nas lonas.

A parte final da etapa era efectivamente de nível técnico e físico mais elevado ou como dizia uma tia-avó (que Deus tenha) "o rabo é o mais difícil de esfolar". Essa realidade, aliada ao facto de não ter doseado o esforço inicial (a tal raiva incontida) e a desmoralização do ponto 13, revelou-se fatal.

E a perspectiva dum resultado memorável e "glorioso", esfuma-se em mais um episódio de desgosto profundo por parte da espécie de orientista – "não te lamentes rapaz, tu ainda vais lá, o problema é da papa" – se a "vozinha" tivesse razão, passava já na mercearia.

Agora peço-vos um pouco de atenção, pois quero abordar um assunto com mais seriedade. – "A sério que falas a sério?" – A quem devo pedir responsabilidades, pelo estado de pré-invalidez da minha mulher? A coitadita está toda tolhida, com os membros inferiores completamente num "oito", que segundo ela até as unhas dos pés lhe doem (tenho de a levar às cavalitas ao WC).

Este quadro clínico é fruto da conjugação de vários factores. Ao efectuar no sábado uma prova bem atinada e usufruindo duma anormal quantidade de desistências e "mp`s", foi premiada pelo seu desempenho, com uma dispensável e enganadora "fava" – apuramento para a final feminina – onde lhe exigiram que desbravasse uns impensáveis 9.000 metros, distância que ela nunca tinha percorrido em orientação, o que para uma veterana é dose dupla.

Francamente, demonstrou uma louvável coragem e acho que nem se portou muito mal...acabou sem "mp" e "viva o velho". Mas quem tem de aturar o seu ego de mulher destemida e realizada é o infeliz do "espécie". Que Santa Maria das Espécies me perdoe…snif...o que eu dava para ela ter sido eliminada...snif...

Praticar Orientação ou natação?

Depois de muito prisma controlar, um mergulho para refrescar

Ambiente de colocar o verdadeiro espírito orientista à prova

87. Massa à Vieira

5…4…3…2…1…Pum! Libertação para os orientistas, susto na passarada!

Tradições enraizadas e costumes de bom gosto são sempre de manter e assim sendo, a decisão conjunta do RA 4 e COC de fazerem voltar tudo à primeira forma, é de aplaudir. Eu, que liderei activamente o movimento cívico "Soltem os orientistas a tiro de G3", não posso deixar de me sentir plenamente satisfeito, pelo facto de o XI Grande Prémio RA4 em Vieira de Leiria, após o interregno de um ano, ser novamente caracterizado por uma espectacular partida em massa, ao soar do tiro de arma de guerra em tempo de paz.

No entanto, devo-me penitenciar por ter falhado uma antiga promessa, feita precisamente num destes meus escritos há cerca de dois anos ("E a praia ali tão perto"), quando abordava a prova realizada na Praia das Paredes. Nessa altura, empolgado por uma partida de "tudo ao molho e fé em Deus", tinha prometido que numa próxima situação idêntica, iria assistir "de cadeira" a este belo momento de cor e movimento e só depois me incorporaria na prova. Pecador me confesso, "sou um pagador de promessas mal sucedido".

Realmente não fui capaz de me alhear do espírito competitivo do evento, e na hora do tiro que abria as hostilidades, encontrava-me no seio da multidão de concorrentes (trezentos e tal) que aguardavam impacientemente por esse estrondoso segundo, que nos franqueasse as portas da floresta, para darmos início a uma motivante "massada". Julgo que me perdoam este incumprimento e até que o compreendem – a paixão e a adrenalina falaram mais alto!

"Depois de teres faltado à palavra, espero que pelo menos tenhas realizado uma prova decente" – não me consigo libertar da "vozinha" maçadora – "queres encher-me de complexos de culpa, queres?"

Estão "carecas" de saber da minha predilecção por terrenos de pinhal e duna, portanto não vão estranhar se eu não vos apresentar aqui um relambório de lamúrias. A realidade é que este género de prova tem o reverso da medalha, que assenta no pressuposto de grupos de atletas do mesmo escalão serem confrontados com igual percurso, não

obstante a existência de três “loops”, que desde logo implicava seis combinações diferentes.

Claro que os mais expeditos da perna e de escrúpulo mais fraco, embarcaram em “expressos” sobrelotados, que de alguma maneira podiam desvirtuar a verdade desportiva. Mas isso são contas de outro rosário, que pessoalmente não me aquece nem arrefece. A minha preocupação centrava-se no conveniente desfolhar das “pétalas” dos meus “loops” e tentar desbravar os 7.200 metros, o mais célere que as minhas estafadas pernas me permitissem.

A primeira volta, com cerca de 2.300 metros, arrancava com a pernada mais longa da etapa (800 mts), que deveria ser alvo de algum cuidado, porque caso contrário começaria cedo a ser penalizado (perdi “só” três minutos para o vencedor). Acabei por realizar o “loop” inicial, com seis pontos, em satisfatórios vinte minutos. Os vários caminhos, largos aceiros e as bem pronunciadas curvas de nível deram-me uma preciosa ajuda, de modo a não cometer grandes asneiras.

No “loop” seguinte, foi notório o aumento tanto da exigência técnica como física, apresentando mais 400 metros para percorrer e mais dois prismas a controlar, com um ou outro ponto mais escondido (a vegetação do 136 quase o camuflava definitivamente aos olhos do “espécie”), a que se juntava um par de pernadas com demasiada metragem, mas que foram bem esgalhadas.

Não obstante o acréscimo de dificuldades, no cômputo geral continuei em plano aceitável, gastando pouco mais de uma trintena de minutos, não me desmoralizando o pormenor, de na viragem do “loop” me ter apercebido, que dois “ventoinhas” do meu grupo etário já estavam refastelados no bar, hehe! (veteranos no BI, adolescentes na corrida)

Faltava desfolhar a última “pétala”, que sendo a menos extensa, era igualmente a que aparentava menor complexidade técnica, mas os vinte e cinco minutos que demorei a procurar as suas reentrâncias e depressões, não foram de maneira nenhuma, marca de que me possa envaidecer.

Atendendo a que não cometi nenhum atropelo técnico relevante, a única explicação que descortino, para justificar um registo mais preguiçoso que os anteriores, tem a ver com o desgaste físico que fui acumulando, que quase sem me aperceber, me foi baixando o ritmo para um nível de “arrastador de galhos” (e se eles eram aos milhares). O enganador ondulado do terreno, originou um demolidor rompe-pernas, que me impediu na fase final, de efectuar uma prova com resultado mais condizente com o rigor técnico demonstrado.

Ao concluir a etapa, sentia-me confortável com a generalidade da minha prestação, mas ao constatar a quantidade de parceiros que se encontravam junto à meta (alguns já cheiravam a sabonete!), esfriei de imediato os ânimos, porque não me podia esquecer que tínhamos partido em simultâneo.

Contudo, para minha surpresa (agradável por sinal), os companheiros de escalão continuavam a chegar, o que desde logo se traduzia, que por cada um que terminava, significaria mais um a proteger-me as costas na tabela classificativa. Afinal vim a

confirmar, que a partida em massa à moda de Vieira caiu mal a muita gente, mas nada que uns reconfortantes sais de fruto não resolvam (aqui em casa, a minha mulher esgotou o stock, hehe).

Quero pedir desculpas àqueles mais distraídos, que ao lerem tão sugestivo título "gastronómico", aguardavam com excesso salivar, que eu lhes fornecesse uma esplêndida receita de algum pitéu regional, não lhes passando pela ideia que poderiam estar perante mais uma "traição" da língua portuguesa.

Tudo ao molho e fé nos azimutes

88. Ponto final com sprint

O culminar de um qualquer percurso de orientação que se preze, deve assentar invariavelmente num esforçado quanto vistoso sprint, mesmo que esse momento final e apoteótico não espelhe o real comportamento do atleta. Sabe Deus o que essas loucas correrias, que antecedem o "finish", pretendem e conseguem camuflar (enganadores!).

Nada mais adequado ao encerramento duma longa época, do que uma competição a elevar o sprint puro e duro ao patamar mais alto – II .COM "O" Sprint. Para ninguém dar por mal empregue a deslocação a Braga, numa altura em que o corpo clama por descanso, a Organização propôs-nos uma dose de "três em um".

Pela frescura da manhã (ou não...25º!), um passeio técnico com alguma exigência física, percorrendo os domínios do frondoso parque do Bom Jesus. Logo a seguir ao almoço, tipo sobremesa "surpresa", uma visita ao Campus da Universidade do Minho, para terminar em beleza ao anoitecer, no sempre mediático mapa do Centro Histórico.

Apesar de terem um denominador comum, as três etapas apresentaram características distintas, necessitando a centena de atletas presentes, de cuidada atenção e celeridade na execução, pois neste género de provas curtas, convém ter sempre presente, que qualquer contratempo tem influência significativa no resultado.

O "espécie" que já anda a sonhar com férias há algum tempo, perante cenário tão aprazível, arrancou molengão, nunca encontrando o ritmo adequado de progressão, para além de também não ter apanhado a escadaria do"49" à primeira (três minutos a subir e descer patamares errados).

Apenas encontro justificação para o modesto registo de mais de meia hora, que levei a completar os parcos 2.000 metros e 19 pontos, nas constantes subidas que me extenuaram (as descidas não contam, hehe), sobretudo na penúltima e longa pernada, que me levou do largo do santuário até ao ponto de "loop" (houve dois), numa sádica ascensão para cumprir o desnível estipulado.

Com uma prestação tão pouco conseguida, não fora o meu excelente poder de encaixe (perante a "desgraça"), quase ficaria a "ver Braga por um canudo", dado que podia ser

alvo de um ataque de desmotivação, que colocaria em causa as duas restantes etapas. Felizmente a adversidade foi superada (os bolinhos de bacalhau estavam um espanto) e entrei no perímetro universitário, com a firme disposição de não chumbar no segundo teste.

É bem verdade que a prova era a menos extensa (1.900 mts) e potencialmente monótona. Estávamos convencidos que o percurso se basearia a dar umas voltinhas pelas instalações, calcorreando meia dúzia de escadas e esquinas, à descoberta dos becos onde os ardentes "amores estudantis" se desenrolam (hehe!), tendo como único obstáculo, o facto de se realizar na hora da sesta e debaixo de intensos 28º. Todavia, aguardava-nos uma bela surpresa.

Ninguém imaginaria é que um terço dos pontos estivesse colocado na floresta vizinha. Ora, como a maioria se apresentou de calções, fomos fustigados sem dó nem piedade por um mato indisciplinado, que envolvia toda aquela encosta de declive acentuado e sendo eu um atabalhoado de primeira, acabei com as perninhas carregadas de dói-dóis. Mas não há dúvida que esta novidade só veio enriquecer a competição, fornecendo um toque de pura orientação a um percurso que se previa demasiado acessível e sensaborão.

Só me faltaram as lágrimas, porque no tocante a sangue e suor, cumpri os requisitos na íntegra. O esforço foi recompensado, alcancei um registo na casa dos 21 minutos, que vou considerar como suficiente para me dispensar de exame (benevolente autoavaliação). Se tivermos em atenção que este percurso apenas tinha uma diferença de cem metros para o primeiro e que o despachei em menos dez minutos, realça uma margem de progressão enorme e seria injusto não relevar o empenho demonstrado pelo "espécie de orientista".

Como já tinha os motores em alta rotação, pessoalmente preferia realizar de imediato a etapa seguinte, mas o programa não teve contemplações e obrigou-nos a um prolongado intervalo de cinco horas! Demasiado tempo de seca – afirmam uns quantos, em jeito de "queixinhas". Período necessário à manutenção da logística e a compromissos de interesse local – contrapõe quem tem a experiência destas lides. Aceito pacificamente as duas versões.

Depois de um percurso em parque e outro surpreendentemente misto, finalmente o verdadeiro sprint urbano, que leva à loucura os nossos "supersónicos". No que me diz respeito, estes ziguezagues provocam-me tonturas e fazem-me elevar a ansiedade para níveis perigosos (micção permanente, hehe), pois tenho a noção de que ou corro nos limites, ou sofro um vexame dos antigos (o Mário e o Albano não perdoam). No entanto, sobra o aspecto positivo de a prova se iniciar ainda com luz solar, o que atenua a minha deficiente leitura de mapas urbanos e me beneficia a prestação (não me esbarro com os prismas).

Para fechar a época com chave de ouro, efectuei um dos melhores sprints de que me recordo, mas mau grado o acerto, não teve qualquer reflexo classificativo. Cerca de 19 minutos, para encontrar 17 pontos em 2.400 metros, não é resultado humilhante para o "espécie", nem pouco mais ou menos, porque os meus "campeões", apesar de toda a sua velocidade não me conseguiram esmagar, apenas me machucaram ao de leve (pelo menos foi o que senti).

Agora vou dar início ao merecido repouso do guerreiro, bem curto por sinal, já que na próxima época, que arranca mais cedo e pelos vistos termina mais tarde, a espécie de orientista vai conhecer novas responsabilidades e tentar atingir objectivos completamente diferentes (às tantas ainda perco o sono).

89. E agora?

Nem sei por onde começar, tal é a minha preocupação com o assunto. Acabei de tomar uma decisão inabalável, transformada porventura em tarefa ciclópica, que vai originar uma reviravolta na gloriosa carreira da espécie de orientista – para o melhor e para o pior – mas de certeza me vai proporcionar num futuro próximo, experiências diferentes e espero eu, enriquecedoras (estou cansado de limpar as feridas sozinho).

Passadas que foram, quatro espectaculares épocas de frenesim competitivo e intensa aprendizagem (pelos vistos insuficiente), a participar como individual, chegou a hora de assumir maiores responsabilidades e passar a uma nova fase na "evolução da espécie", subindo sem vacilar mais um degrau. Finalmente, o casal da espécie de orientista resolveu mudar de equipamento (já não havia espaço para mais buracos) e envergar as cores de um dos mais prestigiados clubes do panorama orientista nacional.

Abalamos completamente a usual modorra que caracteriza o defeso da nossa modalidade. Não foram fáceis as negociações (a falta que me fez um empresário); mantive-me sempre irredutível nas minhas pretensões (compromisso até aos escalões 90 ou nada); apresentei as nossas incomensuráveis credenciais (curriculum de fazer inveja a muito "pastor de pedrolas"); reivindiquei que me fartei (quase fiquei afónico de tanta retórica); não cedi um milímetro que fosse (até porque havia uma chusma de clubes interessados nos nossos préstimos), para que o epílogo desta autêntica novela tivesse um final feliz (injustificadamente, os média não deram qualquer destaque ao acontecimento).

Como sou um coração de manteiga, ao aperceber-me da ansiedade latente do nosso interlocutor em nos arrebanhar para as suas fileiras, arremessei-me para o chão e de joelhos implorei que nos concedesse o almejado "asilo" desportivo. Cena dramático-pungente (ao melhor estilo "shakespeariano") que conseguiu demover o representante do clube, que lavado em lágrimas (de alegria incontida, só pode) nos apresentou de imediato o contrato, que nós, de forma altruísta e claramente desprendida, assinamos de cruz (afinal, sempre era o nosso clube do coração desde pequeninos!).

–"Uff! Estava a ver que não os enganavas! Só mesmo com chantagem emocional!".

Que vai ser uma enorme honra e orgulho representar esta entidade, não tenho qualquer dúvida (esperemos que o equipamento não pese em excesso). Como também não hesito em afirmar, que o passo que demos será uma mais-valia em termos de abordagem à verdadeira orientação. Direi ainda mais, na próxima época, o clube arriscar-se-á a passar pelas maiores vergonhas desportivas da sua história, quando confrontado com os sucessivos resultados confrangedores do "casal" (há premonições de que não chegaremos ao Natal).

Apesar do receio que nos assola, em não obtermos prestações condizentes com o palmarés do nosso clube (o "nosso" clube, que bonito...conforta dizer isto), tudo iremos fazer para o dignificar e sobretudo, para que eles não se arrependam de tão corajosa (quanto imprudente) atitude, começamos desde já por prescindir dos chorudos honorários acordados, passando para um contrato por objectivos – bom desempenho…duas "minis" fresquinhas; prova para esquecer…vamos comer a casa.

À luz deste acordo de cavalheiros e se analisarmos a "bela istória" recente do casal, facilmente se depreende que o clube não irá sofrer qualquer prejuízo material com a nossa transferência, para além de potenciais danos morais e azias agudas provocados por eventuais "desastres desportivos". No sentido de minimizar estas situações sempre constrangedoras, já tomamos as devidas providências, de modo a fornecer ao clube umas doses maciças de anti-depressivos e sais de fruto de largo espectro (fazem parte do nosso "kit-ori" há vários anos).

Com toda esta conversa da treta já nem sei ao quem vim. Ah! É verdade, os problemas que me apoquentam perante esta nova realidade. Depois de meditar muito no tema, julgo ter chegado a altura para um período de recolhimento e introspecção. Eu sei que durante muito tempo fui publicitando vexames com alguma regularidade, expondo publicamente (talvez até em demasia) as minhas fragilidades como orientista ("Vexames? Fragilidades? Termos tão chiques para pura incompetência!"). Agora, ao aprestar-me para representar um emblema, o qual eticamente devo respeitar, coloca-se a questão de continuar ou não com estes cansativos e deprimentes lamentos.

Não posso dizer que a saga da espécie de orientista irá terminar, porque estaria a mentir, pois serei sempre um "espécie" (em vias de extinção…mas protegido) e não será com esta idade que irei alterar a minha postura na modalidade. Estou perfeitamente convicto, que com maior ou menor frequência, episódios absurdos (rocambolescos, bizarros, hilariantes ou simplesmente humilhantes a roçar o ridículo) me continuarão a acompanhar, mas será que os devo partilhar continuamente ou guardar algum recato? Uma pergunta pertinente, não acham? Mas para a qual ainda não tenho resposta adequada.

- "Queres uma opinião? Acaba com as lengalengas, que eles estão fartos de te aturar!"

Claro, que ainda vou proceder a uma leitura exaustiva do rigoroso regulamento interno do clube, com o qual devo ter cuidados especiais, para não incorrer em comportamentos prevaricadores (escritos subversivos, por exemplo), que me possam custar uma precoce expulsão (rescisão unilateral de contrato sem qualquer indemnização) ou no mínimo um castigo exemplar (dez treinos seguidos nas "pedrolas" de Muas ou Coelheira).

Independentemente de algum decoro e sobriedade, que se exige a um atleta ligado a uma "ilustre família", devo equacionar a minha isenção e autonomia, porque tenho a convicção, que daqui para a frente, tudo o que (e como) eu escrever será observado com outros olhos. E aqueles que me conhecem sabem que não tenho "papas na língua". Daí, eu ser o primeiro a colocar em causa a minha imparcialidade – primeira e única regra: defender os interesses da "família" com unhas e dentes.

Acredito que isto não seja um texto de despedida, nem pouco mais ou menos, mas sim o prelúdio de um momento de reflexão, para tentar digerir convenientemente, a alteração da refulgente cor laranja da "espécie", para o mediático azul-vermelho do Grupo Desportivo dos Quatro Caminhos.

- "Agora é que vão ser elas".

Eu vou aparecendo…

Fim de um ciclo ou o início de outro?

III

MOMENTOS

Um momento premiado com o testemunho do Presidente – Santo André (Jul.06)

Momento de aflição – Por favor não lhe tapem a boca (Cabeção-POM`09)

90. “mp”

A minha aventura pela orientação, ainda que curta, tem sido recheada de momentos francamente bons e de outros menos positivos (felizmente poucos), mas sempre inesquecíveis. Existiram momentos engraçados, alguns bem caricatos, uns tantos de frustração, outros carregados de ansiedade, uns mesmo hilariantes, os nostálgicos também marcaram presença, um ou outro preocupante, os “gloriosos” e até alguns bem emotivos, aliados a um momento de profunda saudade. Enfim, uma sequência em turbilhão de emoções, só possível nesta nossa modalidade de características especiais em que cada prova é um autêntico manancial de “istórias”.

Houve de facto, certos momentos de que continuo a recordar-me. Porque foram marcantes em determinada altura, ou porque pura e simplesmente, não penso noutra coisa, senão nestas andanças de espécie de orientista (inclino-me mais para esta hipótese). Um qualquer especialista em comportamentos, diria que estamos perante um “orientodependente” (“ganda” termo, vou registar a patente), mas de fácil terapia: um mapa, bússola e pés ao caminho (nem que seja de “chanatos”).

Estes momentos de intensidade e duração variáveis, tanto se passaram num “estalar de dedos”, como se estenderam por longos períodos, resultando em autênticos episódios de telenovela (formato mexicano).

Missing point

O terror dos orientistas. O ponto perdido, esquecido, ultrapassado, falhado, não marcado, “adormecido” (hehe o meu preferido), o que quiserem, mas também alguma “nabice”e “resmas” de frustração. O momento que qualquer atleta pede dispensa. Posso até afirmar que 99% da malta que é confrontada, no final da sua prova, com este malvado “anglicismo” (mp), fica com a sensação de ter levado um soco no estômago (apareça um que me contradiga). Infelizmente toda a gente da orientação já passou por este sofrimento. Faz parte da aprendizagem e enriquece o curriculum.

Como tal, aqui o vosso amigo também já teve direito a esta amarga experiência. Mas estando em presença de uma “espécie de orientista”, a situação podia ter contornos de

catástrofe, atendendo que já participei em mais de cinco dúzias de percursos (estatísticas fidedignas). Mas na realidade, se há um facto de que me posso orgulhar (coloquei a babete), é de apenas ter sido "premiado" duas vezes, com esse famigerado "mp" (não precisam de abrir a boca de espanto), e logo na mesma prova.

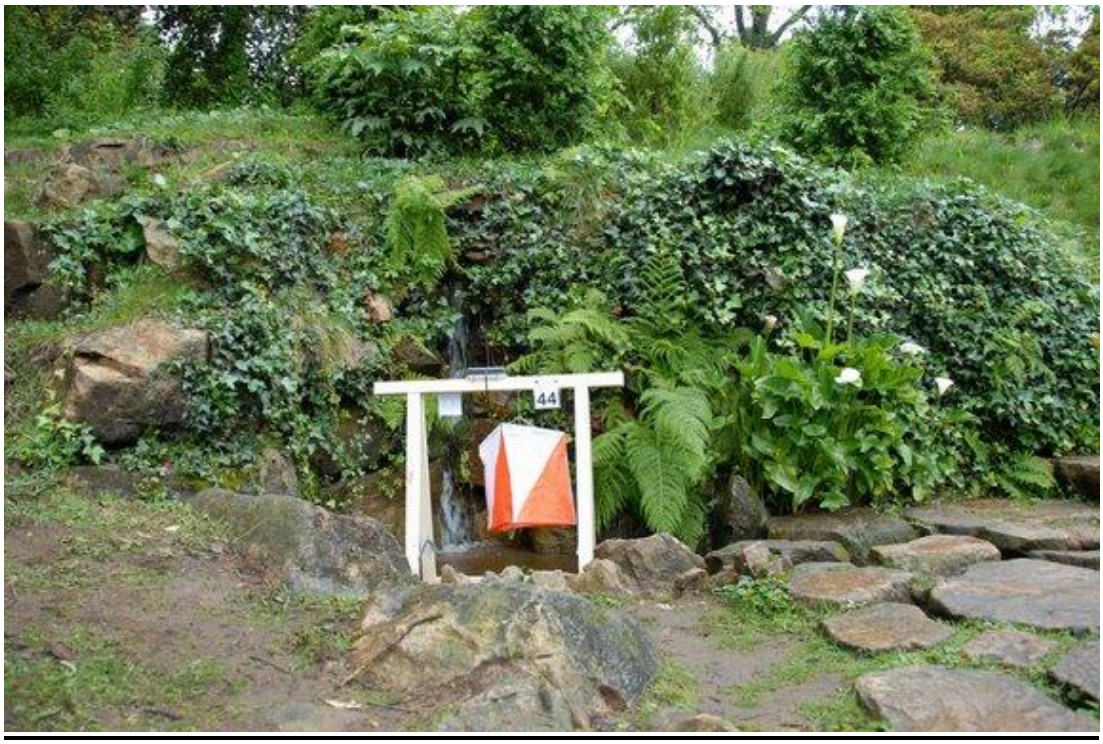
Então perguntam vocês: "Como é que foi possível tamanha coincidência?" (há quem lhe chame "asnice"). Já que insistem, eu passo a contar.

Há dias que um homem não se devia levantar para ir a Santo Tirso, participar nas três etapas da prova, e em duas delas esquecer-se do bip…bip…depois regressar e ter uma noite de pesadelos (tive de fazer psicanálise). Não perceberam? Pois…ainda estou a recuperar do trauma (hehe).

No sprint nocturno da cidade, "esgadanhei-me" todo para obter um resultado digno. Mal chego à praça, onde se situavam as chegadas, controlo um ponto, "paredes-meias" com o 200 e zás…finish. Mas não era bem assim (foi uma "armadilha", snif…). Verdadeiro "Mr.Magoo", nem me apercebi que ainda faltavam dois pontos (e eu a pensar ter feito um "tempo canhão").

Estes mapas a verde-escuro e cinzento, com o traçado vermelho dos percursos, são um quebra-cabeças, para quem "à noite todos os gatos são pardos". Nem a lanterninha de "mineiro" me salvou. Sou um pitosga e pronto! Contudo, este lapso teve tanto de oftalmológico como de "espécie de…", dado que os pontos eram 18 e não 16. O "depressa e bem", em orientação, não se coaduna com atabalhoamentos. Enfim, valha-me a N. Sra. da Assunção. Mas não valeu.

No dia seguinte, dando continuidade à minha "veia" desastrada, no monte da Sra. da Assunção, e numa etapa bem engendrada pelos TST, aparece o ponto onde se tinha de trocar o mapa. Meu Deus que confusão! Para além do mapa, troquei também as voltas. A minha consumição era tanta que, "mapa para cá e toca a desandar"! E o ponto seu "cabeça no ar" e o ponto?



Um ponto onde nunca se devia cometer “mp” – giro, não acham?

91. Norte, sul…uma lágrima

O calendário apontava para aquele dia, prova na Praia da Vagueira, sob a égide do Ori-Estarreja. Durante a viagem para o local, as condições climatéricas não eram famosas, com o céu dum cinzento carregado, ventos quase ciclónicos, o que nos fez equacionar a hipótese de voltarmos para trás. Prevaleceu a nossa paixão pela modalidade, ainda que de namoro recente.

Enquanto fazíamos uns exercícios de aquecimento, preparando as partidas, o tempo foi piorando assustadoramente e só faltava mesmo a descarga pluviosa, que me levou a propor à minha mulher levarmos um guarda-chuva "clandestinamente". "Nem penses, vais sozinho". Afinal ia ser a nossa primeira prova debaixo de chuva. Foi cá um baptismo!

O percurso iniciava-se num aceiro (tipo avenida), apareceu o triângulo e "cuida-te" ponto 1, que estamos a chegar. Qual quê? Houve foi despiste completo, porque logo a chuva começou a cair e o ponto a "fugir", quanto mais chovia mais o ponto desaparecia e disse eu: "Assim a chover o ponto não vai aparecer". Esta afirmação ditou como que uma sentença.

Claro que fomos "esbarrando" com dois ou três pontos, mas não constavam do nosso cardápio. E o tempo degradava-se a olhos vistos, uma escuridão quase total e o vento a complicar, atirando-nos para cima com toda a espécie de vegetação menos resistente. A situação começava a ficar crítica, mas num golpe do destino, demos finalmente com um ponto do nosso mapa. A nossa alegria, depressa esmoreceu ao verificarmos que este ponto era o 9!

Nem queríamos acreditar, mas que voltas teríamos dado, para nos encontrarmos precisamente, do lado oposto ao ponto 1? Azelhice e da grossa. Decidimos voltar ao triângulo e constatamos o que já era evidente, orientamos mal o mapa, e o norte passou a sul e vice-versa, o que originou que tivéssemos virado à esquerda em vez de tornarmos à direita. Confusões de espécie de orientista.

Com este novo alento, nem sentíamos que a chuva se tinha intensificado e o vento tornava o cenário ameaçador, levando tudo à sua frente (imaginem tudo isto em plena

mata). A floresta apresentava-se medonha e começámos a pensar seriamente em desistir.

De repente, pregando-nos um susto de morte, do meio dos arbustos, surge um vulto, esbaforido, com um boné que lhe escondia as feições, tão encharcado como nós e atira-nos de supetão: "Sabem onde estão?" – "Por acaso neste momento até sabemos" respondemos com um sorriso amarelo. "Eh pá, mas vocês são dos escalões abertos não é?" diz um pouco desalentado. "Tudo bem, mas descanse que acabámos de deixar o triângulo, portanto… ainda não controlamos o nosso primeiro ponto e já temos, deixa lá ver…40 minutos nas pernas, que se calhar vamos desistir". O nosso interlocutor ficou desesperado: "Triângulo? Mas o que ando aqui a fazer? Esqueci-me dos limpa pára-brisas e tramei-me, pois não vejo "puto" para o mapa". Brincando pelo facto de usar óculos. E logo retorquiu: "Nem pensem em desistir. Esta chuva não molha orientista". (ele não conhecia a "espécie")

O próximo ponto deste amigo ficava a caminho do nosso terceiro. Deu-nos boleia, com a firme promessa de tudo fazermos para chegarmos ao final. "Olhem que eu depois vou confirmar". Seguimos o "comboio" até um "apeadeiro" perto do segundo ponto e mais orientaditos, conseguimos dar com o primeiro controlo e começámos tudo de novo.

À medida que avançávamos no percurso, o temporal ia acalmando, parecia um prémio pela nossa perseverança, de tal maneira que quando finalmente atingimos as chegadas, o sol dava um ar da sua graça por entre o arvoredo.

A promessa feita a Sálvio Nora tinha sido cumprida, apesar das 2.07,49, para os cinco mil metros da etapa. O erro de palmatória, ao trocarmos o norte pelo sul (jamais!), ia-nos saindo caro, mas este episódio com o saudoso Sálvio foi decisivo para a nossa continuidade na prova. No final veio ter connosco a indagar se tudo tinha terminado bem, mas com ele nem por isso, dado que uns finlandeses "velhinhos", que se preparavam para o POM2006, lhe tinham dado um "recital".

Reconheço, que não consigo recordar-me deste momento, sem uma pontinha de emoção. Mas da recordação que perdura, para além da tempestade, a confusão com a "rosa-dos-ventos" e de toda aquela água que nos fustigou impiedosamente, não resta mais que…uma lágrima.

Obrigado Sálvio.

SÁLVIO
NORA

92. “Priscos, alvíssaras e quejandos”

No decurso duma prova aberta e do desporto escolar, na região de Viana do Castelo e numa altura em que ainda participava nos escalões abertos, juntamente com a minha mulher, passou-se mais um episódio, que teve tanto de caricato, no que as provas duma espécie de orientista são férteis, como de desorientação.

O percurso estava a ser caracterizado por intensa “actividade pastoral”. Era um daqueles dias (e não seriam todos?), em que os pontos surgiam sempre ao lado. A paciência esgotava-se, a sensação de frustração ia aumentando e a impotência (técnica….seus marotos) de que contra factos não há argumentos, era uma dura realidade.

Já não sabíamos que táctica utilizar. Se “maria vai com as outras”, se azimutes (o que quer que isso fosse) ou se um para cada lado e fé em Deus. Quem chegasse primeiro ao ponto, dava sinal. E esta última opção pareceu ser a mais adequada. Pelo menos fomos encontrando os “laranjinhas”, com muita “pastagem”, mas lá íamos dando conta do recado.

Agora só faltava mais um ponto para o 200. Mas que raio, este parecia ser ainda mais “fugidio” do que os outros (estaria no mapa?). Separamo-nos novamente, ficando a minha mulher, um pouco atrás, com uma senhora que transportava um bebé e que já nos acompanhava há algum tempo (a chamada solidariedade na desgraça). Depois de muito esforço, o bendito ponto foi encontrado. Viro-me para chamar a minha parceira de desdita e… oh diabo! Onde é que ela se meteu? (e luras de coelhos não faltavam)

Eu, sob um stress aflitivo, pois queria terminar a loooonga prova, tinha perdido a mulher (se fosse a bússola era mais fácil de explicar). “Arranjei a bonita, logo agora!” Comecei a assobiar e a berrar por ela (blasfémia no reino da orientação!). Toda a malta que passava, era alvo de acérrimo interrogatório (nem os craques escapavam). Os minutos a passar e dela nem rasto.

Subo, desço, passo o ribeiro, galgo um muro, caio de outro, esmurro um joelho, volto ao mesmo local, uma autêntica barata tonta. Estava desnorteado na verdadeira acepção, porque o norte, para mim já ficava em qualquer lado. Devo ter feito uma figurinha do

pior, ao infringir quase todas as regras (do bom senso) da modalidade, mas felizmente nem deu para me aperceber. O que o pessoal não deve ter gozado.

Mais valia afixar um anúncio num daqueles pinheiros, do tipo "dão-se alvíssaras" a quem encontrar a "minha" mulher. Podia ter concluído a prova e ela que se desenrascasse. Mas um casal de espécie de orientistas que se preze não tem dessas atitudes egoístas, porque um dos lemas é "a uma desgraça nunca vás só" (e o espectro do rolo da massa está sempre presente).

No momento em que me encontrava num estado pouco menos que apoplético, avisto a senhora do bebé a conversar com a "procurada" (tinham passado "apenas" quinze minutos!), na maior das calmas, todas sorridentes. "Então? Nunca mais aparecias. Pensei que te tinhas perdido." – disse ela. Grrrr….quase esmaguei os dentes de fúria. Mas "bolinha baixa", afinal tinha encontrado a minha mulher e, a companheira do "passeio" tinha-lhe dado uma nova receita de pudim "Abade de Priscos". De imediato foi decretado perdão com absolvição.

93. “Lama-board”

Perante um dia de Inverno rigoroso, decorria a primeira etapa do POM 2006, no Pego, e o par mais emblemático (ou cromo?) da “espécie de orientação”, marcava presença. Era uma época em que estávamos nos primórdios desta nossa odisseia pela modalidade, pelo que só tínhamos participado em meia dúzia de provas, se tanto.

A etapa desenrolava-se debaixo de chuva e vento intensos, e a meio do percurso, já a lama nos atacava até aos cotovelos. Completamente encharcados, enregelados, sujos e perdidos, o que neste período da nossa distinta “carreira”, estas situações de “pastorícia” eram absolutamente normais (ainda agora o são), procurávamos arduamente uma “tábua de salvação”.

O tempo que levávamos de prova, e para fazerem uma ideia do atraso, era sensivelmente idêntico, o levar ao pasto “quatro rebanhos”, dado que um ponto “tresmalhado” estava renitente em aparecer (hehe) e este ainda era o sexto em quinze!

Quando uma alma caridosa, um dos veteranos do CAOS, e em resposta ao nosso envio de SOS, nos deu a dica: “O ponto 156? Lá para baixo, lá para baixo”, tudo isto sem afrouxar o seu andamento (verdadeiros orientistas!). Então que fazíamos nós cá tão em cima “seus pastores!”.

A descida naquele local, não se afigurava fácil, mas se tínhamos de descer, não importavam as condições. “Estou a ver o ponto”, diz a minha mulher, toda eufórica, “ufa, ainda bem”, o que fez acelerar os meus níveis de adrenalina. Após uns exercícios de equilibrismo, para evitarmos alguma queda desagradável, chegamos ao ponto e…”não é este”. Verdadeiro balde de água fria (em cima da que já tínhamos…). “Será que temos de descer mais?” Só podia.

A lama mais parecia visgo e eu ainda não dispunha de calçado apropriado (as minhas sapatilhas estavam com o piso careca). A situação continuava com aspecto de ser perigosa. Mas a espécie de orientista não olha a meios para atingir os seus fins. Se o ponto era mesmo no fundo, a ordem era para descer (nem que fosse para o inferno).

Com este corpinho que Deus me deu, um pouco (é favor) pró pesado, terreno algo inclinado e bastante lamacento, a minha mulher previu o pior e alertou: “Cuidado, vai devagar, que podes escor….”. Nem acabou a frase. Já tinha eu dado um valente “bate rabo” e deslizava encosta abaixo, sem hipóteses de parar, uns vinte metros. Não tive tempo de pensar no que me estava a acontecer. Foi um slalon, que eu apelidei de “lama-board” (modalidade a ser homologada), em que a prancha foi substituída, e pelos vistos a preceito, pelos rijos costados (de boa cepa) aqui do “espécie”.

O facto mais incrível deste episódio vertiginoso, foi não ter havido consequências físicas a lamentar, para além duma dor insuportável no “sítio” que vós sabeis e dos quilos de lama que me revestiam, que me conferiam um toque carnavalesco (ou não estivéssemos em sábado folião).

No entanto, a surpresa maior estava ainda reservada. Mal refeito do susto, levantei-me calmamente, fiz o check-up a confirmar que estava intacto (o meu anjo da guarda estava de serviço) e, ao meu lado, a “rir-se para mim” e a bambolear o prisma ao vento, como que a acenar, aí estava o almejado ponto.

A parte ridícula de toda esta cena, é que a “baliza” até estava colocada junto a um caminho, vejam lá o problema! Mas a espécie de orientista gosta de inventar, para tornar a coisa mais difícil (hehe). “Se pode complicar para quê facilitar?”

Foi com certeza, a aproximação a um ponto, com a progressão mais radical (cena do tipo Indiana Jones) de que há memória nos relatos de orientação (pelo menos da “espécie”).

94. D. Diogo, o “Voluntarioso”

Passei estes últimos dias a vasculhar a minha “caixinha” de recordações da orientação, no intuito de encontrar algum episódio, uma peripécia, um momento que fosse, em que tivesse sido protagonista com o Diogo Miguel. Nesta altura sentir-me-ia extremamente honrado se isso tivesse acontecido. Mau grado a minha busca exaustiva, não tive até à data, qualquer situação em comum.

Para além duns “bons dias” de cortesia e de uma colaboração ocasional, algures num monte, não tenho nenhum outro relacionamento com o Diogo. Seremos, quando muito, uns “primos” afastados, pertencentes à grande família que é a nossa modalidade. Apenas um pormenor, eu sei bem quem é o Diogo Miguel, mas com certeza que o espécie de orientista “Luís Pereira” não lhe deve dizer nada.

Mas atendendo a que já participei em “n” provas, onde ele também esteve presente, consegui apanhar alguns “flashes”. E a ideia que sempre tive deste “menino”, foi a sua disponibilidade para colaborar, um voluntário para todo o serviço. Posso estar redondamente enganado (e se estiver, deixem passar que o rapaz merece), mas é a sensação com que fiquei, depois de observar o seu comportamento, numa dezena de provas organizadas pelo seu clube, o Ori-Estarreja.

A última visão que tenho do Diogo, é a dum vulto surgido do meio do nevoeiro, descendo uma encosta a alta velocidade, debaixo de uma chuva impiedosa, a terminar o teste ao percurso dos Seniores, na recente etapa da Coelheira, saudado com palmas pelos colegas. Este seu voluntarismo merece mesmo aplausos.

“Fiz cerca de uma hora, mas não tive problemas técnicos, o mato e as subidas é que me atrasaram um pouco”. Comentário dele para o António Amador, quando questionado sobre o percurso. Nesse momento encontrava-me em “meditação”, no abrigo da tenda do secretariado, a ganhar coragem para participar na prova. Ao testemunhar o espírito de sacrifício deste jovem, fui acometido por um acesso de vergonha, pela minha cobardia, respirei fundo e enfrentei a intempérie de peito aberto (sou um voluntário pró tímido).

Algo me diz, que foi o seu espírito de voluntariedade, que o deve ter motivado para este histórico resultado. Se mais ninguém se "chegou à frente" para trazer uma medalha para o nosso país, ele levantou o braço e…"eu vou lá tentar". Terá sido assim grande Diogo?

Para além de ser um atleta acima da média, ainda com uma enorme margem de progressão, ressalta nele a humildade e a fibra dos grandes campeões. E se as luzes da ribalta não o ofuscarem, poderemos num futuro próximo, esperar novos e gloriosos feitos, deste nosso novo herói.

Daqui, presto a minha modesta vassalagem, ao primeiro monarca do reino da orientação.

"Salvé, el-rei D. Diogo, o "Voluntarioso"".

Na companhia de um jovem campeão

95. Solidariedade

A orientação é uma modalidade basicamente individual, salvo raras excepções, em que os interesses dos clubes se sobrepõem. As atitudes um pouco egoístas são correntes, o que é compreensível, mas atendendo à sua especificidade, este desporto está também repleto de comportamentos solidários, quase altruístas.

Ninguém se deve esquecer que hoje "atasco eu", amanhã podes "pastar tu". Ainda existe uma minoria de atletas, que está convencida que estes episódios só acontecem aos outros e não está muito sensibilizada para prestar grandes ajudas. Padecem da chamada "síndrome da memória curta". E não me estou a referir aos denominados "craques", pois esses têm toda a legitimidade para não passar confiança aos "pastores", era o que faltava!

Mas o que estou para aqui a dizer? Isto é o resultado de misturar os verdadeiros orientistas com as "espécies", estamos em alta competição e os complexos de ama-seca ficam para os escalões abertos, está bem? – "Ok! Perdoem o meu delírio".

Felizmente as coisas não se passam assim.

Em termos pessoais, o POM2007, foi uma experiência única, quer pela dificuldade técnica e física que o caracterizou, muito por força da intempérie, quer por alguns momentos que vivi, do género "para mais tarde recordar".

A terceira etapa em Campo de Anta, na minha modesta opinião, pareceu-me a mais interessante. Conciliou, na parte inicial, uma zona de vegetação, em alguns pontos intransponível, com relevo médio, seguindo-se um terreno bem pedregoso aliado a um desnível bem mais acentuado. Com tanta exigência técnica e física, o vosso amigo suou as estopinhas, para levar a sua prova a contento, tendo ficado em determinado momento nas mãos do destino.

Desde o início, que a minha progressão no terreno foi duma dificuldade atroz, em virtude das pedras que por ali proliferavam, quase invisíveis pela vegetação, serem um constante obstáculo à minha orientação. Mas, talvez influenciado por aquela malta alta e

loira, oriunda do norte da Europa, que corriam e saltavam, tal qual cabritos do monte, no meio de todo aquele emaranhado de rochas, entusiasmei-me e zás…"também quero ser como eles".

Uma coisa é o querer, outra é o poder (esta coisa da idade é uma chatice). Quanto mais corria, mais quedas dava. Passei um largo período a escorregar e cair, por tudo quanto era calhaus, que se encontravam bem camuflados por aquela imensa mancha verde.

Agora perguntam vocês: "E os pontos?" Sempre bem longe da vista do "espécie". Ainda pensei pôr os óculos, mas depois ocorreu-me que não uso (hehe). A primeira parte da etapa foi um sufoco, pois a partir do ponto 4, tomei sempre as opções menos adequadas. Se o terreno já era difícil, transformou-se num verdadeiro "bicho-de-sete-cabeças".

Quando me libertei da zona florestal, pensei que estava safo, mas os problemas a sério iam começar. Controlo o ponto 13 e quando me aprestava para me orientar com a bússola, só tinha o espelho, bússola de "grilo"! Com todos aqueles trambolhões, a mola partiu-se e a parte interior saltou e puff! desapareceu (nem o Luís de Matos faria melhor).

Passei uns segundos ou minutos (sei lá!) a aquilatar as minhas hipóteses de continuar, mas se a espécie de orientista com bússola é o que se sabe, sem a "muleta" seria o desastre total. Admiro imenso todos os atletas que se orientam sem bússola e sei que são muitos (devem ter um cromossoma de pombo correio, hehe). São uns campeões!!!

Mas infelizmente para mim, a bússola é imprescindível e como tal resolvi parar, para pelo menos encontrar a direcção que me levasse, sem mais contratempos até às chegadas. A paisagem que me circundava era cinzentona, sinónimo de pedras e mais pedras, e na óptica do "espécie", o que toca a pedregulhos, são todos iguais. Depois do sacrifício que tinha feito para chegar até ali, não via como poderia terminar a prova. Estava desesperado e o desalento tinha tomado conta de mim.

Aparece-me o Zé Moutinho do GD4C, parceiro de escalão, que notando a minha aflição, tenta dar-me uma "mãozinha" (com os remorsos de me ter arranjado esta bússola "fatela"), mas tomou uma opção, que eu para ser franco e mal agradecido (hehe), não me cheirou e deixei-me ficar para trás. Na altura estava mesmo decidido a desistir (também não tinha pedalada para o verdadeiro "trotamontes").

Mas o azar não podia ser eterno e eis que surge outro compincha do escalão, o Carlos Coelho do CPOC, que apercebendo-se igualmente do meu dilema, - "siga-me, que eu levo-o até ao fim". Disse isto com um tal ânimo, que só me restou obedecer. "Obrigado, mas só preciso que me passe para o próximo monte", respondi com um resquício de orgulho. Tinha-me apercebido que depois desse ponto, os restantes (sete), apesar de técnicos, seriam mais acessíveis, mesmo sem bússola, pois estavam localizados na zona das chegadas.

Fiz das "tripas coração" para não deixar fugir o homem (faz jus ao nome) e ainda tive tempo de lhe dar uma ajuda no ponto 15, era o mínimo que podia fazer para "pagar" a boleia. Apesar de eu já estar orientado e sentir que ia conseguir terminar sem mais colaborações, o meu camarada e adversário (mas será que é?), que seguia bastante à minha frente, ainda fez questão de me indicar mais dois pontos (gesticulando de longe),

para completar a sua boa acção (nem os escuteiros fariam melhor), mas já não havia necessidade.

Consegui "sobreviver", sem mp, com um tempo miserabilíssimo, mais de duas horas, mas estes foram aspectos de menor importância. O relevante são as atitudes, que dignificam a orientação e a elevam a patamares de solidariedade e fair-play, só possíveis nesta modalidade ímpar.

Claro que esta situação marcou-me profundamente e com um tal significado, que acreditem, me sensibilizou ao ponto de, quando terminei, uma lágrima rebelde me ter aflorado ao cantinho do olho (e não foi um cisco). Espero que num futuro próximo, me apareça uma oportunidade, de poder ter um comportamento idêntico ao destes meus adversários, que sobretudo são amigos. Posso "pastorear" por aqui mais uns tempos, mas jamais esquecerei este momento.

O início das "istórias" de Campo de Anta – POM`07

96. Visita ao mundo do Atletismo

Se bem me lembro, há uns tempos atrás, confessei a minha "alergia" a corridas. Isto é, não sou rapaz para grandes correrias, estou mais vocacionado para andamentos do género "tudo em paz do Senhor". Mas, lá diz o povinho e a sua sabedoria que "há sempre uma primeira vez para tudo".

A oportunidade para fazer o meu baptismo em provas de atletismo surgiu (os corta-mato dos tempos de escola não contam). "23 de Setembro de 2007". Fixem bem esta data, porque vai fazer parte da "istória" da espécie de orientista. Dia da Meia Maratona Sportzone, no Porto, que por coincidência, oferecia também um percurso "popular" de seis quilómetros, que se enquadrava na perfeição nas minhas modestas capacidades físicas.

Esta iniciativa tinha um cariz especial, porque para além da competição, estava associada a um objectivo de solidariedade social, dado que cada inscrição fazia reverter cinquenta cêntimos para a Casa do Caminho, instituição de acolhimento de crianças em perigo. Para completar, o trajecto era pela marginal do rio Douro, que transformava a prova num excelente passeio turístico. Por insistência da minha mulher, fui inscrito conjuntamente com mais cerca de 12.500 "almas".

Cheguei bem cedo, quase madrugada (atitudes de maçarico), ao Jardim do Cálem, onde estava instalada a meta e donde seriam disponibilizados autocarros para transportar os atletas para a partida. Constatei de imediato que era mesmo "muito cedo", ainda se encontrava tudo meio ensonado, poucos atletas deambulavam por ali e só as conversas dos motoristas dos autocarros, davam um pouco de ambiente ao local. Situação passageira, num ápice, a zona foi inundada por uma multidão, que lhe emprestou um movimento em tons laranja, cor das camisolas oferecidas pela organização. Era hora de apanhar a minha "boleia" para a partida.

Freixo, 8,50 hrs, 16º e um nevoeiro bem intenso (mal se via o rio), capaz de arrefecer até aos ossos. Mas as adversidades climáticas, não são coisa que preocupe malta oriunda da orientação. O tempo era o ideal para a minha primeira experiência numa prova de atletismo. Comecei a ficar com "nervoso miudinho" e só queria mesmo era correr. "Terei apanhado algum vírus? Eu nem gosto de correr!". Respirava-se atletismo por

todos os poros e, de certeza, este ar que pairava, entranhou-se bem fundo no meu aparelho respiratório. Olá se entrou!

A massa de atletas ia aumentando à medida que se aproximavam as 10,00 horas. Jovens, menos jovens, crianças, bebés, um canídeo (o Jack) equipado a rigor com o respectivo dorsal, famílias inteiras, uma imensa multidão onde pontificavam alguns parceiros da orientação. Até o sol já dava um ar da sua graça.

Esta prova adequava-se às "mil maravilhas", ao treininho dominical de preparação para Sintra, próxima prova do nacional de Orientação. Entretanto iam-se tirando os "bonecos" da praxe, para documentar esta visita ao "maravilhoso" mundo do atletismo.

Tiro de partida!!! Só me apercebi, porque soou um gigantesco "bruá" e deu-se início ao "com licença", "faz favor", "oh senhor, não empurre!", "desculpe se o pisei", "não vi o Vítor Baía", "chega-te para lá ao morcão", alguns dos argumentos para deslassar a amálgama humana e podermos finalmente "dar corda às sapatilhas".

O meu objectivo era o de nunca parar (e que vontade me deu verter uma "aguinha"), seguir o meu ritmo e chegar antes da armada queniana (hehe). Não liguem! Também não ando assim tão mal. A minha previsão atirava para um tempo na ordem dos 39/40 minutos.

Nos metros iniciais, limitei-me a tentar não ser atropelado, pelos velocistas que tinham partido mais atrás, mas passando igualmente por muita e boa gente, que só ia fazer o seu passeio matinal. Os primeiros dois quilómetros percorri-os dentro do que tinha estipulado, mas a partir daí, não mais vi as placas informativas (o suor atrapalhou-me a visão, hehe) e comecei a "perder o fio à meada".

Depois do túnel da Ribeira, passei pela malta do GD4C (a orientação prestando a sua colaboração), que estavam no controlo das barreiras e ponto de água, o que me deu mais ânimo, pois nessa altura já estava a precisar de uma motivação extra.

A partir da Alfândega, o corpo começou a pedir descanso, mas como tinha idealizado fazer uma prova o mais séria possível (sou um atleta ou quê?), decidi não fazer a vontade às pernas, a cabeça é que manda. E mandou que não se pensasse mais no assunto, até porque estava perto do Museu do Carro Eléctrico, seguir-se-ia a Arrábida e o Fluvial e pronto! Mentalização não faltava…

Próximo do museu, fui alcançado por um grupo de orientistas (estamos em todas) do Estarreja (Amador, Casal e Manuela), que me serviu de referência e me deu mais uma forcinha para ultrapassar as derradeiras fraquezas e entrar na fase de passar os mais desgastados (a minha corrida nas calmas estava a surtir efeito).

Na rotunda antes da meta, surgiu um grito de incentivo, da sempre presente Aurora Cunha – "Ninguém pára, só faltam 400 metros!" – Era o que eu necessitava (deu cá uma "pica") para aumentar ligeiramente de ritmo e terminar em pleno. Fica para os anais, o distinto tempo de 41,22! (quem se rir leva…). E afinal nem estava assim tão cansado.

Enquanto aguardava pelo grupo da minha mulher, a torrente humana não parava, o que significava haver muitos milhares de "passeantes", em condições bem piores que as

minhas. Claro que esta realidade fez levantar o moral do “espécie de orientista”, após esta sua incursão ao mundo do atletismo. A experiência foi bastante agradável, a prestação nem por isso, mas vai ficar a promessa, de que mal haja nova oportunidade, voltarei.

Demasiado madrugadores, para não perderem pitada

97. De Campanhã a S. Bento…
…caminhando com os AFIS

Há convites que não podem nem devem ser recusados.

Um dia destes, recebi um amável convite "electrónico" da parte do nosso "amigo de fim-de-semana" (AFIS) Joaquim Margarido, que ainda não tinha o prazer de conhecer pessoalmente, a provocar-me para uma "excursão" de pedestrianismo, na sua querida cidade de Ovar. Quase sem hesitar, pensei de imediato em estar presente.

O que acontece é que estava perante uma super prova. Ou seja, o percurso configurava uma vertente lúdico-cultural, ao dar a conhecer várias freguesias do concelho, mas pressupunha também cerca de 34 quilómetros bem físicos (umas sete ou oito horas a dar ao pernil!).

Entrei em meditação! Teria estofo para o semelhante? Seria uma experiência para esquecer ou para mais tarde recordar? Enquanto estava neste vaivém de incertezas e de algum défice de coragem, a minha mulher dá-me uma valente ajuda. A sua "fungadeira" da última semana evolui para uma "senhora" gripe e consigo arranjar uma desculpa esfarrapada, para evitar a mais que provável "tareia", que o Margarido me estava a oferecer. Não tenho dúvidas que teria sido uma jornada épica (o terminar em padiola também deve ter valor). Com certeza aparecerá nova oportunidade para fazer uma incursão a estas altas quilometragens, enquanto isso vou tentar frequentar uns "workshops".

Logo de seguida, este contacto despoletou outro, desta vez da minha parte, a penitenciar-me pelo meu acto de cobardia e disponibilizando-me para uma eventual participação noutra iniciativa do género. E como os AFIS´s não sossegam, desde logo me comprometi a participar na 48ª caminhada do grupo, no dia 4 de Novembro, percurso a desenrolar-se entre as pontes do Freixo e da Arrábida, na mui nobre cidade "inbicta". Pronto…já me sentia melhor com a minha consciência (o remorso podia tirar-me o apetite), mas sempre na expectativa, de que não acontecesse nenhum imponderável, que me impedisse novamente de marcar presença.

E assim, lá tive de madrugar nesse belo domingo de Outono, para apanhar um comboio antes das oito da "matina" (recordando velhos tempos) e me juntar aos meus quarenta

companheiros de caminhada, que já vinham de viagem (alguns devem ter feito "directa", hehe). Como "quem corre por gosto não cansa", não fiz qualquer sacrifício, bem pelo contrário, foi com enorme prazer que me associei a esta malta (com as senhoras em supremacia) oriunda de vizinhas terras vareiras.

O trajecto foi alvo de alguns ajustes, pelo que o seu início passou para Campanhã, não tendo terminado na Arrábida, mas sim em S. Bento, depois de um desvio pela Restauração. Pelas minhas contas devem ter sido uns sete ou oito quilómetros. Uma viagem diferente entre estas duas estações ferroviárias, em que os longos, húmidos e escuros túneis foram substituídos pela aprazível e saudável marginal do Douro.

O ritmo imposto foi "piano", do tipo turístico, já que tivemos o privilégio de contar com um verdadeiro guia, que nos ia fornecendo umas dicas sobre os locais que íamos passando, nomeadamente as seis pontes ribeirinhas. O Joaquim Margarido trazia a lição bem estudada e não deixou nada ao acaso, partilhando com o grupo algumas curiosidades acerca destas obras de arte. Os caminheiros só têm de ficar gratos.

Com um despertar de dia a lembrar tempos estivais, em simpática companhia, perante paisagem soberba, os metros foram sendo devorados num "piscar de olhos". Não obstante ser domingo, fomos encontrando outros madrugadores, nas mais variadas práticas desportivas, onde pontificaram as dezenas de ruidosos pescadores que, junto à D. Maria, participavam num concurso. Só não consegui perceber, se a prova era de pesca ou de quantos minutos se consegue manter a linha estendida a dar "banho à minhoca" (é necessária muita paciência). Peixe não vi nenhum, mas vasilhame perfilado não faltava e ainda não eram nove horas! (hehe)

Chegados ao fundo da Restauração, eu e a minha mulher resolvemos dar um pouco de "corda às sapatilhas", fazendo a "escalada" até ao Jardim do Carregal em ritmo bem mais pesado (até o eléctrico teve dificuldade em nos ultrapassar), em companhia do nosso anfitrião, para justificarmos as camisolas amarelas (cor da AFIS) que muito gentilmente nos foram oferecidas. O intuito deste último "forcing", foi para não deixar dúvidas a ninguém da nossa qualidade como caminheiros, porque como orientistas é o que se sabe…espécies e pouco mais.

Enfim, um excelente passeio, por zonas conhecidas, que valem sempre a pena revisitar, e mais uma porta aberta para a prática do exercício físico e o granjear de novas amizades, que com certeza se irão solidificar num futuro próximo, assim estes "Amigos de Fim-de-Semana" se envolvam em mais organizações.

98. Carta do “espécie” ao Pai Natal

“Meu querido Pai Natal de barba branquinha:

Eu sei que és um senhor com muitos afazeres, sobretudo nesta época, mas como não te peço nada há mais de…nem me lembro desde quando, gostaria que perdesses um minuto do teu natalício tempo, para ver se podias dar uma ajudinha aqui a este teu camarada da “espécie de orientação”.

Tu, que deves ser um orientista de alto gabarito (bem podes rivalizar com o Gueorgiou), que tanto partes dos confins da Lapónia, como de imediato percorres a Muralha da China, para logo abordares umas quantas chaminés nas pampas da Argentina e de seguida descarregares material numas cabanas dos aborígenes australianos, só podes ter uma capacidade de orientação acima da média (ou não sejas tu oriundo das zonas nórdicas), apesar de não te dares muito bem com os ares das savanas africanas, mas enfim…confio cegamente que me possas auxiliar neste momento de “desorientação”. Pssiu! Pssiu! Aqui só para nós. A história de também “atascares”, quando visitas os pubs irlandeses, é verdade? Meu “maganão”…está à vontade, que sou como um túmulo, ho…ho…ho…

As minhas pretensões nem são muito ambiciosas. Se estás à espera que te peça uma estadia prolongada em Bora Bora, o último grito da Ferrari, uma mansão na Riviera Francesa ou uma estrondosa companhia do tipo 86-60-86, podes ficar descansado, que essas ninharias não me fazem falta nenhuma. O meu pedido é bem mais terráqueo e portanto, pleno de sonho e fantasia.

Não terás por aí uma daquelas bússolas, que utilizaste em tempos (agora que já não usas…o GPS quem to ofereceu?), que davam uns azimutes certinhos, para rapidamente chegares, com o teu trenó, aos locais desejados? Se forem das que saem uns bons metros ao lado, obrigadinho mas já estou servido (as do amigo Moutinho ainda funcionam).

Não querendo abusar da tua bonomia e se não for muita pedinchice, eu alargava o meu pedido, para completar o “kit” orientista. Uma meia dúzia de mapas, de terceira geração, com os percursos bem delineados, à prova de “atascanços” e “pastorícias”, com sensores de aviso de desvio de rota, também me seriam bastante úteis. Ora deixa lá

ver se me falta alguma coisa…Ah!!! Um SIcard série 10, (acho que ainda nem existe cá), de alta definição, que me impeça de cometer os malfadados "mps", que acorde as balizas adormecidas, para finalmente poder ombrear com a malta dos Sportident8 ou 9 (ou lá o que é, o Zé Bernardo pode explicar). E já que estás com a "mão na massa", vê se consegues desencantar nos teus baús, uns manuais de sinalética, onde não se confundam ruínas com áreas abertas, cotas com depressões ou reentrâncias com esporões e que tragam instruções, de preferência com desenhos, sobre todo o tipo de "pedrolas". Ficar-te-ia eternamente grato e ia-me dar um jeitão para a próxima prova do Alvão (reparaste como isto rimou? hehe).

Quem bem assim rima sem querer,
Belos presentes deve receber! (ora essa)

Eu sei o que deves estás a pensar. "Para que é que este tipo quer um "kit" avançado de orientista da marca "Nöel`s Silva", se corre como uma tartaruga e pesa quase tanto como um qualquer atleta de sumo?" Ok, tens razão, mas eu faço-te uma promessa. Nesta quadra vou me tentar portar bem. Corte radical no queijo da serra, pão-de-ló, bolo-rei, rabanadas, sonhos, filhós e outros pecadilhos de gula afins. Mas deixa-me pelo menos, petiscar uma postinha de bacalhau, molhada com um tinto do Douro, está bem? E vou correr todos os dias (ou quase…não abusemos), para matar as calorias da "roupa velha".

Agora só espero que não me desiludas, como com certeza eu te vou desiludir (hehe, não acredites, foi só uma graçola). Envia o equipamento e depois voltamos a conversar de orientista para "espécie". Se tudo resultar, prometo (é só promessas!) que envidarei todos os esforços (nem que tenha de meter uma cunha ao Carlos Monteiro), para te conseguir um "wild card" para o WMOC`08, no super escalão dos mais de 100 (uma mão lava a outra não é assim?). E podes fazer mais uma boa acção e dar boleia ao teu jovem conterrâneo Erkki Luntamo, que ainda não fez 94.

Espécie de saudações orientistas com um abraço ao meu velhinho preferido.

PS: Os meus cumprimentos ao "Rudolfo" (a tua rena favorita), que esse sim é um "espécie de orientista" de eleição, sempre com um "grão na asa" e sempre no sítio certo (tenho fé que consiga controlar a minha chaminé)."

Se o Pai Natal me atendesse, o Hotel dos orientistas não seria com estas condições

E os balneários teriam outro conforto

99. Um percurso reiseiro

E perguntam os meus amigos: - “Mas afinal, que é isso de percurso reiseiro?”. Tenho de ser franco com vocês. Também não era resposta que eu tivesse na ponta da língua. O melhor a que eu poderia chegar, seria “qualquer coisa” que tivesse a ver com reis, até pelo simples facto de que este percurso se efectuava no Dia de Reis (as tais afirmações à Senhor de La Palisse).

E não é que acertava? Tal e qual. Os Amigos de Fim-de-Semana (AFIS), denominaram por “reiseiro” este bem delineado trajecto pedestre, com cerca de oito a nove quilómetros (penso eu!), de cariz cultural, que percorreu várias artérias da cidade de Ovar, evocando as antigas trupes de janeiras deste concelho e que coincidia com a sua 50ª caminhada. Este número tão significativo teve comemoração a preceito.

Foi um périplo por locais, que trouxeram saudosas recordações aos caminheiros desta terra vareira (a fazer fé no brilhozinho dos olhos), para o que tivemos o privilégio, de contar mais uma vez, com um anfitrião de qualidade, o sempre disponível e bem informado Joaquim Margarido, que aproveitou para homenagear alguns eminentes ovarenses (a maioria já desaparecida), ligados de alguma maneira aos grupos de foliões reiseiros, que outrora calcorreavam estes mesmos caminhos.

Pessoalmente e numa perspectiva meramente fisico-desportiva, preferia não ter efectuado qualquer paragem (arrefece-me o “motor”), mas reconheço que este género de passeios têm outro significado, com esses períodos de “repouso” para uns breves momentos culturais. A fórmula é mesmo assim: um pouco de cultura não faz mal nenhum ao físico e desanuvia a alma, não é verdade? Considero a ideia excelente e estou em crer, que os meus companheiros de “viagem” perfilham da mesma opinião, pois comparecem, pelo que me vou apercebendo, sempre em bom número (nesta jornada contei meia centena). Eu, sempre que me for possível, direi “presente”.

Para quem, como eu e a minha mulher, não tem quaisquer laços afectivos com esta região (éramos os forasteiros do grupo), não deixou de ser agradável e deveras interessante, a “história” que nos ia sendo narrada, à medida que se ia caminhando pelo coração de Ovar. Consegui perceber um certo cuidado na elaboração do percurso, para

que os “actos” culturais tivessem um encadeamento lógico e atingissem o ponto culminante no final.

No término da jornada, fomos presenteados com uma recepção enternecedora, pelas vozes do coro infantil “reiseiro” da escola básica da Habitovar (estavam tão giros com aquelas boininhas de pompons verdes), que decididamente me deixou emocionado. Há momentos que são um autêntico bálsamo para os nossos corações.

100. Promessa cumprida

Há uns meses atrás, quando da Meia maratona Sportzone, onde este vosso amigo, da "espécie de orientação", fez a sua estreia em provas de estrada, ficou a promessa que mal houvesse oportunidade voltaria a aparecer, porquanto essa "primeira vez" me tinha deixado com água na boca.

Para quem nem gosta de correr, sou mesmo um rapaz com falta de juízo. Ontem fui num instante à Marinha Grande (Pedreanes) disputar uma prova de orientação, para o regional norte, no secular pinhal de D. Diniz, tendo percorrido mais de oito mil metros num desgastante terreno arenoso. Hoje apresentei-me todo fresco (leia-se recauchutado) no Porto, na 9ª Corrida das Festas da Cidade, para a dita caminhada de 5.000 metros, pelas artérias da Foz (ganda maluco!). Claro que aproveitei para fazer uma corridinha, não sou moço para embarcar em passeios "familiares". Os 15 km da prova oficial eram demasiada areia para as minhas capacidades, mas estas distâncias mais "maneirinhas" encaixam na perfeição.

Com uma temperatura ideal (19º) e uma motivante moldura humana, parti em plena avenida da Foz com mais uns 7.500 companheiros, para o que eu julgava ser o sacrifício do pagador de promessas. O percurso apresentava um ligeiro declive na Avenida da Boavista, do primeiro para o segundo quilómetro e a minha expectativa era bem pessimista, quanto à minha competência física para ultrapassar este pequeno obstáculo.

Engatei uma velocidade cautelosa, para lá mais para a frente, não ter de andar a passo (seria mais um vexame público), tendo passado com 6,10 aos mil metros. Apesar deste ritmo de "cavalo cansado" (tinha pensado fazer 6,30/km), já pouca gente da caminhada seguia por ali, visto a maioria se limitar a pôr a conversa em dia, enquanto procediam ao seu dominical "passeio higiénico".

Depois da rotunda do Castelo do Queijo, onde me cruzei com as gazelas quenianas (eu com 1.200 mts, eles quase com 3.000 hehe), iniciei a tal subida para Nevogilde, que devo confessar, ficou muito aquém do esperado (e ainda bem), pois mal senti o esforço despendido. E assim sendo, os dois quilómetros foram ultrapassados em 12,22, tendo baixado ligeiramente a passada, como seria natural, depois do exagero nas precauções tomadas.

Mas como tudo o que sobe desce, aproveitei o regresso à rotunda, para levantar o pé do travão e deixei-me deslizar por ali abaixo, a um ritmo bastante mais rápido, apanhando com a refrescante brisa marítima pela frente (substituiu a água que não vi ou que não havia?), passando o terceiro quilómetro com 17,46, o que pressupunha uns vertiginosos (hehe) 5,24 para estes mil metros. Até me veio à ideia que a placa estivesse mal colocada, senão o meu ritmo poderia estar demasiado rápido e daqui a nada seria o estouro geral. Nada disso aconteceu, a descida do trajecto tinha ajudado, mas na verdade eu também me estava a esforçar qualquer coisita (não acham?).

Na passagem pelo Edifício Transparente, cruzo com a minha mulher que vinha a fazer uma "passeata" engraçada, tendo aquele "cúmplice olá" servido de incentivo para uns metros em passada muito mais solta, que veio a resultar num quarto quilómetro em 5,36, continuando a realizar uma prova muito acima das minhas previsões mais optimistas.

Quando o meu corpo começava a dar indicações de que algo iria baquear dentro de instantes, consegui um novo alento ao aproximar-me duma participante, já em perda, que é abordada por alguém que entretanto cruzava, que gritou – "oh avó vai mais devagar, que te podes sentir mal!". Perceberam bem? Avó? E eu que ainda só sou pai e tio (hehe), ia para ali quase a dar-me o fanico?

Fiz das tripas coração e arranquei para os metros finais, desta vez sim, com uma velocidade mais de acordo com corridas a sério, passando nessas derradeiras centenas de metros, umas boas dezenas de parceiros de "caminhada" e alguns retardatários dos "15", que demonstravam estar mais nas lonas do que eu, tal era o arfar resfolegante e o arrastar de sola que iam proporcionando. Nem consigo imaginar, em que estado estes "aventureiros" iriam acabar.

Terminei com uns limitados 28.20,13 (4,58 no último km), com a sensação de que não doeu nadinha e que os meus temores eram infundados (mariquices!). Sentia-me satisfeito com o tempo realizado, pois contava fazer entre 32 e 34 minutos, não me encontrava muito extenuado e ainda por cima tinha conseguido bater a "avózinha", que chegou uns momentos depois (a minha coroa de glória, hehe). Para vossa informação, a senhora corre há mais de quarenta anos e vai completar sessenta e sete primaveras (sou um "cusco" com falta de educação). São exemplos desta natureza, que confirmam a ideia, que para a prática do exercício físico, não existe mesmo limite de idade e a sabedoria popular que "velhos são os trapos".

Posso voltar a dormir descansado, porque a partir de agora não tenho mais qualquer promessa por cumprir, mas provavelmente estas minhas viagens ao mundo maravilhoso do atletismo irão ter continuidade.

101. Fosso “assustador”

Vão sendo do conhecimento da malta mais chegada (os que têm paciência para me aturar), certos episódios de que fui protagonista, mais ou menos rocambolescos, certamente caricatos a roçar o ridículo ou definitivamente hilariantes. Mas sempre fica qualquer coisa por contar, como alguém preconizava – “deves ter alguma carta na manga!”. Prefiro dizer que tive de me socorrer de “ficheiros secretos” pessoais e de máxima confidencialidade.

A cena desenrolou-se durante uma competição em Casal dos Bernardos, num pinhal de contornos bem agressivos, com mato de origem “amazónica”, fossos “perigosamente” camuflados, constantes altos e baixos, mas também uma quantidade enorme de caminhos. Este cenário na altura pareceu-me deveras assustador, apenas porque participava na minha terceira prova oficial, onde tudo ainda era novidade, mormente os pormenores dos terrenos que pisava (maçaricada ao mais alto nível).

Fazia equipa com a minha mulher num escalão aberto, perante uma prova de características diferentes do habitual, em que os concorrentes tinham a responsabilidade de escolher os percursos, pois os pontos não se encontravam ordenados. Tarefa nada acessível, para quem mal dominava a sinalética. - “Melhores opções? Mas que raio significa isso? Cá para mim é sempre a direito e fé em Deus”.

O que aconteceu foi que baralhamos aquilo tudo, inventámos do que “melhor” existe em traçados de orientação, que a “páginas tantas”, o ponto que nos faltava controlar, situava-se num trilho paralelo ao caminho onde nos encontrávamos, mas com a “pequena” contrariedade de haver um verde “parede” de permeio (a alternativa obrigava a uma volta de quilómetro).

Claro que para o casal da espécie de orientação não pareceu ser obstáculo de monta. O verde-escuro tinha o mesmo significado que o amarelo…ou quase. A zona assemelhava-se a um verdadeiro manancial de tojo “ulex” (naquela época ainda não tínhamos sido apresentados), no entanto, alguns recentes “exploradores” tinham conseguido delinear um “carreiro” rudimentar, onde mal passava um tipo magrinho e de lado, nada que constasse no mapa, mas mesmo assim partimos à aventura – onde pode passar um português, com certeza passam dois ou três.

Percorremos umas dezenas de metros, rodeados de silvas até aos ombros, onde ao mínimo descuido – "arre que me piquei!". Apesar da dificuldade, fomos progredindo com as cautelas necessárias, até que começámos a descortinar gente a passar no tal trilho que pretendíamos.

Num momento fatal de desatenção (que pontinhos com dentes são estes no mapa?), não reparo numa falha de terreno que antecedia o caminho, páro de repente, e a minha mulher, que me seguia nos calcanhares, dá-me um ligeiríssimo empurrão, que foi o suficiente para me fazer escorregar e cair de costas mesmo em cima das silvas, que atapetavam o exíguo carreiro. Fico deitado, com as pernas a bambolear para um fosso escarpado (aaaah…os tais pontos dentados!), completamente "forrado" por um imenso matagal, que impedia vislumbrar a sua profundidade.

E agora? O "espécie" prostrado no chão em posição humilhante, a sentir ao mais pequeno movimento os picos a entrarem nas partes carnudas, a minha mulher incapaz de me levantar dado que não podia passar (as seis arrobas metiam respeito!), eu a não conseguir fincar as mãos no chão para me ajudar, pois tudo era espinhos e, para completar o cenário, tinha pela frente um fosso assustador, que poderia esconder o "abismo" sob a vegetação que o camuflava.

A cena não estava de modo nenhum para brincadeiras, tendo de imediato sido acometido por uns aflitivos suores frios (daqueles que não nos cabe um feijão…). A melhor hipótese seria forçar os pés na vegetação do fosso, mas…cuidado…e se tudo fosse oco? Mergulharia num mar espinhoso, com consequências imprevisíveis (arrepiante não é?...não saber interpretar o mapa!!!).

"Força Cláudia, puxa-me pelos braços!" – isso é que era bom, habituada apenas a pegar nas sacas do "continente". Eu bem que esforcei para me sentar, mas os meus abdominais andavam debilitados e qualquer pressão que fizesse era de imediato infiltrado nos lombos e "nadegueiros" por aquelas "agulhas" terríveis – quieto é que estava bem. E não aparecia vivalma para dar uma ajuda (ao tempo que andávamos no "pasto", o mais provável era toda a gente ter regressado a casa).

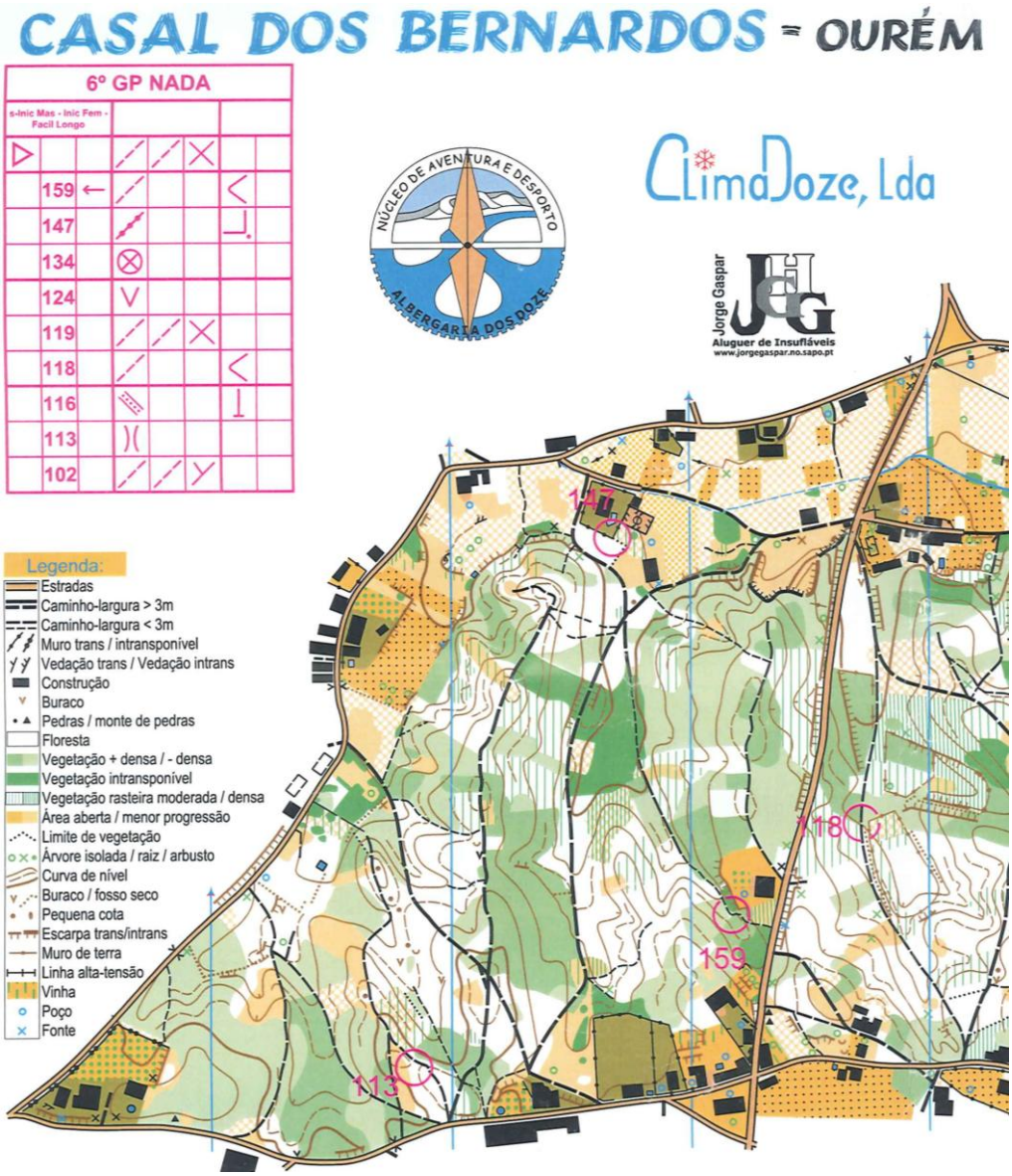
Só havia uma solução. Num assomo de coragem, firmar as mãos no terreno pejado de silvas, berrar um chorrilho de asneirolas cabeludas para aliviar as dores, aguardar que a minha mulher me amparasse nas costas, depois de dobrado, para me poder levantar sem ter de firmar as pernas. Estas continuavam sem apoio, penduradas para o "aterrador" fosso, onde eu em desespero, já imaginava ser a entrada do inferno ou…do território dos duendes (sabia lá!).

Depois duns dolorosos e blasfémicos momentos (a justificar "bolinha"), consegui sentar-me, com as palmas das mãos latejando de tantas picadas, mas ainda tive de me arrastar um pouco para trás, sobre um autêntico "colchão de faquir" (novo sacrifício para os meus fustigados glúteos), para finalmente voltar à posição vertical (uff!). Terão decorrido uns cinco minutos no máximo, que para nós pareceram horas, tal a intensidade do "drama". (foi aqui que jurei a mim mesmo que iria emagrecer)

Transpusemos facilmente o fosso, pois nem era muito largo, mas não resisti a confirmar as suas profundezas, para avaliar o "perigo" a que tinha estado sujeito. Enfiei um ramo com mais de dois metros pelas silvas dentro, ao encontro do desconhecido e…nem

queria crer…cinco centímetros? O fosso só tinha a profundidade que era visível, não atingindo um metro? Então estivemos nós ali tanto tempo, no limiar de um ataque de pânico, acabei todo espetado (não me pude sentar nos dias seguintes) e bastava colocar os pés no fosso? – "Isto é de perfeitos idiotas!" – desabafámos, rindo de alívio. "Ainda bem que não apareceu ninguém, seria uma vergonha" – comenta a minha parceira – "Esta cena vai connosco para o túmulo, combinado?" – "Ok mulher, tu mandas".

Portanto já sabem, nada de comentários, esta "istória" fica apenas entre nós. Se ela vier a ter conhecimento que dei com a língua nos dentes, algo de "horrível" me pode acontecer e vocês não desejam isso, pois não?



Os dentinhos ameaçadores no meio dos verdes, um pouco acima do "118", entre a estrada e o caminho

102. Ovar de lés-a-lés (I)

É inevitável que com o passar da idade, vamos perdendo algumas faculdades físicas, mas é em termos intelectuais que as coisas complicam…e de que maneira. Diminui o juizinho e não há nada que nos possa valer. Por vezes esses momentos de menor sanidade mental, levam-nos a cometer uns verdadeiros actos de heroísmo, que em circunstâncias normais não aconteceriam…e ainda bem, digo eu!

Para quê todo este preâmbulo de índole geriátrica? Apenas para estarem preparados e não fazerem umas caretas de espanto, quando vos disser que resolvi participar no II Ovar de Lés a Lés, um passeio de pedestrianismo pelas oito freguesias do concelho vareiro, organizado pelos AFIS, com a módica quilometragem de 34 km!

Não pensem que estou tolinho (ainda não!), mas este ano não consegui arranjar uma boa desculpa para fugir ao convite do Margarido. Voluntariamente (!), inscrevi-me com a minha renitente mulher (nem dormiu com os pesadelos) e às oito da "madrugada" de domingo, marquei o ponto na estação de Esmoriz, juntando-me aos sessenta e tal companheiros de jornada. O grupo apresentou-se em termos etários bastante heterogéneo, abarcando uma faixa de idades que ia dos trinta aos mais de setenta anos. Pormenor que me deixou apreensivo, pois fiquei com a sensação, de que nem toda a gente sabia no que se estava a meter (a começar por nós, hehe).

O percurso estava perfeitamente delineado, tendo os caminheiros de dar à perna durante a manhã, uns "despiciendos" vinte quilómetros, para um objectivo de quatro e meia a cinco horas de caminhada, havendo uma previsível paragem de meia hora ao cabo de nove e meio, a fim de nos abastecermos e "despejarmos". Da parte de tarde, debulharíamos os restantes "irrelevantes" catorze mil metros, para um tempo aproximado de três horas, com uns quinze minutos de reagrupamento ao fim de oito. O esquema não parecia mau, pressupunha um ritmo realista, assim nós o conseguíssemos cumprir.

Aproveitando a frescura do alvorecer, os primeiros metros foram percorridos a um ritmo ligeiramente excessivo, dado que ao fim de 4,5 km, na praia de Cortegaça, só tínhamos despendido 45 minutos (cerca de 10``/km), tempo muito abaixo do que estava

estabelecido (12``/km). Esta velocidade inicial poderia significar, que mais tarde tivéssemos de pagar a factura.

Sendo a nossa primeira experiência numa caminhada com esta distância, eu e a minha mulher decidimos seguir logo atrás do grupo da frente, com receio de que se nos atrasássemos, não conseguíssemos recolar. Rapidamente constatamos que os nossos temores não tinham razão de ser. Muitos elementos, desde cedo denotaram dificuldade em acompanhar o grupo mais numeroso (o tal desconhecimento da realidade), que obrigava os mais rápidos a reduzir a passada, para evitar cortes muito longos e que resultassem numa desnecessária e inconveniente paragem a todo o grupo.

Depois de um trajecto pela orla marítima, a escassos metros da rebentação, onde casualmente pudemos presenciar a recolha das redes, na arte xávega (pesca artesanal), inflectimos para a floresta, rumo a nascente e à freguesia de Maceda, para se efectuar a primeira paragem, junto à Igreja Matriz, com uma hora e quarenta e cinco minutos de caminhada. Até aqui, tudo calmo e sereno, sem grandes sobressaltos. O cenário complicou logo a seguir.

Quando já nos dirigíamos para Arada (10 km), o dinâmico impulsionador deste evento e simultaneamente guia dos percursos, ao fazer uma corridinha numa subida, para se adiantar e nos tirar um ”boneco”, rasga um gémeo e fica literalmente fora de combate. Mau…isto pode originar problemas, então o homem que nos ficou de trazer de volta sãos e salvos, vai para o hospital? Desistimos também ou haverá alguém no grupo que o possa substituir?

Perdemos o “grande líder” Margarido, mas imediatamente assumiu o poder o voluntarioso Ferreira da Silva, que coadjuvado pelo experiente Manuel Viana, decidiram sem nenhuma hesitação, dar continuidade ao passeio, até porque ambos tinham acompanhado o levantamento dos trajectos. Muito bem, “siga a rusga” e rápido restabelecimento para o Joaquim Margarido.

O calor começou a fazer-se sentir, mas como os percursos para S. João se desenrolaram maioritariamente por trilhos florestais, atenuou o sacrifício e tornou a caminhada bem mais agradável. Como sou um homem da Orientação, prefiro a mata ao alcatrão, só que infelizmente, nem todos os participantes comungavam da mesma opinião (uns rezingões!). Gostando ou não, ainda tiveram de percorrer mais uns belos campos e carreiros, com passagem por uma zona pitoresca de antigos moinhos de água, até chegarem a S. Donato, em Guilhovai, onde nos aguardava um saboroso caldo, para nos retemperar as calorias consumidas nas 4 horas e 35 minutos!

A etapa matinal estava concluída com distinção e o casal orientista ainda se sentia com forças. Nem dava para acreditar que tínhamos percorrido 20 km sem qualquer incómodo, para além da “chatice” das mochilas que pesavam “toneladas” (atendendo aos “morfes” que levei, não admira, hehe). Podíamos vir a desistir, mas não seria por fraqueza, com certeza. Não sei como iria reagir quando me levantasse, mas pelo sim pelo não, nem me atrevi a descalçar as sapatilhas (não pelo cheiro, hehe, mas pelo inchaço dos pés, seus malandros!).

Palmilhando…

...o concelho de Ovar...

103. Ovar de lés-a-lés (II)

Após o almoço "é que foram elas"! De papo cheio, a temperatura a subir, as pernas a pesar, tive alguma dificuldade em encontrar o ritmo conveniente, para o percurso de 4.100 metros em estrada, que nos levaria até à Capela de S. Geraldo, em S. Vicente de Pereira. Com um piso de paralelo irregular, comecei a ter problemas nos pés, dando origem a uns sintomas que eu conheço de "ginjeira": as arreliadoras e massacrantes bolhas! Em termos musculares continuava a sentir-me impecável e para minha surpresa, a minha mulher ainda não dera um ai. Se ela não se queixava, eu tinha de seguir caladinho e sorridente, afinal quem é o sexo forte? (claro que eu sei que ela sofre baixinho, é uma durona)

Mal o pelotão começou a esticar, aconteceu o inevitável: as sempre frustrantes desistências. Num ápice, a carrinha de apoio quase lotou a sua capacidade. Com estes contratempos, fomos obrigados a efectuar uns minutos de paragem, nas frondosas sombras no adro de S. Geraldo, para absorver os mais atrasados, porque iríamos entrar novamente para trilhos de floresta e poderíamos correr o risco de alguém se perder.

Quem falou em perder? Agora era sempre a descer até Válega, não havia que enganar, mas antes teríamos de percorrer a célebre e antiga "estrada real", bem camuflada no meio da floresta. A certa altura, o nosso guia tem uma branca, não reconhece um caminho e esbarramos num mato impenetrável. Tivemos de fazer marcha-atrás uma meia dúzia de metros e invadir um terreno recentemente lavrado e adubado (que fez desaparecer o trilho original), com um cheiro de queijo suíço no ar (quem não lavou os pés? hehe), para desembocarmos na famigerada estrada real.

Aqui surge-nos novo obstáculo. Um lameiro de três metros de largo, com um palmo de água, que só se podia transpor, encharcando os pés ou passando sobre uma rudimentar e frágil escada de troncos, que só veio a aguentar até à passagem dum companheiro, com demasiado peso para estas andanças. Tchap!!! Botas na água e lama para todo o lado. Sem outra solução, valeu o desenrasca; e um aglomerado de silvas, que à primeira vista metia respeito, foi devastado em segundos, permitindo que os últimos elementos conseguissem um salvador atalho para o trilho, sem necessitarem de molhar as solas (snif…felizardos, também quero…snif).

Foram uns momentos de descontracção e boa disposição, que deram origem a uma insólita "istória" para mais tarde contar e recordar. Se a rapaziada já vinha a ralhar (poucos mas chatos), por passarem em demasiada zona de pinhal, agora ainda ficaram com mais "azia", mas tenham paciência, efectivamente esta foi a melhor parte da jornada e nada mais profilático para os "achaques de digestão", do que o aprazível aroma a rosmaninho que emanava daquela mata.

Por força destes engraçados percalços, o nosso guia perdeu a confiança (?) e resolveu pedir colaboração a um dos caminheiros, natural desta freguesia, no sentido de nos levar a bom porto, que é como quem diz, até à Igreja de Válega onde se procederia a uma ligeira paragem para um novo reagrupamento e consequente reabastecimento (ia cá com uma larica!). Com estes "fait-divers" até me esqueci das bolhas, mas elas continuavam lá e tinham-se reproduzido!

Aproveitei a curta paragem, para tirar umas fotos da colorida fachada da Igreja, mantendo-me assim distraído, numa tentativa de não dar importância ao sofrimento dos meus desgraçados pezinhos. Para mal dos nossos pecados, o trajecto seguiu para nova estrada de paralelo (o terror dos caminhantes) e a partir daqui, dei início à parte mais dolorosa da caminhada. A degradação do físico foi lenta, mas inexorável.

Tanto eu como a minha mulher entramos numa fase de padecimento, que só tínhamos em mente terminar o mais rápido possível. Agora para complicar, apareceu-nos também umas maçadoras dores musculares, que aliadas às "brasas" que trazíamos nas sapatilhas, tornaram a parte final da jornada completamente desconfortável. Mas nem num só momento, nos passou pela cabeça desistir (a carrinha também já ia sobrelotada, hehe). Isto de ser herói sem sofrimento não tem o mesmo valor.

Depois de mais 3 horas e 45 minutos, tempo inflacionado por um erro no derradeiro percurso que nos fez penar mais 1,5 km, finalmente chegámos ao Jardim dos Campos, em pleno centro de Ovar, onde se realizava a Feira do Pão, tendo sido recebidos com simpatia (ou admiração?) por alguns dos transeuntes, que tinham conhecimento da nossa odisseia.

Apesar de cansados e mesmo apresentando algumas mazelas (um "manquelitar" geral), era notória a satisfação de toda a gente pelo feito conseguido, pois não é todos os dias que se percorrem distâncias desta natureza. Em termos pessoais, a dureza da prova funcionou como um teste à nossa capacidade de resistência e um tomar de pulso ao espírito de sacrifício orientista – uma experiência memorável!

Para encerrar em apoteose, a direcção dos AFIS, demonstrando elevado bom gosto e em sinal de reconhecimento pelo esforço desenvolvido, fez questão de presentear todos os caminheiros, com um cuidado diploma de presença e um bonito azulejo evocativo. Gesto singelo que caiu muitíssimo bem.

Duas horas depois, no regresso a casa e já reconfortado com uma lauta feijoada, também oferecida pelos inexcedíveis organizadores, comentava com a minha parceira de aventura, que para nós a prova deveria ter terminado aos 30 km, porque a partir daí tudo funcionou por excesso, sobretudo as maleitas. Mesmo assim, nem uma pontinha de arrependimento, até porque já me sentia fresco como uma alface e como tal, não poderei dizer que desta água não tornarei a beber, a ver vamos.

…de lés…

…a lés

104. Mês ecléctico

O que pode fazer um tipo durante os longos períodos que medeiam entre as competições de Orientação? Treinar sozinho? Não mexer uma "palha"? Ou procurar umas actividades físicas, que lhe vão preenchendo o tempo e simultaneamente funcionem como escape ao fastidioso quotidiano da espera, por nova prova de bússola em punho?

Nestes momentos de marasmo pareço uma barata tonta. Não posso, simplesmente sentar-me no meu sofá de estimação a "zappingar", aguardando pachorrentamente que o calendário vá passando os dias (poder posso…mas não devo!). Então, tento participar noutras iniciativas desportivas, mesmo não sendo as mais adequadas, apenas para não estar quieto (chamada virose dos bichinhos carpinteiros).

Depois do remoto dia 5 de Outubro, onde participei numa extraordinária prova de Orientação em S. Pedro do Sul, teria de aguardar uns demorados trinta e três dias para poder estar presente noutro evento orientista, pois infelizmente não me poderia deslocar a Toledo no final do mês, situação que me deixou em perfeito estado de choque.

E o que me aparece pela frente para colmatar? Um belo passeio de Pedestrianismo, no dia 19, por terras de Ovar, mas com a heróica quilometragem de 34 km! – "E tu foste? Tiveste coragem?" – perguntam vocês com incredulidade – "Claro, quem não tem cão, caça com gato". Foi o que se pôde arranjar. Já escrevi sobre essa jornada memorável, mas não me canso de afirmar que, quando se proporcionar, alinho novamente – fiquei cliente.

Como sou um moço de fácil cicatrização, despachei as dolorosas bolhas "vareiras" em pouco tempo e no dia 26, encontrava-me apto para marcar presença na 5ª Maratona EDP…Deixei passar uns momentos para saborear o vosso engolir em seco. Leram bem – o "espécie de orientista" também foi cheirar o suor dos quenianos voadores.

Já perceberam não é? Podem ficar descansados, que continuo com o juízo atinado. Eu estive lá, mas apenas para realizar os 6 km da caminhada, hehe (olhem que ouvi os vossos suspiros de alívio). Bom, também não exageremos, não me limitei a andar, fiz todo o percurso no meu ritmo de "atlerpa", tendo como objectivo nesta minha quarta presença em provas de Atletismo (ainda não sei, se aquilo que fiz se pode chamar

assim), bater o meu tempo pessoal nesta distância (35,44 na Sportzone deste ano). Uops! È verdade, esta minha cabeça já não é o que era. Não vos contei que em Setembro fui lá novamente (às tantas ainda começo a gostar perigosamente do asfalto, hehe).

O percurso começava logo com uma rampa de 300 metros, na Júlio Dinis, mas a partir daí, seria um autêntico "escorrega" pela Avenida da Boavista abaixo. Bastava imprimir a minha velocidade de treino (tenho uma, não sabiam?), que iria conseguir um tempo bem melhor que na Sportzone. Nem vos digo nem vos conto. Passados estes dias, ainda continuo sob uma deliciosa vertigem (as velocidades excessivas deixam-me assim). Se não tivesse cronometrado, não acreditaria.

Por força da subida inicial, o primeiro quilómetro foi algo lento (6,07), mas com a entrada na Avenida, porventura embalado pela música da "Casa" e aproveitando o deslizar constante do alcatrão, percorri o segundo em 5,36 moralizadores. Ao mudarmos de direcção para o Bessa, acabou o deleite proporcionado pela descida e comecei a sentir um estranho "cansaço", julgo que psicológico, mas o abastecimento apareceu tal qual um oásis e dois golinhos de água (mais, podia criar rãs, hehe) resolveram o assunto.

Na passagem pelas Andrezas, o trajecto voltou a empinar ligeiramente, só que nesta fase já tinha ligado o "piloto automático", de forma que nem me apercebi do facto. Nesta altura tocam-me no braço – "Ei Luís! Por aqui?" – Olho de soslaio e entre dois arfares esforçados, cumprimento um amigalhaço de longa data, com um grunhido que deveria ser traduzido para um simples – "Boas". O Carlos começou a falar como se estivesse na esplanada de um café – "Fazes os 14 ou os 6? Blá…blá…blá" – Deixei de o ouvir, pois se entrava "numa" de conversa seria obrigado a parar. Não tenho aqueles "interruptores" de atleta, que comutam a bel-prazer, tanto correm como dão à língua. Nah! Se vou em esforço, não me posso distrair. Ainda bem que ele resolveu desligar, só espero que tenha entendido as minhas limitações fonéticas (no próximo "tacho" esclareço-o, hehe).

No terceiro quilómetro, voltei a aumentar o andamento para uns 5,29 que me pareciam extremamente rápidos, mas se as sensações eram boas, qual o problema? Quando regressássemos à Boavista, o trajecto seria sempre a descer até ao Parque da Cidade, portanto não havia que ter "medos", os santos iriam ajudar.

E não é que ajudaram mesmo? Penso até que me chegaram a empurrar, os batoteiros! hehe. Ao transpor o quilómetro quatro (vertiginosos 5,19), decidi acelerar mais uns "pós" aproveitando ao máximo a descida. Os metros foram sendo galgados em boa cadência, que quando me aparece a placa indicativa do quinto quilómetro, até me assustei (já?), mas o cronómetro não mentia e constatei uns espectaculares 4,54!!!

Como já descortinava ao longe o insuflável da meta, passou-me qualquer "coisinha" pela cabeça, não mais tirei os olhos desse ponto para não desconcentrar, abri a passada e percorri o último quilómetro a um tal ritmo, se calhar exagerado, que até terá chamado a atenção. –"Olhem só para aquele maluquinho, parece que vai ganhar uma medalha!" – Ia de tal maneira acelerado, que me estava nas tintas para os comentários, afinal isto é para correr ou passear? A minha preocupação não se prendia com quem seguia à frente

ou atrás, o objectivo centrava-se apenas na “minha medalha”, o resto passa-me completamente ao lado (pfff...lesmas!!!).

Mal termino, reparo na reacção demasiado efusiva das “meninas” da Organização, dado que apenas tinham concluído a “caminhada” umas mãos cheias de participantes e provavelmente, ainda nenhum se teria apresentado de cabelos brancos, hehe. Uns inacreditáveis 31,20, tendo os derradeiros mil metros sido percorridos em 3,55 supersónicos! Ora tomem que é para aprenderem!

Uma performance inimaginável, mas o relógio da chegada conferia com o meu, não havia dúvidas. E se elas houvessem, foram totalmente dissipadas com o tempo realizado pela minha mulher (34,30), que colocou um travão na minha euforia (só fiz menos 3 minutos?...Oh amarga desilusão!). O “escorregão” da Avenida da Boavista funcionou em pleno, mas cuidado…é percurso enganador, não dá para iludir.

O “espécie” deu-lhe para ser eclético, andou a testar novas experiências, conseguindo ocupar o vazio, que lhe provoca a falta de provas em perseguição dos “laranjinhas”. Com tantos intervalos no calendário orientista, um dia destes ainda vos conto alguma incursão nas Ultra-Maratonas do meu amigo “Trotamontes”, nos radicais Montanhismo, Rafting ou Downhill, ou quem sabe, numa popular e aferroada “lerpa”, o essencial é continuar a exercitar as articulações, não vão elas cristalizar.

105. Uma questão de idioma

Uma vez por outra afloram-me à memória (apesar do esforço para esquecer), as imagens dos trabalhos que passei no POM07, designadamente na tão propalada etapa de Campo de Anta. Creio que nesse dia, me envolvi num rol de situações inesperadas e rocambolescas, que justificariam com certeza, um extenso almanaque de "istórias" para os gostos mais variados. Mas como o "espécie" funciona tipo telenovela da noite, entretenham-se (ou não) com mais um singular episódio.

Convém lembrar, que nessa épica jornada, tínhamos como parceiros de prova, umas centenas largas de forasteiros, provenientes de quase toda a Europa. São as melhores alturas para colocarmos a nossa veia de "poliglota lusitano" à prova e desenferrujarmos a língua, treinando as mais diversas "línguas de trapos". Ocasiões não faltaram. Os mais bafejados com o dom da pronúncia estrangeira (o chamado "sutaco"), puderam dar largas à sua capacidade inata de se fazerem entender, fosse com um qualquer "nuestro hermano" ou mais difícil ainda, com os companheiros oriundos da terra das "matrioshkas".

Atendendo aos antecedentes, devem compreender que não é fácil para mim voltar a desenterrar fantasmas, mas como eles teimam em me perseguir, talvez estas linhas funcionem de forma terapêutica e me desanuviem a mente duma vez por todas, tal qual uma consulta ao psicanalista.

Andava eu na minha enésima pastorícia, debaixo de chuva e frio intensos, percorrendo terrenos que mais ninguém parecia utilizar, subindo e descendo escarpas, perfurando densas vegetações por entre "antipáticas pedrolas", na perseguição do controlo 12 (o capicua "22"), que continuava renitentemente a fugir do meu alcance. Seguia enregelado, desmoralizado e até um pouco desmotivado (coisa rara no "espécie"), pois já tinha ultrapassado os 45 minutos de prova e ainda faltavam metade dos pontos.

De repente, pelo meio da vegetação, enxergo um concorrente com ar de atascado (ou assustado?), a olhar em volta à procura de "auxílio divino" e quem melhor para o ajudar senão o "espécie de orientista", que se encontrava tão desorientado e desesperado quanto ele.

Se aquela alma perdida precisava de socorro, eu carecia de um urgente salva vidas. Mas colocava-se um problema – em que língua nos iríamos entender? O jovem (teria uns 17 ou 18 anos), envergando um desconhecido equipamento esverdeado *, tinha cara de ser latino, mas por via das dúvidas ataquei no idioma universal, o genuíno "inglês da Jamaica".

- "Have you seen twenty-two?" – o rapaz olha para mim e resmunga qualquer coisa imperceptível, que tanto poderia ser um "yes" como um "no". Volto à carga, agora noutro idioma – "Vous parlez français?" – sem tirar os olhos do mapa balbucia mais uns grunhidos, que não identifiquei como de origem gaulesa. Já no limiar de um ataque de "stress", a pensar que logo por azar me tinha calhado um tipo de leste ou algum escandinavo que não foi à escola, tento novamente cheio de esperança – "Usted habla español? Vio el veintidós?" – e continuou o diálogo de surdos. "Mau, mau…mas que raio se passa aqui?" – Com o nervoso miudinho à flor da pele, atiro de rajada e de modo algo exacerbado – "Parlare italiano?" (eu que de Itália, só conheço bem "la deliziosa pizza"…mas alguma coisa se haveria de arranjar, estava por tudo e só rezava para que ele não fosse um ferrenho adepto da "lei do silêncio"). Então finalmente, qual não é o meu espanto e enorme vergonha, levo com uma resposta seca e num correctíssimo português vernáculo – "…sse, sei lá onde estou, o c…!".

Após dois segundos de estupefacção, a digerir o ridículo de momento tão imprevisível, reajo com uma boa gargalhada de alívio – "Eh pá, eu para aqui a gastar os meus "latins" (os que mal dominava e os que não percebia patavina) e tu seu maganão saíste-me um portuga…e dos safados!" – enquanto lhe dava uma palmada amigável. O moço, meio encavacado, como que apanhado com a "boca na botija", conseguiu esboçar um sorriso amarelo – "desculpe…julgava que você era..." – "da Moldávia, queres ver?...esquece isso…o meu laranja é tão estranho quanto o teu esverdeado, não é?" – referindo-me aos nossos coloridos e pouco conhecidos fatinhos – e lá procedemos a uma cooperação de socorro mútuo (a bem da nação).

Analisando o episódio a esta distância, como poderíamos nós interpretar o mapa convenientemente, se a desconcentração era de tal ordem que nem reparámos nos peitorais personalizados, que especificavam claramente a nossa nacionalidade? (verdadeiros "marretas") A ânsia de conseguir os famigerados "contactos internacionais", aliada à angústia do atascanço, atrofiou-me por completo, que nem me passou pela cabeça que o miúdo fosse português (a probabilidade também era fifty-fifty). Eu apenas pretendia o "22" a todo o custo, nem que para isso, tivesse de colocar à prova o idioma "zulu", o resto limitou-se a conversa mal traduzida de "espécie jamaicano".

* Mais tarde, constatei que o meu amigo "estrangeiro" pertencia a um clube do sul (alfobre de jovens promissores), que infelizmente nesta altura tem a sua secção de Orientação quase inactiva.

106. Correr pelo ambiente

Azul, verde e amarelo. Poderiam ser as cores da bandeira nacional Brasileira ou do União Desportiva Trouxense, clube aqui dos meus arrabaldes, mas neste caso estou-me a referir às cores com que sou obrigado a lidar diariamente.

A minha mulher teve a ideia ambientalista de colocar um ecoponto caseiro, a fim de reciclar os lixos domésticos, o que me deixa todo o santo dia com dúvidas do foro "onde meto a garrafa da surbia", "ponho os JN da semana passada no azul ou no amarelo?" ou ainda "os sacos plásticos das alcagoitas vão para o…verde?...não….para o azul". Eu que nunca decorei as cores do arco-íris, porque carga de água tenho de fixar estes pormenores ecológicos? Cá para mim, ficava pela cor do glorioso e para as restantes declarava-me daltónico militante. Mas claro, pelo ambiente eu faço tudo…ou quase.

O que me dizem de um tipo se levantar às oito da "matina" de um belo feriado (ideal para pôr o sono em dia), para ir correr seis quilómetros (eu que nem sou fanático pelas corridas), debaixo de chuva desagradável e persistente? (prefiro manhãs solarengas) Só pode ser masoquista ou então preparar-se para participar na gratuita Corrida Caminhada pelo Ambiente, que se realizaria na zona da Foz do Porto, sob a égide da LIPOR, que oferecia sugestivas t-shirts com as ditas cores ambientais. Que elegantes ficámos naquele verde esperança de "garrafa de champanhe", mas poderia ser o azul "cartolina" ou o amarelo "lata de salsicha"! Colorido que veio proporcionar alguma alegria, a um dia que amanheceu tão tristonho.

Juízo tiveram aqueles (mais de 4.000), que estando inscritos, ao abrirem a persiana se amedrontaram com as nuvens cinzentonas e regressaram apressadamente a "vale de lençóis" (uns ajuizados maricas). Ainda assim, compareceram outros tantos (os heróis do asfalto), dispostos a fazer desta celebração ao ambiente uma festa e simultaneamente aproveitar, para mais uns momentos de prática saudável de exercício físico.

Desta vez inscrevi-me na corrida (finalmente um assomo de coragem!), dado que a distância a percorrer era a mesma da caminhada (não terá sido pelo facto da minha mulher se ter inscrito primeiro? hehe), misturando-me com os verdadeiros atletas, sentindo de perto o suor da adrenalina, tendo conseguido colocar-me bem junto ao tiro de partida, para que esta experiência fosse total (o cheiro da pólvora, estão a ver?).

Se não tivesse realizado o aquecimento conjuntamente com os craques, não teria oportunidade de lhes pôr a vista em cima, pois mal soou o pum!!!....pernas para que vos quero, zarparam a tal velocidade, que poucos segundos depois, eu já rolava na cauda do pelotão, a fugir aos mais expeditos da caminhada, que seguiam uns metros atrás.

Deixei o Castelo do Queijo e tratei de subir a Boavista até ao Parque da Cidade, num andamento cauteloso (tipo footing) que me permitisse mais adiante ter algumas reservas, para me deliciar na descida da Circunvalação.

Como esta prova não iria ter classificações oficiais, com excepção dos três primeiros, não foram colocadas placas informativas dos km percorridos, que me deixou um pouco desorientado, dado que a minha ideia era fazer um treino e dava-me jeito a informação dessas passagens.

É público, que o meu ritmo de corrida é assim pró fraquinho, mas gosto sempre de saber as linhas com que me coso. Às tantas, galvanizado pelo ambiente, esquecia-me da antiguidade do BI e punha-me nos calcanhares dos corredores e quando desse por ela estava a estourar que nem uma castanha, estatelado no alcatrão. Normalmente, faço treinos a 6`/6`15 ao km, mas vinha preparado para realizar tempos mais baixos, só não sabia qual o ritmo que poderia aguentar, pois ainda não adquiri traquejo suficiente para percepcionar os meus limites.

A certa altura (seis minutos de corrida) reparo numa atleta, que parecia seguir à minha frente desde o início, num ritmo muito uniforme e eficaz, que estava paulatinamente a deixar-me para trás. Resolvo estugar o passo, posicionar-me de modo a mantê-la como referência e tentar entretanto, encontrar o meu ritmo. Foi uma decisão acertada, porque a senhora tinha aspecto de ser veterana nestas andanças, imprimindo um andamento que mais parecia um relógio – nem afrouxava, nem acelerava – o ideal aqui para o rapaz.

Na subida da Rua da Vilarinha, tive de fazer uso do meu sacrifício de orientista, para não a deixar fugir (na minha modalidade isto chama-se "cola" e é muito feio, hehe), pois sabia que logo de seguida o percurso iria melhorar, com a vertiginosa descida da Circunvalação até à Rotunda da "Rede". Mal me apanhei em plano inclinado, larguei-me por lá abaixo e confesso que não me lembrei mais da minha "rebocadora". Coitada, ela nem imagina que houve um "tarado" que a perseguiu mais de quatro quilómetros.

Na avenida do Edifício Transparente, onde se localizava a meta, no sentido contrário ao que seguíamos, pois ainda teríamos de ir à Rotunda do Castelo do Queijo, comecei com péssimas sensações, resultado do ritmo suicida que impus na descida. Fui atacado por intensos afogueamentos faciais (tipo calores de menopausa, hehe) e julguei que iria terminar a passo se não abrandasse, o que seria uma frustração desmotivante (mais valia desistir).

Quando já rolava em ritmo de alta poupança, a recuperar o alento perdido, sou ultrapassado pela minha "salvadora", que seguia na sua velocidade imperturbável. Senti uma lufada de ar fresco (ou de desodorizante?) e ao contornar a larguíssima rotunda "queijeira" (que parecia infinita), após duas fortes inalações, disparo desenfreado até à meta, onde me aguardava o surpreendente resultado de 28`58!!!

4`50/km? Ou o percurso não teve os 6.000 metros previstos ou eu passei-me dos carretos e corri o risco de "gripar" o motor, já que o meu melhor tempo nesta distância se situava em 31`20. Hehehehehe! Sabem de que me rio? Da minha imensa satisfação por ter superado expectativas tão modestas, quando o primeiro classificado efectuou menos de 3`/km. Só que também é verdade, que o moço tinha idade para ser meu filho.

Cada um com a sua corrida, mas tudo pelo ambiente, pelo exercício…e a chuva que se dane.

107. Nova experiência

Um dia destes, com tantas experiências que tenho levado a cabo, ainda me apelidam de "Professor Pardal". E em que coisas novas (para além das tecnologias) é que um tipo já com idade para ter juízo se aventura?

Recordam-se de eu vos ter contado algumas das minhas visitas ao mundo das corridas? Comecei por participar nas caminhadas inseridas em eventos de Atletismo, mas percorrendo os percursos em ritmo de corrida. Cinco ou seis quilómetros eram normalmente a minha bitola, nunca me tendo abalançado para distâncias superiores. Um manifesto défice de coragem ou de estofo físico, aliado ao facto de nunca ter demonstrado qualquer gosto em correr, bem pelo contrário (com excepção de quando me chamam para a mesa).

No entanto, a minha entrada para as lides da Orientação implicou o repensar de algumas premissas e, quando me apercebo, estou a fazer corrida três vezes por semana, de modo a manter o físico preparado, face às exigências da paixão orientista. Até posso não gostar, mas obrigo-me a correr (também não aprecio cerveja, mas bebo uns goles…porque me alivia a alma). O mal que sabe pelo bem que faz, hehe!

Há uns dias atrás, pela primeira vez inscrevi-me numa prova de Atletismo (a tal corrida pelo ambiente), porque a distância não me amedrontou (os 6 km da praxe), mas agora dei mais um passinho e resolvi participar num evento de 8 km, da responsabilidade do Grupo de Atletas Veteranos de Estarreja – "Os Graves" – e mais uma vez juntamente com os "loucos" corredores, apesar de em simultâneo se realizar uma marcha de descompressão semanal.

Nada melhor para enquadrar esta nova experiência do que o agradável cenário da Reserva Ecológica dos Esteiros de Salreu. Percurso que eu já tinha o privilégio de conhecer, quando duma anterior jornada de pedestrianismo. A prova seria efectuada por entre o emaranhado de braços da ria, num estradão bem conservado, percorrendo imensas zonas de arrozais e caniçais, onde se poderia espreitar um ou outro sapal, ou num golpe de sorte, admirarmos o gracioso voo duma águia-sapeira ou dum milhafre-preto, enquanto nos chegava aos ouvidos o grasnar do colorido pato-real. Ambiente para desfrutar e não para uma fugitiva passagem.

Segundo o “speaker”, a distância do circuito ecológico (Bioria de sua graça) tinha sofrido uma correcção e teríamos de percorrer um pouco menos que os 8 km previstos, mais precisamente 7.755 metros (um pormenor que se regista). Para mim a dose de sofrimento seria idêntica, pois o calor fazia-se sentir com intensidade (26º) e se há alguma falha a apontar àquela zona é efectivamente a ausência de qualquer tipo de árvores de boa sombra.

Quando me dirigi ao local das inscrições, que se efectuavam até meia hora antes da partida, fui advertido – “ para a marcha é na fila ao lado” – mau…mau…quem lhe disse a ele que eu queria ir passear? O sujeito olhou para mim, tirou pela pinta e conjecturou “este cota está enganado, isto é para atletas”. Enganei-o bem! Mesmo contrariado lá inscreveu o casal da espécie de orientista na corrida, dizendo mal da vida dele, ao prever que teria de esperar por nós até à hora do almoço (enganou-se novamente, hehe). Somos uma espécie de desmancha-prazeres. Pelo menos a minha mulher deu-lhe uma alegria, pois passou a ser a única senhora concorrente.

Nem por sombras queria que alguém sonhasse que nos arvorávamos em lídimos representantes da nossa ilustre modalidade, porque provavelmente não iríamos “botar” figura e seria totalmente desprestigiante. Em boa hora surgiram umas caras conhecidas, para me aliviar de fardo tão pesado, dado que a família Miguel do Ori-Estarreja também marcava presença. Logo me aprestei a cumprimentar o Diogo e o Rafael, incentivando-os e esperando que eles dignificassem a Orientação com a sua prestação, já que da minha parte era impossível ter voto na matéria. O Diogo, como sempre um bom rapaz, fez-me a vontade, vencendo a prova de forma categórica (26`e qualquer coisa).

Quanto à minha nova experiência, estava convencido que “levaria a carta a Garcia”, mas não fazia ideia do quanto teria de suar para o conseguir. Apesar de ao fim de duzentos metros já me encontrar nos derradeiros lugares, pressenti que parti demasiado rápido para as minhas capacidades, ao tentar seguir um grupo que eu julgava ser o ideal. Avaliei mal o assunto e na passagem do primeiro quilómetro, encontrava-me orgulhosamente só, debaixo dum sol abrasador e com sérias dificuldades em adquirir um ritmo certo.

Como as placas quilométricas não “apareceram” todas, ainda senti mais problemas em dar com a cadência correcta. E assim, quando finalmente pude controlar o andamento, verifiquei que estava a rolar abaixo de 5`30, o que se traduzia num ritmo muito acima do previsto e deveras inconsciente. Só três quilómetros mais tarde voltei a ver novo indicador de distância, tendo reduzido substancialmente a passada para uma média de 5`58, que era mais condizente com o meu potencial.

Ao entrar no penúltimo quilómetro, pagando o esforço do devaneio inicial (e da falta de minis frescas), sofri uma quebra monumental, que me obrigou quase andar a passo durante umas centenas de metros, sobretudo a recuperar do desgaste provocado pelo calor, voltando um pouco adiante a imprimir um ritmo decente, realizando os últimos mil metros em 5`25, compondo de certa maneira os lentos 6`45 anteriores.

Um final penoso meio trôpego, que ainda assim deu para ultrapassar dois companheiros mais jovens, com aspecto de estarem a sofrer bem mais do que eu. O cronómetro apresentou-me uns digníssimos 45`12, afastando alguns incompreensíveis receios da

minha cabeça, podendo a partir de agora mentalizar-me para nova e aterradora fasquia – 10 km (ui que medo!).

Não posso deixar de enaltecer o espírito de sacrifício da minha mulher, que tendo sido arrastada para me acompanhar neste novo ensaio atlético (factor moralizante), alcançou um curioso registo na casa dos cinquenta e um minutos, tendo terminado à frente de alguns retardatários, fazendo jus ao imponente troféu que a Organização simpaticamente lhe atribuiu.

PS: Se alguém ousar afirmar que este último parágrafo é fruto de implacável pressão doméstica, será imediatamente banido da minha agenda de aniversários.

Esteiros de Salreu

108. Fair-play…ou não

Já várias vezes abordei este tema que enaltece o espírito desportivo, que em termos pessoais me sensibiliza profundamente (apelidem-me de lamechas que não levo a mal) e que felizmente na nossa modalidade vai acontecendo, não tão raras vezes, como à primeira vista possam pensar.

Eu que fui alvo de comportamentos de elevadíssimo fair-play (crónica "Solidariedade") e senti também na pele a ausência dele, noutras ocasiões para esquecer (como relatei no "É preciso ter galo"), não podia deixar passar em claro um belo momento, do qual fui testemunha e que me levou às lágrimas. Porventura, analisado por outro prisma, alguém mais intransigente o poderá considerar um acto ilegal, mas toda a gente sabe qual é o meu entendimento sobre certas e famigeradas "atitudes anti-regulamentares".

O episódio (já o aflorei ao de leve) tem como cenário a Herdade do Vale, em Vendas Novas, onde se disputava o apuramento para o Campeonato Nacional Absoluto da época que acabou de findar. Aqueles que foram protagonistas desta prova, com certeza se recordam das altas temperaturas que se faziam sentir, que influenciaram negativamente algumas prestações e ocasionaram diversas desistências por desidratação e fadiga.

Foi precisamente de extremo cansaço e falta de líquidos, que o super-veterano e irredutível "Quim Durão" foi vítima. Na altura seguia com um companheiro de escalão, que entretanto havia alcançado, apesar de já se encontrar em condições físicas periclitantes, pois segundo ele "a cabeça pesava como chumbo", mas nem por sombras lhe vinha à ideia parar para descansar e muito menos desistir (isso é conduta de "espécies").

O seu adversário notando que ele não se encontrava em condições de continuar sozinho, optou por o acompanhar, apesar de ter a percepção de que o poderia largar a qualquer momento e tendo em conta que tinha partido dois minutos antes, seria a melhor opção a tomar em termos desportivos (digo eu, que sou um tipo insensível e ferozmente competitivo, hehe).

No entanto, esquecendo prováveis rivalidades (pertencem a clubes diferentes) e demonstrando um ímpar sentido de solidariedade, manteve-se sempre a seu lado, até que nos derradeiros metros do percurso, entre o “200” e o “finish”, o “Grande Durão” sofre um desfalecimento e tomba por terra, lúcido, mas completamente ko. De imediato foi assistido por atletas que haviam terminado, mas o seu parceiro de jornada continuou ali ao seu lado, para o que desse e viesse, sabendo que mais nada poderia fazer para o ajudar. Ou será que podia?

E foi neste momento a transbordar de emoção, que surge o “espécie” para terminar a sua prova e testemunha o gesto impulsivo e simultaneamente comovente de “Jo Roomberg”, a retirar o SI do dedo de “Quim” e a percorrer os últimos metros para descarregar ambos os “chips”. Na sua perspectiva, “Quim Durão” não merecia desistir, não naquele momento, depois do que tinha sofrido para ali chegar.

Fazendo fé na sua aparente serenidade e postura algo sóbria, julgo que o “nosso” escandinavo adoptado tinha a perfeita noção, que esta atitude de desportivismo o poderia prejudicar em termos classificativos, mas na sua óptica, esse era aspecto perfeitamente secundário, talvez até irrelevante. O que de certeza não o incomodou e provavelmente nem teve consciência desse pormenor (?), foi o facto de ter dado uma valente “descompostura” ao regulamento. A filosofia competitiva dos nossos septuagenários é francamente enternecedora.

Considero-me privilegiado, por o destino me ter proporcionado momento de camaradagem tão sublime, só possível em indivíduos com cultura cívica e desportiva acima da média e sobretudo por ter ocorrido entre dois atletas, que são o maior exemplo de longevidade na Orientação nacional.

Amigo “Jo”, o seu gesto obrigou-me a chorar, homem!

109. Saudade

O crepitar da lareira envolvia-me num delicioso torpor, enquanto ia observando um par de sapatilhas velhas que jaziam ao seu lado, tal qual um bibelô de estimação, e me faziam recuar uns tempos atrás, quando ainda eram umas fantásticas e reluzentes "Red-Light".

Não sei se pelo ambiente, se pelo delicioso tinto do Douro que ia bebericando, se pelas recordações que entretanto me assolaram, ou pela influência do espírito natalício, comecei a ser invadido por uma estranha nostalgia, que depressa me embaciou o olhar – a minha faceta de lamechas vinha ao de cima e minava-me de saudade.

Aquelas sapatilhas foram as minhas cúmplices em muitas "istórias". Para ser justo, devo também realçar o inconfundível fatinho laranja, completamente desbotado, carregado de nódoas irreversíveis e polvilhado de remendos (as minhas medalhas), que eu havia pendurado solenemente na chaminé (como obra prima de artista reputado). Afinal são eles as verdadeiras memórias de uma espécie de orientista.

Melancolicamente, as lembranças foram-se sucedendo, como de um filme sem argumento, se tratasse.

O rasgão de cima abaixo na perna direita das calças, que um silvado mais afoito na Serra da Cabreira me descompôs, quase me ferindo perigosamente as recatadas partes. Auréola de manchas na zona traseira, consequência de inúmeras quedas em áreas lamacentas (não o que estavam a pensar), que me fazem sorrir ao visionar a espectacular cena do "lama-board" no Pêgo, durante o POM`06.

Como seria de esperar, episódios de lama não faltaram. Um deles quase me roubava uma das sapatilhas, quando na passagem dum terreno "pegajoso" em Canha, só dei conta que me encontrava descalço, porque pisei umas pedras afiadas. E essa não foi a única ocasião em que estive na iminência de terminar em meias. No POM`07, na inesquecível etapa de Campo de Anta, enfiei um pé entre umas "pedrolas", só o conseguindo soltar, deixando a sapatilha no buraco. Depois estive de rabo para o ar uns minutos, a tentar apanhá-la com um ramo, enquanto chovia copiosamente (só a mim!).

Ao contabilizar as inúmeras operações de costura que decoram o meu desgastado equipamento, lembro as sofredoras jornadas espinhosas e sobretudo a da luta travada em Eja (Entre-os-Rios) com o feroz tojo "ulex" ou o pânico vivido no caricato fosso de Casal dos Bernardos (a situação mais ridícula da estrondosa carreira do "espécie").

Os trabalhos de costureira acresciam substancialmente, sempre que surgiam percursos onde as cercas ditavam leis, ficando a etapa de Oledo, na Idanha, designada como a rainha dos arames (e das esfarrapadelas). E por falar em costura, vem-me à ideia um inestético corte no nariz, quando fui fustigado violentamente por um galho, ao progredir de forma atabalhoada pelo meio de mato, no mapa do Bom Sucesso em Peniche.

Outras situações poderiam ter deixado a sua marca, como as valentes "encharcadelas" de que fui alvo, nos dilúvios de Vagos, Gestoso ou Sabrosa, mas uma que de certeza não pode passar à história, foi a resultante do mergulho radical na gélida Ribeira de Cujancas, da Herdade da Lameira, em pleno NAOM`09, ao melhor estilo aventureiro.

O que efectivamente deixou marca, transformando a cor laranja do fatinho num tom mais pálido, foi a demasiada exposição aos fortes raios solares. Ao recordar o sufoco que passei na Lagoa da Vela, em Quiaios, por falta de água ou a canícula que nos atacou, num nacional em Vendas Novas, até me admiro da cor não ter desaparecido totalmente, debaixo de temperaturas bem acima dos trinta graus.

Ao olhar para as solas das benditas sapatilhas, quase com o piso careca, relembro os milhares de "pedrolas" a que tiveram de se "agarrar", para evitar que o "espécie" fosse vítima de quedas trágicas, o que esteve na iminência de acontecer na exigente Pedra Bela do Gerês. Infelizmente não se mostraram tão eficazes numa jornada tempestuosa na Coelheira, onde uma lamentável escorregadela me atirou para a única baixa por lesão.

Mas era nos terrenos de belas dunas, que elas se portavam lindamente. No entanto, por serem demasiado porosas, permitiam que me atafulhasse de areia, provocando bolhas dolorosas, que me obrigavam a demoradas pernadas nos areais, que os do Palheirão, em Cantanhede, são um óptimo exemplo.

O "espécie" protagonizou extraordinários momentos de orientação, neste género de mapas, mas também é verdade que passou por grandes sacrifícios, nas progressões que envolviam dunas altaneiras, como as "internacionais" de Pataias. Foi nessas matas arenosas, que o uniforme laranja privou de perto com as cores da fina flor mundial dos orientistas veteranos, ao competir sem qualquer complexo no WMOC`08 (grande experiência…enormes tareias).

Recordo também com emoção, uma cena em Palme-Barcelos, onde o meu fato garrido passou despercebido a quem passava, estando eu preso num buraco até ao pescoço e a solicitar urgentemente de auxílio. Quem também não ligou nenhuma à minha sugestiva indumentária, em terras de S.Pedro do Sul, foi o meu interlocutor na conversa rocambolesca em "inglês da Jamaica", enquanto não descobriu que ambos éramos "portugas" (autêntico "sketch" de revista).

Aconteceram outros momentos, gloriosos mas fugazes, onde o laranja brilhou com mais fulgor, quando o "espécie" subiu ao pódio pela primeira vez, num memorável evento

em Melres ou quando festejei efusivamente a insólita vitória do meu escalão, no ranking regional de 2008 (o pessoal distraiu-se e pimba!..esse diploma ninguém mo tira).

Em contrapartida, o laranja esbatia-se nos fantasmagóricos cenários de nevoeiro, não funcionando como farol reflector e orientador, tendo-me provocado uma das maiores frustrações desportivas, quando numa etapa de "pedrolas" em Muas, fui obrigado a atirar a toalha ao tapete (incompreensível desistência, que ainda hoje me provoca pesadelos).

Estas imagens passaram-se vertiginosamente durante quatro épocas extremamente preenchidas, mas não houve oportunidade de lhes dar continuação, pois no início da quinta temporada sucedeu um facto inesperado – o "espécie" foi colocado na prateleira!

Ai julgavam que me tinha reformado de livre vontade? Pois não senhor! Isso foi um argumento falacioso que alguém fez constar. É hora de toda a gente tomar conhecimento do real motivo do meu afastamento. Para já e para que não restem quaisquer dúvidas, a minha reforma teve todos os contornos de compulsiva e ponto final.

No momento em que me aprestava para dar o derradeiro passo na bela "istória", o ingresso num clube de nomeada, sou confrontado pelo aparecimento de um concorrente ao mesmo lugar. Para cúmulo, o tipo ainda era meu parente, proveniente do ramo duns tios afastados do Alto Minho, usando uma esquisita pronúncia do "nuorte".

Contra factos não há argumentos e rapidamente me apercebi, que a um "espécie" jamais será permitido alcançar determinado patamar. Há lugares que só poderão ser ocupados por orientistas de verdade ou quando muito por um qualquer "berdadeiro" oportunista, com demasiada influência.

Apenas me restava aceitar o que me propunham e resignar. Em alternativa poderia ser "promovido" - como técnico de aconselhamento a orientistas, vítimas de loucas e atípicas pernadas ou sob stress pós-traumático de "mp`s" surpresa - só que o orgulho de "espécie" falou mais alto e recusei liminarmente proposta tão indecente. Publicamente eu teria decidido reformar-me, mas na realidade tinha sido afastado (um ignominioso golpe palaciano).

Deram conta que a própria "vozinha" da minha consciência (ou inconsciência?), se passou de armas e bagagens para o outro lado? Eu que sempre aturei as suas atitudes irreverentes e algo desrespeitosas. Nem dá para acreditar, a grande traidora!

Apesar de me estar vedada a participação nas provas (decisão prepotente e injustificada), pontualmente marco presença como incógnito (para aliviar a mágoa que me consome), fazendo um esforço para me manter actualizado, aproveitando as notícias frescas do Orientovar e umas consultas de rotina ao Oasis.

De qualquer modo, já deu para constatar que o meu "primo" não fez esquecer o "espécie", dado que a falta de categoria é idêntica - ou o sangue não seja o mesmo. Num aspecto o bato de certeza, as minhas "crónicas" obtiveram uma entrada média bastante superior ao seu deprimente "diário".

Ainda não recuperei do choque sofrido e tenho sérias dúvidas que isso possa vir a acontecer (o psicanalista afirma que o bichinho continua lá), mas se estas linhas não tiverem mais nenhum efeito terapêutico, pelo menos vão atenuando a saudade. Entretanto, por via das dúvidas, vou seguindo um tratamento alternativo recorrendo a um néctar dos deuses da região duriense, hic! - ”ganda remédio”.

Eu vou andando por aí (até a minha antiga frase de despedida me usurparam) e façam o favor de passarem umas Festas Felizes.

NOTAS EXPLICATIVAS

Para melhor entenderem a sequência cronológica dos textos e simultâneamente obterem uma informação mais detalhada dos eventos referenciados, forneço as datas da sua realização, as designações por que ficaram registados, entidades organizadoras, tipo de competição, género de percurso e indicação dos mapas utilizados.

Nos temas genéricos menciono o dia da sua conclusão, tecendo um breve comentário ao motivo que os originou.

Quanto ao índice, coloquei a data da primeira publicação dos textos, de modo a ficarem com uma percepção da cadência, com que eles foram sendo elaborados.

Como devem ter reparado, aproveitei (ou desviei?) uma quantidade de fotografias que não pertencem aos meus arquivos pessoais. Pelo facto, agradeço a Jorge Dias (que saudade do seu flash), João Alves, Joaquim Margarido e aos fotógrafos da Atletismo Magazine Modalidades Amadoras de Carlos Viana, por estarem lá no momento certo.

I - A EVOLUÇÃO DA "ESPÉCIE"

Contacto imediato

10.Dez.05 – Campeonato Nacional de Distância Ultra Longa – Gafanhas / Ílhavo – Ori-Estarreja. A primeira experiência na Orientação.

Degrau a degrau (1)

Referência às provas de:

18.Dez.05 – 2ª etapa do 4º Ori Melres – Sprint Urbano em Melres – Luz Verde – Ranking Norte
07.Jan.06 – VI GP Ori NADA – Casal dos Bernardos / Albergaria dos Doze (Duas etapas de Distância Média) – NADA – Ranking Norte
21.Jan.06 – I Troféu Cidade de Estarreja – Estarreja III / Canelas (Manhã/Média) e Sprint Urbano em Estarreja (tarde) – Ori-Estarreja – Ranking Norte

Degrau a degrau (2)

Referência às provas:

25.Fev.06 - POM 2006 – 1ª etapa no Pego / Abrantes (Média) - COA
24.25.Jun.06 – II Troféu de Santo André – Lagoa de Santo André (Duas etapas Distância Média) – Coala – Ranking Sul
21.Out.06 – VII GP de Orientação do NADA – Sprint urbano em Penela (Duas etapas) – Ranking Norte

II - A BELA "ISTÒRIA"

Pavia em dois dias

14.15.Abr.07 – Campeonato Nacional de Sprint e de Distância Média – XII Troféu de Orientação do CPOC – Pavia / Mora – Sprint Urbano em Pavia, Sprint de floresta e Distância Média na Caeira – Taça de Portugal

Surpresa no Palácio Cristal

21.Abr.07 – Troféu de Orientação do Porto – Palácio de Cristal (Sprint) – GD4C – Prova aberta (Desporto Escolar).

Semana alucinante

25.Abr.07 – Parque da Cidade de Guimarães (Sprint) - .COM – Prova aberta
28.Abr.07 – II Open do Vale do Sousa – Cabroelo / Penafiel (Média) – ADC – Prova aberta de manhã (Desporto Escolar) e treino do Ori-Estarreja no Furadouro à tarde.

Canha do meu desencanto

05.06.Mai.07 – Campeonato Nacional Absoluto (Duas Médias) – Canha / Montijo – CAOS

« Tour à la mode de Matosinhôs »

19.Mai.07 – Park Matosinhos Tour – Quatro etapas de Sprint – Parque Basílio Teles, Quinta da Conceição, Parque das Varas (Leça) e Sete Bicas – GD4C – Ranking Norte

E a praia ali tão perto

09.Jun.07 – IX Grande Prémio de Orientação RA4 – Praia das Paredes / Pataias (Longa) – COC – Ranking Norte

Inglório

16.Jun.07 – XV Troféu Ori-Estarreja – Coelheira / S. Pedro do Sul (Média) – Ranking Norte

O poder do "Demo"

30.Jun.01Jul.07 – I Troféu de Orientação das Terras do Demo – Quinta do Ribeiro (Duas etapas Distância Média) e Sprint Nocturno em Moimenta da Beira – Orimarão – Ranking Norte – Encerramento da época 2006/2007

Realidades

27.Jul.07 – Ponto de situação no final da época 2006/07, relativo ao meu comportamento desportivo. Texto publicado na "Orientação em revista" de Outubro de 2007.

Paixão a quanto obrigas

25.Ago.07 – Treino no mapa do Furadouro com um grupo de amigos do GD4C.

Mosaicos de Caminha

01.Set.07 – Mosaicos de Paisagens – Mata do Camarido / Caminha (Média) – Amigos da Montanha – Ranking Norte

Aconteceu em Melres

08.09.Set.07 – 5º Ori Melres – Sta. Luzia / Eja e Moreira / Melres (Duas Médias) – Luz Verde – Ranking Norte

Lá para os lados da Cabreira

15.Set.07 – Ori Open de Vieira do Minho – Serra da Cabreira I - .COM – Ranking Norte

Cavalos de pedra e os parques proibidos da Pena

29.30.Set.07 – XIV Troféu de Orientação do CPOC – Encosta de Vale de Cavalos/Cascais e Parque da Pena / Sintra (Médias) – Taça de Portugal

No berço dos jesuítas

13.14.Out.07 – IX GP de Orientação de santo Tirso – Três etapas – Monte Córdova (Média), Sra. da Assunção IV (Sprint) e Valinhas / Santo Tirso (Média) – TST – Ranking Norte

Imenso verde

20.21.Out.07 – 19º Troféu de Orientação dos AAMafra – Campo de Tiro de Alcochete (Média e Longa) – Taça de Portugal

Terapia de choque no Oeste

01.02.Dez.07 – III Open de Orientação do ATV – Bom Sucesso II / Óbidos (Média) e Ferrel / Peniche (Longa) – Taça de Portugal

Espécies na bruma/ Renascer das cinzas em Lamas de Olo

19.20Jan.08 – Troféu Caminhos do Alvão – Muas e Lamas de Olo / Vila Real (Médias) – Orimarão – Taça de Portugal

Corridinho Algarvio

02.05.Fev.08 – POM2008 – Mata da Conceição / Tavira (Média), Pontal / Faro (Duas etapas de Distância Longa) e Vila Real Santo António (Média) – CIMO/Fontainhas – WRE

As belas dunas

09.10.Fev.08 – I Troféu Internacional de Cantanhede – Dunas de Cantanhede (Média), Praia da Tocha (Sprint Nocturno) e Rovisco Pais (Longa) – Ori-Estarreja – Taça de Portugal e WRE

Sprint Alentejano

08.Mar.08 – Campeonato Nacional de Sprint – NAOM2008 – Prova de Sprint de floresta em Póvoa e Meadas, Sprint Urbano em Castelo de Vide – GD4C – Taça de Portugal

O Alentejo continua lindo

09.Mar.08 – Campeonato Nacional de Distância Média – NAOM2008 – Vale da Silvana / Castelo de Vide – GD4C – Taça de Portugal

À descoberta dos parques da invicta (1) – Pasteleira vs Palácio

19.Abr.08 – Troféu de Orientação do Porto – Parque da Pasteleira e Palácio Cristal (Sprints) – GD4C – Ranking Norte

À descoberta dos parques da invicta (2) – Serralves, um paraíso

20.Abr.08 – O`Porto Park Race – Parque de Serralves (Sprint) – GD4C – Ranking Norte

Já não há milagres

03.04.Mai.08 – Troféu Ori de Estremoz – Veiros (Média) – Campeonato Nacional de Distância Longa – Evoramonte – COA – Taça de Portugal

Sentir

10.11.Mai.08 – I Troféu Sentir Penafiel – Figueira e Cabroelo (Média) – ADC – Ranking Norte

Ori praia

17.Mai.08 – Park Matosinhos Tour – Três etapas de Sprint – Quinta da Conceição, Praia de Leça e Sete Bicas – GD4C – Prova Aberta

Pela Peneda acima, Gerês abaixo

22.25.Mai.08 – 4 Dias do Minho / Campeonato Nacional Absoluto – Calcedónia (2 dias) e Pedra Bela (CNA) (Médias) – .COM – Taça de Portugal

Esquecer o passado

14.15.Jun.08 – XVI Troféu Ori-Estarreja – Rovisco Pais / Tocha (Média) – Ranking Norte

Os longos azimutes de Pedreanes

21.Jun.08 – X GP RA4 – Pedreanes / Marinha Grande (Longa) – COC – Ranking Norte

O "espécie" no Mundial

28.Jun a 05.Jul.08 – WMOC`08 – Eliminatória Sprint / Leiria, Final Sprint / Praia da Vieira, 1ª e 2ª Eliminatórias Distância Longa / Pataias, Final Distância Longa / Pedrógão

Terminar como começou

19.20.Jul.08 – II Troféu Mondego – S. Pedro / Figueira da. Foz, Montemor-o-Velho (Médias) – GCF – Ranking Norte – Encerramento da época 2007/2008

"Eu avisei!"

08.Ago.08 – Comentário aos resultados dos rankings regionais 2007/2008, onde o "espécie de orientista" se posicionou em 1º lugar do seu escalão no Ranking Norte.

Nova época, velhos equívocos

13.Set.08 – Relay Event`08 – Prova Aberta em Pedreanes (Longo/Difícil) e Orienteering Show no Parque Mártires do Colonialismo, Marinha Grande – Início da época 2008/2009 – COC

Algum (Bom) Sucesso

27.28.Set.08 – Troféu Natura – Bom Sucesso / Lagoa da Vela – Figueira da Foz (Distância Longa/Média) – GCF – Taça de Portugal

Há duas sem três

05.Out.08 – XVII Troféu Ori-Estarreja – Campo de Anta / S. Pedro do Sul (Média) – Ranking Norte

Silêncio, que me estou a orientar

20.Out.08 – Comentário muito pessoal ao ponto do Regulamento de Provas, que aborda o "silêncio" no decorrer dos percursos.

Corre, corre, orientista…corre

08.09.Nov.08 – Troféu Coruche – Açude da Agolada (Longa e Média) – COA – Taça de Portugal

Nevoeiro Ibérico

06.Dez.08 – XVI Campeonato Ibérico – Idanha-a-Nova (Média) – ADFA – Taça de Portugal

Muros e vedações

07.Dez.08 – XVI Campeonato Ibérico – Idanha-a-Nova / Oledo (Longa) – ADFA – Taça de Portugal

Quiaios dá as boas-vindas a 2009

03.04.Jan.09 – III Troféu Mondego – Quiaios (Média) – GCF – Ranking Norte

Pelo Norte Alentejano

24.25.Jan.09 – III Norte Alentejano O`Meeting – Lameira / Alter do Chão (Média), Alter do Chão (Sprint Urbano Nocturno), Coudelaria de Alter (Longa) – GD4C – Taça de Portugal

É preciso ter galo

14.Fev.09 – II Open Amigos da Montanha – Palme / Barcelos (Média) – Ranking Norte

Fugindo aos galináceos

15.Fev.09 – II Open Amigos da Montanha – Barcelos – Sprint Urbano – Ranking Norte

A festa do POM

21.24Fev.09 – POM 2009 – Mata do Cabeção / Mora (Média), Serra de Briços / Brotas (Longa/WRE), Remendo / Pavia (Média), Caeira / Pavia (Longa) – CPOC – Taça de Portugal

O "espécie" volta a atacar

28.Fev.09 – XI Meeting do Centro – Pataias (Média/WRE) – COC – Taça de Portugal

Jornada de vingança

01.Mar.09 – XI Meeting do Centro – Pataias (Longa) – COC – Taça de Portugal

O dia da sintonia

14.15.Mar.09 – 5º Troféu de Orientação do Porto – Parque de S. Roque / Monte Aventino (Sprint) – Englobado no Dia Nacional da Orientação – Justlog Park Race – Parque de Serralves (Sprint) – GD4C – Ranking Norte

Longa e dura distância

28.Mar.09 – Campeonato Nacional de Distância Longa – Cabreira III – .COM – Taça de Portugal

Navegando (I)

18.Abr.09 – Desporto Escolar – Caminha / Pinhal do Camarido (Média) – Amigos da Montanha – Prova Aberta

Navegando (II)

19.Abr.09 – III Park Matosinhos Tour – Quinta da Conceição / Parque do Carriçal (Sprints) – GD4C – Prova Aberta

Duplamente Gótico

09.Mai.09 – Campeonato Nacional de Sprint – Santarém – Duas mangas urbanas – 20 Kms Almeirim – Taça de Portugal

A gaguejar, a gente não se entende

10.Mai.09 – Campeonato Nacional de Distância Média – Almeirim / Herdade dos Gagos – 20 Kms Almeirim – Taça de Portugal

No Reino de Torga

16.Mai.09 – II Troféu Orimarão – Sabrosa/Garganta (Média) – Ranking Norte

Manobras na Fraga

17.Mai.09 – II Troféu Orimarão – Fraga da Almotolia / Vila Real – 2xSprint floresta – Ranking Norte

Canícula absoluta

30.31.Mai.09 – Campeonato Nacional Absoluto – Apuramento na Herdade do Vale-Landeira / Vendas Novas; Final no Açude das Bicas / Vendas Novas (Médias) – CPArmada – Taça de Portugal

Massa à Vieira

27.Jun.09 – XI GP RA4 – Vieira de Leiria (Longa) – COC – Ranking Norte

Ponto final com sprint

18.Jul.09 – II. COM "O" Sprint – Braga – Três etapas de Sprint – Bom Jesus, Campus da Universidade do Minho e Centro Histórico – Ranking Norte – Encerramento da época 2008/2009

E agora?

15.Ago.09 – Comentário ficcionado (ou não!) sobre a nossa entrada para o GD4C.

III - MOMENTOS

"mp"

14.15.Out.06 – VIII GP Orientação de Santo Tirso – Lamelas (Média), Santo Tirso (sprint urbano nocturno) e Sra. da Assunção IV (Média) – TST – Ranking Norte – Análise ao momento mais temido pelo orientista - o "missing point".

Norte, sul…uma lágrima

18.19.Fev.06 – XIV Troféu Ori-Estarreja – Gafanhas-sul / Vagos (Média) – Ranking Norte – Este texto foi publicado em 28 de Maio de 2007, na altura do 1º aniversário do desaparecimento do nosso companheiro Sálvio Nora. A minha singela homenagem.

"Priscos, alvíssaras e quejandos"

04.Fev.06 – Campeonato Regional Escolar 2006 – S.Mamede / Viana do Castelo (Média) – ACARF – Prova Aberta e Desporto Escolar

Lama-board

25.Fev.06 – POM2006 – 1ª etapa – Pego-sul / Abrantes – COA – Taça de Portugal

D. Diogo, o "Voluntarioso"

22.Jun.07 – Texto publicado em 29 de Junho de 2007, de felicitações a Diogo Miguel, atleta do Ori-Estarreja, que se sagrou na Hungria, Campeão Europeu de Jovens, na vertente de Sprint.

Solidariedade

19.Fev.07 – POM2007 – 2ª etapa – Campo de Anta / S.Pedro do Sul – Ori-Estarreja – Taça de Portugal

Visita ao mundo do Atletismo

23.Set.07 – Meia Maratona Sportzone. Ponte do Freixo ao Jardim do Calem/Porto. A primeira experiência numa prova de Atletismo na distância de 6.000 metros.

De Campanhã **a S. Bento…caminhando com os AFIS**

04.Nov.07 – Passeio de Pedestrianismo organizado pelos Amigos de Fim-de-semana (AFIS), no Porto, da Ponte do Freixo à Estação de S. Bento, aprox. 6.000 Metros

Carta do "espécie" ao Pai Natal

23.Dez.07 – Um momento de sonho e fantasia.

Um percurso reiseiro

06.Jan.08 – Passeio de Pedestrianismo organizado pelos AFIS, celebrando o Dia de Reis, num percurso pela cidade de Ovar, aprox. 6.000 Metros.

Promessa cumprida

22.Jun.08 – 9ª Corrida das Festas da Cidade do Porto. 5.000 Metros entre a Praia do Molhe na Foz, passando por Nevogilde, rotunda de Matosinhos e regresso.

Fosso "assustador"

07.**Jan.06** – VI GP Ori NADA – Casal dos Bernardos / Albergaria dos Doze (duas etapas) – NADA – Ranking Norte – A "istória" passa-se na etapa da tarde, em que os concorrentes tinham de escolher o seu percurso, de acordo com os pontos indicados, que não se encontravam ordenados. Crónica a pedido de Joaquim Margarido do blogue Orientovar, para a sua rubrica (des) Orientação.

Ovar de lés-a-lés

19.Out.08 – Um super passeio de Pedestrianismo pelo concelho de Ovar, organizado pelos AFIS, na distância de 34 km, que afinal…foram 38!

Mês ecléctico

26.Out.08 – 5ª Maratona EDP – Porto. 6.000 Metros entre a Praça da Galiza e o Parque da Cidade, passando pelo Bessa e Andrezas. Refiro-me também à minha participação em 21 de Setembro na Meia Maratona Sportzone na distância de 6.000 metros.

Uma questão de idioma

19.Fev.07 – POM2007 – 2ª etapa – Campo de Anta / S.Pedro do Sul – Ori-Estarreja – Taça de Portugal – Diálogo caricato com um atleta do Lebres do Sado em todas as línguas…menos em português. Crónica enviada para a rubrica (des) Orientação do blogue Orientovar do Joaquim Margarido

Correr pelo Ambiente

10.Jun.09 – Corrida Caminhada pelo Ambiente no Porto – Percurso de 6.000 metros, com partida e chegada junto ao Edifício Transparente, subindo a Avenida da Boavista, Avenida do Parque, Rua da Vilarinha, Circunvalação, Praça Cidade de S. Salvador, Rotunda do Castelo do Queijo e novamente Edifício. Foi a minha primeira participação séria numa prova de Atletismo, pois nas anteriores experiências de corrida sempre estive inscrito nas Caminhadas.

Nova experiência

20.Jun.09 – VII Corrida / Marcha Ecológica de Salreu – Esteiros de Salreu – Prova de Atletismo com 7.755 metros. Primeira participação numa corrida com esta distância.

Fair-play…ou não

30.Mai.09 – Campeonato Nacional Absoluto – Etapa de apuramento na Landeira/Vendas Novas – Episódio entre Joaquim Costa (GD4C) e Bo Hallberg (CIMO), ambos atletas do escalão H70.

Saudade

23.Dez.09 – Recordações nostálgicas de quatro anos da espécie de orientista em época de Natal.

INDICE

		Data Publicação	Pag.
PREFÁCIO			5
I – EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE			7
1.	O porquê de “espécie”	05.Abr.07	9
2.	Coincidências	10.Abr.07	11
3.	Contacto imediato	29.Abr.07	13
4.	Degrau a degrau (1)	04.Mai.07	16
5.	Degrau a degrau (2)	06.Mai.07	18
I I – A BELA “ISTÓRIA”			21
6.	Pavia em dois dias (1)	17.Abr.07	23
7.	Pavia em dois dias (2)	23.Abr.07	25
8.	Pavia em dois dias (3)	26.Abr.07	27
9.	Surpresa no Palácio Cristal	26.Abr.07	29
10.	Semana alucinante	01.Mai.07	31
11.	Canha do meu desencanto	09.Mai.07	34
12.	“Tour à la mode de Matosinhôs »	22.Mai.07	37
13.	E a praia ali tão perto	11.Jun.07	40
14.	Inglório	19.Jun.07	43
15.	O poder do “Demo”	15.Jul.07	46
16.	Realidades	27.Jul.07	50
17.	Paixão a quanto obrigas	28.Ago.07	53
18.	Mosaicos de Caminha	05.Set.07	56
19.	Aconteceu em Melres	11.Set.07	59
20.	Lá para os lados da Cabreira	18.Set.07	63
21.	Cavalos de pedra e os parques proibidos da Pena (1)	03.Out.07	65
22.	Cavalos de pedra e os parques proibidos da Pena (2)	08.Out.07	68
23.	No berço dos “jesuítas”	17.Out.07	71
24.	Imenso verde	24.Out.07	75
25.	Terapia de choque no Oeste (1)	06.Dez.07	79
26.	Terapia de choque no Oeste (2)	10.Dez.07	82
27.	Espécies na bruma	23.Jan.08	85
28.	Renascer das cinzas em Lamas de Olo	30.Jan.08	89
29.	Corridinho Algarvio (I)		
	- Nos braços da Sãozinha	11.Fev.08	92
30.	Corridinho Algarvio (II)		
	- Ir a banhos	15.Fev.08	94
31.	Corridinho Algarvio (III)		
	- Salve a face quem puder	20.Fev.08	98
32.	Corridinho Algarvio (IV)		
	- Final de festa no sotavento	23.Fev.08	101
33.	As belas dunas (I)	27.Fev.08	104
34.	As belas dunas (II)	02.Mar.08	107
35.	Sprint Alentejano	13.Mar.08	110

36.	O Alentejo continua lindo	17.Mar.08	113
37.	À descoberta dos parques da invicta (1)		
	- Pasteleira vs Palácio	24.Abr.08	117
38.	À descoberta dos parques da invicta (2)		
	- Serralves, um paraíso	26.Abr.08	121
39.	Já não há milagres (I)	09.Mai.08	124
40.	Já não há milagres (II)	11.Mai.08	127
41.	Sentir	15.Mai.08	129
42.	Ori praia	21.Mai.08	132
43.	Pela Peneda acima, Gerês abaixo (I)	03.Jun. 08	136
44.	Pela Peneda acima, Gerês abaixo (II)	05.Jun. 08	139
45.	Esquecer o passado	18.Jun. 08	141
46.	Os longos azimutes de Pedreanes	25.Jun. 08	143
47.	O "espécie" no Mundial (I)		
	- Breve fantasia	05.Jul.08	146
48.	O "espécie" no Mundial (II)		
	- Excessos de velocidade	08.Jul.08	148
49.	O "espécie" no Mundial (III)		
	- O fatídico "44"	09:Jul. 08	151
50.	O "espécie" no Mundial (IV)		
	- Tentativa de extinção	12.Jul. 08	154
51.	O "espécie" no Mundial (V)		
	- Melhor era impossível	16.Jul. 08	158
52.	O "espécie" no Mundial (VI)		
	- Reentrâncias…e ponto final	19.Jul. 08	160
53.	Terminar como começou	24.Jul. 08	164
54.	"Eu avisei!"	08.Ago.08	167
55.	Nova época, velhos equívocos	12.Set.08	170
56.	Algum (Bom) Sucesso	01.Out.08	173
57.	Há duas sem três	08.Out.08	175
58.	Silêncio, que me estou a orientar	20.Out.08	178
59.	Corre, corre, orientista…corre	14.Nov.08	181
60.	Corre, corre, orientista…corre – parte 2	17.Nov.08	184
61.	Nevoeiro Ibérico	10.Dez.08	187
62.	Muros e vedações	14.Dez.08	190
63.	Quiaios dá as boas-vindas a 2009 (I)		
	- Cemitério de acácias	06.Jan.09	194
64.	Quiaios dá as boas-vindas a 2009 (II)		
	- A mascote	09.Jan.09	197
65.	Pelo Norte Alentejano (I)		
	- Aventureiro duma figa	28.Jan.09	200
66.	Pelo Norte Alentejano (II)		
	- De noite todos os prismas são pardos	31.Jan.09	204
67.	Pelo Norte Alentejano (III)		
	- Corrida de cavalo cansado	02.Fev.09	207
68.	Pelo Norte Alentejano (IV)		
	- Crónicas e crónicas	05.Fev.09	211
69.	É preciso ter galo	17.Fev.09	214
70.	Fugindo aos galináceos	20.Fev.09	218

71. A festa do POM (I)
- Em jeito de aquecimento 26.Fev.09 221
72. A festa do POM (II)
- Estouro "especial" 28.Fev.09 224
73. A festa do POM (III)
- Reviver o passado em Pavia 02.Mar.09 228
74. A festa do POM (IV)
- Rebolando sobre pedras 04.Mar.09 230
75. O "espécie" volta a atacar 06.Mar.09 233
76. Jornada de vingança 09.Mar.09 236
77. O dia da sintonia 17.Mar.09 239
78. Longa e dura distância 31. Mar.09 243
79. Navegando (I) 21.Abr.09 246
80. Navegando (II) 23.Abr.09 248
81. Duplamente Gótico 12.Mai.09 250
82. A gaguejar, a gente não se entende 15.Mai.09 254
83. No Reino de Torga 19.Mai.09 256
84. Manobras na Fraga 22.Mai.09 260
85. Canícula absoluta (I) 04.Jun.09 263
86. Canícula absoluta (II) 07.Jun.09 266
87. Massa à Vieira 30.Jun.09 270
88. Ponto final com sprint 21.Jul.09 273
89. E agora? 15.Ago.09 276

III – MOMENTOS 279

90. "mp" 15.Mai.07 281
91. Norte, sul…uma lágrima 28.Mai.07 284
92. "Priscos, alvíssaras e quejandos" 03.Jun. 07 287
93. "Lama-board" 26.Jun. 07 289
94. D. Diogo, o "Voluntarioso" 29.Jun. 07 291
95. Solidariedade 19.Ago.07 293
96. Visita ao mundo do Atletismo 26.Set.07 296
97. De Campanhã a S. Bento…caminhando com os AFIS 10.Nov.07 299
98. Carta do "espécie" ao Pai Natal 23.Dez.07 301
99. Um percurso reiseiro 08.Jan.08 304
100. Promessa cumprida 22.Jun. 08 306
101. Fosso "assustador" 04.Out.08 308
102. Ovar de lés-a-lés (I) 22.Out.08 311
103. Ovar de lés-a-lés (II) 23.Out.08 314
104. Mês ecléctico 02.Nov.08 317
105. Uma questão de idioma 03. Jan. 09 320
106. Correr pelo ambiente 12.Jun.09 322
107. Nova experiência 22.Jun.09 325
108. Fair-play…ou não 02.Ago.09 328
109. Saudade 23.Dez.09 330

NOTAS EXPLICATIVAS 335